

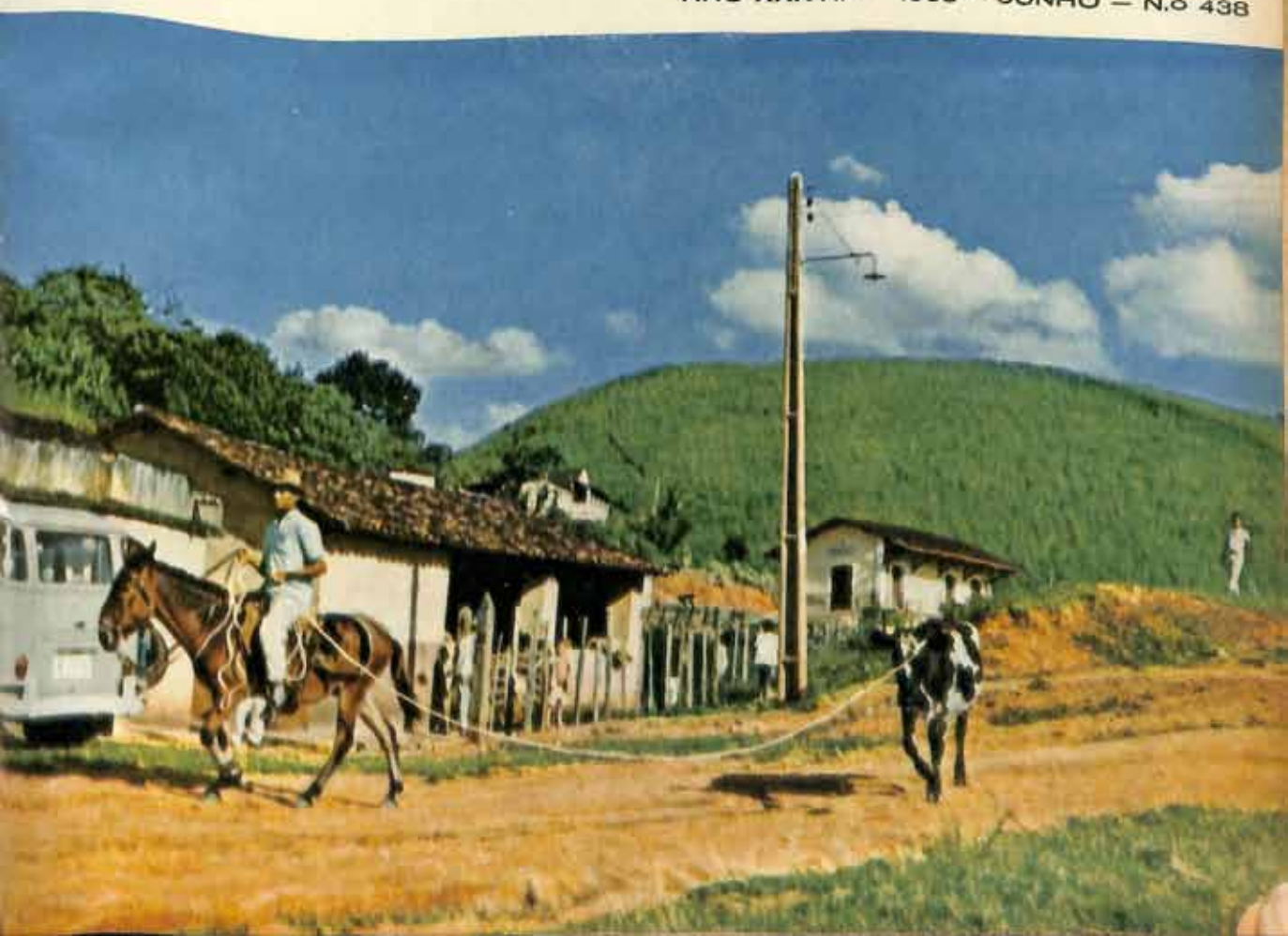
**REVISTA
DOS
CRIADORES**

Assunto da Capa:

Operação vaquinha

II - O passado e o presente
do boi no nordeste

ANO XXXVII — 1966 — JUNHO — N.º 438





**—Pra
que serve
êste
carro?**

**—Leva gente, leva carga,
anda por qualquer caminho,
até por onde não há caminho,
puxa arado, ajuda na colheita,
trabalha na obra...**

**—Quer dizer que
para trabalho pesado e difícil...
—Vai de “Jeep.”**

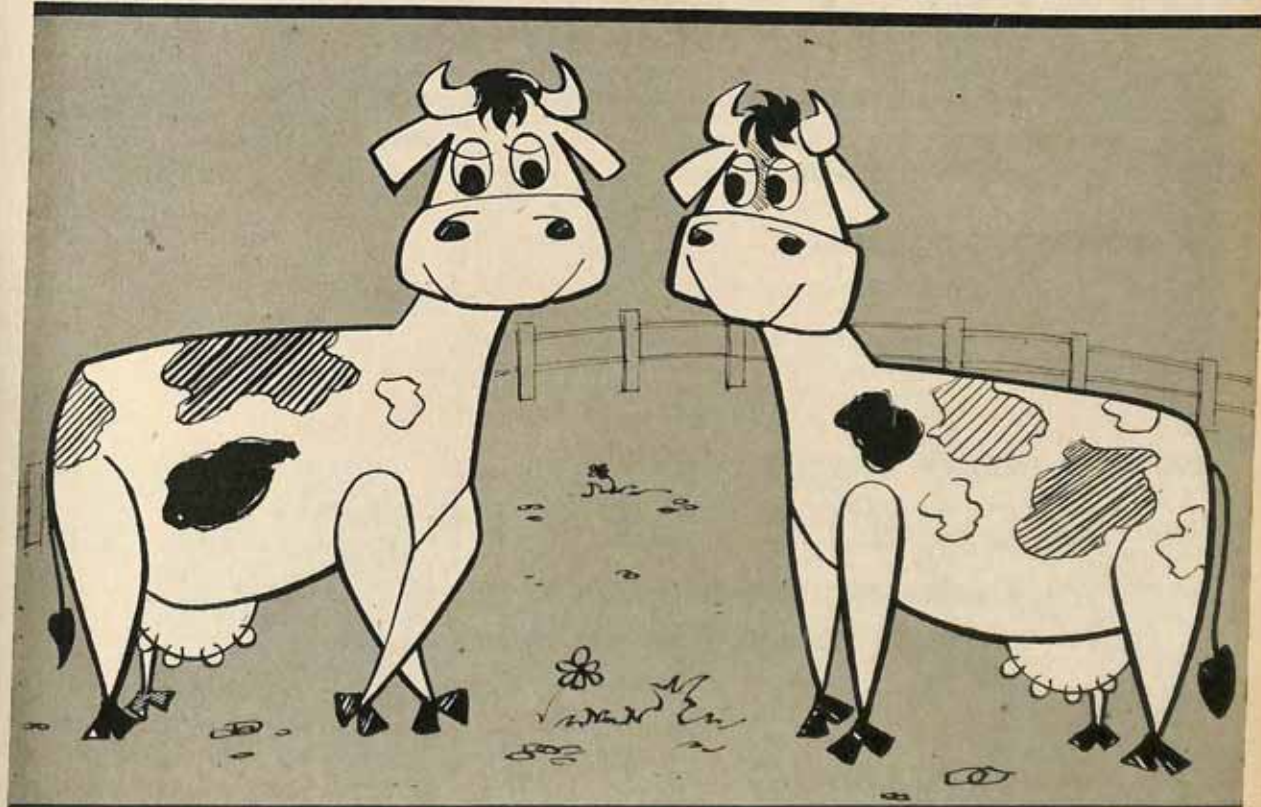
Tração nas 4 rodas e reduzida.
Marchas sincronizadas.
O dobro de tração, o dobro de
segurança, o dobro de eficiência
— o dobro de confiança.
Alternador no lugar do dinamo
para carregar a bateria até
em marcha lenta.
3 modelos, com 2 ou 4 portas.

Jeep'66

Produto da Willys-Overland
Fabricante de veículos de alta qualidade.

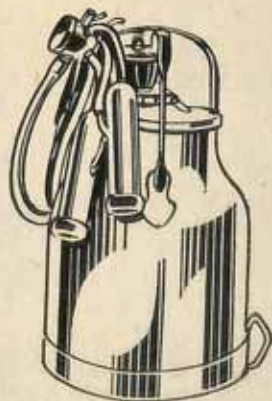


“elas merecem o melhor”...



ORDENHADEIRA

ALFA-LAVAL



mais leite em menos tempo

ALFA-LAVAL É A SOLUÇÃO PARA UMA ORDENHA UNIFORME, HIGIÊNICA E FÁCIL. PARA GRANDES E PEQUENOS REBANHOS OS CRIADORES DOS MAIS ADIANTADOS PAÍSES ADOTAM A ORDENHADEIRA ALFA-LAVAL - SISTEMA DE ORDENHA QUE POSSIBILITA UM MÁXIMO DE RENDIMENTO COM UM MÍNIMO, DE MÃO DE OBRA.

No Brasil, todos os produtos ALFA-LAVAL têm a garantia da assistência técnica da CIA. FABIO BASTOS - tradição de confiança e bons serviços.



Cia. Fabio Bastos

R. DE JANEIRO • S. PAULO • B. HORIZONTE • P. ALEGRE • J. DE FORA • CURITIBA • PELOTAS • UBERLÂNDIA • CAMPINAS • BRASÍLIA
• CAMPOS • RIB. PRETO • PONTA GROSSA • PIRACICABA • LONDRINA • S. J. DO RIO PRETO • CRICIÚMA • S. J. DOS CAMPOS • GOV.
VALADARES • PARAIBA DO SUL • P. PRUDENTE • MARILIA • BAGE • CACHOEIRO DE ITAPEMIRIM • MANGUINHÁ • APODISE

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE *Santa Gertrudis*

Filiada à Santa Gertrudis Breeders International

RUA FORMOSA, 367 — 9.º ANDAR
TELEFONE 35-6121

CAIXA POSTAL 4210
SÃO PAULO — S. P. — BRASIL

Se você está procurando

- uma boa raça para cruzamento com zebu, para melhorar seu gado
- que possa levá-lo a um plantel selecionado — raçado, capaz de alcançar registro em quatro gerações
- que se valorize continuamente e
- com um universal padrão de qualidade

Isso tudo somente encontrará com

SANTA GERTRUDIS

A melhor raça de gado de corte do presente e do futuro:
uma das mais procuradas em todo o mundo!

Por que...

...num teste encerrado em 27 de março de 1965, nos Estados Unidos, o **MAIOR GANHO DE PÊSO** coube à **raça Santa Gertrudis**, a saber:

- 1.º lugar — aumento de peso de 309,628 kg em 140 dias (2,210 kg/dia)
- 2.º lugar — aumento de peso de 296,008 kg em 140 dias (2,114 kg/dia).

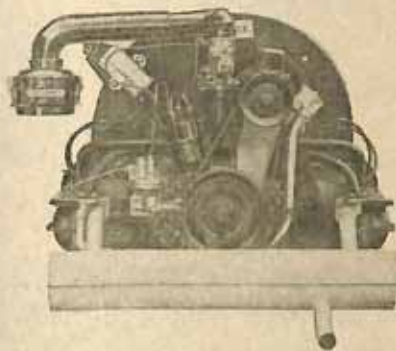
E o que é mais importante: total de animais na prova = 7.500 pertencentes a todas as raças!

E ainda: 69 animais tiveram ganho de peso superior a 227 kg em 140 dias, dos quais 64 eram da raça **SANTA GERTRUDIS**, isto é, apenas 5 pertenciam a outras raças.

Associados da Associação Brasileira de Santa Gertrudis possuidores de gado registrado: **BAHIA**: Cornélio Moreira Souza e Natanael Trajano Costa — Itabuna; Francisco Augusto S. Souza — Salvador; José Franco Sobrinho — Itabuna. **PARANÁ**: Fazenda California, Leon Israel — Jacarézinho; Theodoro Pinheiro Machado — Curitiba. **RIO GRANDE DO SUL**: Dr. Américo Michelini — Carazinho; Fazendas Reunidas — Viamão; Mariano da Rocha — São Borja; Milton Silva do Nascimento — Porto Alegre; Cláudio Taconi — Viamão; Francisco Matheus — Porto Alegre. **SÃO PAULO**: Agenor Nogueira Filho — Avaré; Alberto de Paula Leite — Avaré; Chavantes; Antonio Carlos Quartim Barbosa — Avaré; Baltazar G. Paraventi — Matão; Dr. Bruno Heydenrich, Fazenda Santa Gertrudis — Itapetininga; Dr. Carlos Francisco Alves — São José do Rio Preto; Cia. Agro Industrial e Comercial "Arnoldo Bannwart" — Avaré; Cia. Itaquerê Industrial e Agrícola — São Paulo; Condomínio Fazenda Jangada — Guararapes; Condomínio Fazenda Santa Bárbara — Itapira; Fazenda Maristela — Tremembé; Dr. Geraldo Quartim Barbosa, Fazenda São João — Sorocaba; Guilherme Ernesto Constantini — Piedade; Aluizio Rebelo de Araújo — Amparo; Guilherme Campos Salles — Americana; Giamandrea Matarazzo — Araras; Hélio Gouvêa de Mello — Chavantes; Dr. João Francisco Rabelo — Novo Horizonte; Dr. João Boumgartner — Osvaldo Cruz; José de Souza Queiroz Filho — Leme; King Ranch do Brasil S/A — Rancharia; Luiz M. Prates — São Paulo; Marcos Gasparian — São Paulo; Paulo Lacerda Quarantini — Garça; Dr. Pedro Wirth — Oriente; Renato A. Arens — São Paulo; Dr. Theodoro Quartim Barbosa — São Paulo.

EXISTEM CENTENAS DE CRIADORES EM TODO O BRASIL FAZENDO CRUZAMENTOS COM TOUROS SANTA GERTRUDIS

Se v. tiver uma Kombi já tem, no mínimo, 8 razões para comprar uma fazenda.



Vá contando:
A Kombi não precisa parar para colocar água no motor. Ela é refrigerada a ar. E ar, no campo, tem de sobra.

Uma razão.
Ela leva 9 pessoas de uma vez só. Numa fazenda há sempre muita gente para transportar. Duas.



Sem os bancos, o compartimento de carga mede 4,83 m³. Para carregar caixas de frutas, de legumes, ferramentas, mantimentos etc. Três.

Para facilitar o trabalho de carga e descarga, a Kombi tem duas amplas portas laterais. (Além da porta que fica atrás.) Quatro.



A carga fica entre os eixos, na melhor zona de suspensão. Por isso viaja bem mais segura. Cinco.



Para proteger mercadoria e passageiros, a Kombi já vem com teto de aço. Nada de gastar dinheiro improvisando capotas. Seis.

E como nem sempre as estradas são boas, a Kombi tem suspensão independente, nas quatro rodas. Em vez de molas, tem barras de torção, praticamente inquebráveis. Sete.

A Kombi tem um vão livre de 24 cm. V. vai perceber a importância dele quando passar por uma estrada lamacenta. Não há diferencial saliente para enterrar na lama ou "facões" da estrada. Oito.

Um litro de gasolina dá para a Kombi andar 10,5 km. E ela só troca óleo a cada 2.500 km.



Mas isso já é uma nona razão. Como tem uma décima. Ou uma décima primeira...



SENHORES AGRICULTORES

Depositem o produto de suas safras na

"CAGESP" - Cia. de Armazéns Gerais do Estado de São Paulo

E

USUFRUAM OS BENEFÍCIOS QUE ELA LHEZ OFERECE

CAPITAL CR\$ 22.977.977.

ESCRITÓRIO CENTRAL

Rua 15 de Novembro, 228 — 9.º andar — Fone: 37-5551 — (Rêde Interna) — São Paulo
Fone: 32-3616 — 33-7088 — Diretoria

Armazéns da Capital:

Armazém Bandeirantes

Av. Rio Branco ns. 1.865 a 1.937 — Fone: 51-5247
Desvio Bandeirantes — Barra Funda — EFSJ. ou EFS

Armazém Cagesp

Rua Borges de Figueiredo, 1.156 a 1.250 — Telefone:
93-7018 — Desvio Cagesp — Modoca — E.F.S.J.

Armazém Jaguaré

Estação Universidade — Desvio Cagesp / Armazém
— EFS ou EFSJ

Armazém Presidente Altino

Regulador — 29 — Desvio quilômetro 15 — E.F.S.

Armazém Suburbano

Rua Campos Vergueiro, 140 — Lapa — Desvio
Cagesp — Lapa — EFSJ — Desvio Cagesp — Do-
mingos de Morais — EFS

Armazém Triângulo

Rua Rodrigues dos Santos, 91 — Fone: 93-5314 —
Desvio Triângulo — Pari — EFSJ

Armazém Vila Leopoldina

Rua Major Paladino, 14 — Desvio quilômetro 11
— EFS

Rêde de Armazéns e Silos no Interior

ARMAZÉNS:

Adamantina
Araçatuba
Araraquara
Assis
Avaré
Barretos
Bauri
Casa Branca
Fernandópolis
Franca
Itapetininga
Itápolis
Itirapina
Ituverava
Marília

Ourinhos
Pedrneiras
Presidente Prudente
Ribeirão Preto
Rincão
Rio Claro
Santos
São Carlos
São Joaquim da Barra
São José do Rio Preto
São Manoel
Tietê

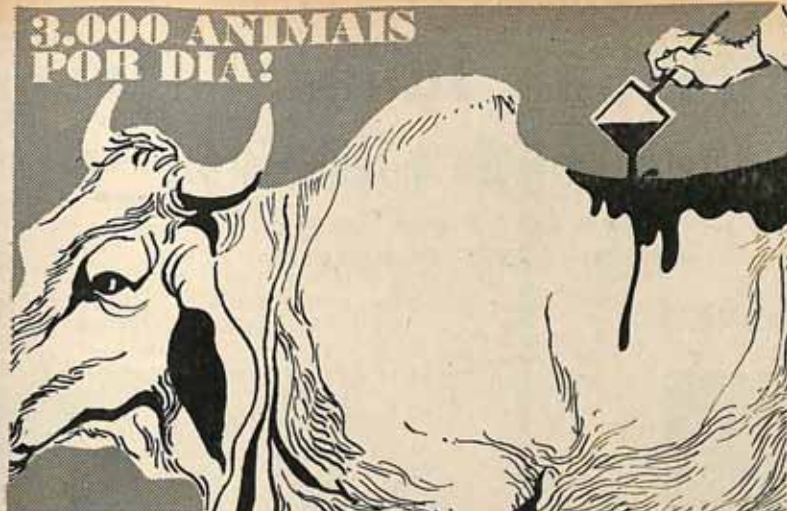
Olimpia Paraguaçu-Paulista

SILOS:

Araçatuba
Araraquara
Avaré
Barretos
Bauri
Fernandópolis
Itapetininga
Itápolis
Ituverava
Marília
Ourinhos
Presidente Prudente
Ribeirão Preto
São José do Rio Preto
São Manoel
São Paulo — Jaguaré

EM CONSTRUÇÃO: Catanduva

**3.000 ANIMAIS
POR DIA!**



lepelom

é o único com o qual você trata até 3.000 animais por dia, graças à sua fácil aplicação por aspersão lombar. Lepelom liquida os principais parasitas dos animais domésticos. Age duro sobre bernes, larvas em geral, vermes e parasitas externos. Lepelom é beleza do couro, engorda rápida, lucro certo para o seu negócio.



**UM QUE VALE
POR CINCO!**



lepecid

é o único que vale por cinco. Conte só nos dedos: larvicida, bernicida, repelente, cicatrizante e antibiótico. Lepecid é indicado para tratamento do umbigo dos bezerros, das feridas de castração, das frieiras, miiases (bicheiras), sarna e ferimentos em geral. E observe o seguinte: com Lepecid Spray, você não precisa amarrar nem correr riscos para tratar dos animais. Lepecid é plantel forte, cicatrização rápida, bom aspecto. É dinheiro em caixa!



**TRÊS MODOS DE
LUCRAR!**



lepelmin

é lucro sob três formas! É ponto final para todo e qualquer verme e também bernes e larvas em geral em ovinos, bovinos e caprinos. Lepelmin acaba com os vermes porque age direto no sangue do animal. Sua aplicação é fácil, fácil, com dosador automático ou seringa para ser aplicada na boca. Lepelmin é saúde para o seu rebanho, plantel limpo, segurança para o crescimento do seu "pé de meia"!



Lepetit

LEPETIT - GARANTIA MÁXIMA EM PRODUTOS VETERINÁRIOS

São Paulo (Guarabara, Curitiba, Sta. Catarina, Goiás) R. Afonso Celso, 1015 - Porto Alegre - R. Venâncio Aires, 602 - B. Horizonte - R. Sergipe, 341/349 - Recife - R. Oliveira Lima, 997 - Fortaleza - R. Governador Sampaio, 492 - Salvador - Av. Estados Unidos, 1 - Edifício Cervantes - 4.º andar - s/ 401 - Belém - R. Gaspar Viana, 870 - Manaus - R. Guilherme Moreira, 335/337 - Campo Grande - MT - Av. Barão do Rio Branco, 386
EM CASO DE DÚVIDA CONSULTE GRATUITAMENTE O NOSSO DEPARTAMENTO TÉCNICO



Fazenda São Judas Tadeu

Luís Horácio de Mello e Tótila Jordan

Km 86 da via Raposo Tavares

SOROCABA — EST. DE SÃO PAULO

NOSSOS REPRODUTORES:



PIRACUAMA HERCULES OTIMISTA SINSON — Nasceu em 23/6/1962, Filho de Elejota 1468 Teniente Sinson e Orion's Optimista 36, que produziu aos 8 anos e 2 meses 5.424,620 kg de leite em 365 dias com 2,80% de mg. Hércules é Campeão Júnior de Sorocaba em 1964 e 1965 e de Itapetininga em 1965.

ELEJOTA 1468 TENIENTE SINSON — Nasceu em 27/6/1956. Reservado Campeão Júnior de Rosário em 1957. Filho de Gonzalo 2 (importado da Holanda) e Iapitá Lady, que produziu aos 8a em 365d 7.891 kg de leite com 3,4% mg.



ORION'S OPTIMISTA 36 — Classificada com 87 pontos. Grande Campeã de Sorocaba em 1964 e de Itapetininga em 1965 e 1º prêmio em São Paulo em 1965.



BELASTIQUI 555 RENOWN ROYAL — Importado do Uruguai. Nasceu em 23/9/1962. Filho de Belastiqui 272 Otonabee Supreme e Videsa 312 Royal Admiral, que produziu aos 2 anos e 4 meses em 3x e 365 dias 7.291 kg de leite com 3,7% de mg. Royal foi Campeão Júnior no Uruguai nas exposições do Prado, S. José e Florida em 1964.

BELASTIQUI 272 OTONABEE SUPREME — Grande Campeão Uruguai em 1963 com 2 anos de idade. Filho de Don Review Madcap 1 e Esther 2 de Melilla, 7a 10m 3x 365d 7.961 kg de leite com 3,3% de mg.



VIDESA 312 ROYAL ADMIRAL — Filha de Don Royal Inka 19 e Admiral 14 do Progresso, 6a 3x 365d 9.900 kg de leite com 3,1% de mg.



TEMOS AINDA SERVINDO EM NOSSO PLANTEL:

- RAFAELINO'S 778 MARCEL R 450 • NOGALES SUPREME SOVEREIGN • BELASTIQUI 566 MADCAP MAN OF TOWN
- REBANHO OFICIALMENTE CONTROLADO PELA A.P.C.B.
- VENDA PERMANENTE DE REPRODUTORES

CORRESPONDÊNCIA: CAIXA POSTAL 47 - CAPITAL (S.P.)

DIRETOR

Lulz A. Penna

REDATOR-CHEFE

Pedro Ferraz do Amaral

REDATOR-SECRETARIO

Rosemberg Marson

COLABORADORES

Alberto Alves Santiago
 Hélio Fernando de Albuquerque
 Henrique F. Raimo
 Hugo Prata
 José Resende Peres
 Leovigildo P. Jordão
 Luiz Carlos Campos
 Nilza Perez de Resende
 P. A. Gonçalves
 Pimentel Gomes
 Walter C. Battiston

DEPARTAMENTO DE PUBLICIDADE

Aldo D'Angelo
 Sylvio Barretti
 Jayme Dônio
 D. Dina Avela
 João Baptista Pinto
 Laércio C. Noronha

DEPARTAMENTO DE REPORTAGEM

Laércio C. Noronha
 Francisco Sciacca
 Samuel Lisboa

REDAÇÃO

RUA CANUTO DO VAL, 216
 S. PAULO, Z. P.3 (BRASIL)
 TELEFONE: 51-9234 - CAIXA
 POSTAL: 9194 - END. TE-
 LEGRAFICO: "CRIADORES"

ASSINATURA:

1 ano	Cr\$ 8.000
2 anos	Cr\$ 14.000
3 anos	Cr\$ 20.000
1 ano sob registro postal	Cr\$ 8.500
Semestre	Cr\$ 4.500
Número avulso	Cr\$ 800
Número atrasado	Cr\$ 900



Revista dos Criadores

ÓRGÃO OFICIOSO DA ASSOCIAÇÃO
 PAULISTA DE CRIADORES DE BOVINOS
 FUNDADA EM 1930

Ano XXXVII — São Paulo, Junho de 1966 — N.º 438

SUMÁRIO

Fala o presidente — Importação de carne argentina — Urbano de Andrade Junqueira	8
Mercados pecuários	10
Sua carta chegou	12
Pela A.P.C.B.	
A assembleia geral ordinária elegeu dois diretores	14
A Associação Paulista de Criadores de Bovinos às vésperas de seu quadragésimo aniversário	15
Relatório, apresentação de contas e balanço geral do exercício de 1965	17
Na Granja São Martinho — 1.020 quilos com 34 meses — eis o peso alcançado por um meio sangue Charolês-Nelore e com o rendimento de 62% de carne	24
Passado e presente do boi no Nordeste	28
Seção jurídica — Direito agrário — II — Nilza Perez de Resende	55
III Exposição Agro-Pecuária e Industrial do Estado do Paraná, realizada em Londrina — Laércio C. Noronha	56
Em Caxambu — III Exposição Especializada de Gado Leiteiro do Sul de Minas	70
Manual do criador de gado leiteiro — IV — A inseminação artificial	71
Em Salvador — XXIII Exposição de Animais e Produtos Derivados da Bahia	78
A Bahia na "Revista" — Paladino para mim é um desenho — Othello Tormin	83
Laticínios — Como evitar o leite ácido — Lauro Albano Sandoval	84
Notícias do Rio Grande do Sul — Feira de gado leiteiro em Porto Alegre deu 176 milhões	88
Para o campo e outros Campos — Luis Carlos Campos	91
Suínocultura — Parasitoses internas e externas são prejudiciais aos suínos — II - Conclusão — Albino J. Rodrigues	94
AVICULTURA:	
Técnica e prática do manejo de frangas de reposição — Henrique F. Raimo	97
Últimas da ciência — Trocando em miúdos	99
Relatório nº 256 do Serviço de Controle Leiteiro da A.P.C.B.	102
O que vai pelo Controle Leiteiro — P.A.N.	108

NOSSA CAPA

A capa deste número representa um dos aspectos mais simpáticos do governo do dr. Paulo Guerra, em Pernambuco. É uma cena que já se tornou habitual na vida dos municípios pernambucanos: um pequeno siltante leva para casa o precioso animal, que obteve por sorteio, financiado a preço de custo, na "Operação Vaquinha", uma novidade de elevado alcance sócio-econômico, que Valdez Correa detalha na reportagem sobre o "Passado e o Presente do Boi no Nordeste", a partir da página 28.

NUNCA TANTOS DEVERÃO A TÃO POUCOS!

5 touros importados acasalam **300** NELORE
“da INDIANA”, geneticamente ganhadoras de
carne, no teste de progênie

Seus filhos impressionam pela beleza racial e pela
conformação para mais carne e pêso



DANDA — o mais credenciado Nelore importado.



GODAR — importado. Grande porte.



THALAIVAN — importado. Agrada em tudo.



LAHORE — importado. Tipo carne.

RENOVE E MELHORE O SANGUE DO SEU REBANHO COM
FILHOS DE IMPORTADOS

“DA INDIANA”

Durval Garcia de Menezes e Filhos
FAZENDA INDIANA LTDA.

Quilômetro 31 da antiga Rio-São Paulo
Av. Heitor Beltrão, 29 — Tijuca — Tel. 48-3125 — Rio — GB

Mercados Pecuários

Boi luta contra CADEP

Safra desorienta porco

Escassez vinga leite

Ovo & frango sobem enfim

Houve pequena alta no mercado de novilhos em São Paulo, em maio, apesar da compressão da CADEP (eufemismo com que ora se denomina o tabelamento), o que denota pressão da procura, apesar da falta de exportação. O porco, muito oscilante durante o mês, apresentou média ligeiramente inferior a abril. O leite, com o novo tabelamento, subiu bastante nas áreas produtoras, no que foi ajudado pela escassez estacional e a grande procura para fins industriais. Os ovos manifestaram ligeira tendência de alta, devido à menor produção da época, e o frango de corte afinal reagiu, provavelmente devido à firmeza do boi, em plena safra.

CADEP = tabelamento

O novilho acusou em maio preços entre Cr\$ 16 mil e Cr\$ 16.500, livre de frete e imposto, no Interior de São Paulo. A média mensal teria girado entre Cr\$ 16.150 e Cr\$ 16.200, devido a certa frieza dos negócios no fim do mês. Em relação a abril, houve aumento de cerca de Cr\$ 200, pois a média desse mês acusou Cr\$ 16.000. A alta não foi tão acentuada, como poderia esperar-se, em virtude de: a) a pressão do governo, através da CADEP, que obteve dos frigoríficos e abatedores a venda da carne no atacado abaixo do custo da matéria-prima durante todo o mês; b) falta de abate para exportação de congelada e redução do desvio para industrialização de conserva exportável; e) redução considerável dos programas de estocagem (talvez não se estoque no Brasil Central nem a metade das 32 mil toneladas que se solicitaram à SUNAB, em face do atraso no

financiamento do Banco do Brasil, das condições pouco estimulantes do crédito oferecido, da dificuldade de frio e do temor do preço-CADEP na entressafra). Aliás, dentro do espírito CADEP, o governo obteve compromisso dos abatedores de que não mais pagariam acima de Cr\$ 16.000 por arroba para o novilho, peso morto ou vivo com desconto, e ato contínuo reajustou os preços da carne no atacado, abaixo da própria razão do sistema CADEP. Este, assim, retira a máscara e surge como um eufemismo a disfarçar o antipático nome de tabelamento.

VACA MAIS QUE O BOI

A vaca para o corte apresentou média de preço de Cr\$ 14.700 a Cr\$ 14.800, por arroba, contra Cr\$ 14.500 em abril: subiu relativamente mais do que o boi, o que significa estar havendo retração de fêmeas para procriação, em virtude do maior atrativo representado pelo preço do bezerro.

BOI MAGRO INFLADO

O boi magro continua indiferente à sorte do gordo. Novilho de Goiás com caixa de 17 arrobas, que se comprava em fevereiro por Cr\$ 190 a Cr\$ 200 mil por cabeça, estava sendo reputado em maio por Cr\$ 220 a Cr\$ 240 mil. Em Mato Grosso (Pantanal), a cotação oscila entre Cr\$ 180 e Cr\$ 190 mil, aproximando-se de Cr\$ 200 mil. Como há sobra de pasto em São Paulo e Paraná, e como se acha em bom estado, há uma procura adicional de boi magro, apesar da pouca reação apresentada pelo gordo. O novilho magro está "engordando" em matéria de preço, isto é, acha-se inflado, enquanto o boi gordo, se não esvazia, perde a corrida contra a inflação remanescente.

CARNE ESTABILIZADA

Graças ao sistema CADEP, que se mencionou acima, o preço da carne no atacado paulistano manteve-se em maio a Cr\$ 1.562 (trazeiro especial) e Cr\$ 700 (dianteiro) por kg, fora transporte da fábrica ao açougue. Houve negócios de

trazeiro especial abaixo do preço CADEP, mas o dianteiro foi objeto de manobra dos atravessadores, devido ao nível artificialmente baixo e à sua procura para indústria, que pagava até Cr\$ 1.000 por kg. No varejo, a carne de 1.^a era cotada pela CADEP a Cr\$ 2.340 e a de segunda a Cr\$ 1.050 por kg. Para junho, aguardava-se um preço CADEP (artificializado) de Cr\$ 1.600 para o TE e de Cr\$ 800 para o D, no atacado, esperando-se que no varejo as cotações se mantivessem as mesmas (pelo menos esse era o escopo da SUNAB, na sua política de "auto-limitação" de preços, imposta sob ameaça de tabelamentos e outras repressalias).

PORCO DESORIENTADO

O mercado de suínos acusou ligeira tendência de baixa em maio, apresentando cotação média em São Paulo, inferior ao nível de Cr\$ 12 mil por arroba, registrado em abril. No fim do mês até a Cr\$ 11.000 se

faziam negócios. Notava-se desorientação no mercado, devido à falta de informações entre os produtores. No sul do Paraná, comprou-se porco para abate regional a Cr\$ 9.500 e Cr\$ 10.700 por arroba, o que indica a falta de diretriz defi-

nida do mercado. A grande tendência, porém, era de estabilidade, com ligeiro declínio, por ser época de safra. No atacado paulistano a carne suína caiu ligeiramente, passando de Cr\$ 1.000 (abril) a Cr\$ 975 em média (maio).

LEITE ESCASSO SOBE

O leite desforra-se do regime de tabelamento demasiado artificial em que a SUNAB o lançou durante longos meses. Já em abril, o preço de 150 por litro (oficial) foi superado em São Paulo, na grande média, registrando-se Cr\$ 153, inclusive excesso de gordura. Em maio, a tendência de alta acentuou-se, devido à entrada plena da entre-safra e à boa procura para a indústria, com produtos de

mercado livre. Com vários meses de inverno pela frente, acreditava-se que o preço no Interior tendesse a subir, com ou sem a complacência da SUNAB, salvo novas medidas de cunho policial, que iriam adiar as dificuldades. Aliás, colhia-se em maio o resultado da política de excessiva contenção de 1965, em face do desinteresse que passou a reinar pela exploração leiteira.

AVES REAGEM

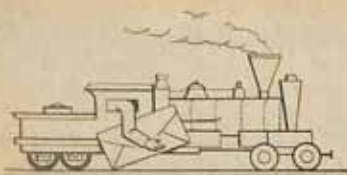
O mercado de ovos e aves, que se mostrava com grande tendência de declínio após a Semana Santa, reagiu na segunda quinzena de maio. A cotação de ovos, no atacado paulistano, por por caixa de 30 dúzias, tipo A, voltou ao nível de Cr\$ 22.500, de onde desce-

ra no começo do mês. E o frango vermelho, que chegara a Cr\$ 850 por kg, no mesmo mercado, subiu sucessivamente a Cr\$ 950, Cr\$ 1.000 e Cr\$ 1.050, nível atingido no último dia do mês, segundo levantamentos da DER da SA. E o mercado

era classificado como firme. Atribui-se a reação, quanto aos ovos, à menor postura da época; e quanto ao frango, à subida do boi, bem como a certo desinteresse que vinha reinando nas granjas pelo preparo de aves de corte, devido ao longo ciclo de preços insatisfatórios.

III EXPOSIÇÃO ESPECIALIZADA DE GADO LEITEIRO DE CAXAMBU

A famosa mostra de gado Holandês será realizada de
4 a 11 de setembro



Sua carta chegou

ENG. AGR. ALIRIO BARBOSA — Residência Agrícola em Paraíba do Sul — Estado do Rio de Janeiro — Pede-nos a remessa da "magnífica 'Revista dos Criadores'", adquirida sempre às bancas de jornais, mas aqui não encontrada". Reproduzimos suas palavras: "Nosso trabalho — Promoção Agropecuária — certamente estará mais bem orientado pela leitura, atenta e constante, duma das poucas revistas capazes de nos aclarar e informar com segurança, acerca de muitos assuntos de que cuidamos no trato cotidiano com os apropiciados de nossa jurisdição, mórmen-

te no momento, quando só excepcionalmente podemos comprar livros, forçados que somos a sobrepor, com tristeza, o sustento da matéria ao do intelecto".

Nossa resposta: Não podemos deixar de atender ao pedido. Mas solicitamos que nos auxilie, angariando, entre os produtores locais, assinaturas da "Revista dos Criadores".

ENG. AGR. ALIRIO BARBOSA DE SOUZA — Formiga — Estado de Minas Gerais — Suas palavras merecem ser conhecidas dos nossos leitores, razão pela qual as transcrevemos: "Sendo a conceituada 'Revista dos Criadores' de grande utilidade e até mesmo de necessidade, para os produtores e criadores, pelo que dela em cada número flui, no mais alto nível de ensinamentos técnicos e práticos, e sendo a repartição que dirijo, a 3.ª CSRDF, da Secretaria da Agricultura, do Estado de Minas Gerais, sediado em Formiga, um centro de convergência, para onde afluem diariamente dezenas de interessados, sempre em busca de novidades neste setor, e ainda esperançoso de que o vosso espírito empreendedor possa associar-se ao meu desejo de melhor instruir os nossos bravos homens do campo solicito-vos, se possível, enviar-me gratuitamente os números regulares da REVISTA

DOS CRIADORES. Assim, melhor poderei ilustrar os ensinamentos práticos e técnicos, sempre com inovações, o que nela se encontra em profusão, para todas as necessidades de cada produtor e criador".

Atendemos ao pedido, concedendo-lhe a remessa grátis da "Revista dos Criadores", por três anos, em troca, porém, de sua colaboração, enviando-nos pedidos de assinaturas de pecuaristas dessa ou de outras regiões.

A propósito, pedimos também ao nosso amável missivista, assim como ao de Paraíba do Sul, que façam sentir, ao governo dos Estados a que pertencem as repartições a que servem, que seria de todo conveniente que no seu orçamento anual fosse consignada uma dotação capaz de cobrir o fornecimento anual de revistas às repartições técnicas — e estamos certos de que a "Revista dos Criadores" estaria na primeira plana, entre as que fossem contempladas. Os nossos legisladores precisam convencer-se de que revistas técnicas são ferramentas indispensáveis aos trabalhos de fomento da produção. Como promover a pecuária sem saber o que se faz alhures nesse setor? E que publicação mais bem informada do que a "Revista dos Criadores"?

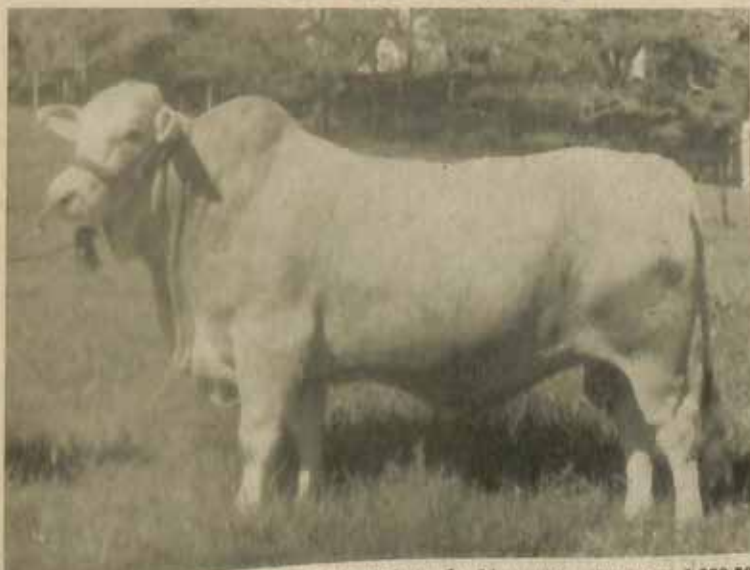
IVALDO FARIAS — Travessa Treze de Maio, 20 — Jequitinhonha — Estado de Minas Gerais — Falamos V.S. nos "conhecimentos indispensáveis" que "esta valiosa revista mensalmente" fornece aos "dedicados à agricultura ou pecuária", razão pela qual deseja continuar a receber tão excelente publicação. Muito obrigado pelos encômios. Vamos atender ao pedido feito. Solicitamos queira enviar-nos nomes de fazendeiros da região aos quais possamos nos dirigir, para a obtenção de assinaturas.

FRANCISCO ALVES DOS SANTOS NETO — Diretoria de Publicidade Agrícola — São Paulo — "As páginas da 'Revista dos Criadores', plenas de ensinamentos dos mais úteis e objetivos, são constantemente consultadas por lavradores, pecuaristas e estudantes, que diariamente nos procuram na ansia de saber" — diz-nos V.S., o que muito nos anima. Vamos atender ao seu pedido. E por que não se torna V.S. nosso cooperador, enviando-nos nome e endereço de interessados pela assinatura da "Revista dos Criadores"?

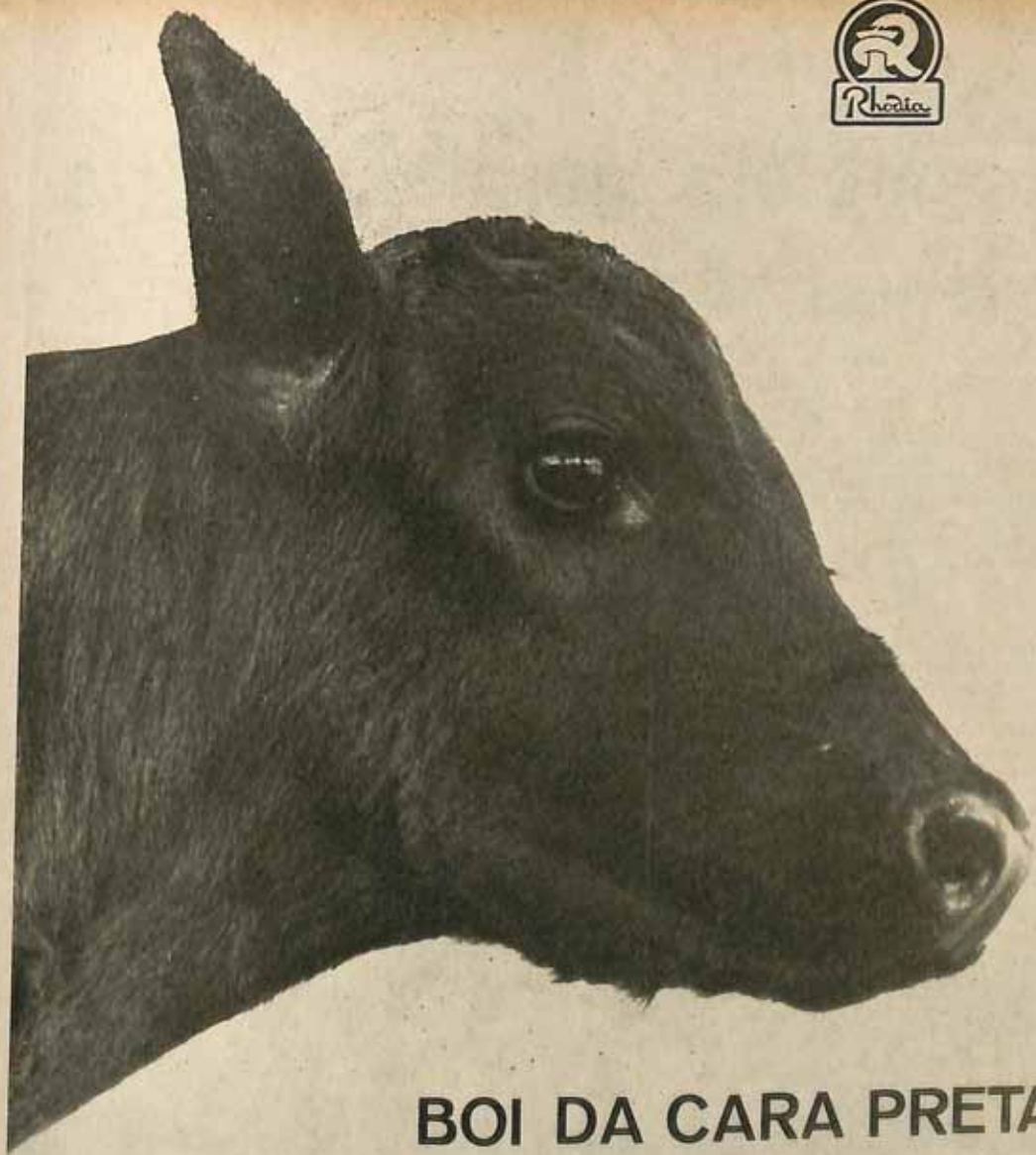
DR. ANTONIO MEDEIROS GASTÃO: Hospital de Caridade de Mossoró — Rio Grande do Norte — Comunica-nos V.S. que vem lendo "com satisfação e proveito" a REVISTA DOS CRIADORES, a qual, "a cada dia, se constitui em portavoza da pecuária brasileira". Por esse motivo, quer tornar-se assinante. Muito obrigado pelas referências elogiosas. O nome de V.S. foi incluído entre os assinantes.

FOTO DO MÊS

O boi do futuro



DAMASCO — mestiço Charolês-Nelore de 34 meses, alcançou 1.020,500 kg em pesagem oficial da A.P.C.B., a qual foi presenciada pelo seu diretor técnico dr. Hugo Prata e pelo diretor da "Revista dos Criadores". Animal como este, abatido no matadouro da Cooperativa Agrícola de Saracá, registrou 61,87% de rendimento de carne e pode ser admirado na Granja São Martinho, do sr. Dário Freire Meireles, centro criatório famoso por suas iniciativas em prol não somente da pecuária nacional mas também da agricultura, pois também desenvolve grande cultura de café, inspirada em métodos ainda desconhecidos dos nossos cafeicultores.



BOI DA CARA PRETA

Se você tem medo de careta, deixe que cada cabeça de seu rebanho se transforme no boi da cara preta, bicho papão que engole seus lucros. Esse bicho papão poderá ser o seu novilho atacado pelo carbúnculo sintomático, conhecido por peste da manqueira. Evite a infecção em seu rebanho, aplicando nos animais com 3 a 4 meses de idade, a vacina mista preventiva:

SINTOMATINA CONTRA A PESTE DA MANQUEIRA

um produto com a garantia
RHODIA -
Indústrias Químicas e Têxteis S. A.
Divisão Farmacêutica
Depto. de Produtos Veterinários
Rua Libero Badaró, 101 - 4.º andar
fone: 37-3141 - São Paulo - SP

A assembleia geral ordinária elegeu dois diretores

No dia 29 de Março de 1966, às 10 horas, em segunda convocação, com a participação dos associados cujos nomes constam do livro de presença, foi realizada, na sede da Associação Paulista de Criadores de Bovinos, à rua Jaguaribe, 634, na cidade de São Paulo, Estado de São Paulo, a Assembleia Geral Ordinária de 1966.

Iniciando a reunião, o Dr. Urbano de Andrade Junqueira, Presidente, agradeceu o comparecimento dos presentes e explicou as finalidades da Assembleia. Em seguida, pediu a palavra o Dr. Arthur Monteiro Neves para comunicar aos presentes que, no dia an-

terior, um de nossos associados, o sr. Lafayette Alvaro de Souza Camargo, havia sofrido um acidente automobilístico e solicitava que fosse telefonado ao hospital, a fim de se conhecerem suas atuais condições de saúde. Também pediu a palavra o dr. Mércio Prudente Corrêa, para solicitar que idêntica medida fosse tomada em relação ao Dr. Carlos Amadeu de Arruda Botelho, que se encontrava hospitalizado em São Carlos.

Ouvidas as sugestões, o Sr. Presidente da APCB determinou que se obtivessem, telefonicamente, notícias daqueles dois associados, para que a assembleia fosse informada,

a seguir, das condições reais de saúde daqueles dois companheiros.

A seguir, pediu a palavra o Dr. Gilberto Pires de Oliveira Dias, para sugerir fosse eleito, para presidir os trabalhos da Assembleia, o consócio Dr. Goffredo Teixeira da Silva Telles. A indicação foi aceita, com uma salva de palmas, por todos os presentes.

Assumindo a direção dos trabalhos, o Dr. Goffredo Teixeira da Silva Telles agradeceu a indicação e leu o edital de convocação da Assembleia Geral Ordinária, que estava redigido nos seguintes termos:

"Ficam convidados os senhores associados desta entidade a se reu-



Aspecto da assembleia geral presidida pelo dr. Goffredo Teixeira da Silva Telles.

nirem em Assembléia Geral Ordinária no dia 29 de Março de 1966, às 9 (nove) horas, em sua sede social, à rua Jaguaribe, n.º 634, na cidade de São Paulo, Estado de São Paulo, para deliberarem sobre a seguinte Ordem do Dia: a) Apreciação e aprovação do Relatório e Contas da Diretoria, relativos ao exercício de 1965; b) Eleição e posse de dois Diretores; c) Eleição e posse dos membros efetivos e suplentes do Conselho Fiscal; d) Aumento das contribuições sociais, Aumento de Capital; e) Outros assuntos de interesse da classe.

"Não havendo número regulamentar, fica, desde já, feita a segunda convocação para realização da Assembléia uma hora mais tarde, com qualquer número de associados presentes. São Paulo, 18 de Março de 1966. a) Urbano de Andrade Junqueira — Presidente".

Terminada a leitura do edital de convocação, o Sr. Presidente da mesa propôs, sendo aprovada por unanimidade, a indicação do Dr. Mércio Prudente Corrêa para secretariar os trabalhos.

APROVAÇÃO DO RELATÓRIO E DO BALANÇO

Em obediência à Ordem do Dia, o Dr. Goffredo Teixeira da Silva Teles anunciou a leitura do Relatório e exame das Contas da Diretoria, referentes ao exercício de 1965, o que passou a ser feito pelo Dr. Mércio Prudente Corrêa. Ao ser iniciada a leitura, pediu a palavra o Dr. João Laraya para sugerir que, em virtude de ser o Relatório publicado na "Revista dos Criadores", fosse lido somente o essencial, ficando o resto para ser examinado pelos interessados na sede da Associação ou através da leitura da "Revista". A sugestão foi acolhida e o Dr. Mércio Prudente Corrêa passou a ler, por sugestão do Sr. Presidente da A.P.C.B., apenas os itens referentes ao preço do leite, Registro Genealógico, Controle Leiteiro, Exposição de Gado Leiteiro, Feira Nacional de Animais, Cadastro, Quadro Social, Análise do Balanço e Movimento de Vendas, lendo apenas os tópicos principais de cada item.

Terminada a leitura, o Sr. Presidente da mesa deu a palavra a quem a desejasse, tendo feito uso dela o Sr. Carlos Alberto Willy Auerbach, Tesoureiro da APCB, que passou a ler o "Parecer do Conselho Fiscal", redigido nos seguintes termos:

"Os abaixo assinados, membros do Conselho Fiscal da Associação Paulista de Criadores de Bovinos, tendo examinado a escrituração e documentos relativos ao exercício de 1965, declaram ter encontrado tudo em perfeita ordem, bem como o Balanço Geral apresentado, que indica a real situação finan-

A ASSOCIAÇÃO PAULISTA DE CRIADORES DE BOVINOS ÀS VESPERAS DE SEU QUADRAGESIMO ANIVERSÁRIO

O relatório que a Diretoria da Associação Paulista de Criadores, presidida pelo Dr. Urbano de Andrade Junqueira, apresentou à assembléia geral ordinária reunida no dia 29 de março deste ano, veio confirmar a magnífica orientação que tem sido dada aos negócios sociais. A Associação tem estado presente em todos os momentos e lugares em que se discutem assuntos pertinentes à pecuária, defendendo com denodo os interesses da classe. Todos os serviços instalados para benefício dos sócios tiveram excelente andamento durante os exercícios, revelando o alto grau de desenvolvimento a que atingiram.

Particularmente, lembraremos o Registro Genealógico, o Controle Leiteiro, a Assistência Veterinária e o departamento comercial, os quais todos chegaram a resultados excelentes, expressos em números que excedem os de todos os tempos. Cumpre-nos também ressaltar a significação da Exposição de Gado Leiteiro e da Feira Nacional de Animais, certames que assinalam novas vitórias da prestigiosa entidade social e que mereceram da atuante Diretoria os maiores cuidados. O balanço de contas revelou a ótima situação econômico-financeira da A.P.C.B. e bem andou o Conselho Fiscal em opinar pela sua aprovação, com um voto de Louvor à Diretoria, o que a Assembléia referendou por unanimidade.

Houve por bem a Assembléia aprovar o aumento de taxas de anuidade e de remissão instituído pela Diretoria. Nem poderia ser de outra maneira, dada a flagrante disparidade entre o custo das utilidades em nossos dias e a insignificante quota que dos sócios era recebida. Igualmente foi aprovado o aumento do capital social, mediante a transferência de uma parte da verba do Fundo Social para a de Capital Registrado.

Continua, assim, a Associação a sua caminhada gloriosa, aproximando-se do 40º aniversário de sua fundação, que ocorre no ano próximo. São quarenta anos de ininterruptos serviços à causa da pecuária, cujo valor nunca será demais encarecer. As novas gerações, afeitas às práticas organizadas de nossos dias, não pode sequer fazer idéia do que era a vida do criador em nosso País há meio século, quando se pronunciaram os prodromos da nossa entidade social, de maneira que relembra as dificuldades com que se defrontaram aqueles pioneiros e sempre oportuno.

Os quase quarenta anos da Associação Paulista de Criadores de Bovinos, a futura Associação Brasileira de Criadores, merecem, pois, que sejam comemorados. E, por certo, maneira melhor não haverá do que apontar aos associados de hoje as grandes vitórias que juncam seu caminho, desde 1927 até o dia de hoje. E a atual diretoria, constituída de homens da ténpera dos que encaminham os primeiros passos da pujante sociedade de hoje saberão levá-la a destinos cada vez mais altos.

ceira e econômica da Associação, opinando, pois, pela sua aprovação, juntamente com todos os atos da Diretoria.

"Outrossim, pedem que conste da Ata um voto de louvor à Diretoria pelos resultados apresentados, que demonstram o esforço e o zelo com que são tratados os interesses da Associação Paulista de Criadores de Bovinos". as) Arthur Monteiro Neves, José Cassiano Gomes dos Reis, Gilberto Azambuja.

A seguir, o Sr. Tesoureiro da APCB, fazendo uma rápida análise do Balanço, disse, que, diante dos resultados alcançados, a situação da Associação podia ser considerada muito sólida. Chamava a atenção dos presentes para o saldo apresentado pela Conta Fundo Social, totalmente em discordância com o Capital Registrado na Associação. Disse, entretanto, que este ponto seria debatido posteriormente.

te, pois estava incluído num dos itens da Ordem do Dia.

Terminada a exposição do Sr. Carlos Alberto Willy Auerbach, o Sr. Presidente da mesa pôs em votação o Relatório, o Balanço e as Contas da Diretoria. O Dr. João Laraya propôs que, em sinal de aprovação, fosse a Diretoria aplaudida com uma salva de palmas, no que foi acompanhado por todos.

Em obediência à Ordem do Dia, o Presidente da mesa anunciou a eleição de dois Diretores.

Apresentaram-se, como candidatos, conforme cartas endereçadas à Diretoria da Associação, os associados: Joaquim Alves de Moraes, Américo Magalhães Vaz, Carlos Alberto Willy Auerbach e Nuno Octávio Vecchi.

Pedindo a palavra, o Dr. Nelson Bessa Fernandes lembrou à Junta Eleitoral que fosse escolhida que deveriam ser observadas rigorosa-

mente as disposições estatutárias, principalmente no ponto em que dizem que "os votos remetidos por carta deverão vir acompanhados de um ofício encaminhando-os, e que este ofício deverá ter firma reconhecida".

O Dr. Goffredo Teixeira da Silva Telles, Presidente da mesa, pediu que cada um dos presentes se munisse de cédula para votar e que fosse escolhida a Junta Eleitoral. Pedindo a palavra, o sr. Virgílio de Almeida Penna indicou os srs. Dr. Arthur Monteiro Neves, como Presidente, dr. Casildo Leal Paixão e Dr. Nelson Bessa Fernandes, como secretários. Para fiscais, foram escolhidos os srs. Virgílio de Almeida Penna e Dr. Hugo Prata. A Junta indicada e os fiscais escolhidos foram aceitos por unanimidade.

As onze horas, foram iniciados os trabalhos de votação. O Presidente da Junta fez a chamada dos presentes, os quais, em escrutínio secreto, depositaram seu voto na urna, a fim de serem escolhidos dois dos quatro candidatos inscritos.

Pelo livro de presença, observou-se o comparecimento de 38 associados, tendo deixado de responder à chamada cinco associados.

Encerrada a votação dos presentes, a Junta Eleitoral passou a abrir os envelopes que continham os votos, fechados em envelope separado, e os ofícios encaminhando-os. Destes votos, cinco não foram aceitos, porque o ofício não apresentava a firma reconhecida. Os demais foram depositados na urna correspondente. Observou-se que foram enviados 83 votos por correspondência e, tendo sido anulados cinco, foram depositados na urna sômen-

te 78. Assim, utilizaram-se do voto 116 associados.

Encerrado o trabalho de recebimento de votos, o Sr. Presidente da Junta Eleitoral procedeu, na presença dos associados, à abertura da urna e, feita a contagem, apresentou ela o número correto de votos, isto é, 116, correspondentes ao número de votantes.

Terminada a contagem, passou-se a apuração dos eleitos, tendo sido verificado o seguinte resultado: Carlos Alberto Willy Auerbach: 109 votos; Joaquim Alves de Moraes: 102 votos; Nuno Octavio Vecchi: 15 votos; Américo Magalhães Vaz: 7 votos.

De acordo com esse resultado e, tendo em vista, ainda, o determinado pelo parágrafo 3.º do Artigo 45 dos Estatutos, o Sr. Presidente da Junta Eleitoral deu aos presentes conhecimento desse resultado e, como nenhuma impugnação fosse apresentada, de conformidade com o disposto no parágrafo 4.º do referido Artigo dos Estatutos, empossou os eleitos: Sr. Carlos Alberto Willy Auerbach e Dr. Joaquim Alves de Moraes, em seus respectivos cargos.

ELEIÇÃO DO CONSELHO FISCAL

Passou-se à eleição dos membros efetivos e suplentes do Conselho Fiscal. O dr. Nelson Bessa Fernandes pediu a palavra para sugerir os seguintes nomes: Dr. José Cassiano Gomes dos Reis, Dr. Mércio Prudente Corrêa e Armando Miguel Barretti Gallo, para membros efetivos; e Francisco Pereira Lima, José Procópio do Amaral e Dr. Antônio Augusto Pires de Oliveira, para suplentes.

Submetida a lista à apreciação dos presentes, os elementos citados foram eleitos por aclamação.

CONTRIBUIÇÕES SOCIAIS

Passando-se ao quarto item da Ordem do Dia, pediu a palavra o Sr. Carlos Alberto Willy Auerbach para explicar que, em virtude de serem muito baixas as taxas sociais que vinham sendo cobradas, a Diretoria delibera aumentar a taxa de anuidade para Cr\$ 15.000 e a taxa de remissão para Cr\$ 300.000 e vinha, agora, solicitar a aprovação da Assembléia. O Dr. Nelson Bessa Fernandes pediu a palavra para dizer que julgava muito baixa a nova taxa de anuidade, mas que, em compensação, julgava muito elevada a taxa de remissão. Explicou o Sr. Tesoureiro da APCB que a taxa de remissão, de acordo com os Estatutos, deve ser vinte vezes o valor da anuidade, de maneira que seria impossível reduzi-la. O Dr.

João Laraya sugeriu que, para facilitar, a taxa de remissão fosse paga em parcelas e o sr. Albino da Silva Cordeiro sugeriu que se limitasse o número de Sócios Remidos, pois essa categoria de associados era prejudicial à Associação, uma vez que a taxa agora paga, dentro de poucos anos, seria irrisória. Respondendo, o Dr. Nelson Bessa Fernandes disse que os Estatutos não permitiam tal limitação.

As novas taxas, submetidas à apreciação dos presentes, foram aprovadas por unanimidade, ficando a critério da Diretoria a maneira de facilitar o pagamento da taxa de remissão.

AUMENTO DE CAPITAL SOCIAL

Do quarto item, fazia parte, também, o Aumento de Capital. O sr. Carlos Alberto Willy Auerbach, Tesoureiro da APCB, pediu a palavra para explicar aos presentes que o Capital Registrado da Associação é de Cr\$ 5.000, enquanto o Fundo Social é de Cr\$ 130.000.000, havendo, portanto, completa disparidade entre um e outro. Para sanar essa falha, sugeria, em nome da Diretoria, que o Capital fosse elevado para Cr\$ 100.000.000, passando-se, assim, o capital aplicado no Fundo Social para Capital Registrado. O Sr. Presidente da mesa perguntou se, com essa elevação de capital, a Associação não estaria sujeita ao pagamento de maiores tributos, ao que o Sr. Tesoureiro respondeu negativamente, uma vez que a APCB está isenta do pagamento do Imposto sobre a Renda.

Posta em votação, a proposta foi aprovada por unanimidade.

INFORMAÇÕES E ENCERRAMENTO

Pedindo a palavra, o Dr. Urbano de Andrade Junqueira informou que, atendendo à solicitação inicial dos Drs. Arthur Monteiro Neves e Mércio Prudente Corrêa, haviam sido obtidas informações sobre o estado de saúde do Sr. Lafayette Alvaro de Souza Camargo e Dr. Carlos Amadeu de Arruda Botelho Filho; ambos os associados não estavam correndo perigo de vida.

Passou-se, a seguir, ao exame do último item na Ordem do Dia, dando, o Sr. Presidente, a palavra a quem a desejasse. Como ninguém quisesse se manifestar, o Dr. Goffredo Teixeira da Silva Telles deu por encerrada a Assembléia, pedindo que constasse em Ata um voto de louvor à Diretoria pelos excelentes resultados conseguidos. A proposta foi aceita com uma salva de palmas.

1 garrafa térmica...

Lider

...e o prazer de saborear um líquido QUENTE ou GELADO a qualquer hora!



• Modelo popular
• Modelo de alta taxa
• Não são apenas cores e formas
• A vida nas montanhas, desportos, viagens etc.

MADEIRA & FILHOS, S.A. - PORTO ALEGRE

Relatório, apresentação do contas e balanço geral do exercício de 1965

PREZADOS CONSÓRCIOS.

É com grande satisfação que, em obediência às disposições estatutárias, vimos à presença de VV.SS. para relatar as atividades desenvolvidas por esta Associação, no decorrer do exercício de 1965.

Graças à rigidez com que o Governo passou a conduzir a vida política e econômica da nação, foi-nos possível traçar planos para o desenvolvimento de nossas atividades, pois, tivemos a certeza de que todas as medidas preconizadas pelo poder público seriam fielmente cumpridas.

Em 1965, o Governo Revolucionário substituiu as indecisões, a incerteza e a desordem por um rígido planejamento, que tinha por objetivo a mudança estrutural da vida da nação e a consequente estabilidade econômica e financeira. Passamos, então, de uma legislação toda afinada com a inflação, para um arcabouço jurídico alicerçado na crença firme da estabilidade expansionista que, aos poucos, vai sendo atingida. A inflação, embora não totalmente estancada, foi moderada e é de esperar que, no decorrer do próximo ano, a estabilidade total seja alcançada, como está a indicar a criação do cruzeiro forte.

Como não poderia deixar de ser, todos os setores da vida nacional passaram a sofrer as consequências da política de contenção adotada pelo Governo, especialmente o Estado de São Paulo — não fosse ele a mola propulsora da economia brasileira. Entretanto, todos se compenetraram da necessidade das medidas adotadas e a vida nacional tomou o rumo do desenvolvimento, livre da mentalidade inflacionária, que impedia o planejamento e a execução de qualquer programa previamente estabelecido. Foi graças a estas medidas e à nova mentalidade que delas resultou, que pudemos, em 1965, ampliar nossos serviços, com ótimos resultados para a nossa entidade. Não poderíamos deixar de exaltar, entretanto, a delicada e valiosa colaboração que recebemos de nossos prezados consórcios, os quais, com seu elevado espírito associativo, muito nos auxiliaram no cabal desempenho de nossas funções.

Como é natural, quando tudo está por fazer, o Governo não poderia ter conseguido êxito em todas as medidas adotadas. Erros houve e alguns, gravíssimos, foram cometidos contra o setor agropecuário. Entre estes, merecem destaque o mercado da carne e o preço do leite.

Não bastasse a retração de crédito bancário, em



Associação Paulista de Criadores de Bovinos

Reconhecida como de utilidade pública pelo Decreto Estadual n.º 33.811, de 20 de Outubro de 1958.

31 ANOS DE BONS SERVIÇOS PRESTADOS AOS CRIADORES

DIRETORIA

Presidente
Dr. Urbano de Andrade Junqueira
Vice Presidente
Hélio Moreira Salles
Secretários

— Dr. Gilberto Pires de Oliveira
Dias
— Roberto Sampaio de Almeida
Prado
Tesoureiros
— C. A. Willy Auerbach
— Dr. Joaquim Alves de Moraes

CONSELHO CONSULTIVO

Bernardo Gavião Monteiro, dr.
Antonio Luiz Ferraz
José Octavio da Silva Leme
Geraldo Diniz Junqueira, dr.
João Laraya, dr.
João de Moraes Barros, dr.

José Bonifácio de Coutinho Nogueira, dr.
Dario Freire Meirelles
Lafayette Alvaro de Souza Camargo, dr.
Urbano Junqueira
Severo Gomes, dr.

SUPLENTE

Guido Malzoni, dr.
José Procópio Meirelles
Antonio Luiz do Rego Neto, dr.
Gilberto Arruda Sampaio, sr.
João Arthur A. Vianna, sr.
Gal. Diogo Branco Ribeiro
Lauro Toledo, sr.
Luiz Souza Barros, sr.

CONSELHO FISCAL

José Cassiano Gomes dos Reis, dr.
Mércio Prudente Corrêa, dr.
Armando Miguel Barretti Gallo, sr.

SUPLENTE

Antonio Augusto Pires de Oliveira, dr.
José Procópio do Amaral, dr.
Francisco Pereira Lima, dr.

GERENCIA

Gerente Técnico:
Dr. Hugo Prata
Gerente Comercial:
Virgílio de Almeida Penna

TECNICOS

Registro Genealógico:
Dr. Celso de Souza Meirelles
Avicultura:
Dr. Henrique R. Raimo
Assistência Veterinária:
Dr. Walter C. Battiston

consequência da política econômica e financeira adotada pelo governo federal, tivemos a infelicidade, se não a desgraça, de presenciar a nefasta ação da Sunab no mercado da carne. Foram cometidos desatinos de toda espécie, foi empregada a força, foi desrespeitada a Constituição. Nossos pecuaristas foram espoliados, sem direito a defesa. Esta política, se continuasse, teria levado à falência a pecuária de corte, pois o criador, sem estímulos e maltratado, deixava de renovar e melhorar seu rebanho e, no futuro, a situação se agravaria ainda mais. Entretanto, o Governo, em boa hora, percebeu o erro cometido e liberou o preço da carne, para que, da livre comercialização, resultasse um preço justo para o produto.

No setor do leite, o que está acontecendo é um verdadeiro crime. Não é possível, nem admissível, uma política de controle do preço deste produto, quando tudo que é necessário à sua produção sobre de preço diariamente, com o beneplácito da Sunab.

Conter o preço do leite é desestimular a produção e forçar o fazendeiro a vender seus rebanhos aos matadouros, pois, ninguém pode sustentar um empreendimento deficitário.

É necessário que o Governo tome medidas imediatas, a fim de resolver o problema; do contrário, as crises continuarão, em prejuízo do próprio povo brasileiro. Nossa opinião é de que se tire da Sunab o poder que enfeixa em suas mãos, pois não é admissível que funcionários que nunca estiveram numa fazenda, que nunca viram uma vaca, que desconhecem o problema, que não sabem quanto custa um reprodutor e sua manutenção, sejam os árbitros da questão.

Julgamos que a solução mais adequada seria a liberação do preço e esperamos que o novo Ministro da Agricultura, General Ney Braga, trabalhe nesse sentido, para que possa ser salva a pecuária leiteira nacional.

Passamos, agora, a relatar as atividades desenvolvidas, no decorrer de 1965, por esta Associação.

SERVIÇO DE REGISTRO GENEALÓGICO

Este serviço técnico, mantido pela Associação Paulista de Criadores de Bovinos, continua em fase ascensional, graças à grande receptividade que vem obtendo entre os criadores. Os dados acumulados possibilitam os necessários estudos e interpretação sobre origem, produtividade e prolificidade, indispensáveis à seleção e melhoramento de nossas raças leiteiras. É graças aos trabalhos deste Serviço que os pecuaristas podem iniciar novas experiências para melhorar seu rebanho, prosseguindo em práticas produtivas e abandonando as improficuas.

É do conhecimento de todos que reprodutores puros, geralmente originários de países de clima diferente do nosso, não se adaptam ao nosso meio. Graças a este Serviço, entretanto, tem sido possível efetuar cruzamentos, que nos levarão ao tipo ideal para nossas condições ecológicas, criando um tipo de reprodutor brasileiro, que ainda não existe.

Em 1964, iniciamos o registro de reprodutores das raças Zebuínas leiteiras e da raça Charoleia. O número de animais registrados, no exercício findo, é uma prova inofismável da simpatia com que foi recebida esta nossa medida pelos criadores. Em 1965, foram registrados 254 animais da raça Charoleia e 532 reprodutores das raças Zebuínas leiteiras. Estes números tendem a aumentar, pois os pecuaristas já compreenderam que o registro valoriza seu rebanho.

Em 1965, foram efetuados 30% sobre os efetuados em 1964 — 2.271. Os registros provisórios alcançaram o número de 1.948, contra 1.565, em 1964, o que representa um aumento de 24,7%.

Os trabalhos efetuados pelo Serviço de Registro Genealógico estão agrupados nos quadros ao lado:

REGISTRO DEFINITIVO

Hol. Preta e Br.	514	946	219	41	17	1.737
Hol. Verm. e Br.	240	161	69	11	5	486
Schwyz	77	45	26	6	0	154
Jersey	0	51	5	0	0	56
Charoleia	0	185	30	18	1	234
Red Poll	7	4	3	5	0	19
Gir Leiteiro	26	20	109	77	0	232
Chianina	0	0	0	2	13	15
Sindi	0	0	0	5	0	5
Dinamarquesa	0	2	6	0	11	19
SOMA	864	1.414	467	165	47	2.957

REGISTRO PROVISÓRIO

Raças	Machos	Fêmeas	Nascimentos
Hol. Preta e Branca	422	758	1.180
Hol. Verm. e Branca	260	256	516
Schwyz	74	106	180
Jersey	1	7	8
Red Poll	16	22	38
Charoleia	10	16	26
TOTAL	783	1.165	1.948

Animais registrados

até 1964	42.955
em 1965	2.957
até 1965	45.912

Cartas recebidas	442
Cartas enviadas	1.249

COMUNICAÇÕES DE COBERTURA

Holandesa Preta e Branca	5.697
Holandesa Vermelha e Branca	996
Schwyz	715
Jersey	94
Red Poll	134
Dinamarquesa	1
Gir Leiteiro	1.831
Red Sindi	29
Charoleia	271

SERVIÇO DE CONTRÔLE LEITEIRO

Estabelecer o exato valor de uma vaca, através do conhecimento de sua produção, é o objetivo principal do Serviço de Controle Leiteiro. Os dados obtidos, analisados por técnicos especializados, permitem ao criador selecionar seu rebanho, conservando as boas reprodutoras e eliminando as más.

Durante o ano de 1965, foram controlados, pelo Serviço de Controle Leiteiro, 179 rebanhos, tendo havido um aumento de 29% em relação a 1964. Os rebanhos estavam localizados nos seguintes Estados:

	1964	1965
São Paulo	56	77
Minas Gerais	12	13
Paraná	65	82
Rio de Janeiro	5	6
Santa Catarina	—	1
	138	179

Este Serviço mantém atualmente, em controle efetivo, 172 rebanhos. Os animais controlados pertencem às raças: Holandesa preta e branca, Holandesa vermelha e branca, Jersey, Schwyz, Gir, Guzerá, Red Sindhi. Além dos mestiços das raças citadas, é controlado também o gado denominado "Tropical Leiteiro", de sangue 5/8 Red Polled x Zebu, pertencente ao Frigorífico Anglo, e ainda o lote de búfalos da Fazenda Sant'Ana do Rio Abaixo.

MOVIMENTO GERAL

	1964	1965
a) Contrôles individuais	35.458	42.549
b) Pesagens de leite	106.374	127.705
c) Provas de gordura	141.184	169.420

Como pode ser observado, o Serviço de Controle Leiteiro continua progredindo, graças à confiança que nele depositam todos os criadores e órgãos oficiais, que se baseiam nos dados por ele obtidos para elaborar muitos de seus trabalhos.

Em 1965, ingressaram no Serviço 2.342 vacas das diversas raças. O aumento, em relação a 1964 (1.345 vacas), foi de 74,5%.

LACTAÇÕES TERMINADAS

As lactações encerradas e calculadas alcançaram o total de 3.481, distribuídas de acordo com o quadro abaixo, pela raça e divisão a que pertencem:

DIVISÃO

	305 dias	365 dias	Totais
Hol. preta e branca	496	1.602	2.098
Hol. verm. e branca	161	349	510
Jersey	100	181	281
Schwyz	76	136	212
Gir leiteiro	81	118	199
5/8 Red Polled x Zebu	76	75	151
Red Sindhi	4	1	5
Guzerá	5	20	25
TOTAS	999	2.482	3.481

CORRESPONDÊNCIA

Além da correspondência rotineira, foram escritas 114 cartas de caráter técnico-informativo ou de retificação das práticas de controle.

CONTROLES DE INSPEÇÃO

Continuando a tarefa iniciada em 1964, foram feitos, em 1965, 90 controles de inspeção, os quais, comparados com os do ano anterior (31), evidenciam ter sido constante a fiscalização. Os trabalhos de inspeção, em relação aos efetuados no ano anterior, aumentaram de 190,3%.

PUBLICIDADE

O Serviço de Controle Leiteiro publica mensalmente, na "Revista dos Criadores", os resultados parciais de controle e também as lactações encerradas e os resultados da categoria de longevidade.

A seção "O que vai pelo Controle Leiteiro" analisa os fatos de maior destaque verificados no serviço.



MASTITE CURA-SE A JATO

Comprima o **JATOFLEX** e pronto:
FURACIN é a SOLUÇÃO

Tratamento rápido — de aplicação moderníssima — com medicamento poderoso, de amplo espectro bacteriano: **FURACIN Solução**, apresentado em **JATOFLEX** plástico. Específico para Mastites em vacas secas ou em lactação e para vacas e éguas no caso de infertilidade de origem bacteriana — Metrites.

FURACIN Solução não é sulfá nem antibiótico; tratamento sem toxidez nas dosagens indicadas; não irrita as mucosas; age mesmo em presença de sangue ou pus.



um produto dos

**LABORATÓRIOS
EATON DO BRASIL LTDA.**



R. de Janciro - Av. Rio Branco, 39, 15.º and.
São Paulo - Rua General Carmona, 102
Porto Alegre - Rua Ernesto Alves, 115
Distr. exclusivos: Cia. Ind. Farmacêutica.

GRÁTIS: Solicite folheto técnico

Nome _____
Endereço _____
Cidade _____ Estado _____

SERVIÇO DE ASSISTÊNCIA VETERINÁRIA

A atividade do Serviço de Assistência Veterinária, em 1965, foi bem maior, em todos os setores. Foi atendido maior número de animais, tendo havido maior diversificação nas espécies examinadas.

Como vem acontecendo nos últimos anos, tem sido solicitada com mais frequência a assistência veterinária para os pequenos animais. As distâncias

percorridas foram bem maiores, em razão da ida de nosso Veterinário ao Piauí, a Mato Grosso (duas vezes), ao Paraná (6 vezes), ao Rio Grande do Sul (1 vez) e a Minas Gerais (5 vezes).

Para melhor exposição, as atividades por este Departamento desenvolvidas durante o ano de 1965 estão agrupadas no quadro anexo, comparadas com as desenvolvidas em 1964.

I — RESUMO DOS TRABALHOS

Espécie	Vacinações		Exames		Exames		Interv.		Provas		Totais	
	Ginecol.		Clínicos		Cirurg.		Necropsias		Tubercul. Brucel.		Outras	
Ano	1964	1965	1964	1965	1964	1965	1964	1965	1964	1965	1964	1965
Bovinos	2013	2112	64	29	209	288	82	89	4	28	2087	585
Equinos	2	8	1	0	16	21	11	12	0	0	0	0
Suínos	442	498	3	0	111	125	89	87	9	14	0	0
Caprinos	4	4	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Ovinos	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Caninos	5	14	0	0	8	3	0	0	0	1	0	0
Leporinos	0	0	0	0	15	0	0	0	0	0	0	0
Avium	14	86	0	0	40	46	0	0	2	10	0	0
Total	2480	2722	68	29	384	498	182	188	16	53	2087	585

II — RESUMO MENSAL — 1965

Chamados	Dias	Vacinações	Exames	Exames	Provas		Totais	
			Clínicos	Ginecol.	Cirurgias	Tubercul.	Brucelose	Necropsias
Janeiro	15	15	195	15	4	30	10	20
Fevereiro	13	13	49	22	0	62	73	1
Março	13	15	20	94	4	9	12	2
Abril	9	23	472	34	3	31	26	5
Mai	14	16	69	26	4	1	86	1
Junho	20	24	182	73	6	2	132	6
Julho	13	23	1.163	39	1	24	7	1
Agosto	12	16	96	50	3	1	92	2
Setembro	16	20	85	49	1	2	52	4
Outubro	19	20	15	35	2	18	40	0
Novembro	10	12	187	35	1	2	42	2
Dezembro	10	13	207	26	0	6	13	9
TOTAIS	154	210	2.720	498	29	188	585	53

Em 1965, foram percorridos, pelo encarregado deste Serviço, 40.941 km, contra 29.847 km em 1964. Este total compreende:

Via Férrea	12.218 km
Rodovia	21.186 km
Via aérea	9.357 km

CORRESPONDÊNCIA

Foram recebidas 87 cartas e escritas 101.

O Serviço de Assistência Veterinária em 1965, expandiu seu campo de ação, alcançando as regiões mais distantes do País. Pode-se notar, pelo quadro, que se acentua cada vez mais o uso da estrada de rodagem e do avião, para um atendimento mais rápido aos interessados. O trabalho desenvolvido abrangiu todos os campos da medicina veterinária, desde os casos de clínica até a obstetria e diagnósticos de laboratório.

Muitos dos casos atendidos podem ser enquadrados na rubrica "Doenças comuns", frequentes em todas as regiões do Estado. Algumas moléstias, entretanto, estão incidindo com maior frequência nos rebanhos, como é o caso da "verruca" (papilomatose), que está atingindo zonas maiores, verificando-se que há disseminação do mal e deficiência dos produtos empregados para combatê-lo. As "diarreias"

(grupo grande de doenças) dos animais novos continuam a causar sérios prejuízos.

As intoxicações por ervas daninhas e inseticidas continuam pesando no cômputo geral dos acidentes, quase sempre mortais, parecendo-nos que os criadores não se inteiraram ainda da gravidade do problema.

Felizmente, diminuíram os casos de "raiva bovina", mas aumentaram os casos de piropasmose, anaplasmose, brucelose e aftosa. Em relação a esta última moléstia, deve ser destacado o surto havido nas proximidades da Capital, com alguns casos mortais ocorridos entre vacas em lactação, coisa que há muito tempo não se verificava.

O pequeno número de provas realizadas não nos permite comentários a respeito da tuberculose e brucelose, que constituem, sem dúvida, sérios problemas para os produtores de leite.

SERVIÇO DE ASSISTÊNCIA ZOOTÉCNICA

O Serviço de Assistência Zootécnica merece especial destaque, pois sua função é orientar os associados, para que obtenham maior desfrute em suas atividades, através de uma orientação técnica e segura.

Em 1965, o Zootecnista encarregado deste Departamento visitou 64 propriedades, orientando os as-

sociados na formação de pastagens, engorda em confinamento e seleção de gado leiteiro.

No exercício findo, foi dedicada especial atenção à seleção do zebu para leite. A Associação Paulista de Criadores de Bovinos, que há muitos casos vem incentivando os selecionadores, passou a colher os primeiros frutos de seu trabalho.

Atualmente, estão sendo controlados dez rebanhos Gir, três Guzerá e um Sindi, passando o Zebu de uma promessa, como produtor de leite, a uma palpável realidade.

Dêz vacas da raça Gir já ultrapassaram os 4.000 quilos de leite, em uma lactação. Estes resultados estão incentivando ainda mais os selecionadores, que estão vendo seus esforços coroados de êxito.

IV FEIRA NACIONAL DE ANIMAIS

Em Outubro de 1965, esta Associação realizou a IV Feira Nacional de Animais e o sucesso alcançado por este certame já é notório. A qualidade dos animais apresentados, a segurança oferecida, as facilidades para obtenção de financiamento trouxeram interessados de todos os recantos do País e de vários países sul-americanos.

A Feira Nacional de Animais é uma realização da APCB, que recebeu total apoio dos criadores nacionais, que nela vêm a oportunidade de adquirir reprodutores para renovação de seus plantéis, amparados por uma poderosa entidade de classe e por vários órgãos oficiais e particulares.

Os mil animais inscritos e o movimento de 500 milhões de cruzeiros mostraram que a Feira está definitivamente consagrada nos meios agro-pecuários.

Não podemos deixar de mencionar que o sucesso foi alcançado, também, devido à colaboração dos seguintes bancos: Banco Mercantil de São Paulo S/A, Banco do Estado de São Paulo S/A, Banco do Brasil S/A, Banco Comercial do Estado de São Paulo S/A, Banco Brasileiro de Descontos S/A, Banco Novo Mundo S.A., Banco do Comércio e Indústria de São Paulo S/A e Banco Federal-Itaú S/A, que financiaram as transações realizadas na IV Feira Nacional de Animais.

De 6 a 12 de Outubro de 1966, será realizada a V Feira Nacional de Animais, que está merecendo, desde já, nossa melhor atenção, motivo pelo qual, acreditamos, deverá suplantará as anteriores.

IX EXPOSIÇÃO DE GADO LEITEIRO

Realizar exposições de gado é uma das finalidades da Associação Paulista de Criadores de Bovinos, com o intuito de premiar os criadores que mais se destacarem na seleção dos rebanhos e incentivar aqueles que não conseguiram tão bons resultados.

Em contacto com os demais criadores, com técnicos especializados e com a indústria correlata, que comparecem às exposições, o criador moderniza seus métodos de trabalho, absorve novas técnicas e aprende a produzir mais e melhor, em seu próprio benefício.

A IX Exposição de Gado Leiteiro reuniu reprodutores de alto índice qualitativo, mostrando o que de melhor existe na nossa pecuária leiteira e fazendo antever que a pecuária paulista será, em breve, uma das mais adiantadas do mundo. Para esse certame, a APCB ofereceu 11 troféus e 28 taças, que foram atribuídos aos criadores cujos reprodutores alcançaram as condições especificadas em cada categoria.

Colaboramos, também, em outras exposições, não só no Estado de São Paulo mas também, em outros Estados, ora oferecendo taças e troféus, ora enviando técnicos para julgar nos certames.

ESTANCASANGUE

MIOZOL



Faz parar a hemorragia desinfetando e evitando os bicheiros.

Desinfeta o umbigo dos recém-nascidos, os cortes de castração, ou outras lesões de maneira técnica e prática.

Combate as micoses, os eczemas e pruridos.

INDÚSTRIAS BIO-QUÍMICAS MIOZOL LTDA.

Rua Estados Unidos, 1586 - End. Telefônico: CORUJA
SAO PAULO — S. P.

EXPEDIENTE

Pelo volume de correspondência, é possível avaliar a expansão de uma firma, seu movimento e seu progresso.

O número de cartas recebidas e enviadas aumenta continuamente, numa demonstração do prestígio que a APCB goza não só do Brasil, mas também em vários países do mundo. Recebemos consultas de criadores situados nos pontos mais distantes do Brasil, assim como de pecuaristas e interessados residentes em todo o Continente Americano e em vários países da Europa e da África. Isto demonstra, para orgulho nosso, que a Associação Paulista de Criadores de Bovinos deixou de ser uma entidade puramente regional, para se transformar numa das mais renomadas associações de classe do Brasil, respeitada também fora de nossas fronteiras.

O movimento geral da Secção de Correspondência, no exercício de 1965, foi o seguinte:

Cartas recebidas	15.842
Cartas enviadas	19.938
Circulares enviadas	120.000

Graças à dedicação e ao esforço dos funcionários que respondem por esta secção, em número igual aos dos anos anteriores, os serviços estão rigorosamente em dia, apesar do aumento de correspondência e outros encargos que lhes são confiados.

CADASTRO

Agregado à Secção de Correspondência, mantemos o Departamento de Crédito. Este Departamento é de vital importância nas organizações modernas, pois possibilita que as transações a prazo sejam efetuadas dentro de certos limites de segurança que garantam o sucesso da operação, preservando os interesses da firma.

Nossa Seção de Cadastro, embora contando com poucos anos de vida, conta já com 2.555 fichas completas, tendo sido iniciada a revisão de 350 fichas antigas, que não atendiam mais às nossas necessidades.

QUADRO SOCIAL

Em 1965, ingressaram em nosso quadro social 367 criadores, sendo: 295 Contribuintes e 72 Remidos, cifra que superou a média de um novo associado por dia, realmente excepcional.

No decorrer de 1965, foram retiradas do quadro de Contribuintes, por demissão e falecimento, 201 fichas, tendo, mesmo assim, ficado um saldo de 166 novos associados.

Em 31 de Dezembro de 1965, era a seguinte a situação do quadro social da APCB, em relação ao ano de 1964:

	Contribuintes	Remidos	Ben.	Total
1965	1.714	1.155	58	2.927
1964	1.620	1.085	58	2.761
Mais, em 1965	94	72	—	166

ANALISE DO BALANÇO

Imobilizado: Cr\$ 16.001.059, representando todas as imobilizações feitas pela Associação. Deste total, Cr\$ 9.449.782 representam o valor correspondente à aquisição da sede própria; Cr\$ 6.464.277 correspondem ao valor de móveis, instalações, máquinas, acessórios, etc.; Cr\$ 87.000 representam importâncias aplicadas em Marcas e Registros.

Disponíveis: Cr\$ 30.329.222 — representam os depósitos bancários e o saldo em Caixa, em 31 de Dezembro de 1965.

Realizável a longo prazo: Cr\$ 234.357, importância referente ao Empréstimo Compulsório à Eletrobrás, resgatável em 1967.

Realizável a curto prazo: Cr\$ 285.387.072 — Esta importância engloba todos os valores transformáveis em dinheiro. Deste total, Cr\$ 85.954.041 representam as duplicatas a receber; Cr\$ 3.704.027 representam as Contas a Receber, referentes à nossa participação de 33% no movimento da Revista dos Criadores; Cr\$ 21.360.000 correspondem ao lucro da III Feira Nacional de Animais. Esta importância foi aplicada em títulos, a vencerem em 31/1/1966; Cr\$ 172.819.938 representam o valor das mercadorias em estoque, em 31 de Dezembro de 1965.

Contas de Resultados Pendentes: Cr\$ 2.371.800 — referem-se a Obrigações do Tesouro (Fundo de Indenização Trabalhista); Cr\$ 72.600 correspondem ao Salário Família, pago no mês de Dezembro de 1965, saldo da verba de I.V.C., em 31/12/66, no valor de Cr\$ 522.661, e cheques em cobrança fora da Capital.

Não exigível: Cr\$ 225.024.665 — Estão enquadrados neste item o Capital, que é de Cr\$ 5.000, o Fundo Social, no valor de Cr\$ 130.421.300, o Fundo para devedores duvidosos, no valor de Cr\$ 4.197.702, o Fundo de Depreciação de Móveis, no valor de Cr\$ 1.967.655 e o lucro líquido obtido no exercício de 1965, no valor de Cr\$ 96.061.210.

Exigível a curto prazo: Esta conta engloba as contas a pagar em 30, 60, 90 e 120 dias, no valor total de Cr\$ 89.236.782, as obrigações a pagar, no valor de Cr\$ 5.905.597, a importância de Cr\$ 2.663.367, recolhida em Dezembro e a ser paga ao IAPC em Janeiro, impostos a pagar e a conta de pagamentos por conta de associados, no valor de Cr\$ 850.218.

Exigível a longo prazo: Corresponde ao saldo a ser pago à Caixa Econômica, referente à aquisição da sede própria.

Contas de Compensação: Este item corresponde ao valor dos títulos, duplicatas e cheques que se encontram em poder dos Bancos, para recebimento.

CONTABILIDADE

Todas as exigências legais estão sendo fielmente cumpridas. Os serviços atinentes a esta Seção, graças aos esforços da equipe responsável, se encontram na mais perfeita ordem. Esta afirmativa é corroborada pelo fato de, pela primeira vez em 40 anos, o balanço referente ao exercício de 1965 estar concluído no dia 20 de Janeiro.

ASSISTÊNCIA ECONÔMICA

Com esta designação, mantem a Associação seu Departamento Comercial, de cujos resultados retiramos os recursos necessários à manutenção e ampliação dos Serviços Técnicos que, desde a fundação desta entidade, nos têm sido possível oferecer aos associados. Os resultados obtidos dizem bem do desenvolvimento alcançado pela Seção Comercial que, graças à confiança que nela depositam todos os associados, vem-se expandindo, conseguindo sempre melhores resultados.

Bem servir aos associados constitui a preocupação constante da Diretoria, mantendo, assim, o conceito já criado pelas Diretorias anteriores que, com seu esforço e zelo, souberam engrandecer a nossa entidade.

Em relação a 1964, vendemos mais, em 1965, Cr\$ 320.208.644. Mesmo considerando a taxa de desvalorização de 45%, a Associação aumentou suas vendas de 35%, o que significa que medidas foram tomadas, visando diminuir as despesas e conseguir fornecedores que oferecessem maiores vantagens para as mesmas mercadorias.

O movimento geral de vendas foi o seguinte:
Vendas a vista Cr\$ 293.884.764
Vendas a prazo Cr\$ 422.598.061
As despesas, entretanto, também aumentaram consideravelmente, em razão dos melhores serviços que a Associação vem prestando e aos níveis salariais mais elevados.

Eis aqui o relato dos trabalhos realizados por esta Diretoria no decorrer de 1965, que temos a honra de submeter à apreciação dos prezados consócios, aos quais consignamos nossos melhores agradecimentos pela deferência com que nos distinguiram.

URBANO DE ANDRADE JUNQUEIRA
Presidente

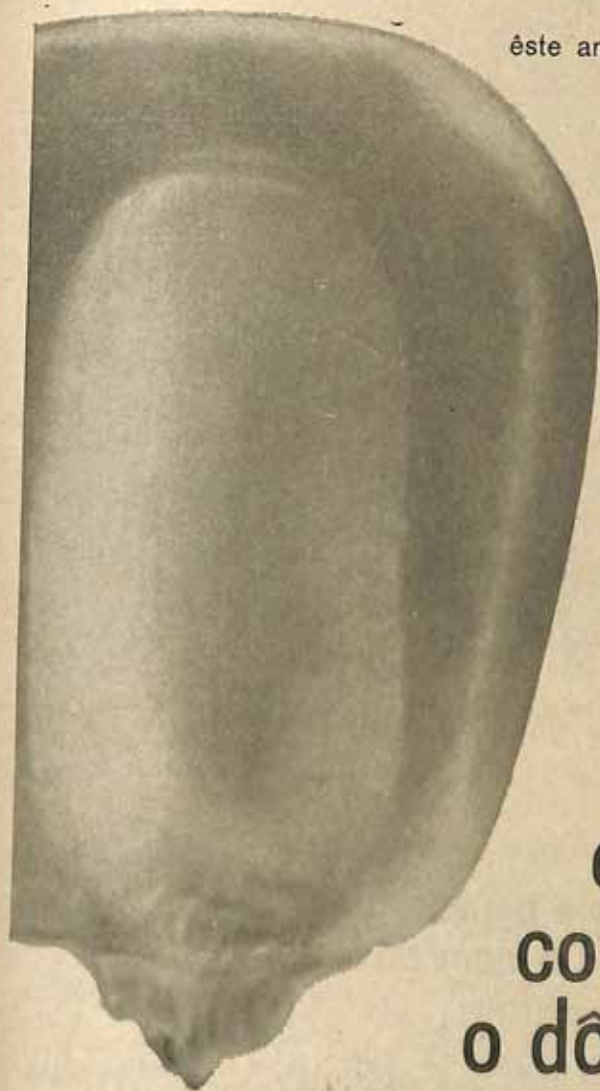
NOVO HERBICIDA

Está sendo lançado em nosso mercado um novo HERBICIDA SELETIVO PARA O ALGODÃO. Trata-se de HERBAN, produto fabricado nos Estados Unidos e já largamente usado, com absoluto êxito.

Experimentado em nosso País, confirmando os excelentes resultados obtidos nos EUA, HERBAN destina-se a garantir à nossa cotonicultura, como aconteceu no lugar de origem, o ALGODÃO SEM CARPA. Peça literatura a respeito pela Caixa Postal 8080 — São Paulo.



êste ano plante funk's



e
colha
o dôbro!

Com o milho híbrido FUNK'S G-901 você obtém: maior produção por planta, maior rendimento na debulha, desenvolvimento mais rápido e uniformidade na altura do milharal. Escreva-nos, para saber com mais detalhes por que neste ano você deve plantar FUNK'S!



SEMENTES SELECIONADAS SEMENTEC LTDA.

Caixa Postal 240 - CAMPINAS - SP

- Desejo receber ☐ Informações
☐ Condições de Venda e Entrega
☐ Amostras

Nome.....
Endereço.....
Cidade..... Estado.....



FUSIL — da raça Charolêsa, é apreciado por Dario Meireles e o dr. Hugo Prata, técnico da A.P.C.B., que assistiu à pesagem oficial deste perfeito espécime da raça, na qual acusou 590,500 kg, com a idade de um ano.

NA GRANJA SÃO MARTINHO

1.020 quilos com 34 meses - eis o pêso alcançado por um meio sangue Charolês-Nelore e com o rendimento de 620/o de carne

Quem está conseguindo êsse resultado, na engorda de bovinos é um criador já muito conhecido dos leitores da "Revista". Ocorre que em tempos idos sua especialidade era outra: criar gado leiteiro. Nesse mister também se tornou afamado, pois várias vezes foi detentor do "Balde" e da "Batedeira de Ouro" e até hoje quatro de suas produtoras não tiveram sua produção ultrapassada no quadro de recordes do Controle Leiteiro da Associação Paulista de Criadores de Bovinos. No setor do gado leiteiro, Dario Meireles irá retornar aos poucos, contando já com boa cabeceira de Holandeses. Mas isso é outra história. Vamos ao que nos propusemos escrever no início desta — o que é que Dario Meireles vem realizando na pecuária de corte.

IMPORTANDO GADO DA FRANÇA

Na sua nova atividade de criador de reprodutores de gado para corte e de invernoista mesmo, após vários estudos chegou a conclusão de que das raças estrangeiras para corte a que mais nos convinha era a Charolêsa. Isso por se tratar de raça rústica, precoce e produzir carne magra, que hoje é mundialmente preferida pelas donas de casa.

Há seis anos Dario Meireles e sua senhora, dona Marietta, que sempre o acompanha em seus trabalhos na Granja, foram à França onde adquiriram 25 cabeças de Charolêses, daí iniciando o trabalho que ora chega a esplêndidos resultados. Hoje conta com 60 fêmeas puras de origem e um bom plantel 1/4 de

sangue, de onde pretende chegar ao puro por cruza.

ZEBU COM CHAROLES

Partindo da premissa de que a pecuária nacional interessa animais com alto rendimento de carne, Dario Meireles passou a realizar cruzamentos para obter o tipo desejado. Afirma que ao gado zebuino sobra rusticidade, mas faltam precocidade e traseiro, que são as qualidades essenciais no animal tipo carne; mas, ao Charolês sobram essas características. Pretende portanto somar elementos de uma e de outra raça, através de cruzamentos adequados, até chegar ao tipo ideal para as nossas condições.

Enquanto o zebu consome cerca de 4 anos para chegar ao pêso de 470 quilos aproximadamente, em

regime de pasto, os animais resultantes de cruzamento levam apenas a metade desse tempo ou pouco mais, ou seja, 2 a 2,5 anos para, nas mesmas condições, atingir aquele peso. Em regime de confinamento, os resultados também vão além dos índices habituais.

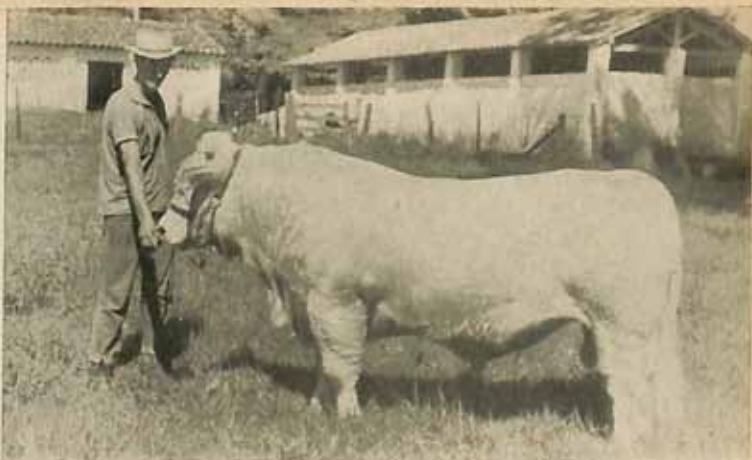
CONFINADOS

Dentre os animais pertencentes à Granja São Martinho, em regime de confinamento, destacam-se **Damasco S. Martinho** e **Danton S. Martinho**, ambos com 34 meses de idade. O primeiro é meio-sangue, filho de pai Charolês e mãe Nelore (registrados), e pesou este mês 1.020,500 quilos. Cumpre assinalar que se trata de pesagem oficial da A.P.C.B., a qual contou com a presença de seu diretor técnico, dr. Hugo Prata, e do diretor da "Revista dos Criadores". Trata-se de um dos melhores resultados obtidos por Dario Meirelles, no processo de cruzamento. E **Danton S. Martinho**, filho de touro Charolês e vaca Indubrasil, ambos registrados. Com 30 meses, **Danton S. Martinho** pesou 808 quilos. O criador destaca a preferência dada aos cruzamentos apenas com Nelore, embora o resultado obtido no cruzamento do Charolês com o Indubrasil também seja muito bom.

EM PASTO

Os mestiços são criados em regime de pasto. Dario Meirelles dividiu o rebanho de fêmeas (cerca de

(Conclui na pág. 68)



FUSIL — crioulo da Granja São Martinho é visto de perfil. Filho de Quinquin e Octavie, importados da França.

350) distribuindo-as nas suas propriedades de Campinas e Araçoiaba da Serra.

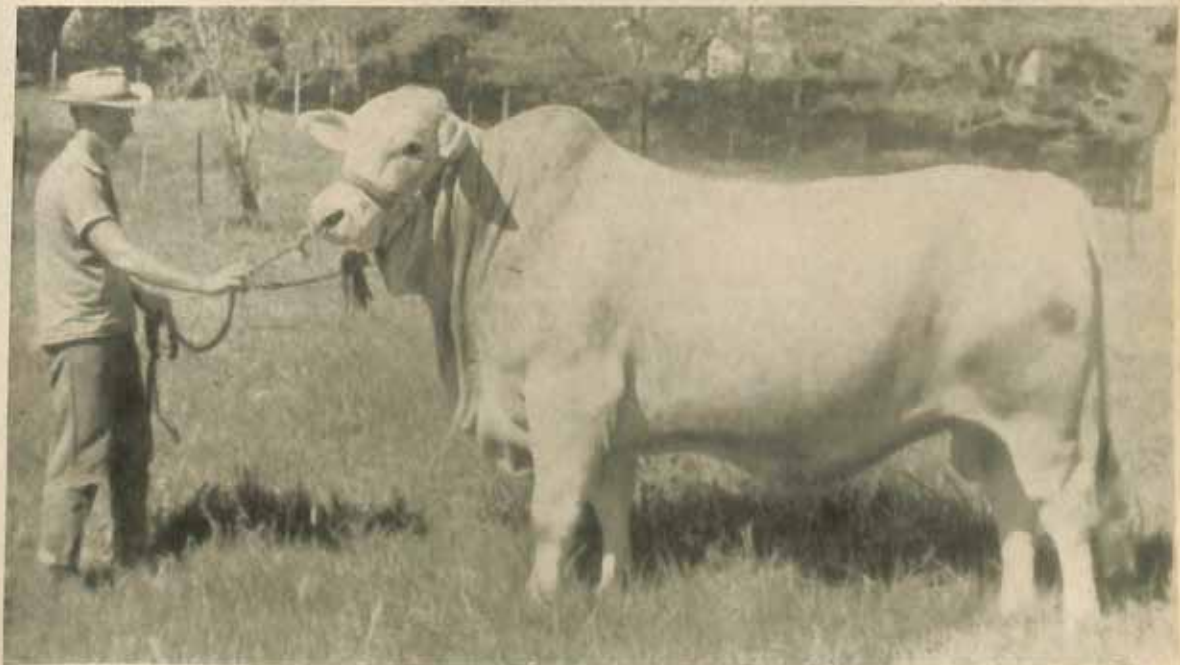
Na Granja São Martinho, no quilômetro 88 da Via Anhanguera, em Campinas, onde Dario Meirelles desenvolve a criação do Charolês puro de origem, **S. Martinho Edu** e **S. Martinho Fusil** são exemplos do que se pode obter com animais puros, criados em regime de campo. Nasceram na fazenda e são filhos de importados. **S. Martinho Edu**, nascido em 10/3/1964, chegou à balança, aos 22 meses, com 820 quilos e a média de engorda de 35 a 40

quilos cada mês. E na São Martinho produto que não alcance ganho de peso diário de 720 gramas é castrado. **S. Martinho Fusil** está com 12 meses e pesou 590,500 quilos, em controle oficial da A.P.C.B., que também contou com a presença do seu diretor dr. Hugo Prata. É um dos animais de melhor desenvolvimento e velocidade de ganho de peso da fazenda.

RENDIMENTO

Um dado de grande valor: Dario Meirelles levou um meio sangue

(Conclui na pág. 68)



DAMASCO — mestiço Charolês-Nelore. Pesou 1.020,500 quilos aos 34 meses. Um seu companheiro abatido na Cooperativa Agrícola de Sorocaba, aos 37 meses, pesou 904 quilos e deu o rendimento de 61,87%.



PAU D'ALHO — Reprodutor Nelore **MOCHO**, responsável pela formação do plantel da Fazenda São Vicente. Contando com a idade de 11 anos, solto na vacada e sem trato, mantém excelente condição física, demonstrando com isso grande rusticidade, uma das características da variedade Nelore. Notem-se, além de sua excelente conformação e pureza racial, a total ausência de chifres.



Conjunto de vacas Nelore **MOCHO**.

Lote de novilhas Nelore **MOCHO**. Podem-se ver a extraordinária uniformidade dos animais e a incomparável pureza racial, realçadas neste feliz flagrante.



O NELORE FAZENDA S

PROPRIE

Viúva João Za

TÉRMAS DE IBIRÁ (CATAN

Ende

Em S. Paulo: Rua Jacarézinho, 166 - Tel. 8-3777



Sede da Fazenda

LINHAGEM DA RAÇA D

Provindo de criação própria originou-se com o nascimento de um bezerro Nelore **MOCHO** produto do acasalamento de um touro puro NELORE, registrado, de nome Galã, com uma vaca pura NELORE, não registrada por apresentar ausência de chifres. O bezerro ass

E MÔCHO ÃO VICENTE

DADE DE

ncaner e Cintra

DUVA) - EST. DE S. PAULO

Em Catanduva: Caixa Postal 91 - E.F.A. - Tel. 76



Fazenda São Vicente.

FAZENDA SÃO VICENTE

...cido, e que recebeu o nome
PAU D'ALHO (foto acima),
colocado em lotes de vacas
Nelore, puras, daí surgindo o
banho Nelore MÔCHO, puro,
conta atualmente com cer-
de 40 fêmeas em idade de
produção.



O raçador Nelore MÔCHO PAU D'ALHO com três vacas da variedade Nelore MÔCHO formando admirável conjunto.



Matrizes Nelore MÔCHO a serviço da Fazenda São Vicente, cobertas pelo magnífico raçador PAU D'ALHO.

Reserva da Fazenda São Vicente. Esta promissora bezerrada aguarda idade para o acasalamento com o campeoníssimo DAMASCO, garantindo a continuidade da excepcional variedade Nelore MÔCHO da Fazenda São Vicente.



PASSADO E PRESENTE DO BOI NO NORDESTE

II

O que era o boi ibérico vindo para a Colônia — Como da bagaceira dos engenhos os currais se espalharam pelo Vale do S. Francisco e o Nordeste em geral — As tradições vicentinas transformam o bandeirismo predatório em bandeirismo pastoril — A chamada civilização do couro — O boi liga os ciclos do açúcar e do ouro — Diferença substancial e objetiva entre o boi do Nordeste e o boi do Sul — Apogeu e decadência das minas — Só o boi fica unido aos nódulos sociais do sertão — Surge o zebu no Nordeste — O pioneiro coronel Carlos Lyra e outros pioneiros — Os grandes rebanhos modernos — A democratização do boi no governo Paulo Guerra, de Pernambuco — A fazenda Teotônio, no Ceará, e a figura matriarcal de Idezith Paiva Câmara

VALDEZ CORRÊA

Não se tem certeza de que o indito donatário Antonio Pereira Coutinho trouxesse gado de Portugal para a sua Capitania da Bahia. É possível que na sua aparatosa expedição de sete naus viessem algumas reses, já que ele se propunha desenvolver os seus domínios para corresponder à confiança do rei e manter a fama que conquistara nas Índias, ao lado de Vasco da Gama e Afonso de Albuquerque, o terrível. Mas, os nove anos da sua permanência na Bahia foram tão desastrosos para ele próprio e para o Reino que, mesmo na hipótese de ter trazido gado, o seu pequeno rebanho não prosperou, ou mesmo

desapareceu, com a sua morte na mão dos índios, quando a Capitania ficou acefala até ser revertida à Corôa. A verdade é que Thomé de Souza, quando chegou à Bahia em 1549 para instalar o Primeiro Governo Geral do Brasil, pôde comprar ali três juntas de bois para as obras da construção de Salvador, embora não se diga de quem, esclarecendo-se somente que custaram vinte e oito mil reis. Devia ser, porém, bem pequeno o rebanho encontrado, porque uma das primeiras providências de Thomé de Souza foi despachar para Cabo Verde a caravela "Galga", com a incumbência de trazer, em duas

viagens consecutivas, o gado necessário à vida dos engenhos que se iam expandindo pelo Reconcavo e às necessidades dos moradores da nova capital.

UM PARENTESE EXPLICATIVO

A cana de açúcar passa por ser nativa da América, como a batatinha, que hoje importamos da Holanda. Diz-se que esta gramínea já existia no México por ocasião da descoberta e há quem afirme até que foi encontrada também em Mato Grosso, embora degradada. Mas, se existia no Novo Mundo, nem os índios do México nem os do Brasil faziam uso dela.

O açúcar só foi conhecido na Europa durante a Idade Média, quando os Cruzados trouxeram do Oriente as primeiras amostras. Era, naquela época, um produto raro, que apareceu primeiro nas farmácias como remédio e remédio caro. No entanto, quando os árabes desalojaram os gódos da Espanha, estabelecendo ali os seus califados, de entre as novidades que introduziram na península, uma delas foi o plantio da cana. E foram certamente mudas dessas plantações que a Espanha, mesmo antes da queda de Granada, levou para as Canárias. Portugal foi, porém, o maior beneficiado com a novidade, pelo proveito inteligente que soube tirar dessa riqueza, tornando-se, ainda no século XV, o principal fabricante de açúcar da Europa. Os vastos canaviais que plantou na Madeira, em S. Thomé e em outras ilhas, desenvolveram de tal modo a indústria do açúcar, inundando os mercados europeus, que, em 1498,



Um engenho colonial, em gravura da Rugendas.

Doni Manoel, receando que a superprodução aviltasse o preço da mercadoria, limitou a sua fabricação.

Os portugueses, vindo para o Brasil nos primeiros tempos da Colônia, não encontrando aqui, de início, a floração mineral que esperavam, e tendo que se dedicar a alguma atividade mais rendosa do que pegar papagaios e colecionar cocães, apelaram para as culturas conhecidas e de aclimação nos trópicos, como a cana. Conta-se até que, muito antes das Donatárias, o capitão da costa Pedro Capicó já mantinha na Feitoria de Pernambuco um engenho de açúcar e o seu produto pagava imposto à alfândega de Lisboa. E a própria Coroa, que limitara a produção nas Ilhas, foi a primeira a estimular as plantações na Colônia porque, em consequência da revolução comercial, que elevava o padrão de vida na Europa, aumentara o consumo do açúcar devido à capacidade aquisitiva do povo.

O primeiro engenho montado no Brasil, como organização industrial, foi o Engenho do Governador, de Martim Afonso de Souza, em S. Vicente. Para as suas atividades, d. Ana Pimentel, esposa do donatário, mandou de Cabo Verde o primeiro gado também vindo para o Brasil, mais ou menos em 1533. Digase, porém, que tanto essas rezes como as que entraram em Pernambuco na mesma época não tinham finalidade pastoril, isto é, não foram importadas com a preocupação de formar um rebanho colonial, mas, tão somente proporcionar aos engenhos a força motriz necessária. Se delas se desenvolveu uma criação, esta foi toda fortuita, como consequência exclusiva da alta fertilidade que os animais demonstraram no novo meio, fertilidade tamanha — diz um cronista colonial com evidente exagero que, “enquanto a filha mamava na mãe, a mãe continuava mamando na avó”. Assim, aconteceu com o boi o que sucederia com o negro que também veio da África para o fim exclusivo de trabalho e, no entanto, se desviou da sua linha dinâmica para servir de matriz genética a este típico atômico de mulher: a mulata, que, de início, também não fazia parte dos planos divinos, na hora maravilhosa do Genesis. Mas, fechamos o parentese em tempo, porque acabamos de chegar da Bahia, ainda cheirando ao acarajé...

O FUNDADOR DA PECUARIA NACIONAL

Do gado vindo pela caravela “Galga”, duas vacas foram vendidas a um jovem português, que veio com Thomé de Souza e servia de feitor e almoxarife das obras de construção de Salvador: Garcia d’Avila. Pelo mesmo preço de dois

mil e quinhentos reis, os animais restantes foram adquiridos por outros interessados, reservando Thomé de Souza doze vacas e um touro, com que presenteou o padre Manoel da Nobrega, que com ele viera chefiando um grupo de jesuítas encarregados de dar início à catequese dos índios. Deste pequeno rebanho, destinado à dieta do Colégio o mesmo religioso nos dá notícias dez anos depois, esclarecendo que progredira tanto que já passava de cem cabeça e seriam mais — continua ele informando no seu estilo pitoresco — se o Provincial padre Luis da Grã “não me fôra à mão com isso”, porque a criação do Colégio era “a melhor que há cá”.

Garcia d’Avila era protegido e amigo de Thomé de Souza. Jovem e ambicioso, dizem que também sem escrúpulo, não lhe foi difícil desprender-se do seu cargo oficial, por nele não ver futuro. Com as suas duas vacas e naturalmente mais outras que adquiriu com o tempo, talvez até mesmo dos jesuítas, abriu ele o seu curral em Itapagipe, depois em Itapoã e finalmente em Tatuapára, a oito leguas de Salvador, na costa, em terras de



Negros na faina do açúcar, sob a fiscalização de um feitor branco.

sesmaria do Conde de Castanheira, mas que depois foram dele. Foi dali que partiu para a sua grande aventura de primeiro homem que deu às suas atividades rurais um sentido verdadeiramente criador, com objetivo determinado de formar rebanhos e criar uma pecuária colonial. A sua criação prosperou tanto que ainda em vida se tornou a figura economicamente mais importante da Bahia. E assinalou sua opulência, construindo, ali em Tatuapára, o famoso castelo, conhecido ainda hoje como Casa da Torre, cujas ruínas lá estão a atestar o descaso que o governo tem pelas coisas do nosso passado, quando



Ruínas da Casa da Torre, em Tatuapára, de onde Garcia d’Avila partiu para a sua grande arrancada pastoril, formando a vanguarda da civilização do couro.



A não menos famosa Casa da Ponte, que ainda existe em Salvador, fundada pelo mestre de campo Antonio Guedes de Brito.

aquilo podia ser um atraente recanto de turismo.

Garcia d'Avila constituiu família, como era de hábito naquela época, em que o próprio governo português, por falta de mulher branca na Colônia, mandava orfãs para casar: unindo-se a uma índia. Do casal nasceu um rebento vigo-



O capitão de mato foi uma instituição colonial, necessária para a captura dos negros fugidos e para reduzir as atividades predatórias dos quilombos.

roso — Izabel d'Avila — vergontea mameluca que, com o seu viço de mestiça, se desdobrou em árvore frondosa, que desenvolveu a linhagem dos d'Avila numa das famílias mais numerosas e opulentas da Bahia. E de tanto prestígio, de tanto renome, que Capistrano de Abreu se admirava de que nesta terra de escrevinhadores não tivesse aparecido ainda alguém para escrever a sua história, o que acabou fazendo Pedro Calmon.

A Casa da Torre, com a morte do seu fundador — que é considerado o patriarca dos criadores nacionais — continuou expandindo-se e mantendo o ritmo da sua grandeza durante todo o período colonial. Os seus domínios eram tão vastos que se estendiam — diz Antonil — por 260 leguas rio S. Francisco acima, pela margem direita, e 80 leguas, rio abaixo, rumo do Norte. E Afonso Arinos, estimando as dimensões dessas sesmarias, calculou em 1.500 quilômetros a vastidão de tais latifúndios.

Dos descendentes de Garcia d'Avila, o mais celebre foi Francisco Dias d'Avila, pai do último Garcia d'Avila, cuja mãe — Leonor Pereira — ao enviuar com uma renda anual de 50 mil libras, comprou para ele, por alta soma, os fôros de nobreza.

O VALE DOS CURRAIS

A medida sábia de Dom João III, estabelecendo o Governo Geral do Brasil, deu extraordinário desenvolvimento, não apenas à Capitania da Bahia mas também às demais, afastando-se definitivamente o perigo que obrigara Dom Manoel a manter em segredo, durante algum tempo, as suas terras do Novo Mundo, pelo que é chamado de rei descobridor e encobridor. Realmente, a Colônia prosperava, povoava-se e fortalecia-se para se garantir contra a ambição estrangeira, que ainda ameaçava a sua soberania, como no caso dos Holandeses que de fato chegaram a firmar-se no Nordeste mas acabaram por ser expulsos de lá, não se sabe se por sorte ou por infelicidade nossa. A Bahia sobretudo engrandecia-se, com seus engenhos povoando o Recôncavo, espralhando os seus canaviais pelas margens dos rios. A população negra aumentava cada dia mais com os grandes contingentes de escravos chegados da África para a vida dos engenhos e dos campos. Muitas culturas, além da cana, já constituíam fonte econômica de alto valor, como a do fumo, que se tornara a maior depois da cana, a do algodão, que também se alastrava e sobretudo a lavoura de subsistência, a mandioca, tão importante que a farinha se tornara a moeda corrente da Colônia. Mas, devido à falta de cercas — porque nem na Europa o arame era conhecido ainda —

começaram a surgir conflitos entre lavradores e criadores, porque o gado prejudicava as plantações. E esses conflitos foram-se amiudando tanto que foi preciso uma Carta Regia, limitando ao mínimo de dez leguas da costa o afastamento dos currais.

O maior obstáculo para a execução desta Carta Regia foi oferecido pelos índios, cujos ataques obrigavam os criadores a conservar os currais na orla marítima, onde a defesa era mais fácil. Havia também a ameaça constante dos negros fugidos, que formavam seus quilombos no recesso da mata, de onde saíam em correrias que punham a população em alvoroço. Muitas medidas foram tomadas para afastar estes embaraços, mas, sem êxito apreciável. Até que o Senado da Câmara e o povo resolveram apelar para os Paulistas, cuja fama de guerreiros e prática sertaneja eram conhecidos. Domingos Barboza Calheiro, Estevão Ribeiro Bayão Parente, Braz Rodrigues Arzão, Matias Cardozo Barbosa — eis alguns dos bandeirantes que foram convocados para esta guerra justa. De todos, o mais famoso foi Domingos Jorge Velho, que, enquanto combatia os índios do Vale, fazia o cerco de Palmares, a célebre Troia Negra de Alagoas, que resistiu he-



Dom Manoel Saldanha, 6.º Conde da Ponte, que, casando com a mameluca Joana de Brito, filha do mestre de Campo Guedes de Brito, consolidou a nobreza dessa família já iniciada pelo primeiro casamento de Joana com o Conde de Castilho. Daí veio o nome de Casa da Ponte, no velho solar colonial.



A grande corredeira do S. Francisco, pelos índios Cariris chamada Pira-Poré, onde foram destroçados pelo bandeirante Matias Cardoso, durante a "guerra justa". No local, assenta hoje a cidade mineira de Pirapora.

roicamente durante muito tempo e ao ser destruída, marcou a sua rendição com um gesto patético: o Zumbi e todo o seu estado maior, preferindo a morte à escravidão, precipitaram-se do alto de um penedo, oferecendo-se em holocausto à ansia de liberdade da sua raça.

Os índios ofereceram resistência inútil, porque acabaram também mortos ou aprisionados. Dissemos, na reportagem anterior de apresentação do meio histórico, que o Vale, na época da descoberta, era povoado pela grande família dos tapuias, muitos — esclarecemos agora — pertencentes ao grupo *gê*, que Stwart coloca como intermediário entre os gentios de cultura mais elevada e os que tinham atingido um embrutecimento quase total, a ponto de esquecerem até a arte da cerâmica. Os sobreviventes desta luta refugiaram-se nos sertões, indo habitar o Araguaia, o Tocantins, o Xingu e outros rios, onde seus descendentes ainda vivem com a designação de Caiapós, Carijós, Pimenteiros, etc. Dessas tribus, uma, a dos Cariris, procedente do Ceará, vivia há muito tempo a margem de uma corredeira do São Francisco, por eles chamada Pira-Poré (salto do peixe), no lugar hoje ocupado pela cidade mineira de Pirapora. Foram destroçados pelo bandeirante Matias Cardoso, que ainda hoje dá o nome a uma cidade do Vale.

A proporção que o Vale ia sendo limpo, em obediência à Carta Régia, as boiadas seguiam no encaixão dos sertanistas e os currais se espalhavam principalmente pelo território do atual Estado de Sergipe, que foi o maior centro de criação da época. E assim se foram disseminando, espalhando-se depois por todo o Nordeste e penetrando até as matas úmidas do Maranhão. Não tardou que toda aquela imensa região se tornasse o maior centro de criação da América do Sul, naqueles dias.

Muitos dos Paulistas que participaram daquela guerra justa não

mais voltaram para Piratininga, permanecendo no Vale, onde serviram de tronco a famílias que ainda hoje vivem por lá. Aqueles sertanistas, que assim cruzavam as armas e abandonavam a caça ao índio, apenas cederam inconscientemente as tradições vicentinas dos seus antepassados, passando do bandeirismo predatório ao bandeirismo pastoril. A mesma coisa eles farão no Sul, quando se abrir o ciclo da mineração e eles trocarem a existência nomádica de predadores pela vida mais estável de estancieiros.

A CIVILIZAÇÃO DO COURO

No fim do século XVII e começo do XVIII, o Vale e todo o Nordeste viviam o que se convencionou chamar a *civilização do couro*. Os rebanhos se espalhavam da Bahia ao Piauí em numerosas manadas e só no S. Francisco — informa Thales de Azevedo — havia currais com 200, 300 e até 400 mil cabeças de gado. Para se ter uma idéia aproximada do rebanho colonial do Nordeste, basta dizer que somente a Bahia gastava 50 mil meios de sola para encapar o funo que exportava para Portugal, sem contar as milhares de peças que mandava para os cortumes do Reino. Isto sem incluir os que utilizava para as necessidades locais, porque tudo, naquele tempo, era de couro. "De couro, era a porta da cabana, o rude leito aplicado ao chão e mais tarde a cama para os partos; de couro, eram todas as cordas, a *borracha* para carregar a água, o *mocó* ou alforje para levar a comida, a *maca* para guardar a roupa, a *mochila* para milhar o cavalo, a *peia* para prendê-lo em viagem, as *bainhas* de faca, os *surrões*, a roupa para entrar no mato, os *banguês* para cortume e para apurar o sal; para o *agude*, o material de aterro era levado em couro puxado por juntas de bois, que calçavam a terra com seu peso; em couro, prepara-

va-se o rapé para o nariz". E de couro — esqueceu Capistrano de acrescentar — era o *ajoite* que lanhava o lombo do negro no eito e na senzala.

A importância do boi foi tamanha naquele período colonial que a toponímia sertaneja ainda hoje guarda a sua memória no nome de cidades como Curralinho, Malhada, Vacaria, Bezerros, Manga, Campos Novos, Porteirinha, Campo Formoso, Feira Velha, Bebedouro, etc.

Foi nesse período que apareceu no cenário colonial outra grande figura de criador: o mestre de campo Guedes de Brito, fundador da Casa da Ponte, cujo solar ainda hoje existe em Salvador. Esta família



O vaqueiro do Nordeste, no seu traje típico de trabalho nas aspersas caatingas. Ele e o cavallinho se completam na frugalidade, na resistência e na bravura.



Com o advento das minas, os negros fugiam e iam também aventurar-se nas catas, muitas vezes por conta própria, escondidos da rigorosa fiscalização real que rondava os garimpos.

poderosa, que possuía 160 leguas de sesmarias do morro do Chapéu até as nascentes do rio das Velhas, teve também, como a de Garcia d'Ávila, um tronco indígena. Foi uma descendente do mestre de campo, a mameluca Joana de Brito que, casando com Dom João de Mascarenhas, conde de Caculim, estabeleceu o contacto dos Guedes de Brito com a nobreza do Reino. Enviuvando depois, ela casaria novamente com Dom Manoel de Saldanha, filho de Dom João Saldanha da Gama, vice-rei da Índia. E com a morte do pai, o marido de Joana ficou sendo o 6.º Conde da Ponte, donde o nome de Casa da Ponte, que tomou o solar dos Guedes de Brito. Os domínios desses potentados, com a morte do mestre de campo, foram comprados à sua viúva pelo celebre judeu português Manoel Nunes Viana, que conduziu a guerra dos Emboabas contra os Paulistas.

ORIGEM DIFERENTE DO BOI DO NORDESTE E DO BOI DO SUL

E é aqui a oportunidade de dar um esclarecimento que até devia ter sido feito no início: há uma diferença substancial e objetiva entre a origem do boi colonial do Nordeste e o do Sul, tendo os dois de comum apenas o padrão racial do mestiço ibérico.

No Nordeste, o boi foi trazido das ilhas portuguesas com a finalidade determinada de servir nos engenhos e campos de lavoura e acabou, pela sua fertilidade espantosa, constituindo a base da pecuária colonial. O gado levado para a Bahia, como o introduzido em Pernambuco, em S. Vicente e nas outras Capitânicas, era gado manso, já afeito ao convívio do homem, co-

mo gado de cria que era e continuou sendo.

Já no Sul não houve importação e o gado que o Paulista encontrou ali, quando chegou para dar início ao ciclo da preta, era gado selvagem, constituído de numerosas manadas alçadas, desenvolvidas à lei da Natureza e oriundo das semeadas vindas das reduções jesuíticas do Paraguai, principalmente dos remanescentes do rebanho levado do Perú para os campos platinos por Dom Juan Torres de Vera y Aragon. Não se tratava, pois, de gado de cria, mas de gado bravo, sem dono — *res nullius* — como diz Oliveira Viana, desafiando apenas a audácia de quem tivesse arrojo para caçá-lo e disputá-lo aos charreiros e minuanos, como fez o Paulista. Por isso, os bandeirantes, quando avançaram dos antigos limites coloniais da Lagoa Mirim, levando nos seus trabucos os farrapos do Tratado de Tordesilhas, a fim de afastar as fronteiras do Brasil para os barrancos do Rio Uruguay e do Prata, continuaram sendo por lá o que eram em Piratininga: simples predadores. Não de índios apenas, mas, de gado também; não de gado de cria, mas, de gado selvagem. Essa é a razão por que, enquanto no Nordeste o curral teve um sentido demográfico, marcando a posse da terra e o povoamento do solo, no Sul, foi um simples campo de retenção do gado bravo arrebanhado sem a menor preocupação criatória e quase sempre com a exclusiva finalidade de fornecer apenas a courama, deixando a carcaça ao abandono. E cumprida esta façanha, o curral encerrava sua função momentânea e seguia com o bandeirante para a frente, deixando atrás o deserto. Só depois, na época da mineração, quando o Sul foi convidado a cooperar com o Nordeste, fornecendo gado e principalmente tropa para os centros auríferos, só nessa ocasião o paulista dos pampas pensou em fazer do curral um ponto fixo, que servisse para estacionamento dos animais destinados ao Planalto Central e onde as crias, nascidas durante esta espera, fossem aproveitadas. O homem, então, desceu

do cavalo, construiu seu rancho definitivo e fez-se estancieiro, reintegrando-se, como já acontecera no Vale, nas suas tradições pastoris. Daí estes dois tipos semelhantes mas não idênticos, porque distintos nos hábitos de trabalho, no modo de vestir, na alimentação, e sobretudo na psicologia: o vaqueiro do Nordeste, humilde, frugal, taciturno, como que eternamente empolgado pelo meio triste, que se traduz no aboi melancólico com que leva a rez ao curral: e o vaqueiro gaúcho, alegre e fanfarrão, transbordante de eugenismo, bem alimentado na carne sangrenta dos churrascos, que o chimarrão ajuda a digerir; um correndo nas caatingas, vestido de couro, para se defender dos espinhos, para derrubar o boi pelo rabo, na *musica* — como tão bem escreveu Euclides da Cunha com o seu estilo orfeônico; o outro, correndo pelo descampado das planuras, apenas atapetadas de erva missioneira, como um centauro mitológico, para bolear esporadicamente, emaranhando o boi pelas pernas para derrubá-lo. Ambos vergontes de um mesmo tronco, que nasceram opostas e acabaram convergindo para a copa da mesma nacionalidade, unificados pela bravura e... pelo boi.

O ADVENTO DAS MINAS

Foi no meio desse fastígio do boi que a terra, finalmente, depois de guardar ciumentamente nas suas entranhas as incalculáveis riquezas que a Natureza lhe confiara, resolveu ceder à insistência de 200 anos de porfiadas tentativas do colonizador, revelando os seus tesouros. Em 1698, denunciavam-se as jazidas auríferas do rio das Velhas e do Paraopeba; em 1718, Sebastião Raposo Pinheiro descobre as minas do rio das Contas, na Bahia; em 1719, Pascoal Moreira Cabral anuncia as minas do Coxipó-Mirim, em Mato Grosso; em 1721, Miguel Sutil lavra as jazidas de Cuiabá. E nesta sequência espantosa, o solo brasileiro foi mostrando suas maravilhas ao colonizador, até que remata esta atordoante exibição aurífera indicando, em 1729 as jazidas diamantíferas de Cerro Frio.



As cidades do Vale continuam esperando que o boi vá despertá-las para uma nova civilização, que dinamize a vida do seu povo.

Todo este inesperado e contínuo jorro de ouro e diamantes, surgido quase de imprevisto, quando até já ninguém acreditava nas lendas que corriam sobre as riquezas minerais do solo brasileiro, causou uma profunda perturbação na vida colonial. No Nordeste, muitos engenhos paralisaram as atividades porque faltava o braço escravo, que era disputado por alto preço nos campos de mineração. Negros, por sua vez, fugiam ao menor descuido, embrenhavam-se pelos matos, não mais para organizar quilombos, mas, para ir buscar nas catas a esperança de dias melhores. Do Reino chegavam levadas contínuas de aventureiros, no meio dos quais fi dalgos arruinados, que, à notícia dos tesouros coloniais, vinham para aqui tentar uma restauração da fortuna; até padres e frades eram encontrados cavando o chão e pe neirando a bateia, na ansia de encontrar a felicidade aqui mesmo neste mundo.

A vida colonial desorganizou-se de tal modo, com uma carestia tão imprevista agravando a subsistência do povo das cidades, que até mesmo em Salvador a carne faltou, porque o boi passou a ser disputado nos currais para ser levado para os campos de mineração, onde era vendido a 15, 20 e 30 oitavas de ouro. Em S. Paulo, também atingido, foi preciso que as autoridades requisitassem o gado que os criadores recusavam entregar para o corte — donde se vê que a SUNAB não é novidade no Brasil.

Enquanto isto, no Reino o advento das minas causou um reboliço tão grande que exigiu até medidas para que Portugal não se despoiasse, pois todo o mundo queria vir para o novo El-Dorado. O próprio Dom João V, que nunca teve a cabeça muito em ordem, foi o primeiro a receber a notícia da descoberta do ouro com exhibições de *rastaquôere*, mandando uma espalhafatosa embaixada comunicar aos reis e ao Papa o alvissareiro acontecimento. Em vez de aproveitar a providencial fortuna para restabelecer a economia do Reino, que continuava vivendo em aperturas desde a Restauração e sobretudo em consequência do Tratado de Methuen, passou as ostentações devotas, gastando 120 milhões de cruzados na construção do Convento de Mafra; mandando fazer capelas em Roma, como a de São Roque, construída por desenho de Vanitelli e armada na basílica de São Pedro exclusivamente para que Benedito XIV celebrasse nela a primeira missa, pelo que deu ao Papa 100 mil cruzados; retribuindo ao pontífice, com 120 mil cruzados, o presente de uma imagem por ele dada; comprando por somas astronômicas o título balófo de Fidelíssima, com que quiz rivalizar com o



O boleador gaúcho é o centauro da mitologia que reviveu nos pampas, trabalhando numa arena que é praticamente um campo esportivo, onde ele exercita o seu transbordante eugenismo.

de Majestade Católica que tinham os reis da Espanha; entornando nos cofres do Vaticano o Tesouro do Reino, para obter a Patriarcal de Lisboa. E assim por diante, até que, sentindo-se morrer e sem ainda uma certeza de que iria para o céu, deixou encomendadas e pagas 700 mil missas pela sua alma, o que certamente continuava rezando.

No fim de toda essa orgia, Portugal e Brasil ficaram pobres, apesar das toneladas e toneladas de ouro — Humboldt calcula em 1.342.000 quilos — que o nosso solo jorrou.

SURGE NO VALE O MANDONISMO DOS CORONEIS

Quando as minas entraram em decadência, o Vale foi teatro das maiores cenas de banditismo, instalando-se ali um clima de insegurança tão grande que foi preciso a interferência corajosa de homens como o coronel Januário Cardoso,

filho do bandeirante Matias Cardoso Barbosa, que ainda hoje dá nome a uma cidade da região, a fim de restabelecer a ordem. Desde então cada trecho do Vale ficou sob a proteção de um chefe local, inaugurando-se com esta medida o mandonismo dos coroneis, que se prolongou através dos tempos até a República. São muitas as cidades que ainda recordam aqueles dias tumultuosos de insegurança e de crimes. Em Pilão Arcado, por exemplo, as ruas tinham nomes típicos: rua do Tiro, beco da Cacetada, largo da Morte. Santo Sê, era Santo Sê do Pau Furado; Remanso, era Remanso dos Valentões. E como naquele meio de pimponices a cidade de Xique-Xique não era de nada, queria viver em paz com o seu povo, deram-lhe o apelido de Xique-Xique dos Bundão.

O Vale, que foi a região mais movimentada da Colônia, prostrou-se



O administrador da fazenda, que já foi um tipo inconfundível na vida rural do Brasil, é um elemento de confiança que se vai tornando raro, depois que a demagogia penetrou nos campos. Ainda há, porém, grandes representantes desta classe tão útil, como o nosso amigo Antonio Ferreira da Silva, que aqui aparece ao nosso lado e do dr. Carlos da Rocha Cavalcanti, de quem há 26 anos administra a seção de pecuária das Fazendas Reunidas Guanabara, de Alagoas, onde vive há 32 anos.

desde então e continua ainda hoje sua vida obscura, com uma população numerosa vivendo apenas em função do rio, servido por uma navegação obsoleta, que sobe e desce como um bondesinho de burro, pa-

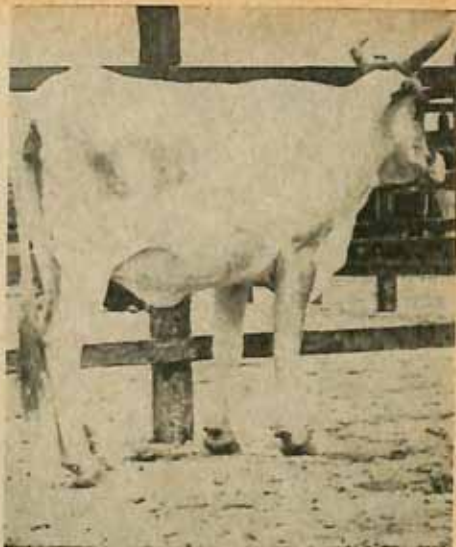
rando aqui, para um caboclo saltar; parando ali, para dona Filomena subir; encostando num barranco, para descarregar um engradado de pinga; atracando mais adiante, para deixar uma carta. E nisto

gastando seis dias para atingir Joazeiro, viagem que poderia ser feita em menos tempo, mesmo com os barcos atuais, se uma boa parte do tempo não fosse ocupada em abastecer-se de lenha ao longo da rota.

No entanto, aquelas terras cheias de varzeas riquíssimas de aluvião que o rio todos os anos espalha profusamente — motivo por que o São Francisco já foi chamado de Nilo brasileiro — poderiam ser aproveitadas e até se transformar num celeiro nacional. Mesmo sem considerar a região da caatinga seca — que também poderia ser recuperada com os modernos processos agrícolas que fizeram de Israel, as terras mais safaras do mundo a verdadeira Canaan dos hebreus — se no Brasil houvesse um programa nacional. Mas, como pensar nisto num país que a cada passo está importando feijão e banha e arroz e manteiga e leite em pó e batata e carne do Exterior? No entanto, até a uva dá bem no Vale, onde quase sempre oferece duas colheitas por ano; a mamona ali é quase nativa; o algodão dá bem. Tirando, porém, as culturas de cebola feitas pela irrigação artificial dos cataventos, que se observam antes de chegar a Joazeiro e uma ou outra indústria de peixe seco, feita ainda por processos coloniais — nada há ali que tenha uma significação econômica moderna. Só os seus imensos campos, que já foram povoados pelos maiores reba-



Todos sabemos que, por ocasião da Independência, as tropas portuguesas pretenderam oferecer uma reação, sob o comando do general Madeira. Esta veleidade foi destruída pelo exército imperial, sob o comando do general Labatut, que liquidou a pretensão na luta dos famosos campos de Pirajá, cantada pelo éstro condoreiro de Castro Alves. Estes campos históricos, próximos de Salvador, constituem hoje a Fazenda Pirajá, do dr. Miguel Vita, que ali mora neste castelo, construído justamente no lugar onde o general Labatut teve o seu estado maior.



Na opinião do dr. Alberto Santiago, o gado colonial teria chegado aqui com uma tintura de sangue do zebu africano. A comparação entre este touro Africander e esta vaca "pé duro", do remanescente colonial que ainda vive no Vale do S. Francisco, realmente parece confirmar esta hipótese. Nos anos que esta vaca levou para chegar a este ponto, três gerações de zebu já tinham ido para o corte.

nhos da América do Sul — só nisto a economia do Vale teria a sua independência, porque, mesmo sem assistência sanitária, o clima é tão propício que nem a mosca do berne existe ali — motivo por que o couro da região é muito valorizado. E se já hoje há ali pragas como o carrapato, zoonoses como a aftosa e a brucelose, é porque isto vem de fora, trazido pelas boiadas que entram do Piauí e de Goiás para as xarqueadas dos herdeiros de Geraldo Rocha e outras semelhantes, sem encontrar barreiras de vigilância. Pois nem uma pecuária moderna existe no Vale e o que lá encontramos é ainda o remanescente do rebanho colonial, o *pé duro* que dali continua saindo até para a Feira de Santana, na Bahia, que é uma das maiores feiras de gado do Nordeste.

Soubemos que a Comissão do Vale do São Francisco possui distritos veterinários e mesmo estações destinadas a difundir reprodutores leiteiros na região. Estivemos em Pirapora com funcionários deste serviço, que estaria sendo executado, e até nos foi prometida a remessa de dados e fotografias, o que não recebemos. De modo que a única iniciativa realmente apreciável que encontramos nesta viagem foi a do governador Paulo Guerra, de Pernambuco, que, com a finalidade de melhorar a carcaça do boi colonial, vem trocando estes animais anti-econômicos por tourinhos mestiços de zebu — o que, indiscutivelmente, já é um passado dado.

O PIONEIRO CORONEL CARLOS LYRA

O gado iberico vindo para a Co-

lônia era o mesmo mestiço que a Espanha também mandou para as suas colônias americanas. Nenhuma das raças que hoje conhecemos deixou nele vestígios dominantes, porque, com a falta de conhecimentos zootécnicos da época, não se pensava ainda em cruzamentos orientados para fins de seleção. Se alguma tendência ele demonstrava era exclusivamente a que a Natureza espontaneamente dera a todos os mamíferos, como condição de vida, isto é, para a produção de leite, tendência que foi desenvolvida, também espontaneamente, pela simples função mecânica da ordenha. Foi assim que alguns tipos antigos chegaram a se destacar, mesmo na Europa, como um muito conhecido em Portugal pelo nome de *curino*, que possivelmente veio para o Brasil. Mas, como o acasalamento, naquela época, era todo ocasional, permitindo a promiscuidade que reprodutores nem sempre eugênicos interferissem nas coberturas — admite-se que o gado vindo para aqui já estivesse numa curva de degeneração, que se denunciava principalmente no desenvolvimento tardio. No entanto encontrando no novo meio condições favoráveis, este animal experimentou, pelo menos de início, uma reação extraordinária, que se manifestou sobretudo no alto grau de fertilidade que adquiriu, a ponto de justificar o exagero do cronista colonial que citamos atrás e era nada menos do que o sizado jesuíta Antonil, identificado por Capistrano de Abreu.

Este gado, que de acordo com a região onde viveu tomou diversas designações, como Franqueiro,

Cuiabano, etc. traria — diz-se — uma levíssima dosagem de sangue zebu na sua composição celular, vendo Alberto Santiago nos nomes de Malabar e China, com que aqui chegaram alguns, uma sugestão para concluir que possuíam um pequeno coeficiente do zebu da África. Se isto é verdade, esta contribuição foi tão pequena que já estaria diluída quando veio para o Brasil e nenhuma característica externa apresentava mais.

De todos estes tipos coloniais, só um progrediu e chegou mesmo a formar uma raça, que se tornou famosa principalmente em S. Paulo, onde encontrou selecionadores e ainda hoje mantém até *herd-book*: o Caracú. Não está ainda bem esclarecida a origem deste boi. Há uma versão que explica o seu nome e pelo nome seu ponto de partida: há, no Ceará, o município de ACARACU, antigamente chamado ACARACU e depois, por síncope, simplificado em CARACU. Este gado teria-se formado ali, de onde saiu e, cruzado com o crioulo goiano, deu o tipo que formou a raça que chegou aos nossos dias. Deixemos, porém, estes esclarecimentos para o dr. Barissov Vilares, Alberto Alves Santiago e outros pesquisadores. E limitemos a nossa observação ao grosso do rebanho colonial que herdamos da Colônia e chegou aos nossos dias em franca degeneração étnica, a ponto de ser comum um boi de seis anos apenas com quatro ou cinco arrobas. E era este o estado da pecuária no Nordeste, quando um homem de visão, atraído pelo barulho que o zebu fazia no centro meridional do País, voltou a sua atenção para este boi. Foi ele



JASPE O.M.T. 50, reg. 1116, último filho da grande matriarca **CHAPÉU DE BANDA**, a quinquagésima do rebanho O.M. das Fazendas Reunidas Guanabara. Este reprodutor é primo de Kant, por onde se vê a preocupação de manter a consanguinidade estreita como fator de seleção.

o coronel Carlos Benigno Lyra, osão e iniciativa, ele mesmo explica, mesmíssimo homem que fundou o "Diário de Pernambuco", atualmente o decano dos órgãos associados fundado pelo sr. Assis Chateaubriand. E exato que antes dele, em 1893, já o governo de Pernambuco havia comprado na fazenda Lordeio, do barão de Paranaguá, em Cantagalo, algumas rezes Guzerá para a Colônia Izabel, depois Usina Frel Caneca. Mas, da descendência do touro e das vacas adquiridas naquela ocasião não se teve mais notícias, certamente por não ter sido continuada a criação. Por isso, é incontestável que o pioneiro do zebu do Nordeste foi, como dissemos, o coronel Carlos Benigno Lyra, usineiro em Alagoas. Homem de vi-

no livro que dedicou aos seus amigos de Pernambuco e companheiros de usinas, as razões que o levaram a tomar interesse pelo gado indiano, como atividade rural capaz de neutralizar as possíveis consequências que a primeira grande guerra traria para a indústria açucareira do Brasil. E conta como, entusiasmado pela descrição que lhe fôra feita por um criador mineiro, o ma-

jor Carlos Alves Salgado, de Santa Rita de Cassia, se animou a ir ao Triângulo para conhecer pessoalmente o boi de giba, ficando admirado de encontrar ali reprodutores que valiam 10 e 15 contos, o que na época era um preço inconcebível. Convencido de que estava diante de um fato novo na vida rural do Brasil, compareceu, ainda por curiosidade, à Primeira Exposição Nacional do Rio de Janeiro, em 1917, onde assistiu, quasi sem compreender, este acontecimento absurdo: um fazendeiro recusar 100 contos de reis por 200 vacas solteiras! Como visse um outro comprar um reprodutor por 25 contos aí ele não vacilou e adquiriu também dois pelo mesmo preço, animando-se a entrar decisivamente na linha indiana. Deste modo, em seguida comprou de Virmondes Borges 34 cabeças de gado Guzerá e Nelore, que levou para a sua Usina. E passou dali dor diante a ser o grande propagandista do zebu, encontrando logo seguidores, que, com ele, deram início a esta campanha de redenção do Nordeste.

Casando uma das suas filhas com o dr. José da Rocha Cavalcanti, do Engenho Guanabara, também em Alagoas, por sua morte, a este caberia continuar a obra de divulgação e criação do gado indiano naquele Estado. Mas, ao conhecer em 1939 o plantel Nelore do dr. Octavio Ariani Machado, o dr. José da Rocha Cavalcanti empolgou-se tanto pelo boi prateado que na mesma ocasião dele comprou dois reprodutores O.M., que seriam o ponto de partida da alta seleção desta raça nas hoje Fazendas Reunidas Guanabara.

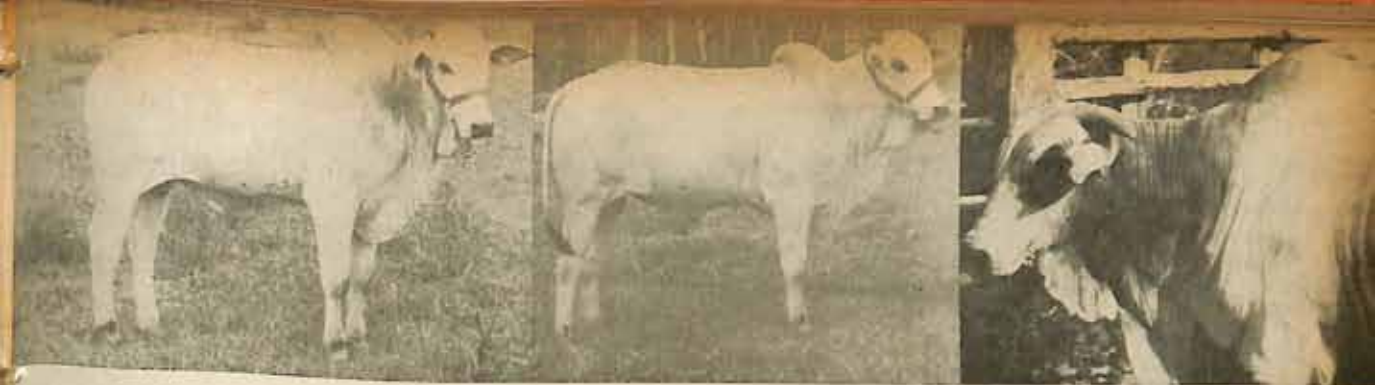
AS FAZENDAS REUNIDAS GUANABARA

Empreendendo agora estas reportagens, com que a REVISTA DOS CRIADORES brinda os seus leitores,

ao recordar o passado de formação da pecuária do Nordeste, este trabalho ficaria incompleto



A família Carlos da Rocha Cavalcanti, na varanda do palacete das Fazendas Reunidas Guanabara, secção de Alagoas, em União dos Palmares.

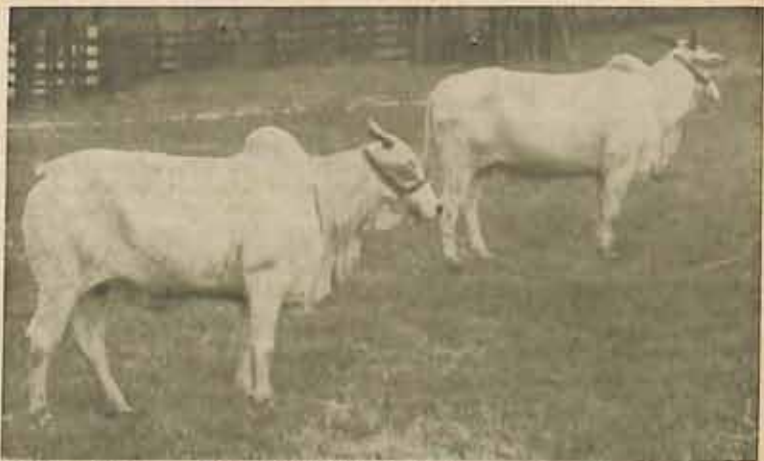


Nesta seqüência de três gerações, vemos, para melhor caracterizá-lo num detalhe importante, a cabeça de Kant O.M.-P 168, reg. 1015, descendente do famoso casal O.M. Provedor, reg. 520, e Pinheirinha, reg. 6485. Em seguida, seu filho Kant II Irca, nascido também de vaca O.M. e seu neto Kacim Irca, campeão Júnior em Alagôas, na exposição deste ano e filho de Ducal Irca, reg. 1066. Ambos os bezerros são reservas da Organização.

se não fizessemos ao menos um sumário das transformações que o boi sofreu ali, com a introdução do zebu, mostrando o que ela é no presente. E por uma questão de cronologia teríamos que começar justamente por onde começou também o zebu a sua grande jornada zootécnica: o primitivo Engenho Guanabara, hoje Fazendas Reunidas Guanabara.

Com o falecimento do dr. José da Rocha Cavalcanti, em 1942, seu filho, o dr. Carlos da Rocha Cavalcanti, comprou a parte dos irmãos e associando-se a um deles, o dr. Fernando da Rocha Cavalcanti, resolveu dar à criação do Nelore, deixada pelo pai, a amplitude que ele não tivera tempo de dar. Desfazendo-se de todo e qualquer outro tipo indiano, partiram do pequeno rebanho herdado, constituído dos dois touros O.M. adquiridos em 1939 e das dez vacas também O.M.; animais estes todos descendentes de Capimimirim II. Havia Nelores de outras procedências, mas, estes foram posteriormente eliminados, para que a seleção se fizesse apenas na base da consanguinidade estreita.

Daqueles dois touros, só um, Rajá I — O.M., de pelagem manchada, sobressai. Este animal foi o primeiro registro genealógico feito pela Sociedade Nordestina de Criadores, que representava a Sociedade Rural do Triângulo Mineiro. Recebeu o número 1001, abrindo, assim, a série do Nordeste. Depois de ter sido provado em consanguinidade estreita, Rajá I foi afastado do rebanho para permitir uma experiência de refrescamento com sangue com reprodutores de outra pelagem, adquiridos em S. Paulo de Sergio da Rocha Miranda. Foram eles o touro Jacui de Itai e 5 fêmeas. Esse touro foi escolhido por ser também um animal consanguíneo, pois era filho de Cruzeiro do Sul, reg. 212, e Duqueza, reg. 503, dois netos de Marajá, importado por Pedro Nunes Marques, Jacui de Itai, que chegou a ser cam-



DILEMA IRCA, reg. 3744 e BIZANTINA IRCA, reg. 3613, ambas já consagradas campeãs Sênior da raça em Exposições Nacionais, filhas de KANT O.M.-P, 168, que é pai igualmente de outra campeã Sênior das Fazendas Reunidas Guanabara, BAMBINA IRCA, reg. 3542.



O melhor conjunto de raça, na XXIII Exposição de Salvador, este ano, conquistado pelas Fazendas Reunidas Guanabara, que apresentaram GANDA IRCA, reg. B-3975, 3.º prêmio; FAIENÇA IRCA, reg. B-3950, 2.º prêmio; FABULA IRCA, reg. B-3963, 1.º prêmio na sua categoria e Reservada Campeã Sênior; GARANHUNS IRCA, reg. B-3991, 1.º prêmio na sua categoria e Campeã Sênior.



Grupo de vacas Nelore, de 2½ a 4 anos, filhas e netas de Kant, as últimas através de Ducal Irca, reg. 1066. Além da caracterização racial, observe-se a conformação de garupa, dorso, lombo e cupim, que é um dos resultados evidentes da seleção por consanguinidade estreita, que há 26 anos vem sendo feita inteligentemente, como comprovação genética nas Fazendas Reunidas Guanabara.

peão em exposições do Nordeste, não foi usado em consanguinidade, mas, somente em refrescamento, pois deu 5 descendentes com faixa despigmentada na cabeça e de vas-soura completamente branca. Diante disto, Rajá I voltou ao rebanho, já agora coadjuvado pelo seu filho Rajá II Irca, reg. 857. O registro de Rajá II Irca, consagrado bi-campeão nas Exposições de Salvador e Recife, não seguiu a ordem cronológica da série do Nordeste, porque foi feito por uma comissão de Uberaba. Mais tarde, sempre com a preocupação de comprovar, para concluir, as vantagens da consanguinidade estreita, os irmãos Rocha Cavalcanti compraram ao dr. Octávio Ariani Machado outro reprodutor, Kant O.M. P. 168-Reg 1615 filho de Provedor O.M. e Pinheirinha O.M., ambos filhos de Capimirim II. Pinheirinha era então propriedade de Rubens de Carvalho, de Barretos, e considerada por ele a melhor fêmea do seu rebanho.

Kant foi campeão na Nordestina de 58, em Recife, e na Exposição de Alagoas, em 59. E continua servindo no rebanho em absoluta forma, apesar de já ter 14 anos, sendo auxiliado agora por seu filho Ducal Irca, reg. 1060, que, depois de ter sido campeão júnior em uma Nacional, sagrou-se também campeão nas Nordestinas de 60 e 61.

BODAS DE PRATA DA ORGANIZAÇÃO GUANABARA

Coincidentemente, chegamos a Alagoas quando a organização dos irmãos Rocha Cavalcanti completava as suas bodas de prata. Recordando esta grande jornada, naquela varanda que já era nossa conhecida, o dr. Carlos da Rocha Cavalcanti disse-nos:

— Ao completar 25 anos de seleção do Nelore, comemoramos as nossas bodas de prata, estendendo a nossa organização à Bahia, onde mantemos hoje, em Ipecaetá, a Gua-

nabara F. G., que prolonga naquele Estado de tantas tradições pecuárias a Guanabara Irca, de Alagoas. E assim as Fazendas Reunidas Guanabara continuarão trabalhando para que a pecuária do Brasil eleve o seu padrão. A nossa ida para a Bahia, estimulada por um grupo de amigos dali, embora ainda recente, já começa a ser compensada, pois, na recente Exposição do Leste e Nordeste, em Salvador, o gado que apresentamos demonstrou no julgamento o seu alto nível zootécnico, obtendo os seguintes pontos: 5 primeiros prêmios, 18 pontos; 4 segundos prêmios, 8 pontos; 1 menção, 1 ponto; 1 campeã senior, 30 pontos; 1 reservado campeão senior, 28 pontos; 1 melhor conjunto de raça, 40 pontos; 1 reservado campeão júnior, 15 pontos; totalizou 137 pontos.

As fazendas Reunidas Guanabara continuarão, pois, cooperando para que a nossa pecuária de corte atinja o alto rendimento econômico a

Grupo de vacas que integram a criação da secção de Alagoas das Fazendas Reunidas Guanabara, na maioria filhas de Kant. Vivendo em regime de campo, realçam sobretudo a conformação frigorífica.



que a nossa indústria animal poderá chegar, pelo seu elevado padrão, igualando-se às similares da América do Norte e da Europa Ocidental. Convm lembrar que nos Estados Unidos a indústria animal tem significação maior que a da indústria do aço e a do refino de petróleo; a nossa tem elementos para se tornar também a fonte de divisas que o Brasil precisa. Por isso, quando hoje, com a experiência de selecionadores recordamos os passos difíceis — e até mesmo as campanhas obstruidoras que enfrentaram os nossos antecessores para nos legar este grande patrimônio — é justo, como você está fazendo, apontar ao reconhecimento nacional a obra dos pioneiros, como meu avô Carlos Benigno Lyra, que deu início à divulgação do zebu no Nordeste; de meu pai, que nos deu, com a sua experiência e o seu legado, possibilidades para que prosseguíssemos nesta jornada; de Mario Alves, que, difundindo pelo Nordeste milhares de tourinhos mestiços, contribuiu para melhorar extraordinariamente a carcaça do rebanho de corte dos nossos sertões; do dr. Octavio Ariani Machado, que alguns chamavam de sonhador mas que foi, sem dúvida, o grande artífice, o grande modelador, o consciente selecionador que soube dissociar do complexo indiano os gens que deviam enobrecer a nossa pecuária, num trabalho cauteloso de observações, de experiência e conclusão que somente um idealista pode realizar. Resistindo às seduções novas e resguardando a todo o custo o seu rebanho Gir e Guzerá da aventura do Indubrasil, em cujo sangue foi diluído um precioso patrimônio daquelas duas raças de escol, elevou tanto a pecuária



Na varanda da Fazenda Soraia, onde o casal Miguel Vita habitualmente continua a manter o "it" social do castelo de Pirajá. Vêem-se aqui, além dos anfitriões, o casal Rocha Cavalcanti, Cláudio Dias, do Pará, Evaristo Antonio de Paula e Adauto Pena, mineiros e "curvelanos".

ria do seu Estado que hoje, quando lá por fóra se quer acentuar a nobreza de um reprodutor, diz-se apenas: é *boi baiano*, significando O.M. ou de origem O.M.

Octávio Machado sabia escolher com tanto tacto, que não vacilava em sacrificar os seus interesses econômicos, quando um reprodutor fugia ao seu plano de seleção. Foi assim que, sendo também importador, poz de lado os seus animais para se dedicar apenas à consanguinidade do casal Nelore que recebera do pai — o touro Cacique e a vaca Aracy — base da sua seleção em consanguinidade estreita. E o que ele fez com o Nelore, fez com o Gir e o Guzerá.

Dedicando-nos exclusivamente ao Nelore, em consanguinidade estreita, com reprodutores machos e fêmeas somente de procedência O.M. — em 25 anos de trabalhos, de ob-

servações — não obtivemos um único animal que fosse portador de tara sub-letal. Daí, quando os reprodutores são de linhagem pura, eivada de heranças perniciosas — acharmos que a consanguinidade estreita é o caminho que a pecuária do Brasil deve seguir. Irão, sem dúvida, merecer o nosso respeito e gratidão, como já são merecedores dos nossos aplausos, os importadores contemporâneos, que não mediram sacrifícios para que a nossa pecuária indiana recebesse a contribuição do que de melhor ainda existe na Ásia. Entretanto, não é só o fato de ser importado que vale; necessário se torna que um longo trabalho prossiga para ver quais as novas linhagens que irão realmente provar o seu potencial genético como melhoradoras, igualando-se às linhagens nacionais já aprovadas e consagradas.



A vida rural tem seus encantos, máxime para as pessoas de cidade. No fim de semana habitual na Fazenda Soraia, d. Marfiza Vita acompanha, de uma colina, a passagem do gado pelo fundo do vale, podendo este flagrante bem inspirar um quadro de Wateau... se ele vivesse.



A criação Nelore da Fazenda Soraia, já dissemos no texto, é toda de procedência O.M. Vemos aqui algumas filhas de FEBO O.M. e PROVIDOR O.M.

A FAZENDA SORAIA

Apesar dos largos contactos que temos mantido com os criadores nacionais, de Norte a Sul, nos vinte anos que trabalhamos na "Revista dos Criadores", num serviço mais de relações públicas do que de publicidade, embora já o conhecessemos de nome, somente nesta viagem tivemos um primeiro contacto pessoal com o dr. Miguel José Vita. E este encontro, marcado e levado a efeito pelo grande espírito de sociabilidade do dr. Carlos da Rocha Cavalcanti, foi na sua bonita fazenda da Serra Preta, cujo nome má-

gico — Soraia — por si mesmo já era uma corrente de simpatia, pois lembra o de uma imperatriz que foi destronada porque, embora possuindo todos os encantos de mulher... não deu chá; e é também o nome da nossa pastora alemã, duplamente grata ao nosso afeto, porque foi presente de um fazendeiro amigo, o Adalberto José de Castilho, de Novo Horizonte, e porque faz o papel de ganso do Capitólio, quando, nas nossas prolongadas ausências de repórter andejo, a ela confiamos a guarda da nossa querên-

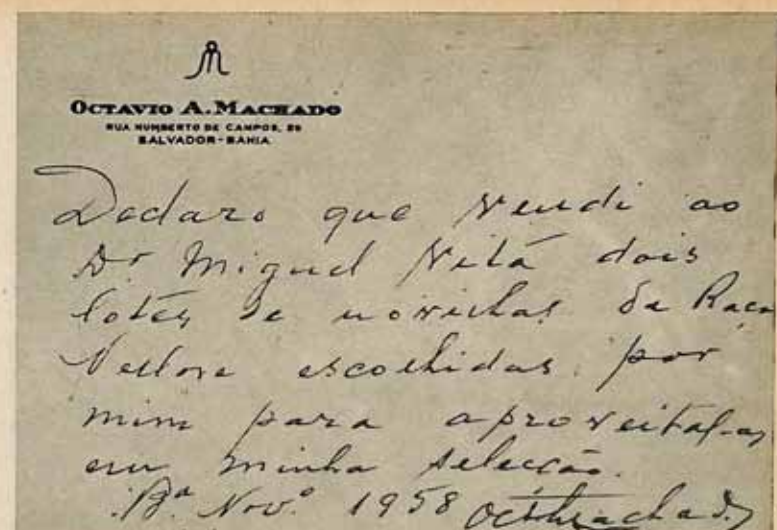
cia. Assim, foi sob o efeito deste amuleto que vimos o dr. Miguel Vita se aproximar do carro que nos levava, com a simplicidade de um velho conhecido, que só faltou perguntar como tínhamos deixado em casa as crianças... Lá fomos encontrar três criadores: o dr. Cláudio Dias, do Pará e os mineiros curvelanos Adauto Pena e Evaristo Antonio de Paula. E é fácil conceber como, naquela varanda larga e cheia dessas comodidades que o dinheiro só proporciona quando associado ao bom gosto, logo se estabeleceu, como dizia o velho Eça, uma cordialidade d'amigos. Naturalmente a conversa girou sobre boi, porque o dr. Miguel Vita, na sua fazenda, isola-se da condição de grande industrial e, ao saltar do automóvel que o leva, já está integrado numa personalidade rural tão espontânea, como se tivesse passado a vida ali cuidando dos seus currais, quando aquilo para ele é um *hobby* de homem que precisou fixar a sua índole inquieta de esportista numa preocupação como esta, que só a Natureza oferece.

A fazenda Soraia foi instalada num terreno de três mil hectares de terra preta de aluvião, no município baiano de Serra Preta. Já dissemos em outro local que a *caatinga* nordestina não é uniforme e se apresenta sob vários aspectos, que variam da totalmente seca à verdejante. Nesta, se localiza a fazenda Soraia. É a chamada mata *caatingada*, onde o clima é ameno, as chuvas são mais ou menos normais e a Natureza se disfarça de um revestimento florístico quasi fa-celro. Dista de Salvador 170 quilômetros, 110 dos quais em estrada



Outro detalhe do rebanho Nelore, bastante típico da criação do dr. Miguel Vita.

asfaltada. Foi nesse meio bucolico que o engenheiro Miguel Vita foi ensaiar a sua vocação pastoril, talvez despertada por algum resquício de sangue etrusco salpicado naquela Roma antiga, onde os primeiros estadistas também pegavam no arado e faziam a ordenha de suas vacas. Com matrizes adquiridas de Octávio Machado, de quem foi amigo pessoal, o primitivo núcleo Nelore O.M. já tem mais de 200 descendentes, todas registradas. Sabe-se que hoje não se obtém com facilidade, e, às vezes, nem mesmo com dificuldade, reprodutores procedentes da criação do patriarca de Santo Amaro. Por isso, o dr. Miguel Vita, para atender a uma vacada tão numerosa, incorporou ao seu rebanho dois reprodutores importados pelo sr. Torres Homem Rodrigues da Cunha, que promete trazer-lhe da Índia um animal de alta classe, a ser tirado em primeira escolha na ilha Fernando de Noronha. Esta escolha, feita pelo dr. Carlos da Rocha Cavalcanti, que unia a qualidade de amigo à sua condição de grande conhecedor de



Nelore, como criador que é, recaiu em AKASUMA, filho de um touro do governo da Índia e da vaca LANGRI, que no dizer dos entendidos é a melhor fêmea trazida pelo sr. Torres Homem. E a felicidade da esco-

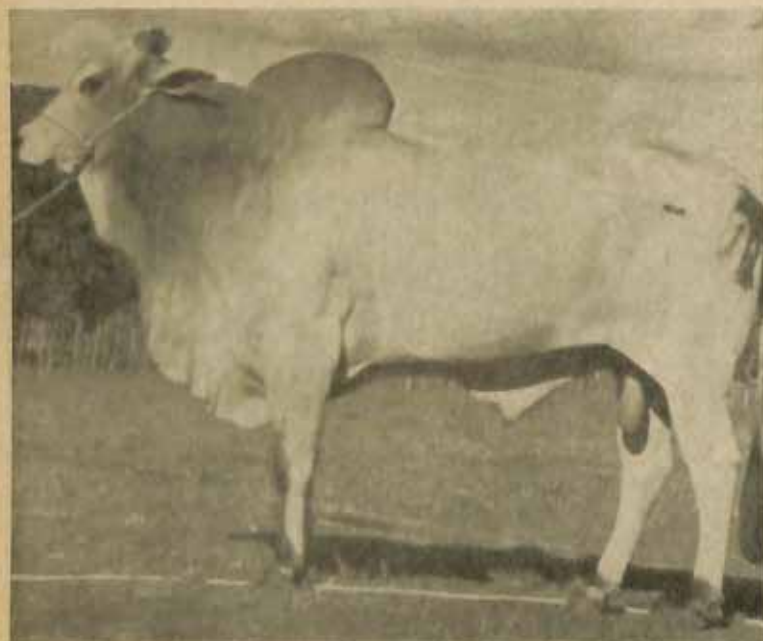
lha atesta a a produção deste animal, cujos 100 filhos são a sua melhor recomendação como genearca. O outro touro — PADHÜ, filho do campeão KAVARDI, do sr. Torres Homem, e da vaca GANGAIH, que



Primeiro grupo de novilhas, que sedimentaram a criação da Fazenda Sorala, cedidas, para este fim, pelo saudoso criador Octavio Ariani Machado, que as reservara para a sua seleção, conforme autógrafo que publicamos.



AKASUMA, importado pelo sr. Torres Homem Rodrigues da Cunha e cedido ao dr. Miguel Vita, numa escolha de primeira mão. Este genearca é filho de LANGRI, tida pelos entendidos como a melhor fêmea do plantel Torres Homem.



PADHU — outro reprodutor importado, que o dr. Miguel Vita incorporou ao seu rebanho Nelore. Procede também do mesmo rebanho trazido da Índia pelo sr. Torres Homem. É filho de KAVARDI e GANGAIH.

ficou na Índia por ser de muita idade — este já foi adquirido do dr. José Nelson Frota. Na opinião do dr. Miguel Vita, este animal é o maior garrote importado existente no Brasil e sua produção tem sido de tal modo procurada que vem sendo difícil atender às solicitações.

O REBANHO GUZERÁ

A fazenda Soraia dedica-se também à criação de outra raça indiana, a Guzerá. Mas, este rebanho é de d. Marfiza B. Vita, esposa do dr. Miguel Vita, a qual também tem gosto pelo pastoreio. Plantel de nível zootécnico elevado, as 50 vacas que o constituem, todas também de procedência O.M., deviam adicionar ao seu nome o sufixo SORAIA, que tutela o encanto da fazenda, pelo atrativo do seu conjunto muito uniforme e pela caracterização racial que cada uma revela isoladamente.

Para servir este grupo de matrizes, foi adquirido um touro de estirpe condigna — HINDUSTANI — importado da Índia pelo sr. Nenen Costa, de Barretos. Animal de beleza majestosa, que representa a altaneira imponência da raça, muito bem proporcionado nas suas linhas harmoniosas, é filho de KUWEL, bi-campeã leiteira da velha terra do Ganges, onde registrou a produção diária de 42 libras.

Como a raça Guzerá vem sendo hoje um tipo indiano muito disputado, porque, além de aptidões leiteiras, possui indiscutíveis predados econômicos, que a indicam igualmente como produtora de carne (haja vista a criação de Curvelo, onde estas duas tendências têm sido amplamente desenvolvidas pela inteligência dos seus criadores) é fácil concluir que o rebanho de d. Marfiza B. Vita, dados os antecedentes genéticos que possui, tem diante de si um grande futuro, sendo naturalmente um reduto de onde sairão para a pecuária nacional valiosos reprodutores.

O rebanho Guzerá de d. Marfiza B. Vita, esposa do dr. Miguel Vita, é todo de origem O.M., sendo atualmente um dos grupos mais bem caracterizados da raça no Nordeste.



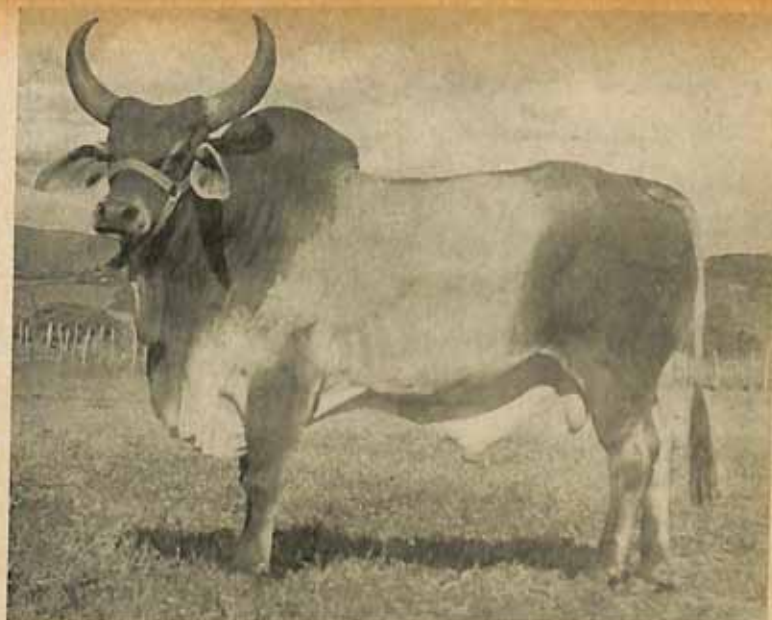
A obra de Octavio Ariani Machado

Não é somente na Bahia e no resto do Nordeste que a criação do dr. Octavio Ariani Machado atesta o mais consciencioso trabalho de seleção que já se fez no Brasil, abrangendo as três raças Gir, Nelore e Guzerá. Em S. Paulo e Minas, assim como no Paraná, que também é um dos grandes centros de gado de cria, o cachet O.M. tem igualmente o sentido de um selo de garantia. Na raça Gir, por exemplo, foram os descendentes de Gandi que deram as famosas linhagens dos BEI, um dos quais chancela a criação de Geraldo Simões, em Minas: outro, WHITE, foi o célebre raçador que o *olho clínico* de Evaristo de Paula escolheu para dar ao Gir de Curvelo o renome que hoje desfruta.

Aproveitando a nossa permanência na Bahia, fomos à Fazenda GAMELEIRA, do dr. Octavio Villas Boas Machado — que para os íntimos *Tatá tout seul* — não somente para ver o seu rebanho, mas também para que, como filho e companheiro de longos anos das lides pastoris do seu pai, dissesse alguma coisa de novo sobre a vida desse homem de quem temos falado tanto e muitos dos leitores da "Revista dos Criadores" pensam que foi apenas um selecionador de raças. E ali mesmo no curral, enquanto Cláudio Dias, Carlos da Rocha Cavalcanti, Adauto Pena e Evaristo Antonio de Paula viam o gado, ele nos contou, mesmo sem soltar o ca-



O dr. Octavio Villas Boas Machado criador da seleção das três raças Gir, Nelore e Guzerá que têm hoje na marca O.M. o maior símbolo de referência da pecuária nacional.



Para servir a uma vacada de seleção tão apurada, a Fazenda Soraia precisava de um reprodutor de alto gabarito, que foi encontrado em Hindustani, importado da Índia pelo sr. Nenen Costa, de Barretos. Este animal, de uma beleza magnífica, vem de uma linhagem leiteira muito famosa, pois é filho de KUWEL, vaca que registrou por lá uma produção diária de 42 libras.

bresto de Diamante, que tinha mandado pegar para mostrar aos seus amigos:

— Meu pai nasceu em Salvador a 18 de Novembro de 1886, filho de Manoel de Souza Machado, alagoano de Penedo, que viera para a Bahia apenas com 12 anos. Já homem, depois de várias atividades comerciais, meu avô viu-se proprietário da fazenda Capimirim, através do tradicional Banco da Bahia, que, tendo recebido a propriedade em liquidação hipotecária, confiava-lhe o crédito por conhecer-lhe as aptidões. Tornando-se fazendeiro e fornecedor de cana aos engenhos daquela época, Manoel de Souza Machado, que então já era viúvo, contraiu segundas núpcias com d. Izabel Ariani, de quem teve dois filhos: meu tio Fernando e meu pai, Octavio Ariani Machado. Assim, foi na fazenda Capimirim, depois Usina Capimirim, que transcorreu primeiro a infância, depois a juventude e finalmente a maior parte da vida produtiva de meu pai, porque, embora formando-se na Faculdade de Direito da Bahia, pouco tempo ele exerceria a profissão depois de diplomado em 1907, limitando-se ao cargo de Juiz Preparador na então vila de S. Francisco, município de Santo Amaro, onde se localizava a Usina. Isto, porque, absorvido logo pelas atividades industriais do meu avô, teve que a elas se dedicar de corpo e alma, principalmente depois que o perdeu em 1913. No mesmo ano, ele casou-se com uma filha do saudoso Jayme



O dr. Octavio Villas Boas Machado, mostrando a cabeça de Diamante, o O.M. que chefiou o plantel Nelore da sua Fazenda Gameleira.



O Nelore vermelho, que vai sendo conhecido entre nós pela designação pouco nacionalista de Red-Ongole, é também um trabalho de seleção iniciado pelo dr. Octavio Arinani Machado, que teve o cuidado de separar em grupos e cruzar entre si os Neloires vermelhos nascidos em sua Fazenda. Fazendo a seleção pelo fenotipo, seu trabalho foi continuado em São Paulo pelo dr. Santo Lunardelli, que, no entanto, adota o método genotípico. Há presentemente 11 criadores deste animal: a Organização Vinotavio Machado & Filhos, Carlos da Rocha Cavalcanti, Miguel Vita, Cláudio Dias, Jayme Machado, Tennysson Aragão, Evaristo de Paula, Santo Lunardelli, José Lobato, Laucídio Coelho e João Andrade. Em face da expansão que vem tendo o Nelore vermelho, cogita-se de conseguir que os animais desta pelagem obtenham registro, o que até agora não era admitido nas exigências do Livro genealógico do Nelore. Este grupo é da criação do dr. Miguel Vita.

Villas-Boas — d. Lavinia Villas-Boas — que seria a sua companheira e incentivadora até o fim da vida. Deste matrimônio nasceram sete filhos, dos quais sou o terceiro.

Com o casamento de meu pai, fez-se a fusão das duas Usinas, Capimirim e Aliança. Foi nesta ocasião que ele se tornou verdadeiramente criador e sobretudo selecionador, passando a dedicar à pecuária o instinto de aperfeiçoamento que habitualmente caracterizava as suas atividades. Fazendo permuta com seu irmão Fernando, deu-lhe o gado leiteiro do espólio, em troca do gado indiano. Este gado indiano era o pequeno rebanho que meu avô formara, com um casal de Neloires importados em 1906, para a Usina Capimirim, quando Miguel Calmon era ministro da Agricultura. Uma das exigências que ele fizera naquela importação foi que a vaca viesse enxertada de um reprodutor que não fosse da mesma linhagem do touro que devia acompanhá-la. Foi este, pois, o pequeno rebanho que ficou com meu pai e ao qual iria dedicar-se para formar um plantel com *pedigri*, tratando de readquirir de terceiros os animais anteriormente negociados e provenientes do primitivo casal, cujas origens rebuscava.

Em 1919, houve no Brasil uma nova importação de gado indiano. O navio "Cervino" vinha da Índia e se destinava à maior zona pecuária do Sul do País, sendo Manoel de Oliveira Prata, o grande pioneiro

da importação, seu condutor. A imagem de Cristo, hoje assentada em uma das colinas de Salvador, foi a causa que determinou o atracamento do barco ao porto da Bahia. Esta circunstância proporcionou oportunidade para que meu pai adquirisse de Manoel de Oliveira Prata, em primeira mão, animais das raças Gir e Guzará, iniciando, deste modo, dois novos plantéis. Tal, porém, acontecia ainda como atividade subsidiária, porque a firma Machado & Cia, que englobava as duas Usinas, havia de ceder lugar a outra empresa de maior envergadura. Por volta de 1921 a 1925, a S. A. Magalhães Indústria e Comércio, proprietária da Usina S. Bento e parte da Usina Terra Nova, adquiria a totalidade das ações desta última, com a condição de meu pai concordar com a fundação da S. A. Lavoura e Indústrias Reunidas, composta inicialmente das quatro Usinas, de que ele foi o presidente até o fim da vida, fazendo-se, ao mesmo tempo, diretor também da S. A. Magalhães Indústria e Comércio.

Com todas estas atribuições, ele tinha um tão grande sentido de divisão de trabalho, que ainda encontrava tempo para outras atividades, fora da órbita rural. Assim é que exerceu, em vários períodos, a presidência da Associação Comercial da Bahia, tendo sido também, durante 14 anos, provedor da benemérita Santa Casa de Misericórdia da nossa terra. E embora avesso à

política, cedeu à imposição de amigos, deixando-se eleger deputado estadual, no governo do dr. Francisco Marques de Goes Calmon. Mas, voltamos ao boi, que é onde está o seu interesse de reporter.

Em 1930, fazia-se nova importação de gado indiano e dela se serviria meu pai nas condições mais favoráveis. Estávamos naquela ocasião na preocupação do Indubrasil, cruzamento de raças que absorvia toda a atividade dos nossos técnicos e pecuaristas. Assim em Uberaba — a Meca do zebu brasileiro — e nos demais Estados da Federação, enquanto se diluíam nesta experiência zootécnica altos padrões indianos, os animais que permaneciam na sua pureza racial perdiam o valor comercial, porque, ao mesmo tempo, S. Paulo, ainda avesso ao boi de giba, proclamava a excelência da raça preferida pelos seus criadores: o Caracú. Enquanto isto, meu pai ia buscar no Estado do Rio, com Manoel de Oliveira Prata, animais da importação de Ravisso Lemos em 1930. Criar, aprimorar em cuidadosa seleção, para maior rendimento econômico, castrar, afinal, preciosos animais, para entregá-los experimentalmente à comprovação dos próprios magarefes, como argumento insofismável — foi este o ciclo das suas atividades de pecuarista, em longo período. Imbuído das suas convicções por anos a fio, sem transigir, ele nunca permitiu que animais comerciais, ou comerciáveis, atravessassem as cercas das suas fazendas. Era assim que revidava aos adversários, quando assacado muitas vezes e combatido sempre. Mas, encontrava novo ânimo no reverso da medalha e frases e ditos, repetidos então, valem hoje ser repetidos, como a de Miguel Calmon, quando ministro: — "Em toda a parte do mundo se procura criar o mais puro, procura-se a maior garantia da pureza dentro da raça, exigindo-se o *pedigri* das origens ancestrais; só no Brasil apenas se cruza para ver o que sai". E dizia, profeticamente o grande amigo e saudoso Alvaro Navarro Ramos, ex-secretário da Agricultura, quando a crítica e o combate dos seus coestaduanos eram mais intensos: "O resultado do seu trabalho e a fama do seu gado não sairão da Bahia, mas, entrarão na Bahia pelo cais do porto". Realmente, meu pai teve tempo de assistir ao triunfo das suas idéias e ao reconhecimento dos seus sacrifícios ouvindo a ressonância da consagração da marca O. M., finalmente proclamada também na nossa terra. E foi no calor das homenagens que lhe prestaram as associações das três raças Gir, Guzará e Nelore — que Octavio Arinani Machado faleceu, a 1 de janeiro de 1962 — conclui o dr. Otávio Villas-Boas Machado.

A FAZENDA AMAZONAS

A região da Serra Preta, na Bahia, abriga um dos maiores núcleos de criação de gado Nelore do Estado. Há ali nada menos de oito grandes criadores, numa área de dez quilômetros, todos com plantéis de alto rendimento zootécnico, sendo apenas de lamentar que, numa viagem adistrita ao tempo que a "Revista dos Criadores" limitou, não nos fosse possível visitar todas. A fazenda Amazonas, do sr. Silvio da Silva Costa, é, por exemplo, uma das que estão naquela rota e não poderia escapar à nossa atenção. É uma bela propriedade de boas pastagens, onde o guinéio, o sempre-verde e o pangola são as bases forrageiras para um dos melhores plantéis Nelore que encontramos nesta peregrinação rural. O rebanho, constituído de 160 vacas registradas e 60 novilhas em fase de produção, procede de criadores como Octavio Ariani Machado, Torres Homem Rodrigues da Cunha e Mario Franco, dispensando, por isto, maior apreciação o seu conjunto. Tendo estado ali em época ainda seca, as condições eugênicas do rebanho, numa pastagem farta, mostram a excelência daquelas terras de mata *caatinga* sãbiamente aproveitadas e que, além do mais, oferecem a vantagem de ser tão perto da capital. O rebanho é servido por três reprodutores V.R.: Tory, reg. 700; Sermão, reg. 674 e Zerol, reg. 4.070. O sr. Silvio Costa adquiriu também, para dar maior ênfase ao seu criatório, um bezerro da conhecida importação do sr. Torres Homem Rodrigues da Cunha — BUDVAR, filho de KAVARDI e KAKINADA, um lindo animal bem representativo da raça, que aos 17 meses pesou 450 quilos. É pena que não o apresentemos nesta página, porque a fotografia que tiramos não ficou boa. Na verdade não somos grande artista de câmara e, principalmente agora que estamos velhos, já devíamos fazer como o companheiro Noronha, que, embora moco, anda com o Chico a tiracolo. Mas é que o Noronha marica de anzol na beira d'água, senta do num tamborete de *short* e óculos escuros enquanto nós, com este temperamento de *lançadeira* do Ceará, avançamos pelo mar alto, com um pequeno cantil d'água doce, que até para um só já é pouca. E o pior é que, quando nos encontramos, ele vem com uma embriaguez de peixes graúdos e nós quase sempre com umas maniubinhas miúdas, que o Pena, às vezes, nem quer pôr na frigideira. Mesmo assim, se voltássemos à juventude com a experiência de vinte anos de



O rebanho Nelore do sr. Silvio da Silva Costa, dono da Fazenda Amazonas, é o que dizemos no texto: uma vanguarda de choque, que pode representar o criatório balano em qualquer parte. Nestes grupos de vacas, novilhas e bezerros, o leitor tem uma idéia do nível zootécnico desta criação, já hoje servida por reprodutores excelentes, mas que terá oportunidade de dizer melhor o que é, quando BUDVAR, que ainda é bezerro, entrar no rebanho.

profissão, que temos, não procuramos aquele duque inglês que, com a sua simples arte fotográfica conquistou o coração de uma princesa real; iríamos — isto sim — abrir uma escola para ensinar boi a posar diante de uma câmara, porque freguês mais sofisticado — tá doido! — só moça feia quando procura noivo por correspondência...

Os clichês que vão nesta página,

contudo, dão uma idéia do excelente plantel Nelore do sr. Silvio da Costa, que, indiscutivelmente, detem, na fazenda Amazonas, uma bela vanguarda, digna de vir para as exposições de S. Paulo, para uma consagração mais nacional, pois, tem tudo para dar dór de cabeça a muita gente e até para fazer que os juizes mandem comprar cafiaspirina.



Não chegamos a ir à Fazenda HAVANA FILIAL, do sr. Waldomiro Brandão da Silva, apesar da BR-4, que leva ao município de Novo Mundo, passar apenas a 10 quilômetros de Feira de Santana. Mesmo assim, ele figura nesta reportagem, apresentando KAVARDI II. Este touro, filho de KAVARDI e ANDHRA, aos 46 meses, pesou 853, o que, em matéria de produção de carne, é um caso de "feeding test". É preciso, no entanto, considerar que seu pai, KAVARDI, foi tetra-campeão Ongole da Índia e super-campeão da Ásia, sendo o animal que o sr. Torres Homem conservou para si. O sr. Waldomiro Brandão da Silva, com esta publicação, quer prestar uma homenagem ao sr. Torres Homem, por ter sido um dos criadores contemplados na referida importação com animais da sua reserva.

O PIONEIRO MARIO ALVES

Se o Livro de Mérito Nacional fosse o registro espontâneo e obrigatório de todo cidadão útil à Pátria, o nome de Mario Alves já estaria figurando nele e dignificando as suas páginas. Porque este baiano já fez mais pela pecuária do Nordeste do que todos os ministros da Agricultura, cabendo na sua frente honesta de homem que envelheceu no sertão uma coroa como aquelas que a Grécia costumava dar aos seus heróis, o que está ainda em tempo de se fazer, agora que ele completa cinquenta anos de atividades de curral. Caboclo bom, de uma simplicidade infantil, que se tornou rico sem ter ficado besta, como é de hábito nesta terra de cabanos. Só ele, por iniciativa pessoal, sem subvenções de governo, com o simples peito de sertanejo matuto, que não tem medo do onça

nem de assombrações, espalhou pelo Nordeste, da Bahia ao Ceará, subindo depois para o Norte até o Amazonas, milhares de mestiços de zebu, machos e fêmeas, com que se iniciou, no alto sertão sem recursos, a primeira etapa para a transformação da pecuária nordestina. E isto a cavalo, com a insegurança da época, mas, respeitado até pelo Lampejo, que o considerava.

O sr. Mário Alves, que aqui aparece ao lado do repórter, depois de percorrer todo o sertão do Nordeste num trabalho intenso de difusão de tourinhos, hoje se limita à sua fina criação em Itapetinga. Mas, nem a idade matou o bicho carpinteiro que o impede de parar e ele não perde exposições, nem que seja só para ver amigos.



e lhe abriu caminho quando soube que o padre Cicero era o primeiro a recomendar que "ajudassem o seu amigo Mario Alves" no patriótico empreendimento que realizava.

Os benefícios que este homem prestou à nossa pecuária não se expressam por palavras, mas, por exemplos. E deles basta citar um: quando iniciou a sua cruzada, levando o nome ainda desconhecido de zebu aos recantos mais longínquos do nosso sertão, um boi pesava em média 4 a 5 arrobas. E hoje?

Agora, a idade já não lhe permite estas andanças. Grande criador de gado fino em Itapetinga, este patriarca do sertão baiano continua trabalhando e não há uma exposição do nordeste a que não compareça. Lá fomos encontrá-lo agora em Salvador — ele e o genro, o nosso amigo Omar Rezende, agrônomo da secretaria da Agricultura e faixa preta brabo... credo!



O dr. Christovão José Silva, chefe do Departamento de Promoção Agropecuária do Ministério da Agricultura, em Alagoas, é ao mesmo tempo o diretor da Fazenda Frios, que o Ministério tem em União dos Palmares, para criação e venda de reprodutores da raça Nelore no Nordeste. Nesta fotografia ele aparece ao lado de Riachuelo, J-335 reg. 603, por Febo OM e Novela II OM, um genearca de altas qualidades genéticas, que vem sendo aproveitado no rebanho da Fazenda.

A Fazenda Frios, do Ministério da Agricultura em Alagoas

Conhecemos a fazenda FRIOS, do Ministério da Agricultura, no município de União dos Palmares, em Alagoas, desde 1962, quando ali estivemos em companhia do dr. Carlos da Rocha Cavalcanti. Já naquele tempo ela era dirigida pelo dr. Christovão José da Silva, que continua nas mesmas funções, apesar de ser atualmente o Chefe do Departamento de Promoção Agropecuária do Ministério, naquele Estado.

A finalidade da fazenda FRIOS é a criação de reprodutores da raça



Aspectos diversos da criação da Fazenda Frios, do Ministério da Agricultura, em Alagoas, objeto de nossa apreciação no texto.



Nelore, para serem vendidos a preços módicos aos criadores, não somente de Alagoas, mas também do Nordeste em geral, contribuindo, assim, para a elevação do nível de nossa pecuária de corte numa região que, por não contar com os re-

ursos de que dispõem o Centro Meridional e o Sul do País, só agora entra numa fase de maior prosperidade rural, com a transformação que vem sofrendo o seu rebanho, desde que o zebu foi ali introduzido. O trabalho de seleção da fa-

zenda FRIOS foi iniciado em 1948, quando recebeu da Fazenda Regional de Tigipió, Pe, 10 fêmeas e 2 garrotes, animais procedentes da fazenda Indiana, importados pelo governo de Pernambuco. Mais tarde, quando na chefia do Fomento o dr. José Clovis de Andrade, que tinha como assessor o dr. Humberto Pontes Lyra, foram adquiridas mais 4 novilhas e 1 garrote aos Irmãos Rocha Cavalcanti, que são, como atrás ficou dito, grandes criadores de Nelore no mesmo município. Em 1954, o atual secretário da Agricultura de Pernambuco, dr. Antonio Coelho, quando era o diretor geral da Produção Animal do Ministério, fez termo de cessão de mais 10 novilhas e 2 garrotes, sendo 1 filho de Baluarte RG-9 e outro de Itú, ambos da Fazenda Getúlio Vargas de Uberaba, o que ocorreu já na administração do dr. Humberto Pontes Lyra. Assumindo a direção do Fomento à Produção Animal, em 56, o dr. Ulisses Cansanção Acioli transferiu o dr. Christóvão José da Silva da chefia do Posto Zootécnico de Igaci para a fazenda FRIOS, que ainda continua sob a sua direção, apesar de exercer ele, como dissemos atrás, as funções de Chefe do Departamento de Promoção Agropecuária do Ministério, naquele Estado.

Encontrando na fazenda apenas 81 rezes, foi com estes elementos que o dr. Christóvão iniciou o seu trabalho de seleção, que pela continuidade da mesma orientação técnica, transformou a fazenda FRIOS num centro de criação tão importante quanto foi Umbuzeiro, nos dias aureos do dr. Epitácio Pessoa Sobrinho. E nós, que já estivemos lá e vimos de perto, não somente o rebanho mas também os métodos de trabalho do dr. Christóvão José da Silva, apenas gostaríamos de mostrar as fazendas do Ministério da Agricultura mostrassem a mesma eficiência, porque, neste caso, a pecuária sertaneja já estaria em outras condições e agora as autoridades do abastecimento não se veriam em embaraços para dar solução ao problema da carne.

Até o presente, a fazenda FRIOS já produziu 850 rezes, das quais 480, de ambos os sexos, foram vendidas aos criadores interessados. O rebanho atual é de 263 cabeças, com 103 já em reprodução. Para servir este plantel, há três reprodutores de alta linhagem: um filho do celebre Baluarte RG-9 e dois O.M., cogitando o dr. Christóvão de adquirir no Sul, ainda este ano, mais três, a fim de agitar um pouco o teor genético do rebanho sobre o qual iniciou o seu trabalho há dez anos, com a cooperação valiosa do dr. Ulisses Cansanção Acioli.

Numa área de 811 hectares, sendo 300 de reservas florestais, todo o resto da fazenda é ocupado por campos forrageiros, onde predomi-



Vacas paridas na Fazenda Frios.



Lote de vacas pastando.



Vacas pastando em Sempre Verde, na Fazenda Frios.



Geneton Carneiro de Moraes foi um dos grandes selecionadores do Gir, em Pernambuco. Desaparecido prematuramente, sua obra, no entanto, continua, levada avante pelos filhos, drs. Rodolfo e Renato de Moraes, dois técnicos da secretaria de Agricultura de Pernambuco.

Na Campanha de Melhora de Carcaça, que o D.P.A. de Pernambuco vem fazendo, vai, num caminhão, este argumento que não admite dúvidas: um pé duro, um Indubrasil e um mestiço de Indubrasil, todos da mesma idade, mas, de diferentes tamanhos, mostrando que raça é raça e o que precisamos com pressa é eliminar do rebanho nacional os reprodutores degenerados pelo tempo, substituindo-os por outros de qualidades econômicas apreciáveis.



nam o angolinha, o sempre-verde e o pangola, que, embora introduzido recentemente, tem demonstrado grande capacidade de adaptação ao meio. Há, além disso, boas áreas de gramíneas nativas. Localizada na zona da mata, a fazenda FRIOS, pela posição geográfica, pode atender a todo o Nordeste, bastando que

o Ministério dê recursos materiais ao seu diretor para que aquele centro de criação de Nelore possa ampliar suas atividades. Alagoas particularmente tem sido altamente beneficiada, havendo no Estado cerca de vinte criadores desta raça, alguns com mais de trezentas cabeças.

mar os currais do Vale do S. Francisco. Embora tornando-se grande centro industrial, o fato de sua maior indústria — a do açúcar, de que foi pioneiro — estar tão intimamente ligada à história do boi, é bastante para que a pecuária ainda volte a ter ali o florescimento dos dias antigos, quando seus campos, agrestes e matas se povoavam de manadas. Hoje já possui o Estado uma preciosa pecuária de escol, como o demonstram anualmente as Exposições do Parque de Cordeiro, onde encontramos, realmente, reprodutores de alta classe das diversas raças indianas, máxime do Nelore, tão bem representada ali, e a Gir, que teve em Geneton Carneiro de Moraes, prematuramente desaparecido, um selecionador pertinaz. O maior rebanho, no entanto, continua sendo o Indubrasil, que, enquanto vai desaparecendo aqui pelo Sul, ganha terreno pelo Nordeste. Mas, o que pretendíamos com este exórdio não era propriamente fazer uma apreciação sobre a pecuária fina do Estado, mas, acentuar a política de democratização do boi, que foi posta em execução pela primeira vez no Brasil no governo do dr. Paulo Guerra. Porque criar, entre nós, é atualmente atividade de rico. Vão longe os tempos em que qualquer roceiro tinha sua vaca, sua junta de bois. Com o valor que atingiu o gado, isto tornou-se luxo, que o jeca não pode sustentar. Pois foi ao encontro do restabelecimento desta tradição que o

As iniciativas rurais do governador Paulo Guerra, em Pernambuco

Pela primeira vez, Pernambuco tem à frente do seu governo um ruralista de fato, porque o dr. Paulo Guerra é criador e como tal conhece bem os problemas do seu Estado, no campo da pecuária. Não é um teórico, como os muitos que andam por aí falando de agricultura e de pecuária, sem nunca ter plantado sequer uma bananeira ou criado ao menos um galo de briga. Porque o mal do Brasil tem sido este: por uma questão política viola-se a sabedoria de Aquiles, fazendo que sapateiros vão além do salto do sapato. O homem certo no lugar certo, do aforismo inglês, nunca foi observado na pragmática nacional e o que vemos sempre é uma dança de quadrilha caipira, onde os valores parece que são propositadamente deslocados

por humorismo, com um dentista na pasta da Viação, um engenheiro no ministério da Fazenda, um médico na Agricultura ou um militar ocupando cargo civil, ao mesmo tempo que um civil exerce cargo militar como fez Epitácio Pessoa, pon-do Calógeras na pasta da Guerra, alias um grande ministro. Numas das nossas reportagens sobre Mato Grosso, assinalamos um bacharel dirigindo a Navegação da Bacia do Prata, um homem — disseram-nos — que nunca subiu num navio porque a bordo sentia o estomago embrulhado!

Pernambuco é um Estado de grandes tradições pastoris, que participou ativamente da civilização do couro. Da bagaceira dos seus engenhos, muito antes até que da Bahia, saíram as primeiras crias para for-



Um caboclo assina o contrato, depois de sorteado na Operação Vaquinha.

governador Paulo Guerra orientou a secretaria da Agricultura de Pernambuco, dirigida atualmente pelo dr. Antonio Coelho, um técnico de nome nacional, como sabemos, porque, além de já ter sido diretor geral do D.P.A. do Ministério da Agricultura, por várias vezes tem estado à frente do cargo que novamente ocupa. Com ele na secretaria e o dr. Renato de Moraes no D.P.A., coadjuvado por uma equipe de técnicos moços e de boa vontade, foi possível ao dr. Paulo Guerra desdobrar o programa rural que vem assinalando seu governo. No entanto, o que ele está fazendo não é nenhum bicho de sete cabeças que anteriormente já não se tivesse feito, tendo, ao contrário, a simplicidade do ovo de Colombo. Apenas a ninguém tinha ocorrido a idéia de quebrar o ovo. São duas apenas as suas iniciativas que vamos destacar: — a Campanha de Melhora de Carne e a Operação Vaquinha, ambas sem dúvida de um sentido sócio-econômico que dispensa maiores comentários.

A Campanha de Melhora de Carne visa transformar o rebanho sertanejo, máxime o do Vale do S. Francisco, substituindo o pé duro por um reprodutor mestiço de qualidades econômicas já acentuadas. Esta troca é gratuita e, enquanto os técnicos do D.P.A. entregam o mestiço, levam o pé duro para o açougue. Assim, em poucos anos lucra o caboclo, que valoriza sua pequena criação pela precocidade e pelo peso, e lucra o Estado, que eleva a produção de carne. Paralelamente a esta campanha, se desdobra outra de maior envergadura, que é a venda de reprodutores por financiamento, mas, aí já são os que possam pagar.

No entanto, é na Operação Vaquinha que está a maior originalidade, pois é uma novidade que se introduziu na vida rural de Pernambuco e precisa estender-se ao Brasil todo. Esta operação é igualmente simples e não envolve nenhuma dificuldade. Ela integra, mas por emprismo. Sabe-se a vida prosaica, sem horizontes, quase sempre de privações, que leva o nosso sertanejo, tão bem interpretado por Monteiro Lobato na figura fatalista do Jeca Tatú. É um esquecido, que praticamente tem vivido à margem da nacionalidade. Pois foi ao encontro deste homem que o governador Paulo Guerra marchou, para lhe dar a mão e infundir con-

fiança no próprio destino. Como? Criando a Operação Vaquinha: o caboclo que tenha a sua terrinha, própria ou por arrendamento, é contemplado com uma vaquinha, ao preço de custo e em prestações, para que por este meio melhore a sua dieta doméstica e tenha pela vida um interesse maior. Isto não se faz naturalmente com demagogia, distribuindo vacas a torto e a direito, o que seria incompreensível, mas, somente, como dissemos, a quem tenha a sua propriedade. O Estado compra vacas à vista, escolhe um município, anuncia a presença de seus técnicos e do gado e no dia marcado, com os caboclos reunidos, procede ao sorteio dos animais, já que não é possível contentar a todos de uma vez nem fazer a distribuição a critério dos técnicos, para evitar críticas de favoritismo. O sorteado assina o seu contrato de compra, paga 10% e sai dali levando sua vaquinha, que acabará de pagar em três anos.

A venda por preço de custo e o contrato de compra que o caboclo assina têm duas significações psicológicas, de alto valor moral, para o homem da roça: não experimenta ele a sensação de estar sendo beneficiado com uma esmola que o degradaria e sente-se feliz com aquela demonstração pública de ver sua assinatura inspirar confiança num documento bancário. E dali mesmo ele já sai com a sua vaquinha, como se vê na capa deste número, capacitado para melhorar a dieta dos filhos e com uma base econômica que poderá fazer dele até um futuro criador, porque foi também com duas vacas que Garcia à Avila se transformou em dono do maior rebanho colonial. Na própria Índia, como se sabe, a criação de gado é uma atividade do-



Já com a sua vaquinha e o bezerro, este sítio se prepara para uma nova vida: torna-se criador. Começa com uma; dentro de alguns anos terá muitas.



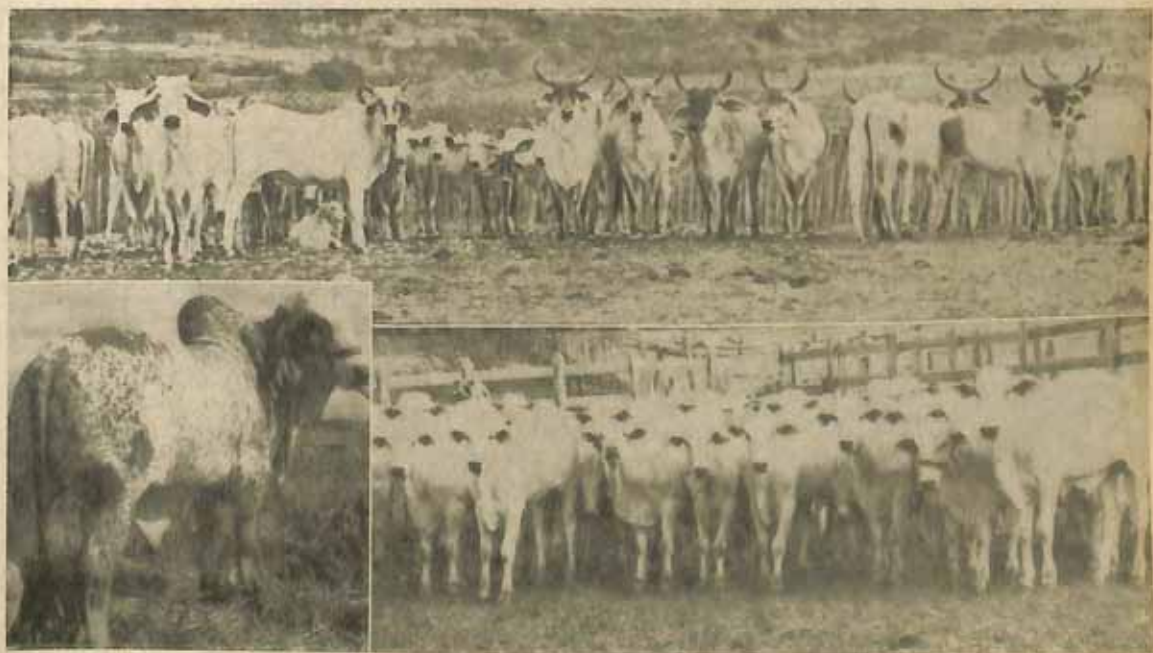
Vista panorâmica da Fazenda Teotônio.

méstica; cada família tem uma ou duas vacas, sendo poucos os que possuem 50 cabeças e raríssimos os que têm mais de 100. No entanto, é o país de maior rebanho do mundo. Na própria Holanda, quem tem 50 vacas?

O Banco de Desenvolvimento de Pernambuco vem cooperando com o governador Paulo Guerra, abrin-

do uma carteira que desconta esses títulos. E assim, 1788 vaquinhas já foram vendidas; 1788 pequenos sítios já foram beneficiados com esta humanitária e inteligente iniciativa, que é uma verdadeira revolução social no Brasil, sem tiros e sem arremessos antipáticos de polícia. O dr. Gilson Medeiros, chefe deste serviço de revenda, conti-

nua cadastrando os municípios a ser beneficiados ainda este ano. E ao divulgar estas realizações pacíficas de um reformador rural, pretendemos mostrar um exemplo à Comissão do Vale do S. Francisco, a Sudene e ao Banco do Nordeste, tres pessoas distintas numa só verdadeira, pelo menos nos efeitos que delas o Nordeste continua esperando.



O rebanho da Fazenda Teotônio aqui se representa pelas três raças nobres da moderna pecuária do Brasil.



D. Idezith Palva Câmara, ao lado do busto de Plínio Câmara, rodeada dos seus doze filhos, cada qual com a sua respectiva cara metade. No Ceará tem disso, porque — ô gente de fé!

A Fazenda Teotonio, no panorama rural do Ceará

Não poderíamos encerrar esta segunda reportagem, apesar de já estar ultrapassado o espaço que a "Revista" a ela destinou, sem algumas referências à fazenda Teotonio, a maior organização agropecuária do Ceará, quicá do Nordeste. Não vamos, é claro, contar a sua história, mesmo porque teríamos que entrar num campo sentimental que só poderia ser visitado se vestíssemos de novo a camisola de menino. E então seria preciso contar também a história do Sobrado, das festas de Janeiro, das noites de S. João, das serenatas e até do Domingos da Marcelina, da preta Sabina, de tudo, enfim, desse Maranguape amável e nunca esquecido, que o Chico Anísio recorda uma vez por outra nos seus programas de televisão, mas, sem o sabor evocativo que só mente nós, o pai dele e a nossa geração conhecemos. Ah! Tivéssemos a fecundidade do Raimundo de Menezes — este cearense extraordinário que chove livros, que lança um e já anuncia na mesma hora mais dois em cosimento na sua padaria cerebral e lembra, por isso, aquele inglês prodigioso, que, entre o almoço da manhã e a hora do almoço, pintava um quadro e desenhava um tapete, sem interromper a participação que tomava num campeonato de xadrez! Fôssemos assim e então escreveríamos também esta história.

A fazenda Teotonio, no nosso tempo, era uma fazendinha como qualquer outra do Ceará, no começo deste século: um modesto centro de criação de gado curraleiro,

que vivia como a caatinga da região, por exclusivo milagre da Natureza. O dono era um nosso tio, que teve fama de jurista, como catedrático de Direito Romano da Faculdade do Ceará: dr. José Bonifácio Câmara. Mas, da Teotonio o ti Zé só tomava conhecimento de vez em quando, ao saber que o vaqueiro tinha mandado uns queijinhos do serião, pura caseína seca, que para ralar desafiava a arte dos funileiros de Maranguape e só servia para fazer botão de ceroula. Mesmo assim, o vaqueiro, com este espírito de responsabilidade que tem o sertanejo, escrevia-lhe sempre, dando conta da "administração", contando as esperanças de chuva porque a siriema tem cantado muito, a suspeita de seca com cigarra assoviando até de noite, os bezerros que nasceram e os que morreram. E no fim, nunca deixava de perguntar se o patrão este ano vem para a ferra, como se fosse um possível circunspecto catedrático de Direito Romano, que ainda usava fraque e chapéu de côco, fazer trinta leguas a cavalo e em estrada ruim, para assistir a ferra de oito bezerros, que talvez até já tivessem morrido quando chegasse lá. Era esta a fazenda Teotonio que conheci, não por ter estado lá, mas, pela fama dos queijos.

Mas, em 1919 vimos para o Sul, à procura do Velocino de Ouro, que, por sinal, já encontramos tosquido, não podendo mais voltar ao Ceará senão em pensamento, que não cobra passagem. Nunca perdemos, no entanto, o contacto senti-

mental com Maranguape, sempre revivida pelas cartas maternas e depois pelas da mana Heloisa, porque a Vivi quebrou a caneta desde que deixou a escola da d. Mariquinha. O nosso amigo Belo da Mota, o último abencerragem da nossa geração, também escrevia uma vez por outra, quando aos domingos, se sentia inspirado pelo tempero canônico do frango ao molho pardo, que a Anita e a Raimundinha preparam com um ritual de família, que só se transmite por iniciação esotérica. E assim que vinham de lá as cartas, contando que o ti Zé morrera; que a Teotonio ficara para o Samuel e o Plínio; que o Plínio casara com a prima Idezith e foram os dois pagar promessa em Canindé; que o Plínio comprara a parte do Samuel e ia morar na fazenda com a mulher; que o Plínio estava fazendo um açude e construía sede nova; que o Plínio já plantara 5 mil coqueiros; que o Plínio... mas, aí já foi o Mario Mazzei Guimarães, em três reportagens da "Folha da Manhã", que acabou de nos assombrar, anunciando a S. Paulo que encontrara na sua viagem ao Nordeste uma fazenda Teotonio que era a maior organização agropecuária do Ceará!

Ano passado fizemos uma grande reportagem para a "Revista dos Criadores" comemorar a Primeira Semana Nacional do Cavalo, abrindo caminho para que o Noronha, que tem bom apetite, faça uma maior este ano. E alguns criadores ficaram tão satisfeitos, que nos deram de prêmio uma viagem ao Ceará, com passagem só de ida, na esperança de que fôssemos por lá. E foi a oportunidade para que conheçamos a Teotonio, para que fôssemos ver de perto se aquilo tudo era loróta. E não era, não senhor! O Plínio Câmara, embora morrendo prematuramente, não tivera tempo somente de deixar a Teotonio arrumada como sala de visita do Ceará: deixara também a prima Idezith — santo Deus! — com 12 filhos e 50 netos, mostrando que um cearense pode perfeitamente tornar-se patriarca sem deixar crescer a barba. E fomos encontrar a saudável e feliz dos seus sacrifícios de mulher, contemplando-se naqueles 62 rebentos em que se desdobrou, por efeito de uma abençoada união. Principalmente porque a festa por lá continua, pois as filhas e noras ainda jovens e feiticeiras, trazem os maridos em lua de mel renovada, obrigando as maternidades de Fortaleza a um plantão permanente, para que ela tenha todo mês mais um neto. E o Ceará, que já tomou o Acre à Bolívia, está agora na contingência de tomar também um pedaço do Piauí, sem saber se apenas alargue a sua área, para caber essa gente apressada, ou se forme logo, definitivamente, o Estado de Teotonio...

Realmente a fazenda Teotonio já não é aquela fazendinha do ti Zé, que fazia os queijos mais duros do mundo; transformou-se, na mão do Plínio Camara, na maior organização agropecuária do Ceará e, no gênero, talvez do Nordeste, alarga numa área de 17 mil hectares, todos em produção. Porque o Plínio planejou o desenvolvimento da propriedade com uma segurança calculada, que o sr. Roberto Campos devia conhecer, pois só encontra exemplo no Senado Romano, quando traçou também a conquista do mundo. E o seu esforço ciclópico foi compensado, porque, embora em pleno sertão seco, a Teotonio possui uma das terras mais férteis do Ceará, pois o rio Barrigas — o maior afluente do Quixeramobim — atravessa toda ela em meandros, espalhando, principalmente nas numerosas varzeas, uma carga aluvionica de fazer nascer feijão em cima de pedra. E o que era capoeira foi transformado em pastagem, onde o sempre-verde não é verde só no nome, mas, na pertinácia com que conserva o matiz o ano todo. E por ali pastam nada menos de duas mil cabeças de gado fino, com rebanhos Nelore, Gir e Guzerá, que só encontramos iguais por aqui. E este gado não está protegido por promessas para que chova, mas, por cinco açudes enormes, um dos quais com a capacidade de dez milhões e quinhentos mil metros cúbicos. E que não dão somente água, mas despejam para as bancas do mercado de Fortaleza uma tonelada de peixes por mês, não indo mais porque falta pescador. E irrigam também um pomar de dez mil laranjeiras, por meio de vinte quilô-

No Dia da Criança, no ano passado, d. Idezith Paiva Câmara teve este prazer que poucas avós conseguem: reuniu no jardim da sua casa, em Fortaleza, todos os 50 netos, que aqui aparecem. Como se vê, é ainda uma arrua-miúda, que por si mesmo já demonstra que a cegonha por lá continua atarefada e com ajudante. E, de fato, tendo só um ano, a foto, não é mais completa porque depois dela... Calculem se no Ceará chovesse.



**TUDO para
HORTA
POMAR
JARDIM**

**sementes
HIERBERGER**

LGO S FRANCISCO ITS - CA POSTAL 456 - S PAULO

metros de canais de alvenaria, que o Zequinha construiu com a sua capacidade de técnico. E foi preciso até cortar tres mil coqueiros, porque côco estava se perdendo no chão. E...

A agricultura na Teotonio é somente o algodão Mocó, que anualmente dá uma colheita média de 15 mil arrobas, em fase de expansão. Mas, como a fazenda seleciona sementes, que distribui de graça pelos lavradores da região, compra de 450 a 500 mil arrobas de algodão por fóra, algodão que é beneficiado na própria usina da fazenda, ali mesmo classificado, enfiado e despachado diretamente para a Alemanha.

Pois, tudo isto foi feito por um homem de força de vontade, numa terra pobre como ele e onde o crédito bancário é uma ficção econômica. Acusa-se a instabilidade do

clima e o desinteresse dos governos como responsáveis pelo atraso do Nordeste. Isto é verdade, mas, só em parte. Porque foi num clima instável e sem o interesse do governo, que o Plínio Camara repetiu o milagre do Criador, tirando a Teotonio do nada. A falta de chuva nunca impediu que ali trabalhassem 150 famílias, com uma população doméstica de duas mil pessoas. E a falta de interesse do governo nunca foi motivo para que um trabalhador sequer fosse dispensado por não ter serviço, mesmo em anos de seca. O que houve na Teotonio foi um homem de vontade, a maior herança que o Plínio deixou para os filhos, que continuam a sua obra. Que seria do Ceará, se, em vez de uma, tivesse muitas Teotonios? E que seria do Brasil, se em vez de um, tivesse muitos Ceará Teotonizados?



O Instituto de Pecuária da Bahia

Parece que o Instituto de Pecuária da Bahia é caso único de interesse oficial pelo eritatório do Brasil, pois, de um modo geral, os governos — sejam estaduais ou o federal — dos criadores só querem a carne barata, sem procurar saber como ela se produz. Tivessem os pecuaristas o crédito bancário que destruíram o comércio e a indústria e o Brasil estaria certamente no rol dos grandes exportadores do produto. Mas, o que possuímos é de exclusiva iniciativa particular e os governos, quando aparecem nas exposições — que não demonstrações vivas da capacidade do nosso homem rural — é só para deitar verboreta eleitoral, que felizmente já hoje ninguém escuta. E quando escuta é dizendo, como no 16-18-18: *môra...*

É, pois, caso digno de registro nos anais da República, pelos Tâctos nacionais que vivem à procura de assunto — este de ter o Instituto de Pecuária da Bahia sido fundada por iniciativa do sr. Juracy Magalhães, quando no seu primeiro governo na Boa Terra. E muito mais digno de louvor é que uma instituição de origem oficial não tenha desandado num desses corriqueiros de que o Brasil anda cheio, tornando-se, como se tornou, exemplo de eficiência e operosidade, creditada em todo o País como modelo de organização rural que em 31 anos de existência não somente se engrandeceu mas engrandeceu a pecuária baiana e mesmo a nordestina. Basta dizer que o seu capital relativamente pequeno de início, hoje se eleva à cifra de Cr\$ 267.262.725 e a sua carteira de empréstimos em 1965 registrou o movimento de Cr\$ 1.675.178.387 — contando a carteira de depósitos, como expressão inafastável do crédito que o Instituto inspira. Cr\$ 4.829.482.507. Foi esta, sr. Juracy Magalhães, a boa semente que V. Excia. lançou no bom solo. E diga-nos onde a revo-

lução de 30 semeou as outras que o povo entregou aos babalões da República.

Pretendíamos dedicar espaço muito grande às atividades do Instituto de Pecuária da Bahia. Mas, o moço que devia nos por em contacto com a diretoria — apesar de já sermos conhecidos do seu presidente, dr. Francisco Serra — embutiu-se tanto de musqueira de camarão na Maria de S. Pedro que encrencou o aparelho com um desses desarranjos que avacalham a boca de qualquer doutor. E ele, coitado, que já é agoniado de natureza, mal teve tempo de tomar o Elevador Lacerda sem protesto dos passageiros, para hospitalizar-se apressadamente — conforme justificou-se e o seu médico assistente confirmou. Por questão de ética, não quisemos ir diretamente ao Instituto de Pecuária. E foi somente aqui, no regresso, ao termos notícia de que o dr. Serra estava no Hotel Ibiá, que o procuramos, comprometendo-se ele a nos mandar — como mandou — os dados que solicitamos. Mas, o nosso Correio Aéreo, embora já esteja levando correspondência para a Lua, para o serviço nacional continua usando a Operação Tartaruga. Por isso, somente quando esta segunda reportagem já estava na gráfica foi que recebemos a correspondência do Instituto, sendo preciso voltar todo o calhamaço para a redação a fim de fazermos esta operação plástica de última hora.

A atual diretoria do Instituto termina o seu mandato este ano sendo possívelmente reeleita, para dar continuidade ao programa que vem realizando na sua proveitosa gestão. A ela, realmente, deve a fazenda Alvaro Ramos o seu reaparelhamento, para que, na nova fase que acaba de iniciar, leve avante com êxito o aprimoramento das suas áreas que seleciona

para proveito dos seus associados: Nelore, Guzê e Indubrasil. No tocante ao Nelore, queremos assinalar o trabalho de consanguinidade em linha a ser realizado por meio de um reprodutor de estirpe, ZANZIBAR adquirido à Fazenda Monte Alegre, do dr. Teodoro Eduardo Duvivier. Este animal, que vai assumir a responsabilidade de tão importante experiência genética, é filho do importado TANALI com uma vaca de altas características raciais do plantel daquele conhecido selecionador fluminense. A mãe-avó materna de ZANZIBAR, porém, é criação da fazenda Alvaro Ramos. Assim, este reprodutor vai trabalhar em rebanho com o qual tem parentesco.

A Fazenda Alvaro Ramos, em 1965, aumentou também sua criação Guzerá, adquirindo ao sr. João de Abreu 3 novilhas da sua seleção. E o plantel Indubrasil, por sua vez, foi enriquecido de mais 18 novilhas, exigindo tudo isto que o Instituto fizesse neste melhoramento o investimento de Cr\$ 19.350.000.

Responsável pelo Serviço Genealógico do Estado; promovendo feiras de gado que dão bons resultados vem apresentando responsável pelas Exposições do Parque de Ondina e colaborando com as demais que se realizam no interior da Bahia; estreitando o convívio social dos criadores; atendendo pelo seu Departamento Comercial as necessidades rurais dos associados; vigilando com seus veterinários pela sanidade do rebanho baiano; provendo por meio da importação direta de arame farpado a carência deste material no mercado interno; contribuindo para a riqueza nacional com o seu serviço de classificação de couros e peles — pensamos ter dado aos leitores a idéia aproximada desta organização baiana, cuja amplitude de atividades abrange toda a vida rural do Estado.



Sua do grupo residencial da Fazenda Alvaro Ramos, do Instituto de Pecuária da Bahia, em que há instalações para hospedagem dos associados.

DIREITO AGRÁRIO = II

NILZA PEREZ DE REZENDE
Advogada

1 — Nos nossos comentários anteriores sobre o "DIREITO AGRÁRIO" (Lei n.º 4.947, de 6 de abril de 1966) procuramos fixar as várias restrições, que vêm de ser impostas aos proprietários rurais no País.

2 — O mesmo espírito protecionista que inspirou o legislador na implantação da legislação trabalhista no Brasil, tutelando o operário, com delimitação dos direitos do empregador; o mesmo espírito que tem norteado o legislador nas leis de exceção disciplinando o inquilinato e protegendo o inquilino, com reflexos negativos na solução do problema habitacional no País, que ora se faz sentir em sua plenitude, parece que se encarnou no legislador brasileiro, em instituindo a Lei n.º 4.947, de 6-4-66.

3 — A autonomia da vontade na celebração dos contratos cedeu lugar a normas imperativas, de ordem pública, que não de ser cumpridas pelas partes contratantes. E várias dessas normas são muito mais rígidas do que outras vigentes nas locações comerciais ou industriais, como se demonstrará no curso destes comentários.

Parece que o legislador brasileiro está mesmo convencido de que o nosso problema rural se resolve e com inflação de leis, abrangendo todas as possíveis relações jurídicas em que se envolver o homem do campo e tratando o fazendeiro com rigor excessivo.

4 — Dispõe o art. 13 da Lei 4.947, que os contratos arários regular-se-ão pelos princípios gerais, que regem os contratos de direito comum, no que concerne ao acordo de vontade e ao objeto, mas observadas as várias restrições, que enumera. Estas restrições são, entre outras, as constantes dos artigos 92, 93, 94, 95 e 96 do Estatuto da Terra, que fixa as normas relativas ao uso ou posse temporária da terra, estabelecendo como será exercido esse direito, definindo direitos e obrigações de proprietários e posseiros, dispondo sobre os preços do arrendamento, a possibilidade de reajustamentos periódicos de acordo com os índices aprovados pelo Conselho Nacional de Economia e

nos casos em que ocorrer a exploração de produtos com preços oficialmente tabelados.

5 — As maiores restrições, porém, impostas aos proprietários rurais são as constantes dos parágrafos 3.º, 4.º, 5.º e 6.º do art. 92 do Estatuto da Terra, aos quais faz remissão a Lei n.º 4.947, de 6-4-66:

§ 3º — No caso de alienação do imóvel arrendado, o arrendatário terá preferência para adquiri-lo em igualdade de condições, devendo o proprietário dar-lhe conhecimento da venda, a fim de que possa exercer o direito de preempção dentro de trinta dias, a contar da notificação judicial ou comprovadamente efetuada, mediante recibo;

§ 4º — O arrendatário a quem não se notificar a venda poderá, depositando o preço, haver para si o imóvel arrendado, se o requerer no prazo de seis meses, a contar da transcrição do ato de alienação no Registro de Imóveis;

§ 5º — A alienação ou a imposição de ônus real ao imóvel não interrompe a vigência dos contratos de arrendamento ou de parceria, ficando o adquirente sub-rogado nos direitos e obrigações do alienante;

§ 6º — O inadimplemento das obrigações assumidas por qualquer das partes dará lugar, facultativamente, à rescisão do contrato de arrendamento ou de parceria, observado o disposto em lei.

6 — Assim, os arrendatários terão sempre direito à compra do imóvel arrendado, depositando em juízo o preço com terceiros. E, se o proprietário alienar o imóvel arrendado sem assegurar previamente o arrendatário a preferência, que a lei lhe dá, poderá haver este o imóvel arrendado, depositando em juízo o preço da transação, dentro de seis meses a contar da data da transcrição do título de alienação no Cartório do Registro de Imóveis. Nessas condições, a Lei assegura ao arrendatário do imóvel rural direito real à sua compra, no caso de alienação pelo proprietário e não direito pessoal, que poderia ser resolvido na composição de perdas e danos, nos casos de descumprimento.

7 — Esse direito já consagrado no País pela Lei n.º 3.912, de 3-7-61, que assegurava preferência aos inquilinos na aquisição dos imóveis residenciais, a ser exercido dentro de 30 dias a partir da data em que tomassem ciência de alienação pelo proprietário. E, depois de controversia em torno das consequências do descumprimento dessa obrigação, para o proprietário, se importava na nulidade da venda (direito real) ou na sua obrigação de compor perdas e danos (direito pessoal), fixou-se a jurisprudência do Supremo Tribunal Federal, neste último sentido, que veio a ser consagrado expressamente na mais recente Lei do Inquilinato, que ora vigie no País, Lei n.º 4.494, de 25-11-64.

8 — O Estatuto da Terra, porém, erigiu como direito real a preferência do arrendatário rural à aquisição do imóvel arrendado, direito que poderá exercer dentro do prazo de seis meses, a partir da inscrição da escritura no Registro de Imóveis.

9 — O art. 93 do Estatuto da Terra veda expressamente ao proprietário exigir do arrendatário ou do parceiro a prestação de serviços gratuitos, a exclusividade de venda da colheita, a obrigatoriedade de beneficiamento da produção no seu estabelecimento, a obrigatoriedade de aquisição de gêneros em seus armazéns, facultando apenas ao proprietário, que houver financiado o arrendatário, exigir a venda de colheita até o limite do financiamento concedido.

10 — De seu lado, proibindo o art. 13 item IV da Lei 4.947, às partes contratantes, a renúncia dos direitos e vantagens estabelecidas em leis ou regulamentos, não poderão mais ser celebrados contratos de arrendamento de imóveis rurais sem a observância fiel e rigorosa desses dispositivos legais.

Diante disso, os fazendeiros, que forem arrendar imóveis rurais, deverão doravante considerar devidamente todas essas restrições, que a Lei impõe ao seu direito de proprietário, a fim de não serem surpreendidos com ações futuras dos arrendatários.

Brilhante sob Agro-Pecuar

Foi o melhor certame já ef
Rodeio sensacional — comiss



Belo exemplar Guzerá desfila diante do grande público.

Tudo o que se planta no Estado do Paraná frutifica, triplica, avulta de maneira verdadeiramente espantosa. Será desnecessário mencionar o formidável surto de progresso do Norte da Terra dos Pinhais. Tomaríamos páginas e páginas desta edição, e não teria-

A representação Gir foi a mais numerosa. Além da quantidade, a boa qualidade dos produtos. Mais uma vez obteve grande saliência o plantel do sr. Celso Garcia Cid.



mos dito a metade daquilo que lá ocorreu e continua ocorrendo, num extraordinário "rush" de desbravamento do sertão por aquela gente estoica e valorosa.

O Paraná é assim. A agricultura majestosa não pára. Cidades novas sempre surgindo, as pequenas, tornando-se grandes; as grandes, impondo-se entre as principais metrópoles do País.

Londrina. Eis o exemplo mais eloquente de nossas assertivas, e é dela que vamos tratar prazerosamente, tentando descrever o que foi a notável III Exposição Agro-Pecuaría e Industrial do Paraná, lá realizada.

Este foi o terceiro certame com que Londrina nos brindou. Seria normal afirmarmos que dos três foi o melhor, como naturalmente deveria acontecer. Mas vamos além. Londrina, em 1966, realizou, em nosso modo de ver e analisar, a maior e a mais sensacional mostra pecuária de todos os tempos. Qualidade e quantidade, duas palavras que se encaixam magistralmente neste comentário da exposição londrinense. Senão, vejamos.

O Parque Governador Ney Braga é algo de deslumbrante. Este ano foram inauguradas as arquibancadas de concreto armado, que enfeitaram ainda mais o recinto que já era suntuoso com suas pistas amplas e seus pavilhões modernos e bem distribuídos. Os estandes industriais e comerciais foram outra nota de relevo, todos bem ornamentados, mesclando bonitas cores, com seus principais produtos à vista do numerosíssimo público, que compareceu diariamente ao Parque Governador Ney Braga, numa de-

monstração de entusiasmo pelas coisas do Estado.

CRIADORES QUE LEVARAM ANIMAIS A LONDRINA

122 criadores compareceram à III Exposição Agro-Pecuaría e Industrial do Paraná, apresentando mais de 1.500 animais.

Na raça Gir, mais uma vez tivemos o prazer de apreciar os notáveis espécimes do sr. Celso Garcia Cid, muito justamente cognominado o pai da pecuária paranaense, assim como os excelentes produtos de propriedade dos srs. Nelson Braz Borges, Enéas Cintra da Silveira, Rivaldo Machado Borges, Mauro Conrado Mesquita, Harry Prochet, Francisco Sciarra e André Martinez, Mozart Ferreira e outros.

Entre os neloristas, destacamos os srs. Hiroshiy Yoshio, Fernando Bueno dos Santos, Valdemar Neme, Rudolf Reich, Mauro Mesquita e Orestes Prata Tibery Júnior. Os srs. Celso Garcia Cid, Nely Peres de Oliveira e Arlindo Gomes Toledo apareceram em primeiro plano com a raça Guzerá. Os srs. Dr. Jamil Janene, Olimpio Marini e Leopoldino Borges, no Indubrasil, mereceram nota alta. No Holandês preto e branco, gostamos bastante dos plantéis dos srs. Ulisses Xavier da Silva, Frederico Timers e Dario Corrêa Rocha. Na variedade vermelha e branca os srs. Francisco Sciarra e André Martinez Jr. tiveram boa presença. Na raça Jersey, destaque para Ricardo Lunardelli S/A. Apreciamos e muito os cavalos portugueses (Alter), importação dos srs. Norman Prochet, Eugenio Propcio de Oliveira, Mauricio Junqueira de Andrade, e João Guzzo.

todos os aspectos a III Exposição a e Industrial, realizada em Londrina

ado ali — Criadores presentes — A ação profícua da Associação Rural local —
Julgadora — A figura do ministro Ney Braga — Um campeão que causou "barulho"

Texto: LAERCIO C. NORONHA

Fotos: FRANCISCO SCIACCA

Neto. Os srs. André Martinez e Francisco Sciarra mostraram belíssimos reprodutores, tudo fazendo crer que muito breve a sua seleção seja uma das mais completas.

FUNCIONA REALMENTE A ASSOCIAÇÃO RURAL DE LONDRINA

O que os homens da Associação Rural de Londrina, a cuja frente se encontra o sr. Omar Mazzei Guimarães vêm realizando pela classe, no norte do Paraná, é algo de notável. Os que conhecemos de perto o que tem sido feito desde que a pecuária despontou vigorosa naquelas plagas, somos testemunhas de como ele, os Garcia Cid, Fernando Bueno, Conrado Mesquita, Lemir Duarte, Olavo Godoy, Dr. Gilberto Santos e outros, vêm trabalhando.

Hoje, Londrina pode orgulhar-se de possuir um dos melhores e mais modernos recintos do Brasil, graças aos esforços desses incansáveis elementos, que não conhecem ainda a palavra impossível.

UM RODEIO SENSACIONAL COM 300.000 CRUZEIROS DE PREMIO

Um dos pontos alegres do certame. Muitos e bravos cavaleiros tentaram ganhar o prêmio de Cr\$ 300.000, oferecido pela Associação Rural de Londrina. Zé Capitão, responsável pelo rodeio, apresentou uma tropa viva, bem treinada, que não permitiu que os peões permanecessem muito tempo em cima de sua cavalgadura; os mais afortunados, em poucos segundos beijavam o gramado.

No final, sob intensos aplausos do grande público, a Associação distribuiu o prêmio entre os participantes, e todo mundo saiu contente.

COMISSÕES JULGADORAS

RAÇA GIR — Brasiliano C. Alves; Mozart Ferreira; Romildo Coutinho.

NELORE — Pilades Prata Tibery; Sérgio Toledo Piza; Alípio Ferreira de Castro.

GUZERA — INDÚ BRASIL — Dr. Alberto Alves Santiago; Dr. Brasiliano C. Alves; Mauro Conrado Mesquita.

LEITEIRAS — Dr. Otto de Mello.

EQUINOS — Otto de Mello; José Floriano Martins.

SUINOS — Dr. José Quirino dos Santos; Dr. Ivan Nunes Torres.

Novamente a raça dos chifres em forma de lira e o sr. Celso Garcia Cid dando instruções a seu dedicado empregado Jair, antes de se iniciar o grande desfile, onde foram apresentados os Campeões das raças.



Por ocasião da inauguração oficial do grande certame paranaense, tivemos a oportunidade de notar a presença dos srs. Ney Amyntas de Barros Braga, Ministro da Agricultura e representante do Marechal Humberto de Alencar Castelo Branco, presidente da República; do sr. Paulo da Cruz Pimentel, governador do Estado; do sr. José Theodoro Miró Guimarães, secretário da Agricultura; do sr. José Hosken de Novaes, prefeito Municipal de Londrina; do sr. Valene V. Pimpão, presidente da Câmara Municipal, e do Nelson Maculam, senador da República.

O MINISTRO NEY BRAGA MERECE OS MAIORES APLAUSOS PELO MUITO QUE TEM FEITO EM PRÓL DA PECUÁRIA NO MINISTÉRIO DA AGRICULTURA

Quando se fala em Ney Braga, a gente do Paraná gosta e sorri satisfeita, embora nunca se esqueça de colocar antes do prenome o adjetivo "grande", numa homenagem àquele que muito tem feito pela sua terra. De fato, depois de realizar notável gestão à frente do governo estadual, que todos conhecemos e que vem sendo ótimamente continuada pelo jovem governador Paulo da Cruz Pimentel, Ney Braga foi para o Ministério da Agricultura, que, segundo as próprias palavras do presidente Castelo Branco, era a única peça do gover-



Mauro Conrado Mesquita puxa no desfile, sua vaca Campeã Nelore.

no que não funcionava — e fez roupas certas, imparciais e honestas, que os agricultores e pecuaristas brasileiros jamais se esquecerão. No magnífico recinto de exposições, a que muito justamente foi dado o nome de Ney Braga, comentava-se em todas as rodas a ação eficiente do ex-governador e atual ministro da Agricultura, girando todas as afirmações em torno da necessidade de aproveitarmos os brasileiros na presidência da República o novo e já experimentado líder, cujas idéias novas colocariam o

nosso País na posição de realce que merece.

KRISHNINHA FOI O CAMPEÃO SENIOR DA RAÇA GIR, DEPOIS DA CELEUMA CONTRA SUA PARTICIPAÇÃO NO CAMPEONATO

Panamaru, um touro notável vindo de Uberaba, MG, de propriedade do sr. Rivaldo Machado Borges, apareceu em Londrina, com todas as credenciais necessárias para se eleger Campeão da Raça. Seu proprietário, porém não concordou com a participação do famoso Krishna Sakina da Cachoeira, animal de reconhecidas qualidades técnicas e raciais, propriedade do sr. Celso Garcia Cid. Muita controvérsia em torno do assunto. Partidários, como sempre acontece, de ambos os lados. Estabeleceu-se então um estado de animo tal, que o Sr. Rivaldo Machado Borges retirou da pista de julgamento o seu Panamaru, alegando que Krishninha já fôra Campeão Nacional, não podendo em hipótese alguma, disputar novamente o cetro máximo da Raça Gir naquele certame, o que, segundo suas afirmativas, alicerçadas pela opinião de outros expositores, fugiria inteiramente ao regulamento. Verificamos, todavia, que o Regulamento das Exposições é omissivo nesse ponto.

O conhecido criador uberabense achou que Panamaru não devia disputar, como de fato aconteceu, e Krishninha venceu o duelo com outros concorrentes de envergadura.

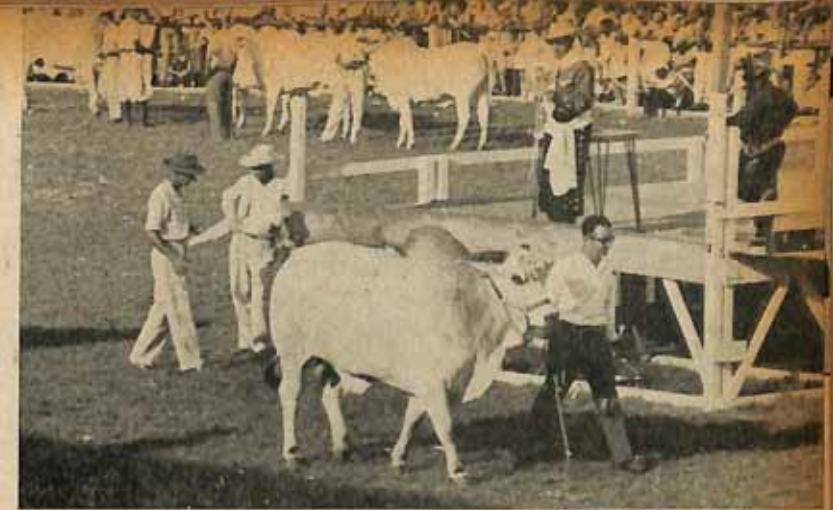
KRISHNINHA, o notável Campeão da Raça Gir é seguro por seu dono, o sr. Celso Garcia Cid.



Cafeicultores abandonam o Paraná pelo Paraguai

Discursando em Londrina, por ocasião da inauguração da III Exposição Agro-pecuária, o sr. Omar Mazzei Guimarães, presidente da Sociedade Rural do Norte do Paraná ressaltou que no Norte do Paraná ocorre "a debandada em massa" para o Paraguai, "país vizinho que possui amplas áreas adequadas ao cultivo do "ouro verde" e onde todas as facilidades e incentivos vêm sendo dados aos fornecedores. Difícil conter o êxodo, quando se sabe que uma saca de café que o agricultor vende no Brasil proporciona-lhe, a ele agricultor, aproximadamente 15 dólares, enquanto no Paraguai lhe proporcionaria aproximadamente 56 dólares".

Depois de considerar que o Café no Brasil é um enjeitado, referiu-se às possibilidades pecuárias da região, onde há sobra de pastagens,



REDDI 22 do sr. Rudolf Reich, foi o Reservado Campeão Sênior da Raça Nelore. Foi muito aplaudido e admirado no desfile final dos animais.

para um gado escasso. Faltam reais incentivos comerciais e financeiros para a produção de carne e leite. Empenham-se os produtores pela reabertura da importação de zebu. "Em matéria de leite, o agricultor quer entender porque é que ele empobrece produzindo alimen-

to básico e poderia ficar produzindo pinga".

A safra de milho no Paraná será boa este ano, embora inferior à do ano passado e teme-se que a comercialização venha a ser péssima. O sr. Omar Mazzei Guimarães solicita providências do governo central.

(Conclui na pág. 107)



PLUVIOTECNICA LTDA.

A INDÚSTRIA NACIONAL A SERVIÇO DA AGRICULTURA NACIONAL

- Equipamentos "pluvio", o máximo em irrigação
- Aspersor "Pluvio" de maior rendimento mundial



PLUVIOTECNICA LTDA.

Importação — Comércio — Indústria

TUDO PARA IRRIGAÇÃO
TÉCNICA E GARANTIA

Escritório Central: Av. Ipiranga, 1071 — 4.º — Tel 35-0734

Fábrica e Dv. Técnica: Av. Rouxinol, 57 — End. Teleg. "PLUVIO"

SÃO PAULO



METRALHA — Campeã da Raça Mangalarga. Pai: Whisky.
Mãe: Censura.



CALIPSO DE ENEPE — Um dos animais mais apreciados do certame. Foi 1.º na Exposição do ano passado.

ALBATROZ DE SANTA CRUZ — O filho de Alcaide e Metralha, apenas com 7 meses de idade, vem despontando como um futuro campeão.



A Fazenda San miada com be equinos e bovin ção Agro-Pecua de Londrina-Es



Mãe e filho. **METRALHA** já é Campeã. O filho não
tenham dúvidas seguirá os passos da mãe.



FAZENDA S

Escritório em Londrina
Edifício Londrina — Sala 212
Caixa Postal 1047 — Fone: 1934

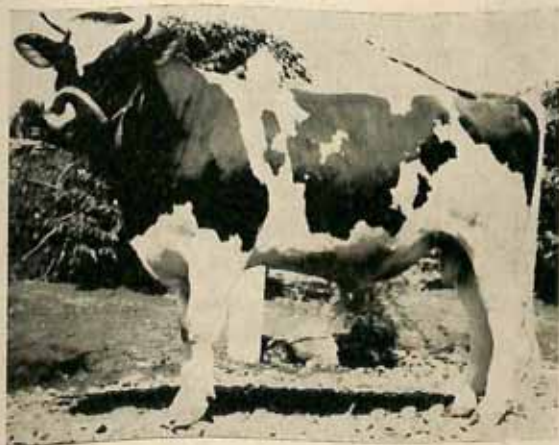
Engenheiro
Caixa
d

André Martinez Júnior e

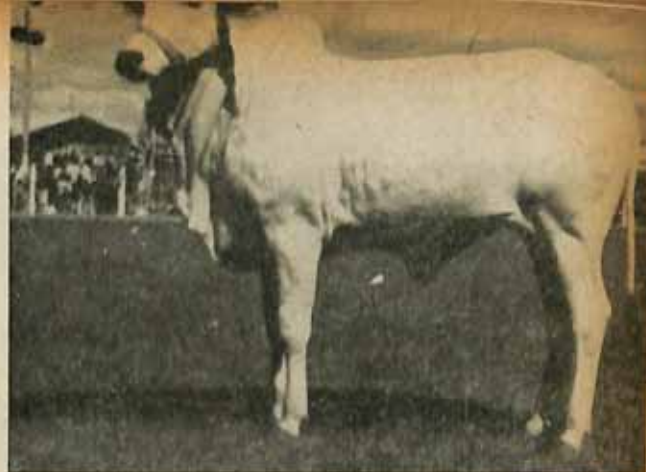
Tradicionalmente ligados à cultura do café, in
pecuária, possuindo na Fazenda cerca de 1.000
gado Holandês vermelho e branco, éguas camp
mação da tropa de

Localização: No município de Quinta do Sol
Escritório: em Londrina, no Edifício Londrina

ta Cruz foi pre- los exemplares os na III Exposi- ria e Industrial tado do Paraná



LEME'S RANDAL — Provem de um dos maiores criatórios do País: Chácara Santo Antonio, Pinhal, SP, do sr. Jalme da Silveira Leme. Leme's Randal foi o Campeão da Raça Holandesa Vermelha e Branca. É filho de Leme's Leme e Leme's Nelly, e conta com 25 meses.



LAITE DE SANTA CRUZ — Filho de Dobrando e Roela, foi premiado. Atentem para a boa compleição frigorífica que é perfeita.



PADRAOZINHO — Adquirido ao grande criador Celso Garcia Cid. Este animal será dentro em pouco o grande padreador do rebanho nelorista da Fazenda Santa Cruz.

ANTA CRUZ

Beltrão
Postal, 10

Escritório em Campo Mourão
Avenida São Paulo s/n
Em frente ao Hotel Sardeña

e

Francisco Antonio Sciarra

iciaram há 2 anos suas atividades no setor da cabeças de gado Nelore, plantel Mangalarga, olinas para cruzamento com jumento para for-
custeio das propriedades

GRANFINO DE SANTA CRUZ — Por Amapá e Serena, ou-
tra grande esperança de seus proprietários, que já neste cer-
tame obteve ótima colocação entre os melhores premiados.



A Fazenda Dois Córregos, Paraná, importa de Portugal dois cavalos Alter para melhorar a raça Mangalarga em nosso País



ALTER CASINO — 3 anos.



ALTER DESAFIO — 4 anos.

Falando à nossa reportagem, o sr. Norman Prochet, proprietário da Fazenda Dois Córregos e importador dos animais que vêm chamando a atenção do nosso mundo equinícola, disse: "Encontrando uma série de obstáculos para a evolução da raça Mangalarga, da qual sou criador entusiasta foi que importamos estes reprodutores, que há muitos anos, trazidos por D. João VI e cruzados com as nossas éguas crioulas, deram origem à raça, hoje denominada Mangalarga. Atualmente, se procurarmos nas principais coudelarias do Brasil, vamos encontrar na terceira ou quarta geração pedigris idênticos, pois tudo que há em matéria de Mangalarga descende de três ou quatro garanhões. Essa a razão quase direta de nossa ida a Portugal e trazer os dois reprodutores. Tivemos problemas enormes com a importação, mas creio que seremos brevemente recompensados pelo nosso esforço, quando a raça Mangalarga estiver dentro dos padrões reais, inerentes a um cavalo verdadeiramente de sela.

Fazenda Dois Córregos

QUERÊNCIA DO NORTE — PARANÁ

Proprietário

Norman Prochet

A seção técnica da
"TORTUGA" está à
disposição dos Srs.
Criadores para
quaisquer consultas e
orientação de caráter
técnico sobre
alimentação e sistemas
de criação.

**NÔVO!
COM
VITAMINAS**

COMPLEXO MINERAL IODADO

Para Bovinos e Ovinos

COBOVI COM VITAMINAS



Peça Folhetos sobre
"Bovingorda" e "Cobovi"
com Vitaminas

Todos os sais minerais e ainda:

750.000 U. I. VIT. A

75.000 U. I. VIT. D

por quilo, garantindo máximo resultado
na produção, saúde e fertilidade do
seu rebanho

A alimentação é fator decisivo para os resultados da seleção



bovinos

Examinando, há 10 anos, a produção do rebanho leiteiro que abastece a capital de São Paulo e o Estado da Guanabara, ficamos assustados com a baixíssima média por vaca. Repetindo, agora, a mesma consulta às estatísticas, fi-

camos ainda mais assustados, pois, apesar da introdução de touros melhorantes, da inseminação artificial com sêmen de reprodutores de ótimas linhagens e, ainda, do esforço e dedicação dos técnicos do Ministério e das Secretarias de Agri-

cultura, quase nulo foi o aumento da média de produção.

BAIXA PRODUTIVIDADE — PREJUÍZOS — PERSPECTIVAS FUTURAS

Esta situação sugere, desde logo, ponderações em torno: a) dos vultosos prejuízos que o baixo índice de produção acarreta aos criadores e à Nação; b) das futuras perspectivas de produção.

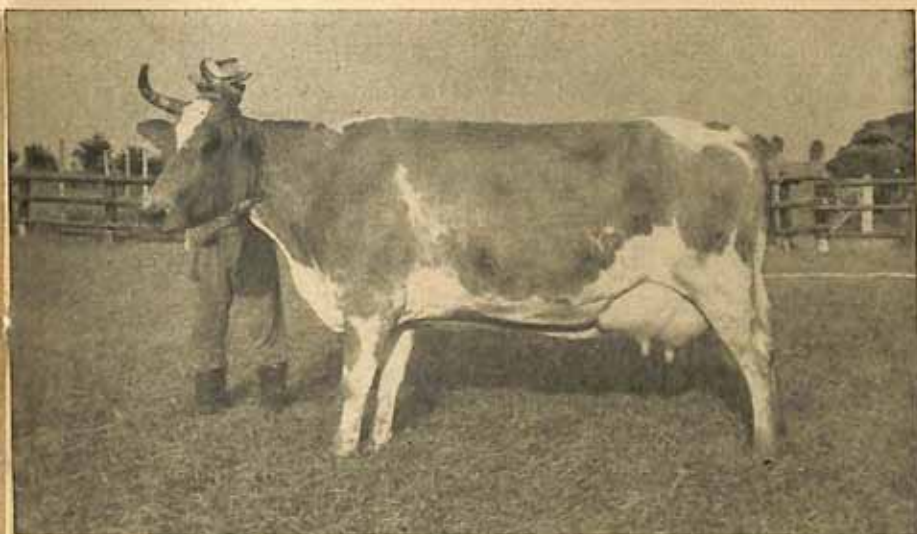
A produção futura estará a cargo das descendentes das vacas atualmente integrantes do rebanho. Por isso, importa criar apenas as descendentes das melhores produtoras, das dotadas de alta fertilidade e grande longevidade. Porém, poucos são os rebanhos tecnicamente conduzidos e, assim, em condições para esta seleção. A grande maioria não está capacitada a fazê-la, porque, com as vacas soltas no pasto, re-



Vacas mestiças bem alimentadas. Produção média diária por cabeça, em regime de duas ordenhas: 29,128 quilos.

Sais Minerais e Vita

REVISTA DOS CRIADORES



Esta mestiça, bem alimentada, produziu a média diária de 27,880 quilos.

cebendo na "sêca" (quando recebem) apenas uma suplementação de cana e de um pouco de torta, tende à regressão. Com efeito, essa prática só leva a resultados negativos, tais como:

1. Impossibilidade dos animais atingirem, em toda a plenitude, sua capacidade de produção;

2. Distúrbios orgânicos e doenças tanto mais graves e freqüentes, quanto mais produtivas fôrem as vacas;

3. Esterilidade devida à deficiência alimentar, com maior incidência entre as mais férteis;

4. Aniquilamento, principalmente das melhores fêmeas, que, se ressentindo mais profundamente com a alimentação

defeituosa, acabam sucumbindo.

Então, conclui-se, como as piores leiteiras são menos exigentes e menos sensíveis, o criador, que alimenta mal seu rebanho, faz uma seleção ao inverso, evidentemente de funestos resultados. Pelas mesmas razões, somos obrigados a admitir, também, que sem garantia de boa alimentação, de nada adianta importar touros de ótimas linhagens, quer leiteiras, quer de corte. Esses touros, em vez de melhorar o rebanho, irão piorá-lo, porque transmitem, além da melhor aptidão à produção, ainda as exigências maiores próprias dos bovinos altamente produtivos

A BOA ALIMENTAÇÃO PODE, ATÉ, MODIFICAR APTIDÕES

A propósito, é bom lembrar que, independentemente das aptidões genéticas transmitidas pelos ascendentes, pode-se pela alimentação racional, feita através de várias gerações, melhorar a produtividade dos bovinos. Assim, bovinos de raças mistas chegam, pela alimentação apropriada, a sofrer modificações dos órgãos e aptidões, transformando-se em raças com predominância da produção leiteira.

A alimentação tecnicamente calculada permite elevada produção, desenvolvimento normal e garante boa saúde aos animais.

Sem ela, seleção alguma é possível!

AVILTAMENTO DO PREÇO DO LEITE — IMPERFEITA VISÃO DO PROBLEMA — BAIXA PRODUTIVIDADE

As raízes da baixa produtividade de nossos rebanhos, resultante da má alimentação, residem, de um lado, no aviltamento do preço do leite e, de outro, na imperfeita visão, por parte dos criadores, do ângulo econômico do problema. Alegando preço pouco compensador, os pecuaristas alimentam mal seus animais, o que lhes acarreta não só perda dos juros do capital investido em

minas "TORTUGA"

animais, como até do próprio capital, pela **desvalorização do rebanho**. Assim, tirar de 200 a 300 litros diários, de 100 vacas, é um absurdo técnico e econômico. Em qualquer rebanho com este número de produtoras, encontram-se de 20 a 25 que são capazes, se bem alimentadas, de produzir a mesma quantidade de leite. **Porque, então, insistir em manter mal as 100 peludas, semi-estéreis e tuberculosas, em vez de alimentar bem as poucas que o merecem, o que possibilitará criar animais sãos e melhorar progressivamente o rebanho?!** Porque, então, não fazer as contas que levarão, sem dúvida, à conclusão de que bem maior é o lucro proporcionado por um número reduzido de vacas altamente produtivas?!

Sem medo de erro, pode-se afirmar que o juro do capital empatado nas 75 vacas inúteis cobre, com sobras, as despesas com uma boa alimentação das 25 qualificadas; sobrando como lucro líquido e realmente palpável o aumento da produção média.

IMPRESINDÍVEL ELIMINAR AS DEFICIÊNCIAS NUTRITIVAS, PARA ATINGIR PRODUÇÃO ECONÔMICA E PREVENIR AS DOENÇAS

O melhor resultado econômico é conseguido pelos criadores

que usam, no preparo das rações, a maior porcentagem possível de alimentos produzidos na própria fazenda. Contudo, é importante ter em mente que, tanto no Brasil como em qualquer parte do mundo, não se podem fazer milagres de produção, deixando de administrar aos bovinos o que as fazendas não produzem. As produções elevadas dependem de rações perfeitamente equilibradas em todos os seus componentes, tanto nutrientes maiores, como minerais e vitaminas. Querer eliminar ou reduzir indevidamente um deles, significa perder lucros ponderáveis e prejudicar a saúde do rebanho.

Proteínas — Sendo exclusivamente de gramineas, nossas pastagens são pobres em proteínas, circunstância que é agravada na "sêca", com a queda do coeficiente de digestibilidade resultante do aumento porcentual de celulose. Por exemplo: em um capim com 10% de celulose, a digestibilidade das proteínas é da ordem de 76 a 78%; se a fibra passar para 34% (na época da "sêca") o coeficiente de digestibilidade baixa para 56%. Evidentemente, não só as proteínas perdem digestibilidade, mas também os hidrocarbonados, as gorduras e a própria fibra.

Minerais — São necessárias cerca de 10 gramas por quilo

de leite produzido. Assim, uma vaca com a produção de 20 quilos diários necessita, só para o leite produzido, 200 gramas de minerais. Por outro lado, as análises dos capins evidenciam grande carência de minerais, particularmente de fósforo, que é elemento fundamental ao desenvolvimento, à produção e ao funcionamento normal do organismo. Há carência de iodo, zinco, cobalto, cobre, manganês etc. **Por isso, somente a administração de misturas minerais perfeitamente equilibradas garante a satisfação das necessidades orgânicas.** E é por esta razão que as misturas incompletas, as que possuem excesso de um elemento em relação aos demais, como acontece com as "misturas caseiras", **geralmente são mais prejudiciais que úteis.**

Vitamina — Enquanto o rúmen não entra em funcionamento normal, os bezerros necessitam de suplementação vitamínica completa. Porém, sempre devem receber um suplemento de vitamina A, quando não a encontram em quantidade suficiente nos alimentos. Tal circunstância ocorre:

- a) Na época da "sêca";
- b) Quando alimentados por vacas de mais de 15 litros, mesmo havendo boa disponibilidade de pasto verde;
- c) Durante as doenças e convalescença, ocasião em que, além do maior consumo, os animais comem pouco.

CONCLUSÃO

Pelas considerações acima vê-se, então, que os criadores obedientes às normas da alimentação racional aumentarão sensível e economicamente a produção de seus rebanhos, além de valorizá-los e mantê-los protegidos dos distúrbios funcionais e das doenças de que fatalmente são vítimas os mal alimentados.

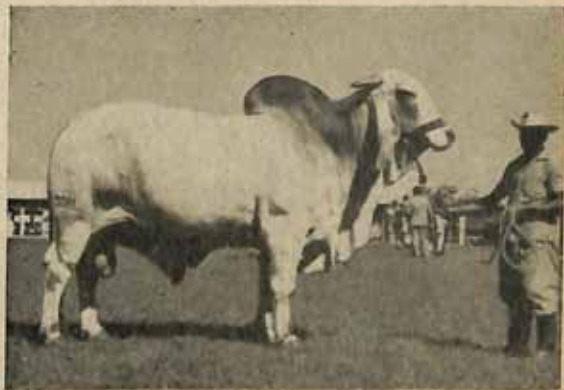


Mais de 20 quilos diários, foi a produção atingida por esta mestiça bem alimentada.

A Fazenda São José apresenta seus produtos Indubrasil, cujo padreador é Brinco, o grande campeão da raça na III Exposição Agro-Pecuária e Industrial do Paraná, em Londrina



BRINCO — O grande Campeão da Raça Indubrasil apresenta-se aos pecuaristas do Brasil, mostrando sua perfeita compleição técnica e física, aliadas à extraordinária caracterização racial.



BRINCO é notável, razão pela qual vale ser visto de outro ângulo, como no clichê acima. Observem a anca e culote magistral, onde se nota claramente o seu número de registro: 5001.



Esta excepcional vacada Indubrasil vem sendo servida pelo Campeão **BRINCO**. Dessa união deverão surgir inúmeros outros campeões.



Lindo casalzinho Indubrasil, produção de **BRINCO**, o Campeão da Raça na III Exposição Agro-Pecuária e Industrial do Paraná, em Londrina.

Fazenda São José

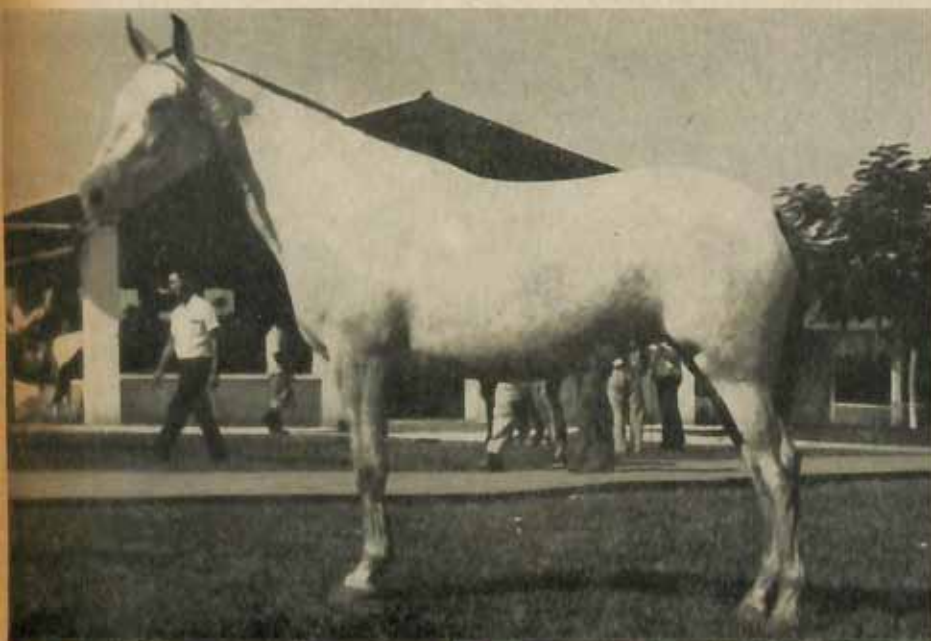
SELEÇÃO INDUBRASIL

Proprietário: Abdelkarim Janene

Enderêços para correspondência: Caixa postal 1173 — Telefone 743

LONDRINA — PR.

A Estância Eldorado brilhou em Londrina, fazendo a reservada campeã da raça Mangalarga, com a bonita egua Acory Procó



ACORY PROCÓ — No esplendor da forma, foi animal destacadíssimo na exposição londrinense. A Reservada Campeã da Raça Mangalarga constitui-se numa das razões principais do êxito que vem obtendo o plantel do sr. Eugênio Procópio de Oliveira.

Montada pelo tratador, sr. Estácio Serafim da Silva, ACORY PROCÓ mesmo na foto demonstra o seu passo macio e suave.



Estância Eldorado

Proprietário: Eugênio Procópio de Oliveira

AURIFLAMA — Estado de São Paulo

Caixa postal 29 — Alta Araraquarense



E DIZER QUE



HÁ 15 DIAS ERAM



SÓ PELE E OSSO...

OS VERMES SÃO OS PIORES INIMIGOS DOS ANIMAIS

THIBENZOLE*

livra os bois da verminose... e eles engordam que é uma beleza.
Inverter em Thibenzole hoje, é conseguir dividendos certos amanhã.



MERCK SHARP & DOHME

Indústria Química e Farmacêutica Ltda. — Divisão Química e Veterinária

Subsidiária de Merck & Co., Inc., Rahway, N. J., E. U. A. — Enderço telegráfico MEDOME

SÃO PAULO: Rua Aurélio, 622/628

RIO DE JANEIRO: Rua Clarisse Índio do Brasil, 19

PÓRTO ALEGRE: Rua Almirante Tamandaré, 656 — C. P. 458

BELO HORIZONTE: Avenida Santos Dumant, 612 — C. P. 201 — C. P. 75

RECIFE: Rua da Concórdia, 874

III Exposição Especializada de Gado Leiteiro de Sul Minas

A Associação Rural do Sul de Minas convida a todos para prestigiar sua mostra de gado leiteiro, cujo início se dará em 4 de setembro

A Associação Rural do Sul de Minas fará realizar, no período de 4 a 11 setembro, na cidade de Caxambu, a III Exposição Especializada de Gado Leiteiro e Cavalos Mangalarga, a XVIII Exposição Agro-pecuária do Sul de Minas e a III Feira de Animais do Estado de Minas Gerais. Serão apresentados no tradicional certame os principais plantéis do Sul de Minas e Vale do Paraíba (Estados de São Paulo e Rio de Janeiro), ou seja, uma importante parada de gado "frísio" — aquele que melhor se adaptou à região. Haja visto os vários **recordes** levantados por animais criados ali. Assim, devemos citar a conquista do "Balde" e da "Batedeira de Ouro", troféus máximos adjudicados às maiores produtoras de leite e gordura e instituídos respectivamente pela Associação Paulis-

ta de Criadores de Bovinos e pela Associação Brasileira de Gado Holandês. Tais troféus já foram conquistados por Jardim Ilka e Jardineira II J.B., que mantém sua posse. Destacamos também a produção de Arlete Clara Silveira, que ostenta a 2.ª colocação na Categoria de Longevidade do Serviço de Controle Leiteiro da A.P.C.B. E como prova incontestável da verdadeira adaptação do gado Holandês na região, apontamos os principais resultados conseguidos em controles leiteiros realizados nas exposições anteriores, trazendo para o Sul de Minas as maiores marcas na produção leiteira.

Iniciamos com Linda Flor Favacho, com a produção de 32,900kg de leite, recorde até então pertencente a Leopoldina — m.g. Seguiram-na sucessivas

produções notáveis, como as de Florita J.B., Dança J.B., Relíquia J.B., Trigueirinha J.B., Itatinga Angai, Bae Galerinha, Jardim Magaly, Muquem Querida, Silvana Nhandu, Arlete Moreninha, Curralinho de S. Sebastião e a atual detentora do título de recordista de leite em exposições — Jarrinha de Itajubá, com 43 kg.

Para assistir à sequência desse trabalho de seleção e aprimoramento e para participar da reunião de todos os criadores, fica aqui o convite da Associação Rural do Sul de Minas.

As vias que levam a Caxambu são todas asfaltadas, até a Fernão Dias, que estará concluída em setembro. Caxambu dista de São Paulo, Belo Horizonte e Rio de Janeiro apenas quatro horas e conta com hotéis luxuosos, de primeira categoria e acomodações para todos os que quiserem ir lá. Caxambu é uma das mais célebres estâncias hidrominerais que se conhecem e recentemente hospedou a delegação da seleção brasileira de futebol.

1.020 QUILOS...

(Conclusão da pág. 25)

para abate na Cooperativa Agrícola de Sorocaba e o resultado foi ótimo: o animal teve rendimento de carne igual a 61,87%; vivo pesou 904 quilos; abatido e descarnado, 553 quilos. Tinha apenas 37 meses de idade.

Tudo isso pode ser sintetizado na afirmativa de que Dario Meirelles está empenhado na produção de animais com alto rendimento de carne no menor espaço de tempo e a baixo custo. Vem obtendo os resultados relatados, alicerçado na confiança depositada nos cruzamentos do Charolês com o Nelore.



Vaca campeã em Caxambu.

**REVISTA
DOS
CRIADORES**

MANUAL DO CRIADOR DE GADO LEITEIRO



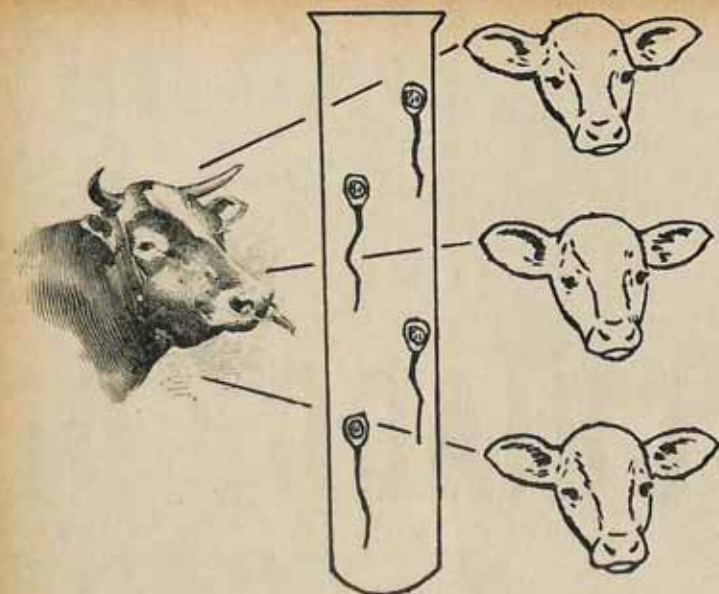
Contém os mais recentes
ensinamentos sôbre
os métodos modernos e
as práticas avançadas
na produção agropecuária.

- **PRINCÍPIOS E REGRAS DITADOS PELAS MAIS PROEMINENTES
AUTORIDADES DO RAMO NOS ESTADOS UNIDOS, CUJA APLICAÇÃO
É POSSÍVEL AS CONDIÇÕES CLIMÁTICAS DE DIVERSAS ZONAS
COMPILADOS POR "AGRICULTURA DE LAS AMERICAS".**

(Traduzido por gentileza de "Agricultura de las Americas")

A inseminação artificial

Material e ilustrações: Cortesia de College of Agriculture, Rutgers University, The State University of New Jersey; Dirección Técnica y Servicio Cooperativo Interamericano de Agricultura, Ministerio de Economía, Quito, Ecuador; Agricultural Research Service, U.S. Department of Agriculture.



Nos Estados Unidos há cerca de 25 milhões de vacas leiteiras, mais de cinco milhões das quais se inseminam artificialmente. Este é o programa mais dinâmico e de mais vasto alcance que o mundo já presenciou para melhorar a qualidade das vacas leiteiras. A inseminação artificial é usada atualmente nos programas de melhoramento do gado, em quase todos os países do mundo. Os resultados podem ser de grande importância econômica, ao mesmo tempo que se vão produzindo melhores vacas para o futuro.

A inseminação artificial é a introdução mecânica do sêmen no trato genital da fêmea, diferindo da natural que requer o fenômeno fisiológico da cópula.

VANTAGENS PRINCIPAIS

1. Podem-se empregar touros provados, que transmitam aos descendentes as características genéticas de alta produção de leite, e fecundar anualmente vários milhões de vacas. Mediante cooperativas ou organizações privadas, o emprego destes reprodutores pode ampliar-se e servir assim maior número de rebanhos leiteiros.

2. As pequenas granjas, que só podiam comprar touros de acordo com suas possibilidades financeiras, hoje podem prescindir dessa compra e, com menor custo, por meio da inseminação artificial, usufruir da qualidade superior de certos reprodutores.

3. As características genéticas de um touro podem ser determinadas rápida e eficazmente. Os reprodutores novos, não provados, devem ser usados cautelosamente até que se conheçam suas características genéticas. Na prova de um touro

novo, os criadores terão no rebanho somente alguns descendentes desse animal, podendo assim apreciar suas qualidades.

4. Elimina-se quase por completo o perigo da propagação de doenças genéticas, o que é de máxima importância. A inseminação artificial é empregada em muitos rebanhos para controlar as doenças transmitidas pelo touro.

5. Podem continuar em serviço os reprodutores valiosos que, por apresentarem lesões, não podem servir naturalmente às vacas.

6. A esterilidade dos touros e as anormalidades do conjunto genital das vacas podem ser descobertas com mais rapidez do que por meio da fecundação natural.

7. Pode-se obter o registro de datas mais precisas de fecundação e parto dos animais.

8. É possível efetuar a união de certas linhagens e famílias de vacas leiteiras de alta produção. Também permite efetuar a inseminação de maior número de exemplares de escol, mesmo quando estes se encontram a muitos quilômetros de distância.

9. Os membros dos Clubes 4-H (Clubes da Juventude Rural) e de outras organizações de agricultores e criadores jovens podem conseguir que as vacas de seus rebanhos sejam inseminadas a custo módico.

10. De 20 a 40% das cinco principais raças de gado leiteiro registrado nos Estados Unidos têm sido inseminadas artificialmente.

LIMITAÇÕES DO SISTEMA

1. São necessários pessoas experientes e equipamento especial.

2. Requer-se mais tempo que a fecundação natural, o que limita

seu emprego a rebanhos grandes ou a cooperativas bem organizadas.

3. Todo o equipamento e instrumentos devem ser mantidos sempre limpos e esterilizados, para evitar a propagação de doenças.

4. A maior utilização dos touros por meio deste sistema tende a reduzir as compras de reprodutores, com a consequente perda econômica para as fazendas de cria. Apesar disso, a indústria de gado leiteiro se beneficia, pois eliminam-se os reprodutores de má qualidade, melhorando, portanto, o gado de leite.

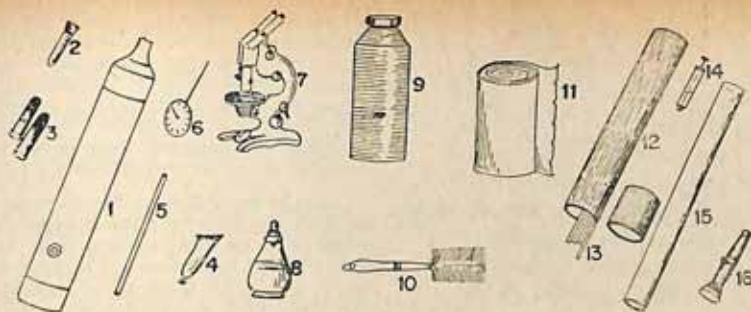
CARACTERÍSTICAS GENÉTICAS

Do ponto de vista genético, a inseminação artificial transmite as mesmas características obtidas pela fecundação natural. Entretanto, aumenta o número de descendentes que se pode obter de determinado touro. Este poderoso meio de reprodução pode ser benéfico ou prejudicial; por isso, os reprodutores têm que ser de qualidade indiscutível. Embora a inseminação artificial tenha desempenhado trabalho admirável até a presente data, do ponto de vista da produção só podem ser valorizados os casos de reprodutores com filhas provadas.

REQUISITOS NECESSÁRIOS

A técnica da inseminação artificial se relaciona com a coleta de amostras adequadas de sêmen, sua diluição e preservação em condições favoráveis até o uso e a inseminação da vaca.

As pessoas dedicadas à prática da inseminação artificial devem reunir conhecimentos sobre a anatomia e fisiologia dos órgãos reprodutores do macho e da fêmea.



EQUIPAMENTO PARA A INSEMINAÇÃO ARTIFICIAL

- | | |
|--|---------------------------|
| 1 — Vagina artificial armada | 8 — Diluente |
| 2 — Tubo de coleta e rolha | 9 — Frasco térmico |
| 3 — Protetores de borracha para os tubos de coleta | 10 — Escova para limpeza |
| 4 — Lubrificante | 11 — Toalhas de papel |
| 5 — Varetas de vidro para aplicar o lubrificante | 12 — Tubo porta-varetas |
| 6 — Termômetro | 13 — Tubos de inseminação |
| 7 — Microscópio | 14 — Seringa |
| | 15 — Espéculo |
| | 16 — Lanterna elétrica |

COLETA DO SEMEN

Para a coleta do esperma do touro existem pelo menos três métodos reconhecidos:

(1) Emprego de uma vagina artificial.

(2) Massagem retal dos órgãos genitais acessórios (ampolas dos canais diferentes).

(3) Coleta do semen da vagina da vaca imediatamente após a cobertura.

1. Vagina artificial.

Este método parece ser o mais satisfatório e prático. Quando as condições podem ser controladas eficientemente e quando o touro é ativo e responde facilmente, o semen é recolhido com rapidez e sem nenhuma dificuldade. A ejaculação normal de um touro é de 2 a 6 cc, com uma média de 3,5 a 4,0 cc.

2. Coleta do semen por massagem retal.

Este método tem a desvantagem de exigir adestramento especial e conhecimento da anatomia do gado bovino, além de que o semen se contamina com terra e urina durante o processo de coleta. É de grande valor quando os touros estão incapacitados para servir. Assim mesmo, os espermatozoides obtidos desta maneira parecem ser menos férteis do que os obtidos com a vagina artificial. Quando se faz necessário e o inseminador está suficientemente versado em anatomia, o esperma ou semen pode ser recolhido fazendo-se massagens retais no touro. Mas, antes de praticar este método de coleta, é preciso obter ensinamentos de pessoas experientes. Alguns touros não respondem bem a este processo: o semen obtido frequentemente está mais contaminado do que o que se consegue com a vagina artificial.

Eletoejaculação — O semen do

touro também pode ser recolhido por meio de estímulos elétricos, o que foi plenamente demonstrado por Gunn e outros investigadores em 1936. Nos Estados Unidos e no estrangeiro desenvolveram-se diversos tipos de ejaculadores elétricos. Todos constam de uma sonda ou cânula de borracha ou material grosso, provida de várias pregas, por onde passa a corrente elétrica, através de fios muito finos. Coloca-se a cânula no reto do animal, e fazem-se pequenas descargas elétricas reguladas por uma caixa de controle. Aplica-se a corrente em voltagens intermitentes de 5 a 30

volts, enquanto o operador governa o interruptor da caixa de controle e observa as reações do touro. Antes de intentar a coleta do semen, deve-se colocar o reprodutor em um tronco adequado e limpar o prepúcio cuidadosamente.

Demonstrou-se que o semen recolhido por este método se compara favoravelmente em fertilidade com o obtido com a vagina artificial. A eletroejaculação é um sistema adequado para touros coxos ou com lesões e pode-se empregar também em pastos, usando para isso troncos portáteis.

Alguns investigadores relatam casos de paralisia parcial do quarto traseiro depois do emprego do eletroejaculador, enquanto outros tiveram bons resultados, sem contratempos. Para este sistema deve-se usar corrente direta e aplicar doses mínimas.

3. Coleta de semen da vagina.

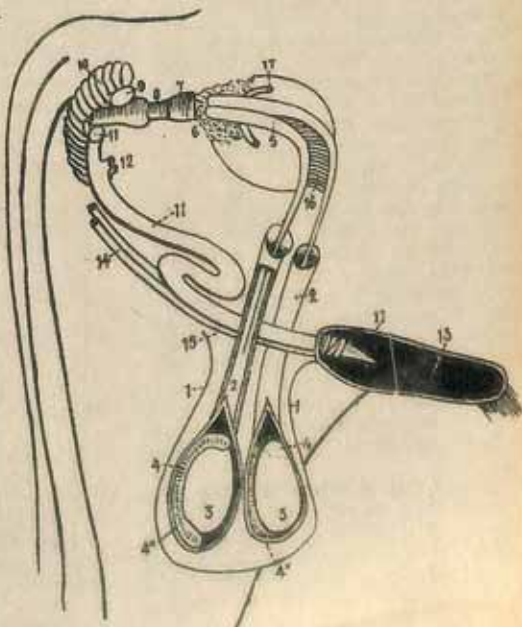
O terceiro método para a coleta e um dos mais antigos é o recolhimento do semen da vagina imediatamente após a cobertura. O esperma pode ser obtido facilmente por meio de uma pipeta. Entretanto, o sistema não é muito recomendado por causa do perigo de propagação de infecções dos órgãos genitais da vaca e do touro. Além disso, o semen geralmente sai contaminado de secreções vaginais, urina, etc.

DILUIÇÃO, ARMAZENAMENTO E TRANSPORTE DO SEMEN

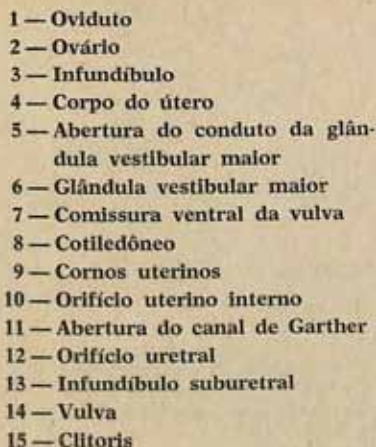
Quando se tem que inseminar muitas vacas no mesmo dia, com o semen de uma ejaculação, como sucede com os grandes plantéis ou

ORGÃOS REPRODUTORES NO TOURO

- 1 — Escroto
- 2 — Cordão espermático
- 3 — Testículos
- 4 — Epidídimo
- 5 — Vaso deferente
- 6 — Vesículas seminais
- 7 — Porção membranosa do canal uretral coberto pelo músculo uretral
- 8 — Parte da próstata coberta pelo músculo uretral
- 9 — Glândula de Cowper
- 10 — Músculo bulbo cavernoso
- 11 — Penis
- 12 — Corte dos ligamentos suspensores do pênis
- 13 — Prepúcio aberto
- 14 — Músculo retrator
- 15 — Uretra
- 16 — Prega genital
- 17 — Utrétes



NA VACA



QUALIDADE DO SEMEN

1. Quando a inseminação tem que ser feita alguns minutos ou até meia hora após a coleta, e quando não é necessário diluí-lo para aumentar a quantidade, basta colocar o semen em um pequeno tubo de ensaios com tampa e envolvê-lo em várias folhas de papel grosso ou pano, conservando-o na temperatura ambiente até o seu emprego.

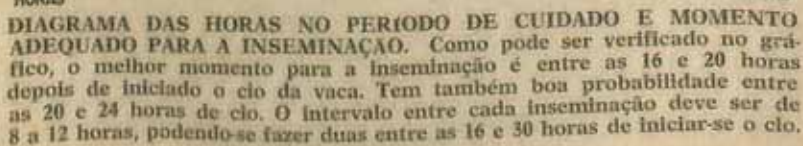
2. Se bem que os métodos para diluir, armazenar, transportar e manejar o semente (para ser empacado algumas horas ou vários dias após a coleta), sejam muito variados, todos repousam no mesmo princípio básico da proteção dos

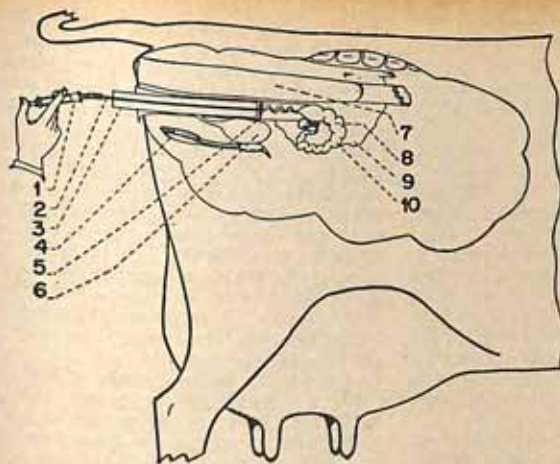
Em geral, o semen nunca deve esfriar mais que meio grau C por minuto. Devem-se acrescentar os diluentes o mais rapidamente possível após a coleta. Outro sistema para conservar o semen, especialmente em rebanhos particulares, consiste em cobrir o frasco com dejetos de borraça e colocar o se-

Diluição do semen — O semen pode diluir-se de 200 a 500 vezes, mas em geral, a diluição é feita de 1:75 a 1:50. As organizações de inseminação procuram graduar a adição dos diluentes, a fim de que cada ml diluído contenha cerca de 12.000.000 de espermatozoides vivos.

Gema de Ovo-Fosfato — A 100 ml. de água destilada fervendo juntam-se 0,2 gramas de fosfato disódico. Esfriada e tapada hermeticamente a solução é colocada no refrigerador até seu uso. A solução de fosfato junta-se um volume igual de gema de ovo e mistura-se demonstradamente, ficando assim o diluente pronto para ser empregado.

Gema de Ovo-Citrato — Prepara-se uma solução esterilizada de citrato de sódio a 3,0%, usando dupla quantidade de água destilada. Misturam-se volumes iguais da solução de citrato de sódio assim preparada e de gema de ovo. Também se têm obtido resultados igualmente satisfatórios usando 3 a 6 partes da solução de citrato para uma de gema de ovo. A vantagem principal do diluente de citrato sobre o de





METODO DE ESPÉCULO

- | | |
|------------------------------------|---------------------|
| 1 — Seringa | 5 — Cervix |
| 2 — Cateter ou tubo de inseminação | 6 — Bexiga |
| 3 — Espéculo | 7 — Reto |
| 4 — Osso da pelvis | 8 — Ovários |
| | 9 — Ligamento largo |
| | 10 — Corno uterino |

fosfato parece ser que o primeiro dispersa os glóbulos gordurosos da gema do ovo, facilitando o exame ao microscópio.

Diluentes de Leite — Cerca de 25% das associações de inseminação artificial dos Estados Unidos e Canadá usam como diluente o leite integral fervido e desnatado. Embora o leite cru ou pasteurizado tenha propriedades espermicidas, aquecido de 92 a 97°C durante dez minutos constitui um diluente satisfatório. Ainda que os diluentes de leite sejam econômicos, já se demonstrou que o semen a ser usado depois de 48 horas conserva-se muito melhor em diluente de citrato. A capacidade tamponadora do leite é reduzida, mas demonstrou

ser muito adequada para o semen congelado.

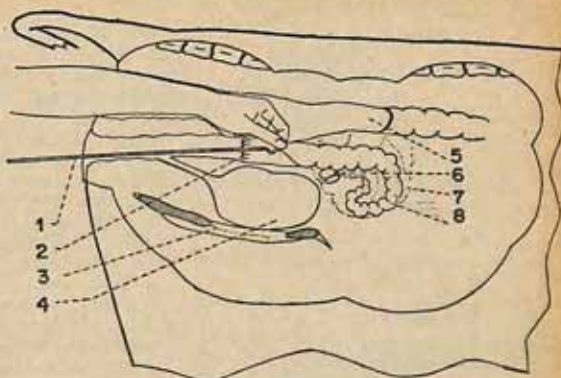
PRECAUÇÕES PARA A DILUIÇÃO DO SEMEN

(1) Imediatamente depois da coleta, deve-se examinar a mobilidade dos espermatozoides e fazer as provas de qualidade que forem convenientes.

(2) Deve-se juntar a gema de ovo e efetuar a diluição total ou parcial.

(3) O esfriamento do semen diluído deve ser feito à razão de meio grau centígrado por minuto e iniciado imediatamente depois da coleta.

(4) Tanto o semen como o di-



METODO RETO-VAGINAL

- | | |
|------------------------------------|---------------------|
| 1 — Cateter ou tubo de inseminação | 5 — Reto |
| 2 — Cervix | 6 — Ovários |
| 3 — Osso da pelvis | 7 — Ligamento largo |
| 4 — Bexiga | 8 — Corno uterino |

luente devem ter igual temperatura no momento da mistura.

EMPREGO DE ANTIBIÓTICOS

A fim de evitar certas doenças, como o aborto (*Vibrio foetus*) e a contaminação bacteriana do semen, convém juntar 500 a 1.000 microgramas de estreptomicina por ml de semen diluído. Em certos casos, conseguiram-se resultados mais favoráveis com semen armazenado, e, na fertilidade dos espermatozoides, usando em combinação 1.000 unidades de penicilina e 1.000 microgramas de estreptomicina. Alguns empregam também com bons resultados somente 500 unidades de cada um. A penicilina sozinha é



Banco Brasileiro de Descontos, S.A.

Matriz — Cidade de Deus — Osasco

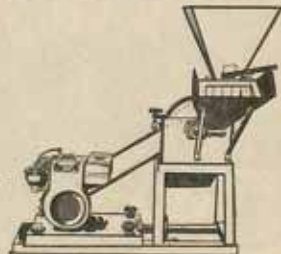
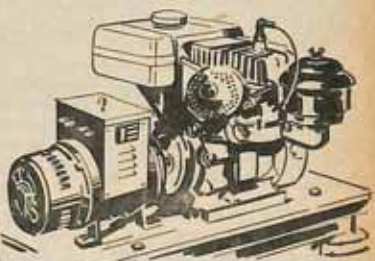
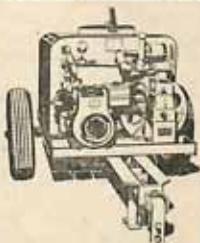
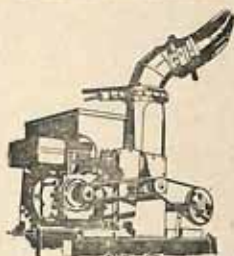
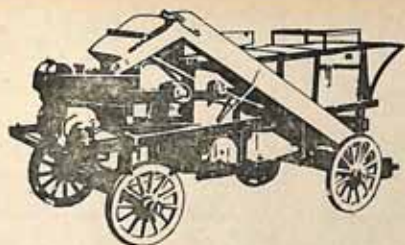
Agência Central — Rua 15 de Novembro, 233 — São Paulo

Capital e Reservas — Cr\$ 38.725.947.749

Depósitos — Cr\$ 277.639.170.773 (em 4.3.66)

302 Agências em 9 Estados da União e no Distrito Federal.

— Retribuímos confiança com bons serviços —



Motores
Wisconsin,
de 3,5 a
60,5 H.P.*

**ABAIXO DE ZERO OU A 45 GRAUS À SOMBRA:
WISCONSIN NÃO ESCOLHE CLIMA PARA TRABALHAR NO CAMPO!**



* sob licença da
Wisconsin Motor Corp.
Milwaukee - USA

WISCONSIN

o máximo em cavalos-hora

Motor Wisconsin significa novas energias para a agricultura: dinamiza moendas — produz eletricidade — irriga — tritura e debulha cereais — pulveriza, além de movimentar grande número de máquinas agrícolas. É compacto, potente e robusto. O mais robusto do mundo.

- **TELA DE PROTEÇÃO** no volante, evita entrada de corpos estranhos no sistema de refrigeração.
- **PLATINADO** em caixa externa, de fácil acesso.
- **ÁRVORE DE MANIVELAS** de aço forjado, colo temperado, balanceado, com vários tipos de pontas de eixo para os diversos sistemas de acoplamento.
- **GOVERNADOR** centrífugo de velocidades mantém a rotação constante, permitindo trabalho em regime variável de carga.

Fabricado por



FREIOS E SINAIS DO BRASIL S.A.

Produtores de
equipamentos de alta precisão

Peça catálogos técnicos ou a visita de um Representante de



COMÉRCIO E INDÚSTRIA S.A.
(Distribuidores Exclusivos)

R. Primeiro de Março, 112 - Tel. 23-1760 - R. de Janeiro
Av. Ipiranga, 344 - 33º. - Tel. 34-7294 - Ed. Itália - S. Paulo

DESFILÉ DE RAÇA



A bandeira brasileira é parte importante nas solenidades oficiais. Ao som do hino patriótico, o governador da Bahia içou o pavilhão nacional no topo do mastro, dando início à XXIII Exposição de Animais e Produtos Derivados. A seguir, o sr. Lomanto Júnior, homem do campo, fala das atividades do seu governo pró homem do campo.



Nem precisa dizer que é a Bahia. A Igreja ao alto e, em primeiro plano, a baianinha apresentando um concorrente.



Magrela por fora, mas seu leite conquistou o campeonato de gordura (leite) e o vice de lactação. Jersey e Holandês brigaram até a última gota de leite. Dia a dia a luta foi

Aprovando plano do D.P.A. (Departamento da Produção Animal), o Governador da Bahia e a Secretaria da Agricultura fizeram apelo, com empenho, aos criadores para que a XXIII fosse a melhor Exposição (Estadual) de Animais e Produtos Derivados. Não precisava o apelo. Muito menos o empenho, pois os criadores queriam apresentar o "fino". Alguns (a maioria) trouxeram; outros, por motivos outros que não a vontade do dono, não puderam. Os inscritos, todavia, foram o ponto alto da Exposição.

Nelore foi a maior representação (dizem que também a melhor em índice técnico, emparelhada com a de equinos), seguida pela de Gir. A representação de equinos foi um deslumbramento. Qualidade, quantidade, raça e beleza. Tanto para entendidos como para leigos.

Se houve discrepância no julgamento, se algo não funcionou como devia, se senões não deixaram de aparecer, no todo, a XXIII Exposição Estadual da Bahia foi um todo que agradou. A equipe comandada pelo diretor do D.P.A. (dr. Ardson José Leal) cumpriu e bem sua missão, mais uma magna missão. Atuaram como julgadores em Comissão ou como juiz único, técnicos nomeados de outros Estados.

Pecuaristas de todas as zonas do Estado, pecuaristas de vários Estados, nomes credenciados da pecuária nacional, autoridades de diversos setores e todas as autoridades baianas compareceram a esta Festa do Gado.

Se o comparecimento popular foi numeroso nas solenidades da inauguração, ultrapassou anteriores e superou expectativas no encerramento. O maravilhoso Parque de Ondina nunca recebeu tanta gente

assim. Bem como nunca recebeu tantos animais de alta categoria. Nem em quantidade.

O tempo colaborou. O povo colaborou. O financiamento, não. Em parte, apenas. Mas os campeões superaram tudo. São de fato e de direito campeões da raça. Campeões Estaduais. Campeões da XXIII. A Estadual da Bahia valeu.

EXPOSITORES

Estes expuseram: Renato Gonçalves Martins, Jorge Sampaio Pereira, João José de Brito, Willy Vasconcelos Azevedo Souza, Caio Castro, Vivaldo e José Mendes Figueira, Manoel Andrade Macedo, Manoel Macedo Filho, Geraldo Sampaio Pereira, Eloy Ávila Albuquerque, Flávio do Prado Franco Júnior, Murilo Celestino Santos, Carlos Martins Catharino Filho, Antonio Calmon Villas Boas, Miguel Alves, Mamede Paes Mendonça, José Luiz Corral Sanchez, Francisco Rocha Pires, José de Freitas Jatobá, Durval Conrado Martfeld, Silas Pires Barreto Dantas, Carlos Teixeira Martins, Mário Alves de Oliveira, Nicolau Calmon, Jerval Peixoto, Mecenas da Silveira Mascarenhas, Higino Teixeira Barbosa, Marcelo Fontes Barreto Dantas, Marcos Fontes Barreto Dantas. Instituto de Pecuária da Bahia, Telmo Dantas Mota, Raul Prata, Manoel Rodrigues de Moraes, João Costa Mendes Filho, Ministério da Agricultura, Avando Novais, Manoel Firmino Lopes, Simeão Machado, José J. Ferreira Neto, Heraclito de Carvalho Filho, Heraldo Lisboa, Landolfo Caribé, Raymundo Carvalho, Armando Lacerda Filho, além dos citados na relação dos prêmios.



O maior prêmio da raça Holandesa preta e branca foi outorgado ao P.O. que o dono segura. Colegal ainda, pretende aperfeiçoar-se (gado leiteiro e indústria de laticínios) em cursos especializados na Holanda e Dinamarca. Salve ele.

XXIII Exposição Produtos Derivados

CAMPEÕES EM DESFILE

RAÇA NELORE

Histórico — Campeão (Juvenal Duarte — Ipiatã)
Garanhuns Irca — Campeã (Carlos Rocha Cavalcante)
Baguá — Campeão Júnior (Sílvia da Silva Costa)
Charanga — Campeã Júnior (José Martins Pinto da Rocha)
Brahmine II — Reservado Campeão (José Fernandes)
Fábula Irca — Reservada Campeã (Carlos Rocha Cavalcante)

RAÇA GIR

Rincão — Campeão (Celso Alberto Fonseca — Rui Barbosa)
Preferida — Campeã (José Fernandes)
Jagunço — Campeão Júnior (José Fernandes)
Balisa — Campeã Júnior (Da Leocádia S. M. Catharino)
Kazan — Reservado Campeão (Jotamachado Engenharia S/A)
Chitadinha — Reservada Campeã (Celso Alberto Fonseca)

RAÇA INDUBRASIL

Copeque — Melhor animal da raça (Waldomiro Brandão da Silva — Mundo Novo)
Japão — Campeão Júnior (Aliança Pastoril Ltda.)
Jequí — Reservado Campeão (Aliança Pastoril Ltda.)

RAÇA HOLANDESA PRETA E BRANCA

São Quirino K 9 S. Platera — Campeão Júnior (Herval Moreira Neves)
Castrolândia H. Nelson — Reservado Campeão Júnior (Vicente Quesado Leite)

RAÇA HOLANDESA VERMELHA E BRANCA

Castro Els Fox 4 — Campeão (Dr. Francisco Velloso Pondé — Entre Rios)
São Nicolau A. Paul — Reservado Campeão (Vicente Quesado Leite)

RAÇAS GUZERA E JERSEY

(Não houve campeonato)

EQUINOS

RAÇA MANGALARGA PAULISTA

Paladino — Campeão (Carlos Tourinho de Abreu — Jequié)
Dengosa — Campeã (Carlos Tourinho de Abreu)
Gagarin — Melhor macho (José Fernandes)
Folia da Nata — Reservada Campeã (Carlos Tourinho de Abreu)

RAÇA MANGALARGA MARCHADOR

Bronze — Campeão (José Fernandes — Caatiba)
Serra Verde 17 — Campeã (José Fernandes)
Pérola — Reservada Campeã (Jotamachado Engenharia S/A)
Belo Vale Cacique — Melhor macho (Aroldo Carneiro de Lima)
Belo Vale Tirolêsa — Melhor fêmea (Aroldo Carneiro de Lima)

RAÇA CAMPOLINA

Assalto de Passa Tempo — Campeão (Jairo Ribeiro — Ibicui)
Monarca — Reservado Campeão (Ayrton M. Tavares)



A Campeã Júnior Nelore (filha do Campeão do ano passado) dá provas sobejas de que a Estadual de 1966 foi uma autêntica parada de raça. Sua pose foi assistida pela faixa da "Revista dos Criadores", pelo coqueiro e pela capela ao alto.



Festa acabada, músicos na estrada. Os pavilhões vazios vão bocejar um ano, na espera. Espera que vale a pena, porque aqui ano que vem vai acontecer a Nacional. O famoso Parque de Ondina viverá então seu grande dia.

de Animais e
dos da Bahia



O lambe-lambe não teve classe para pegar na foto a classe do casal vinte — Campeão e Campeã Mangalarga Marchador. Iguais na pelagem, na raça, nos títulos e na produção.

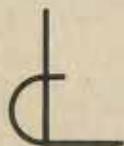


O campeão Nelore faz um "vis-à-vis" de quadilha com seu provável substituto ao título no ano que vem. Quem sabe comenta com o colega de plantel os eventos da XXIII ou, então, dá ao brôto conselhos de adulto e de Campeão.

FAZENDA NOVA SORTE

CELSO ALBERTO
FONSECA

Rui Barbosa - Bahia

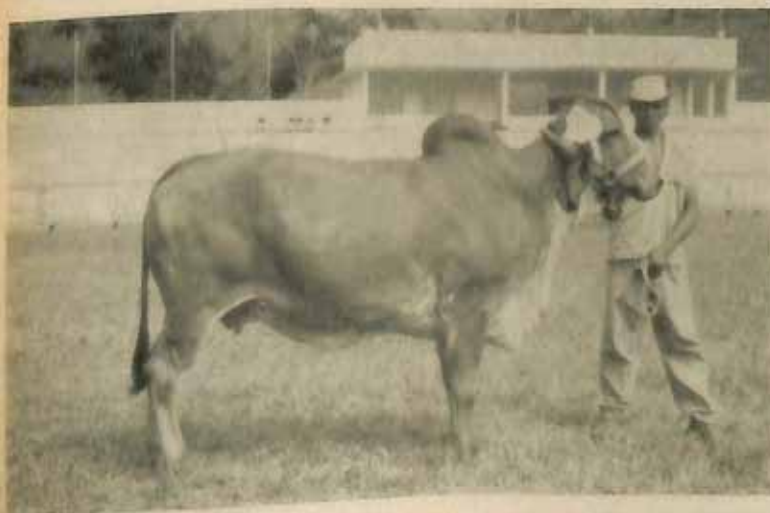


RINCAO R — Campeão absoluto da
raça Gir na XXIII Exposição Esta-
dual da Bahia.



GIR Leiteiro precoce e pesado - 100 fêmeas
registradas com reprodutores "R"

Mangalarga Marchador - todo plantel
pampa de preto e castanho. - Chefiado
por TRINGER - campeão da raça na XXII
Exposição Estadual da Bahia



CHITADINHA - C.L. — Reservada Campeã da raça Gir nas XXI e
XXIII Exposições Estaduais da Bahia (Ondina, 1964 e 1966). (Veja a
"Revista dos Criadores", novembro de 1965, pág. 73).

CELSO ALBERTO
FONSECA

Fazenda Nova Sorte

Rui Barbosa - Bahia



Enderêço em Salvador:

R. Barão Homem de Melo, 35
fone: 2-2850

Residência: fone 5-2997

Use um neto da RECORDISTA MUNDIAL DE LEITE DA RAÇA GIR



CAXANGA — Registro 3937 — Grande Campeão na última Exposição de Gado Leiteiro em São Paulo, no Parque da Água Branca e Grande Campeão na Exposição Nacional de Belo Horizonte em 1965.

CAXANGA
Reg. 3.937

BOMBAIM
Reg. 2.320

Campeão Gir na Exposição Nacional de São Paulo em 1954. Agora provado como melhorador leiteiro.

ROXONA
Reg. 5.697

Campeã Gir Leiteiro, na Exposição Nacional de Belo Horizonte, em 1963. Recordista mundial de leite em 305 dias de lactação, com 4.663 kg de leite e 246,83 kg de gordura.

EM CONTRÔLE OFICIAL REALIZADO PELA A.P.C.B. EM 1-2-66, 12
VACAS DA FAZENDA BRASÍLIA REGISTRARAM A MÉDIA DE 17,141
KG DE LEITE, COM 5,1% DE GORDURA

GIR LEITEIRO É A SOLUÇÃO!
FAZENDA BRASÍLIA

Praça José Perez, 10

SÃO PEDRO DOS FERROS — E.F.L. — Minas — Teleg. "GIRLEITE"

Paladino para mim é um desenho

Conversa de quem sabe montar

OTHELLO TORMIN

— Você notou, Mamão, diferença entre o modo de montar aqui e a moda de lá?

— Estou vendo que o pessoal ergue as mãos com a rédea na altura do peito. Lá usamos em posição normal, os ante-braços formando um ângulo reto com os braços, sem forçar. Assim poupa esforço e as mãos ficam livres e desembaraçadas pro manejo da rédea.

Curiosidade insuflou perguntas. Naturalidade ditou respostas.

— Aqui usam sela com a meia-lua da mesma altura ou mais que o santo-antônio. Como o mangalarga paulista se destinava antigamente para caçadas e viagens, depois para o polo e para os trabalhos no campo, nossa sela, ti-

po inglesa, é quase sem saliência atrás, para não atrapalhar os movimentos dos quadris.

— Você usa estribo curto, com a perna ao natural. E aqui, muitos montam com a perna esticada, firmando no estribo o pé com o peso do corpo.

— Talvez porque na Bahia tem mais mangalarga marchador, só para passeios ou viagens. Quem viaja, busca sua comodidade, pernas espichadas, corpo largado e coisas. Como já disse, o mangalarga nosso é para a lida. Então, a perna ao natural permite maior ação dos joelhos e não atrapalha os movimentos do cavalo. E isso é importante, pois no campo toda hora ele tem que dar o máximo no mesmo instante que o mon-

tador manda. Cavalo e cavaleiro ali têm que ser uma peça só.

— Aqui usam sela mais para trás. E você, do meio para a frente do cavalo.

— Além da gente ver melhor o que vem adiante, o arreio mais pra frente, na altura da cernelha, diminui o peso nas patas trazeiras. E o animal rende mais. É lógico, devo poupar meu cavalo do desnecessário, para que ele faça para mim o necessário, quando preciso.

— Qual o lugar certo da sela?

— O esqueleto do cavalo é que coloca a sela. Se ele tem cernelha boa, paleta atrazada, a sela fica bem, no ponto exato. Em caixa. Mas se tem cernelha baixa, a sela não se firma e acaba correndo pro pescoco. Então a sela não deve ser colocada muito na frente, em cima das patas dianteiras, pois aí cria um atrito ruim. Cada passada é um baque que sacode o corpo todo da gente. Cada pancada dura, que ninguém aguenta! Não convém a sela ficar mais atrás, para evitar sobre carga inútil nas patas trazeiras, — ali é que está o motor do cavalo. Enfim, a cernelha é que indica a colocação correta da sela.

Cotovêlo ficando na cerca, corpo recostado no mourão (posição que ele não assume quando está sobre os arreios), Mamão falava. Não sabia que a conversinha ia ser aproveitada. Nem eu. — Eu monto não é para descanso, nem para me divertir. Quando estou montado, fico atento e não relaxo o corpo. Relaxamento só quando se monta pelo prazer de andar a cavalo. Mãos firmes na rédea, pernas coladas no cavalo, o corpo fica apurado, em vertical, com os órgãos internos no normal. A não ser assim, algum órgão recebe carga dupla. E, com a continuação do exercício, pode ser afetado. Principalmente os rins, que os mudos lá dentro podem até esmagar.

— Isso é científico?

— Deve ter havido alguma recomendação de médico nesse sentido. Eu pelo menos monto as-



Mamão falou e depois posou para mostrar como é. Paladino mostra que é um desenho, mesmo sem posar. Pudera! até já se "naturalou" baiano.

sim porque me ensinaram. Pode cansar mais, mas é mais prático. Afinal ninguém trabalha o dia todo montado.

Mamão não teve dificuldade nem gaguejo em comentar.

— Estou de serviço, mas ao natural. Não banco estátua em cima da sela, mas quanto menos movimentos fizer, melhor. E não é por pôse, pois acho que o jeito posado estraga a posição do cavaleiro.

— Então a simplicidade funciona na melhor, não?

— Acho. Quem monta não é para se exibir com afetação ou requiebro de corpo. Deve evitar movimento desnecessário ou gestos inúteis, tanto o cavalo como o cavaleiro. O mais simples é o mais bonito, é muito mais eficiente também. A posição natural é mais elegante... E o cavaleiro não deve ser menos elegante que o cavalo, não é isso?

— Você acha que o cavalo não deve aprender "ariações, cortesias ao público, ajoelhamentos, visagens, etc?"

— Eu pelo menos não gosto disso e não faço. Acho que essas coisas tiram o brio do animal. O cavalo é inteligente e aprende o que a gente ensina. Se é para circo, aí... Comigo ele só aprende o que tem de fazer para servir.

— Porque ontem, enquanto outros se exibiam quase que em acrobacias equestres, você se limitou a executar passadas pra esquerda e pra direita? Mal e mal a gente via sua mão mexer, mas Paladino quebrava o passo pra lá, quebrava pra cá...

— Eu não estava fazendo demonstração da arte de cavalgar. Estava mostrando que Paladino obedece. Obedece porque sabe que cavaleiro. Paladino ou outro qualquer. O homem manda e o animal obedece. Obedece porque sente que eu sei mandar. Faz o que eu quero e como ensinei. O cavalo é amigo, mas deve sentir que o amigo de cima dele é quem manda. O montador deve ser ditador com o cavalo. Mas sem espalhafato.

Mamão conversou mais coisas. Em seu jeito delicado, tom habitual de voz.

— Não uso chicote nem espora em cavalo que foi por mim ensinado. Ou que já montei antes. Joelho e mão para mim bastam. E com um ligeiro toque apenas. O cavalo então sente o que eu quero. Por isso vocês quase não viram meus movimentos, mas viram que Paladino picava como eu queria. Era um repasse daquilo que ensinai. Simples exercício de passagem de mão.

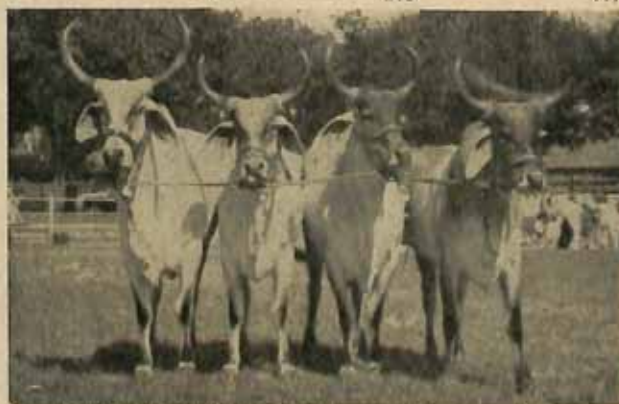
— Se fosse com mangalarga marchador, você então...

— Aí eu tinha que me adaptar e aprender com os bons montadores daqui e de Minas. Ou aprender com os jóqueis, se fosse correr nas pistas. Mas se estou num manga-

Qual a primeira qualidade de uma vaca de corte? MAIS CARNE EM MENOS TEMPO!

Os "Feeding-tests" (Concursos de ganho de peso) realizados na Universidade Norte-Americana de Montana passaram a ser praticados em São Paulo. Decorridos alguns anos, evidenciou-se a primazia do gado Guzerá. A balança não erra e seus resultados podem ser reproduzidos aqui:

Raça	Sexo	Nº de Animais	Ganho de Peso (KG)
GUZERA	M	90	126,9
	F	53	95,1
INDUBRASIL	M	88	124,3
	F	60	94,2
NELORE	M	311	123,3
	F	146	93,1
GIR	M	317	94,4
	F	203	77,7



Conjunto Guzerá Campeão Senior na última exposição de gado zebu de São Paulo.

Fazenda Tupã

Dr. Joel de Paiva Côrtes

LINHARES — ESPÍRITO SANTO

Enderço no Rio de Janeiro: Rua Barão de Ipanema, 56
Apto. 1.101 — Copacabana-ZC-07

Enderço em São Paulo: FAZENDA NOVA DELHI
Caixa Postal 39 — MATAO ou Av. Ipiranga, 1248 4º andar
Conjunto 405 — Capital

larga paulista, para trabalhos de campo, então tenho que montar aproveitando sua especialidade ao máximo.

Conversa é troca de opiniões. E também perguntas e respostas, sem ordem preestabelecida. Entrevista é diferente.

— Por favor, não publique nada disso que eu disse.

Mamão não quis bancar o que não é. Continuou em fala fluente, sem máscara.

— Sou montador e não doutor ou mestre da arte de montar. Meu paião, José Oswaldo Junqueira,

o antigo dono de Paladino, é da família tradicional em criação de cavalos. José Oswaldo já foi considerado o melhor cavaleiro por lá. E me fez seu discípulo, desde menino, olhe, desde os meus sete anos. Tudo que ele aprendeu e tudo que ele aperfeiçoou, procurou me ensinar. E eu procurei aprender tal como vi José Oswaldo dizer e fazer.

Considerado o melhor montador em São Paulo, no momento, Mamão falou da finalidade de sua vinda. Da viagem. De suas impressões sobre a Bahia (que não co-

(Conclui na pág. 121)

COMO EVITAR O LEITE ACIDO

Que é a acidez do leite e como se desenvolve

LAURO ALBANO SANDOVAL
Médico Veterinário (Biologista chefe
substituto da seção de Tecnologia do
Leite — DPASP)

Vamos procurar demonstrar que a adoção de algumas medidas higiênicas aplicáveis às nossas condições, poderá resolver quase totalmente o problema do leite ácido.

Inicialmente, cabe uma explicação das causas da acidez do leite: o produto normal, fresco, tem um pH entre 6,5 a 6,8 ou 16 a 20° Dornic. Por conveniência, a acidez total é expressa em ácido lático, o que equivale a 0,16 a 0,20 g/% de ácido lático. O processo mais usual é traduzir a acidez em graus Dornic, correspondendo cada grau a 0,01 g aproximadamente de ácido lático, empregando a soda Dornic

ou solução de soda N/9 (nono normal).

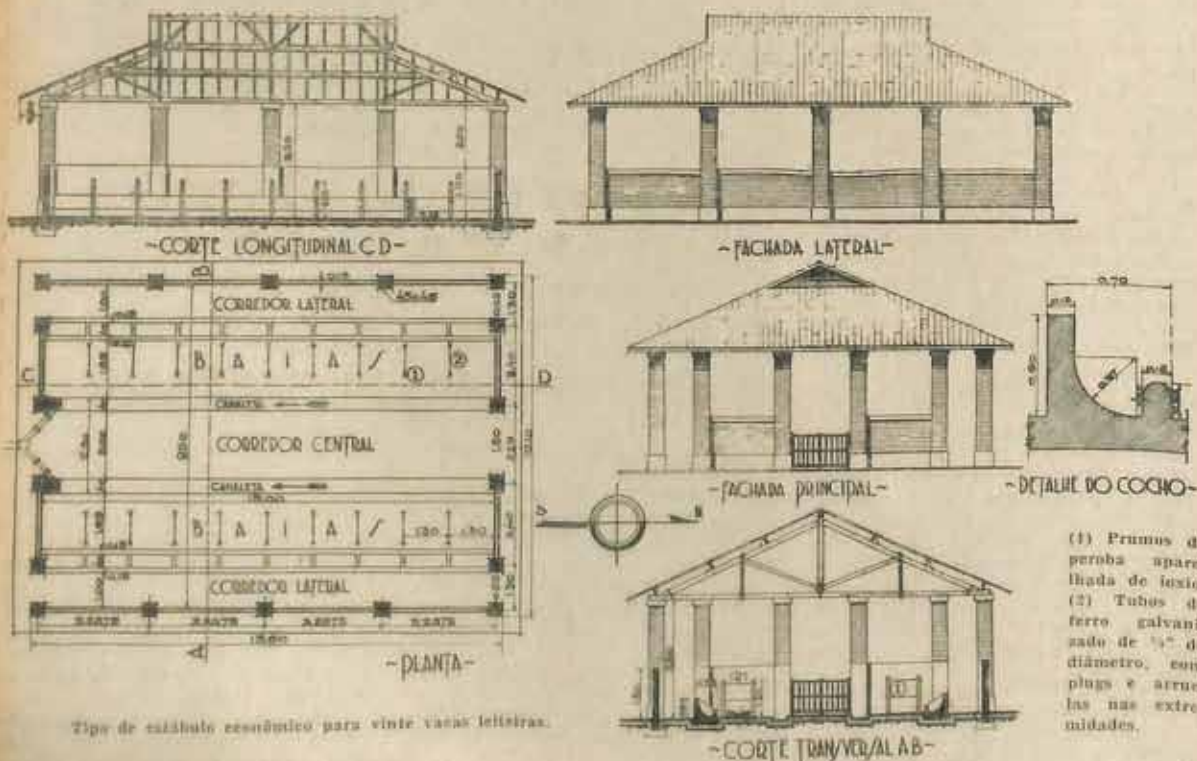
A acidez inicial é devida aos fosfatos ácidos, caseína, albumina e possivelmente ao anidrido carbônico e aos citratos encontrados no leite. Entretanto, a acidez que se desenvolve após a ordenha é feita à custa principalmente do crescimento bacteriano, que atuando sobre o açúcar do leite, a lactose, a transforma em ácido lático e, quando esta acidez atinge 30° graus Dornic, confere ao leite o gosto azedo.

A produção higiênica do leite inicia-se evidentemente pela saúde da vaca leiteira, a qual deve estar isenta de qualquer doença que possa ser

transmitida pelo leite: Brucelose, Aftosa, Tuberculose, Mastites, etc. O produtor deve sempre procurar o Instituto Biológico do seu Estado, a fim de receber orientação técnica sobre o controle das principais zoonoses (vacinação sistemática do rebanho).

HIGIENE DO ESTABULO OU CURRAL

Fator de grande importância é a higiene do curral a qual se reflete no estado sanitário do animal e do leite produzido. No sistema de meia estabulação ou permanente, os cuidados higiênicos devem ser maiores



(1) Prumos de peroba aparelhada de ferro.
(2) Tubos de ferro galvanizado de 1/2" de diâmetro, com plugs e aruelas nas extremidades.

E/C

do que no regime exclusivo do pasto. O estábulo deve obedecer às exigências de carácter higiênico sanitário: construído em elevação de terreno, orientado para o nascente e abrigado do vento sul; piso de cimento impermeável ou de pedras aparelhadas, com inclinação de escoamento das águas servidas e de excretas para canaleta, dirigida no sentido do maior comprimento; mangedouras de cimento. Reproduzimos numa planta que pode ser executada economicamente.

O terreno ao lado da construção do estábulo deve ser cuidadosamente limpo. A fim de diminuir a contaminação do ar, evite-se durante a ordenha o manejo dos animais, a mudança de cama ou a distribuição de ração. É recomendável fazer a calação das instalações pelo menos uma vez por ano.

HIGIENE DO ORDENHADOR

Animal são, estábulo ou curral limpo, de não menor importância é a saúde do ordenhador. Sendo este portador de uma doença contagiosa, pode transmitir ao animal ou mais facilmente ao leite, que a veiculará ao homem. Nas nossas fazendas, o ordenhador desempenha múltiplas funções: é tratador, ordenhador e, às vezes, entregador do leite. Mas, para ordenha, deve ter rigoroso asseio, usar roupa limpa. Carteira de saúde é indispensável.

HIGIENE DO VASILHAME

Todos os utensílios empregados na produção, transvase, envase e transporte (baldes, latões, filtros, etc.) devem ser rigorosamente limpos, ou melhor, esterilizados a vapor ou por meios químicos. Os baldes mais indicados para a ordenha manual são os de boca fechada

BALDES PARA ORDENHA



Condensado



Recomendável

3/4, que impede a queda de sujidades no leite.

Os latões que transportam o leite são esterilizados a vapor nas usinas e devolvidos ao produtor. Quanto ao restante das vasilhas (baldes, canecas, filtros, etc.) devem ser obrigatoriamente desinfetados, pois de nada vale um leite limpo, se este é colocado em vasilhames sujos. A lavagem e esterilização dos utensílios na fazenda deve começar pela remoção dos restos de leite com água fria ou morna, passando à lavagem com pós alcalinos (detergentes comuns) e, afinal, à esterilização com vapor, água quente ou soluções desinfetantes.

Os desinfetantes químicos mais econômicos são os que têm como base ativa o cloro e seus compostos: soluções de cloro, hipocloritos de sódio ou cálcio e cloreto de cálcio ou cal.

O preparo da solução de Cloreto de Cálcio para estoque: dissolvem-se 40 g de cloreto de cálcio comercial em UM LITRO de água fria. Filtra-se a solução, guarda-se em lugar fresco e protegido da luz. No preparo da Solução de Uso Diário,

diluem-se 25 ml da Solução Estoque em 10 litros de água.

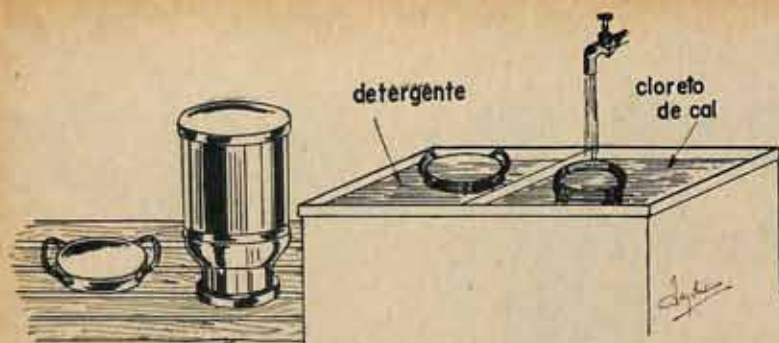


Filtro de sedimentação "Minit".



Filtros para latões.





Lavagem e secagem do vasilhame.

HIGIENE DA ORDENHA

O processo mais indicado é o de duas ordenhas, sempre no mesmo horário. A melhor ordenha é feita em cruz, metódica, rápida e a fundo, constituindo medida profilática de grande alcance, pois o leite residual é causa de infecções da mama, as mamites.

O leite dos primeiros jactos deve ser desprezado e ser recebido em caneca especial, provida de tela fina, pois é um auxiliar valioso no diagnóstico precoce das mamites, pois é mais rico de germes. Muitos produtores não tiram o leite da tarde ou da segunda ordenha, temerosos da perda do leite por excesso de acidez.

As principais fontes de contaminações após a ordenha são: a vaca, o estábulo, o ar, as moscas, o ordenhador e os utensílios. Maneiras de reduzir ou de evitar estas condições: prender a cauda do animal, limpar com pano, umedecido em solução desinfetante, a região mamária, o ventre e as partes vizinhas, evitando o levantamento de poeira; distribuir a ração e capim antes da ordenha, e, durante esta, evitar as moscas.

Antes de iniciar a ordenha, deve o ordenhador cuidar da sua higiene: lavar as mãos, vestir avental e gorro limpos, não molhar as mãos com saliva. Depois, não assoprar o leite, não tirar detritos ou ciscos com o dedo, não fumar.

Logo após a ordenha, o leite deve ser filtrado em pano limpo, ou melhor, em filtro metálico de tela fina, adaptado à boca do latão para onde é transvasado o leite.

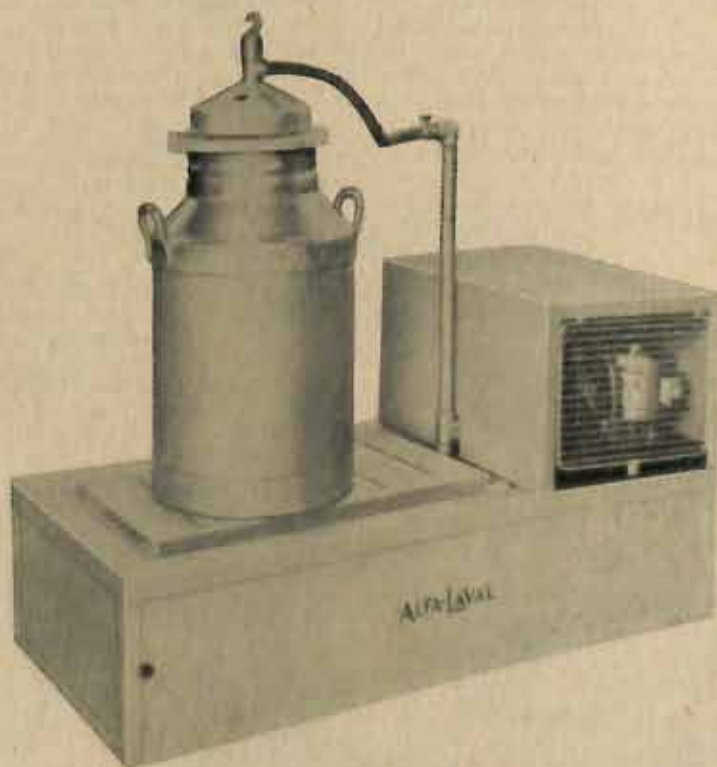
Após a ordenha e filtração, os latões devem permanecer fechados em lugar limpo ou ainda em tanque com água fria corrente. O melhor é resfriar o leite o mais rapidamente possível, dado que há grandes perdas, principalmente na segunda ordenha, cujo leite deve ser transportado no dia seguinte. O resfriamento visa impedir o rápido crescimento bacteriano e conse-

quente aumento da acidez, principalmente no verão.

O processo mais primitivo de resfriamento é manter os latões em água corrente ou tanques. Na época do verão, a temperatura da água não permite resfriamento condizente. Mais eficiente é o emprego do frio artificial: tanques de resfriamento, filtros-resfriadores em água corrente, até os modernos resfriadores, dotados de compressores dos mais variados tipos e capacidades.

Do lugar de produção (fazenda, sítio, estábulo, curral) o leite deve ser transportado para os postos de resfriamento, usinas ou fábricas de laticínios. Os cuidados higiênicos devem continuar agora, em escala sempre crescente, afim de ser entregue ao beneficiamento um leite puro e limpo. O leite cru destinado ao consumo em natureza (Leite tipo C) faz o seguinte percurso: em latões, é geralmente apanhado pelos caminhões das usinas ou postos junto às fazendas ou nas estradas, onde devem ser mantidos em abrigos rústicos, evitando o sol e a poeira. Os caminhões de coleta devem estar cobertos de lona ou encerrado. Em regiões muito distantes, o leite é transportado em carroças e mesmo em lombo de animais até a rodovia ou ferrovia mais próxima, onde são recolhidos pelos caminhões. Na melhor das hipóteses, o produto é entregue diretamente à usina, às vezes resfriado com a mínima perda.

Uma vez chegado ao estabelecimento de beneficiamento, o leite é filtrado e resfriado e, no caso de usina, pausteurizado e engarrafado. Dos postos de resfriamento do In-



RESFRIADOR DE LEITE PARA FAZENDAS — Possibilita resfriamento rápido, com perfeita conservação do leite até a manhã seguinte, quando o leite é entregue às usinas. Indicação principalmente para a segunda ordenha. Resfria até três latões cada um, de 35° C a 5° C.

terior, o leite é geralmente transportado em carros-tanques insotermicos para as grandes usinas da capital, onde é pasteurizado e entregue ao consumo. A porcentagem transportada atualmente no Estado de São Paulo por via ferrea, em latões, é muito pequena, pois a pavimentação das estradas trouxe como consequência elevado índice de transporte rodoviário.

Quanto ao leite destinado ao tipo "B", pode ser pasteurizado no próprio local, mas pode também ser transportado para as usinas de beneficiamento. As condições de produção e transporte deste leite se regem por disposições regulamentares rigorosas.

Quanto ao leite tipo A ou de granja, é por lei produzido e obrigatoriamente pasteurizado na própria granja e entregue ao consumidor em prazo limitado.

A prática tem demonstrado que a produção de um leite limpo e puro leva naturalmente a um produto final da melhor qualidade, seja o leite para o consumo em natureza ou o industrializado (manteiga, queijo, leite em pó, etc.).

Para que o produtor possa a qualquer momento verificar a qualidade do leite obtido, há necessidade de algumas provas práticas físico-químicas na fazenda, em lugar apropriado.

PROVAS HIGIENICAS DO LEITE

A prova de Filtração é a prova de maior significação pois diz se a ordenha foi bem feita. Passa-se um litro de leite sob pressão através de um disco de papel de filtro prensado, que retém sujidades e impurezas atestando o estado da higiene e limpeza. Pode ser utilizado nesta prova o filtro Minit. Os resultados das provas de filtração podem ser classificados em cinco graus: Ótimo, Bom, Regular, Mau e Péssimo, segundo tabela de C. F. Lopes, que reproduzimos para avaliação da acidez.

O método da soda Dornic para avaliação da acidez consta do emprego da solução de hidróxido de sódio nono normal, procedendo-se da seguinte forma: em um tubo de ensaio ou pequeno becker de 50 ml colocam-se 10 ml de leite homogeneizado; adicionam-se três a cinco gotas de fenolftaleína a 2% como indicador; no aparelho, enche-se a bureta graduada com soda N/9; abrindo-se a torneira, vai gotejando a soda até virar, isto é, até aparecer coloração constante ligeiramente rosa, e agita-se fortemente a mistura à medida que for gotejando a solução; lê-se na bureta graduada do aparelho o número de divisões gastas da solução de soda para chegar à cor rosa, número que corresponde ao grau de acidez

do leite. (Normal entre 16 a 18.º Dornic).

A determinação da acidez pelo método colorimétrico é processo rápido e muito difundido. Consiste em juntar partes iguais (3 ou 2 ml) de leite e solução de ALIZARINA a 2%. Agita-se, observando a coloração que adquiriu a mistura, classificada segundo esquema padrão (Escala de Morres) da seguinte forma: leite normal: cor vermelho lilás sem nenhuma coagulação; leite alcalino: cor lilás ou violeta; leite em franca fermentação acidoláctica: do pardo avermelhado ao amarelo intenso com formação de flocos mais ou menos densos de caseína coagulada.

A prova do alizarol tem valor na seleção do leite cru, pois, de acordo com o regulamento em vigor, só poderá ser pasteurizado leite que apresente acidez de 16 a 18.º Dornic.

Entre as mais valiosas provas higiênicas do leite, está a redutase, destinada principalmente à seleção do leite cru. Fundamenta-se na descoloração do azul de metileno pela ação enzimática e das bactérias. Assim, quanto maior o número de bactérias do leite, maior será a descoloração.

Partindo da solução estoque de azul de metileno (0,2%), a solução recente para uso é preparada, diluindo 1 ml da solução-mãe em 39 ml de água destilada. Esta solução, antes de usada, deve ser aquecida a 100.º C por alguns minutos; deixa-se esfriar e então estará pronta. Põem-se 10 ml de leite em um tubo de ensaio; junta-se 1 ml da solução de azul de metileno, mantendo o tubo em banho-maria, em estufa a 37.º C, até a descoloração, que ocorre em tempo variável.

O R.I.I.S.P.O.A. (Regulamento de Inspeção Industrial e Sanitária de Produtos de Origem Animal) adota a prova de redutase para a classificação do leite cru destinado a pasteurização, fabricação de queijos, leite em pó, condensado e dietético. O artigo 537, item 5 diz que só pode ser beneficiado leite considerado normal, proibindo-se beneficiamento do leite que revele na prova de redutase, contaminação excessiva com descoloramento em tempo inferior a 5 horas para o leite tipo A; 3,30 h para o B; e 2,30 h para os demais tipos.

Como pudemos verificar, o leite ácido é problema que pode ser solucionado pela higiene. Qualquer outro meio, com exceção apenas da redução da acidez do creme destinado à fabricação e manteiga comum, é proibido pela legislação vigente. A lei sanitária em vigor somente permite o emprego de processos físicos isto é, o frio e o calor empregados adequadamente como conservadores.

DISCOS COMPARATIVOS PARA UMA CLASSIFICAÇÃO RÁPIDA DAS PROVAS DE FILTRAÇÃO

PROVA PÉSSIMA

é a que corresponde aproximadamente a uma quantidade de detritos com o peso de 10 miligramas contidos em um litro de leite;

esses detritos compõem-se de esterco, palha, terra, pêlos, pequenos insetos etc.



PROVA MA

é a que corresponde aproximadamente a uma quantidade de detritos com o peso de 5 miligramas contidos em um litro de leite; esses detritos

são os mesmos acima citados, porém, em menor volume.



PROVA REGULAR

corresponde aproximadamente a uma quantidade de detritos com o peso de 2,5 miligramas em cada litro de leite, com as mesmas características que os anteriores.



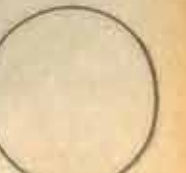
PROVA BOA

é a que corresponde aproximadamente a uma quantidade de detritos com o peso de meio miligrama em um litro de leite.



PROVA ÓTIMA

corresponde a um leite colhido com assido rigorosíssimo, e que microscopicamente não deve deixar detrito algum.



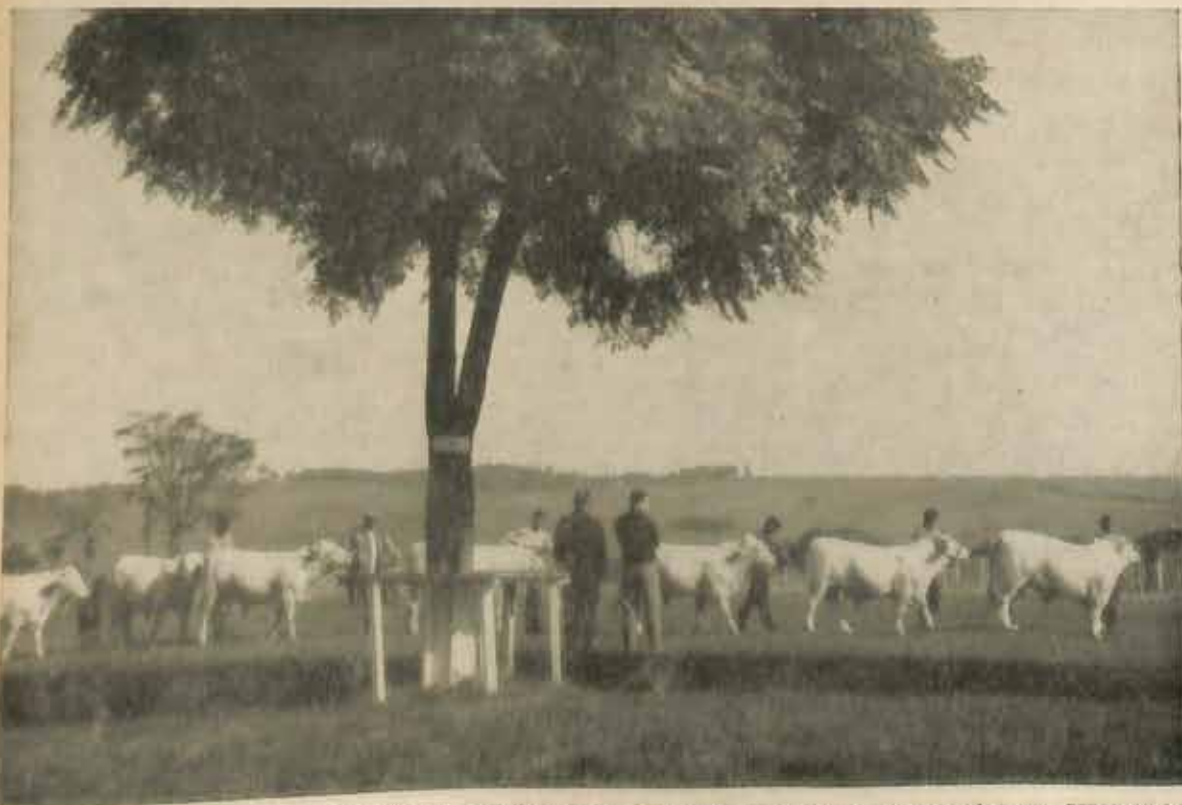
Feira de gado leiteiro em Pôrto Alegre deu 176 milhões

Durante dois dias, a 7 e 8 de maio, em Pôrto Alegre, cerca de 200 interessados rodearam pequena arena, efetuando compras de gado que somaram 176 milhões de cruzeiros. Um total de 200 animais, na maioria da raça Holandesa (preto e branco já que nenhuma vermelho e branco existe nas criações gaúchas) passaram pelo martelo dos dois leiloeiros a cujo cargo esteve o remate. Uns poucos Jersey foram lei-

loados. Em sua totalidade os animais oferecidos eram, pois, da raça mais popular entre os produtores de leite do País. Tanto havia puros de pedigree como puros por cruza. Por puro de pedigree entende-se no Rio Grande, como no Uruguai e Argentina, o animal que é registrado no "Herd Book" genealógico da raça, nos livros que desde 1906 vem sendo organizados e mantidos no Rio Grande, a exemplo dos simila-

res e pioneiros da Inglaterra, cujos modelos foram seguidos aqui com poucas variantes. Além dessas duas expressões, existe ainda a de puro de origem, que até então se aplicava a animais que eram puros mas que o criador, por uma ou outra razão, deixara de inscrever no registro quando terneiro e perdera assim o direito de fazê-lo mais tarde, pois que o regulamento não aceita registro de adultos. Hoje es-

REMATE DE CHAROLÊS BATE RECORDE: SÃO PAULO O GRANDE COMPRADOR



Foi realizado há pouco, em Santa Maria, Rio Grande do Sul, mais um remate de reprodutores CHAROLÊS da Fazenda Santa Marta. Novo recorde de vendas foi alcançado tanto em volume como em preço médio, que alcançou Cr\$ 5.000.000 para os 30 reprodutores de "pedigri" vendidos. O Estado de São Paulo, como vem acontecendo nos últimos anos, foi o maior comprador do remate.

tamos vendo a expressão puro de origem usada também como sinônimo de puro de pedigree.

COMPRADORES DE OUTROS ESTADOS

O remate fora anunciado como sendo a 1.ª Feira Nacional de Gado Leiteiro, visando realmente estabelecer maior ligação com compradores de outros Estados. Sabe-se que de longa data interessados de outras unidades do País costumam aparecer nas zonas criadoras de Holandeses no Rio Grande do Sul a comprar novilhas e vacas de leite. Tanto visitam "tambos", comprando todas as vacas que estão em ordenha, como as fazendas maiores, onde apartam lotes de novilhas. A Feira de 7 de maio pretendia dar ensejo a que aqui viessem os compradores, encontrando reunidos no lugar acessível os animais de venda. E a esse ponto de vista pode-se dizer que o desideratum foi satisfatoriamente alcançado.

Montaram as vendas, nos dois dias do remate, a 176 milhões de cruzeiros. E desse total, embora não fosse divulgada a exata proporção, cerca de dois terços foram adquiridos por compradores de outros Estados. Só um comprador, do Estado do Rio, fez aquisições que somaram 39 milhões. E todas ao correr do martelo e à medida que os animais de um a um iam entrando na pista de 7 por 8 metros. Arquibancadas de madeira circundavam a pista onde a res a venda era passeada ao redor por um tratador conduzindo-a pelo cabresto.

O leilão teve momentos de menor interesse e nem sempre correu com a animação, celeridade e entusiasmo dos similares, que já são tradicionais em certos municípios do Rio Grande do Sul. Tratando-se, porém, do primeiro no gênero na Capital tem-se como satisfatório o empreendimento.

DONDE VIERAM OS ANIMAIS — PREÇOS ALCANÇADOS

O gado apresentado foi todo ele inscrito por 26 criadores gaúchos. Em grande parte dos municípios vizinhos de Porto Alegre, como de Viamão, Triunfo, Guafra, Gravataí, e do próprio município da Capital, Porto Alegre. Outros criadores de mais longe também apareceram, como de Bagé e de Jaguarão, na fronteira com o Uruguai. Pelotas e Encruzilhada também estiveram presentes com animais seus sob o pregão do leiloeiro.

Animais novos e adultos foram vendidos. E também vacas importadas do Uruguai. Nos últimos anos, diversos lotes de vacas Holandesas de criação uruguiaia têm sido compradas por criadores brasileiros. E por ocasião da Feira, uma das granjas inscritas também apresentou ao martelo diversas vacas e novilhas uruguiaias, que foram vendidas a preços entre um milhão e um milhão e meio de cruzeiros.

Em touros, o mais alto preço foi de 1,7 milhões. De modo geral os preços de machos foram modestos, em contraste com o preço de macho de raças de carne. Na mesma quinzena realizavam-se dois remates de gado de corte, em Uruguaiânia, nos quais se registraram preços de 6,5 milhões por touros das raças Aberdeen Angus e Shorthorn.

Em vacas Holandesas, a Feira acusou um máximo de 2,9 milhões por uma vaca de 11 anos, pura, cria do sr. Vicente Donazar, Granja Sebastião, de Bagé, que se vem destacando nos últimos tempos por seu plantel de grandes e excelentes vacas. Este ventre e o touro acima citado, cria do sr. Constantino da Costa Lannes, também de Bagé, foram comprados pelo sr. Nino Alvarenga, do Estado do Rio, que foi o maior comprador da Feira, totalizando 39 milhões.

Em ventres puros por cruza, o maior preço foi de 1,2 milhões, pago por uma vaca do eng. agr. Arnaldo Ferreira, da Granja Sylvia, antigo e reputado estabelecimento criador de Holandeses, em Jaguarão, extremo sul do Estado.

Na raça Jersey, em que poucos animais foram vendidos, um dos mais altos preços foi de um milhão de cruzeiros, pagos por uma vaca da Granja Zuleika, de Triunfo, do Dr. A. C. Pinheiro Machado.

Os maiores vendedores foram o Sítio da Branquinha, do sr. Kurt Weissheimer, Viamão, que vendeu 45 cabeças, num total de 47,2 milhões ou média pouco superior a um milhão. O criador bagéense, sr. Constantino Costa Lannes, Granja Natal, colocou 40 exemplares por 24,3 milhões, perfazendo média de Cr\$ 600.000. Ainda um criador de Bagé, o sr. Vicente Dozanar, Granja São Sebastião, conseguiu Cr\$ 13.700.000 por 7 animais, vendidos com a média máxima de quase dois milhões por exemplar leilado. Um quarto criador passou de 10 milhões vendidos: o sr. João Carlos Schild, Granja São João, Pelotas, que teve ao martelo 11 animais seus por Cr\$ 11.600.000. Outros 16 criadores efetuaram vendas que totalizaram menos de 10 milhões para cada um.



Aborto de uma vaca com carência de Vitamina A.

Vitamina A

ROCHE

(estabilizada em pó, ou miscível em água)

assegura:

- maior fertilidade
- menos abortos
- maior resistência às doenças infecciosas e parasitárias
- crias mais robustas
- maior produção de leite

PRODUTOS ROCHE

QUÍMICOS E FARMACÊUTICOS S. A.
RUA MORAIS E SILVA, 30 - RIO DE JANEIRO, GRL.
TEL. 28-7100

B. Horizonte: Av. Augusto de Lima, 1241 - tel. 4-3435
Curitiba: Rua Des. Westphalen, 410 - tel. 4-1515
Porto Alegre: Rua Garibaldi, 853 - tel. 77-77
Recife: Rua do Sol, 143 - Loja C-3 - tel. 4-1951
S. Paulo: Av. Brig. Luiz Antônio, 1277 - tel. 37-9191
1A-41.015

PORTO ALEGRE COMPRA LEITE NO... URUGUAI

Todos os anos, ao correr o inverno, diminui a produção de leite fornecido à Capital do Estado. O Departamento Estadual, conhecido por DEAL, que pasteuriza e distribui o leite a Porto Alegre, supre a falta do líquido comprando leite em pó em Minas ou Rio e desmanchando o pó em água. Esse ponto é criticado na imprensa por técnicos, que julgam errada a política em vigor no negócio de leite. Nunca se criou tanto gado de leite no Estado como atualmente. E se não há mais "tambos" a produzir leite fresco para o consumo, é que o tabelamento simplesmente tornou o negócio desinteressante. Ninguém mais aplica capital em tirar leite.

Este ano, embora o inverno ainda estivesse a seis semanas para chegar, já se noticiou que o DEAL estava recebendo apenas 120.000 litros de leite, para um consumo de cerca de 200.000. E foi divulgado que aquela autarquia se voltara para o Uruguai para resolver o problema. Com a moeda uruguaia a baixo câmbio

(Cr\$ 35 o pês) poderia lá comprar leite e trazê-lo em caminhões a Porto Alegre, onde o DEAL o venderia ao mesmo preço de Cr\$ 210 que agora paga o consumidor. O negócio foi dado como fechado para um suprimento de 15.000 litros diários em maio. Posteriormente seria o total aumentado para 50.000 litros.

Atualmente o DEAL paga ao produtor Cr\$ 162 o litro pôsto na plataforma de sua usina. Desconta Cr\$ 11 pelo transporte, de forma que o produtor fica com Cr\$ 151 livres, para leite com 30 de gordura. Isso para fornecedores de chácaras vizinhas a Porto Alegre onde o transporte coletor fica em 11 cruzeiros. Em municípios 150 ou mais quilômetros afastados, o preço é outro, recebendo o produtor, em alguns casos, Cr\$ 120 pelo leite na porteira do seu estabelecimento. No caso de ter o leite 4%, o produtor recebe mais Cr\$ 15 ou Cr\$ 166 líquidos. O quilo de gordura é, pois, pago a Cr\$ 1.500 por esse sistema.

Como não podia deixar de ser, a importação de leite do Uruguai provocou comentários, sendo para uns tido como simplesmente vexatório que o Rio Grande tenha que pedir leite ao Uruguai, possuindo como possui um maior rebanho bovino e excelentes áreas próprias para exploração leiteira. A autarquia, porém, considera o ensejo comercial de obter o produto sem ter que encarecer a venda ao consumidor. Tiraria partido da sobra de leite que existe naquele país. E da diferença de câmbio favorável ao Brasil.

OS PREÇOS DE GADO GORDO

Abril e maio foram meses de plena safra de gado gordo. O ano correu favorável ao engorde. As vendas fazem-se normalmente, embora a escassez de dinheiro leve os frigoríficos a pagar com 90 e até 120 dias de prazo, acrescido o preço de 2% de juro mensal. Cooperativas que abatem para charque e para frio, ainda sem financiamento, abatem gado dos associados sem poderem pagar parte do preço da tropa.

Os preços para boi gordo estão entre Cr\$ 350 e Cr\$ 400 o quilo vivo. Bois magros de 3½ anos para engordar a Cr\$ 130.000. E sendo de 2½ anos a Cr\$ 90.000. Os negócios são, porém, poucos em gado magro. Gado cria a Cr\$ 90.000.

PREÇO DA CARNE EM PORTO ALEGRE

Em açougues na Capital gaúcha, o consumidor pode comprar carne aos seguintes preços de quilograma:

1º sem osso	Cr\$ 1.650
1º com osso	Cr\$ 1.350
2º sem osso	Cr\$ 950
2º com osso	Cr\$ 760
Ovelha, com osso	Cr\$ 950
Galinha ou frango	Cr\$ 1.900 e Cr\$ 2.000
Galinha e frango, vivos	Cr\$ 1.400



INDUSTRIAS BIO-QUÍMICAS MIOZOL LTDA.
Rua Estados Unidos, 1586 - End. Teleférico: CORUJA
SAO PAULO - S. P.

PARA O CAMPO E OUTROS CAMPOS

A mão de obra especializada deve ser procurada por todos, a fim de esvasiar a tensão social e econômica no mundo dos subdesenvolvidos

LUIS CARLOS CAMPOS
Veterinário

É necessário que o fazendeiro veja sua fazenda como uma empresa rentável. A mão de obra especializada nesse caso tem excepcional significado na tessitura social e econômica da fazenda. Oferece condições de tornar o empregado auto-suficiente e, portanto, independente, premiando-o com um padrão de vida condizente com a dignidade humana e, pelo lado econômico, cria riquezas para País, condição "sine qua non" para afugentar e imunizar-se contra a fome, espan-

talho temido pelas lutas fratricidas que gera.

Levando em conta que o padrão de vida é proporcional ao índice de escolaridade, logo se infere do valor da continuidade dos estudos para que se alcance esse desiderato. O profissionalismo, quanto mais profundo, mais produtivo será: amaina o conflito entre dirigentes e dirigidos, caracterizado pelo lucro humanizado.

No contexto desta exposição, o trabalhador ficará em posição de

aspirar à participação dos lucros, conquista social mais importante de todos os tempos, porque estimula a produtividade e democratiza o serviço, dando oportunidade a que qualquer um, por seus próprios esforços, alcance um padrão de vida cada vez mais elevado.

Essa arte — a mão de obra especializada — deve, pois, ser procurada por todos, maneira única de esvasiar a tensão social e econômica vivida no mundo dos subdesenvolvidos, onde o ócio tem como conse-

O melhor e o maior plantel de Guzerá importado



BIHURI — Importada. Boa produtora de leite: cêrca de 12 kg diários. Perfeita conformação de úbere, como aliás, acontece com o totalidade das importadas.

Correspondência:

Rua México, 11 — 4.º andar

Tel 27-9328 e 42-1485

RIO DE JANEIRO — GUANABARA

FAZENDA CONQUISTA

VALENÇA — Est. do Rio

Propriedade de

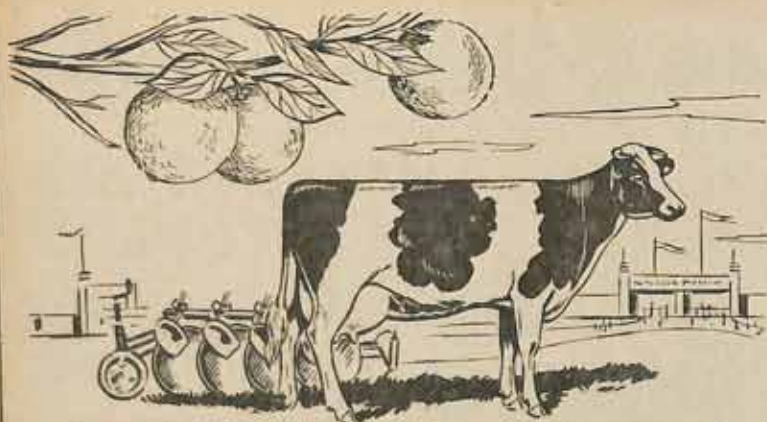
LANSA - Leôncio de Andrade S.A.

Pecuária, Indústria e Comércio



GHALOR — Importado. Campeão Nacional. Grande reprodutor, com filhos premiados e campeões de peso ponderal.

Guzerá representa mais carne e mais leite por hectare!



VISITE SOROCABA POR OCASIÃO DA



Exposição-feira
Agro-pecuária
e Industrial e

Festa da laranja

De 13 a 28 de agosto

GRANDES ATRAÇÕES

Informações na Prefeitura Municipal de Sorocaba

quência a queda de produtividade em todos os setores. As gerações que se sucedem estão superpovoando a Terra pelo ócio: a falta do que fazer e de empregados especializados resultam em baixa produtividade, que não acompanha o índice de natalidade. Fica, portanto, a noção de superpovoamento ligada à de ócio e não à de espaço.

Para exemplificar: se um "mundo" de terra abriga três ou quatro famílias que nada produzem, isto é que não trabalham, esse "mundo" está superpovoado, porque estão todos condenados a morrer de fome. Ao contrário, se um "nadinha" de terra abrigar milhares de habitantes, todos trabalhando dentro de sua especialidade, esse "na-

dinha" pode dizer-se despovoado porque as riquezas criadas trarão condições de vida para todos, o que parece paradoxal.

Não criando riquezas, o padrão de vida desce a quase zero e o país será um subdesenvolvido. (A zero, a fome liquidaria todos). Para debelar esse terrível mal, o trabalho tem de ser dirigido, primeiramente para a agropecuária. Todo arsenal terapêutico deve, pois, ser injetado no campo. É inviável começar-se a construir uma casa pelo telhado. O trabalhador só produz, só trabalha satisfeito de barriga cheia. Poderá não ser desastroso para um subdesenvolvido incentivar a agropecuária paralelamente à indústria, mas nunca relegar a produção do

campo a segundo plano. Isso é ponto pacífico, não suscitando polémicas, pois os exemplos saltam aos olhos de qualquer um. O que hoje somos e temos devemos à produtividade do campo, estado de coisas que não mudará enquanto a mentalidade do nosso homem não mudar.

O conhecimento profissional adquire-se com facilidade, é bom sublinhar, desde tenra idade, pela flexibilidade mental da criança, ainda em fase moldável a aprendizagem condicionada pelo meio, motivo pelo qual o homem é o produto do seu passado. Como dizem os psicólogos, a criança é como uma máquina fotográfica, que a tudo fixa e o problema é tentar apagar o que de errado ela fixou e que persiste na idade adulta. É aí que surge a tarefa principal dos governos. Por isso, vemos no programa de eugenia, puericultura e educação o mais sábio e patriótico de todos, porque vae ao encontro do desequilíbrio social e econômico em que vivemos. Assim, entristecemos-nos quando se controla mais uma penitenciária, ou quando se amplia o efetivo policial. Se a criança fosse encaminhada para o bem, poderia haver menos casa de correção (que não passam de casa de degeneração) assim como também menos cosméticos. Os governos têm o dever indeclinável de olhar para os processos de degeneração da família. Aí, o educador é a chave. A obrigatoriedade da instrução gratuita seria uma inversão de capital resgatada com lucros para a Nação. Mas, por infelicidade do País, aqui o educador é tão despreparado e, por isso, vilipendiado, que acaba em funções que nunca pensou exercer, como acontece na maioria das profissões-chaves, gerando essa mistificação tecnista em que vivemos.

Quanto à criança, é um sacrifício ir à aula. Caminha léguas e mais léguas para chegar à escola, já saindo do seu casebre com fome. (Deveria ser graciosa a passagem de ônibus do Interior para essas crianças). A campanha da merenda escolar em larva escala traria perspectivas otimistas quanto ao futuro. Senão, vejamos: "Para o general Pinto Sombra, a aplicação de recursos na melhoria dos padrões de saúde, educação e nutrição da população infantil constitui o melhor emprego de capital, em qualquer nação. As verbas para os programas de assistência alimentar, principalmente quando destinados à infância, não devem ser computadas como despesas, gastos ou ônus no orçamento, mas, ao contrário, como investimentos, recuperáveis pela nação com altos juros".

Disse certa vez uma autoridade norte-americana, chamando a atenção do seu governo: "Estamos perdendo dinheiro tentando educar

subnutridos. Eles não podem assimilar os ensinamentos, atrasam as classes, requerem sempre um tempo extra dos professores e repetem os ciclos. Trata-se de uma estúpida dispendiosa, mas o seu custo imediato para nosso sistema educacional nada representa, comparado com o custo final que tem a nação... Um plano para alimentar devidamente estas crianças pagará incalculáveis dividendos".

O Superintendente da Campanha Nacional da Merenda Escolar, general José Pinto Sombra, disse que "os Estados Unidos, apesar do elevado padrão nutritivo alcançado pela maioria de sua população, despendem com seu programa de merenda escolar o equivalente a um terço do orçamento do Brasil".

Precisamos, pois, acobertarmos na consciência da educação com merenda escolar, maneira única de multiplicarmos a mão de obra especializada para salvar a Nação do flagelo da fome.

A fome ficou bem identificada

num artigo do agrônomo Duque Caetano na revista "Minas Agrícola".

"Não há negar que tem sido a fome o pretexto milenar da maioria das agitações sociais e até de derrota no campo militar. As maiores guerras da história (que foram deste século) foram perdidas na retaguarda por falta de suficientes abastecimentos alimentares às populações civis. Os produtos alimentícios, portanto são materiais estratégicos tão importantes como qualquer material de guerra".

Os Clubes 4-S são pioneiros no Brasil na formação de uma consciência rural entre as crianças, que servem de instrumentos de persuasão entre os adultos. Esses clubes, ensinando crianças e adolescentes a produzir e a "viver" certo e economicamente, vão por "tabela" distorcendo a mentalidade dos adultos, que recomeçam por onde começam as crianças e com isso tentam o aumento da produtividade, o que os conduz também a um modo de vida mais civilizado.

Neste encadeamento de idéias, resta a questão do desemprego. Para tal, basta recorrermos a uma verdade incontestável, no livro "Manual de Relações Humanas" de Lewis e Pearson: "Políticos, líderes sindicais e assistentes sociais queixam-se de desemprego, mas esquecem do simples fato de que muitas pessoas não podem encontrar emprego por não terem habilitações ou senão porque suas habilitações não são necessárias em determinada região do país. Em cada região sempre existem vagas, que não podem ser preenchidas, pelo fato de não ser encontrada uma pessoa com as habilitações necessárias".

Dai já existir no Brasil lei que manda à empresa industrial com mais de cem trabalhadores instalar escolas profissionais para os filhos dos operários — e isso tem urgência de chegar ao campo, pois o crescimento das indústrias deve fazer-se paralelamente ao crescimento rural, para a nossa própria sobrevivência — é bom repisar.

Otto de Melo deixou a direção técnica da A.P.C.B

A diretoria da Associação Paulista de Criadores de Bovinos acaba de atender ao pedido de demissão formulado pelo dr. Otto de Melo, que exercia as funções de diretor do Departamento Técnico. A notícia causou grande pesar a todos quantos trabalham nesta casa, pois todos nos acostumamos, na Associação e na "Revista", a ter em Otto de Melo o colaborador competente.

Perde a A.P.C.B. um dos seus mais eficientes elementos de trabalho, mas estamos certos de que, no posto que assumiu, na Sociedade Rural Brasileira, continuará a servir devotadamente a pecuária nacional e, pois, a causa em cuja defesa nos empenhamos. Queremos crer que não abandona ele as hostes a que sempre pertenceu, antes as vai prestigiar e alargar o campo em que operam. Muito tem os pecuaristas a esperar dele e esperam que seja um elo de aproximação cada vez maior entre os criadores que em ambas as entidades da classe se reúnem, promovendo uma cooperação de todo ponto útil para a nação.

A ficha profissional de Otto de Melo enriqueceu-se na A.P.C.B. Ela, que já continha uma série de serviços por ele prestados em diferentes funções públicas, registra agora nada menos de que seis anos de contínuo contacto com os pe-

cuaristas na direção de trabalhos técnicos, aos quais soube atender com grande competência e maior dedicação, conquistando amigos verdadeiros para esta entidade de classe. A princípio, dirigira a Bolsa de Animais; depois, viu avultarem suas responsabilidades, mas soube enfrentá-las e vencê-las, impondo-se como o homem talhado para o posto.

Como é bem de ver, essa lida diuturna com os problemas do criatório foi-lhe aperfeiçoando o conhecimento da matéria, para a qual já trazia a iniciação adequada, que lhe foi proporcionada por seu curso na "Luiz de Queiroz" em Piracicaba. Ao mesmo tempo que co-

nheceu a palma a nossa região leiteira, viajou para a Europa, e outros países da América do Sul, no desempenho de incumbências de compra de animais de raça para os nossos plantéis, tarefa em que se houve com brilho, trazendo para o nosso País exemplares de grande valor. Nas exposições e feiras de animais que se realizam em nosso Estado e em outras circunscrições do País, seu nome tem sido indicado para julgador dos exemplares expostos, principalmente os da raça Holandesa, que é a de sua especialização.

Falamos na preparação universitária de Otto de Melo. Convém lembrar, a propósito, que, como estudante, foi ele presidente do centro acadêmico da escola superior de agricultura da Universidade de São Paulo. Formado ocupou cargos na secretaria da Agricultura, direção técnica de conservação do solo, de agrônomo e zootecnista regional, tendo passado, então, a inspetor do Serviço de Registro Genealógico da A.P.C.B., cargo de que foi promovido para a Bolsa de Animais e, em 1960, para diretor do Departamento Técnico.

Lamentando o afastamento do companheiro de lutas agraçamos-lhe todas as felicidades em seu novo posto e fazemos votos pela continuidade da amizade que sempre dedicou à Associação Paulista de Criadores de Bovinos.



O dr. Otto de Melo.

Parasitoses internas e externas são prejudiciais aos suínos

II — Conclusão

Profilaxia geral das verminoses

ALBINO J. RODRIGUES
Zootecnista

Como já dissemos, os leitões, até o quarto mês de vida, são mais sensíveis às verminoses do que os de maior idade, donde concluir que a profilaxia racional e prática deverá basear-se no impedir que os leitões até essa idade vivam em comum com os suínos adultos. Em razão disso, a profilaxia das verminoses se resumirá na defesa da ninhada, seguida bem de perto por medidas sanitárias que visem a proteção dos porcos adultos.

PROFILAXIA PELO METODO MAC-LEAN

Por este método põem-se os leitões em boas condições sanitárias, a fim de permitir seu desenvolvimento e evitar que sejam atacados pelas verminoses.

Para adotar este sistema, é necessário que as maternidades sejam construídas de acordo com as normas sanitárias e higienicas, a fim de poderem ser limpas facilmente. Também é preciso que existam

tam piquetes fechados, para onde os leitões são transportados.

De acordo com este sistema, dez dias antes da parição, as porcas são escovadas com água e sabão, para eliminar toda a sujeira da pele e dos pelos. As tetas principalmente, devem ser limpas. Com esta limpeza estamos removendo os ovos de parasitas que porventura existam agregados aos pelos. Depois, estas porcas são colocadas nas baias das maternidades, previamente lavadas com água fervendo e soda, e ainda desinfetadas e criadas.

As tetas das porcas são lavadas e desinfetadas novamente antes dos leitões mamar pela primeira vez.

A porca e os leitões são conservados nessas maternidades até que os leitões atinjam mais ou menos 56 dias. A seguir, são levados para um piquete, onde não existam porcos adultos e ali permanecem até os quatro meses de idade. As porcas são deixadas com os leitões apenas até a desmama que se dá aos 56 dias aproximadamente.

Com estes cuidados, os leitões raramente se tornam infestados e portanto a mortalidade por verminose se torna pequena.

As infestações que por ventura ocorram depois desta idade, poucos prejuízos poderão determinar ao animal.

PROFILAXIA PELO SISTEMA CLASSICO

Este sistema, empregando para a profilaxia das verminoses de suínos, deverá seguir de perto o sistema Mac-Lean, procurando completá-lo no que diz respeito aos suínos adultos.

De um modo geral esse sistema se baseia no seguinte:

a) drenar os campos baixos e alagadicos, evitando a formação de charcos, que dão maior facilidade a infecções e reinfestações; b) proceder à rotação das pastagens ou piquetes, dividindo-os em quatro partes e deixando os animais três meses em cada piquete, pois, através da rotação, a própria natureza

se encarregará da destruição dos ovos dos diversos germes; c) tratar os leitões, ministrando-lhes vermífugos aos dois meses e novamente aos quatro meses de vida; d) combater os ratos na fazenda, pois recentes estudos mostram que esses roedores podem disseminar os ovos de "ascaris", por meio de suas fezes; e) manter sempre os bebedouros com água limpa e abundante; f) deve-se procurar tratar os porcos adultos, duas vezes por ano, procurando ministrar-lhes os vermífugos mais aconselhados para cada caso.

COMBATE PELOS VERMIFUGOS

Também pelo uso sistemático dos vermífugos, conjuntamente com os pequenos cuidados sanitários, podemos combater as verminoses.

O emprego do vermífugo deveria ser uma norma adotada por todos criadores: é um método fácil e eficiente, quando na época certa.

Há a grande vantagem de poder ser dado a toda a ninhada de uma só vez e ainda evita a contaminação dos piquetes.

Ultimamente os vermífugos que mais são usados e que melhores resultados tem mostrado são fluoreto de sódio e piperazina.

FLUORETO DE SÓDIO

Sua maior ação é sobre o "ascaris". Deve ser dado na ração seca, na dose de 1% ou individualmente na dose de 0.30 gramas por millo de animal vivo.

No dia anterior ao tratamento, deve-se diminuir a quantidade da ração normal dos animais, porque o fluoreto dá um gosto desagradável à ração e, neste caso, eles somente irão comê-la se estiverem com fome.

O fluoreto de sódio não deve ser dado molhado nem a animais fracos ou doentes.

PIPERAZINA

Com a descoberta do poder anti-helmintico dos compostos da piperazina.



Conservando-se os porcos limpos evitam-se muitas doenças.



DÊ À SEUS ANIMAIS

Saliabrá

MISTURA SALINA INTEGRAL MELAÇADA

QUE CONTÉM: Cálcio - Sódio - Potássio - Magnésio - Ferro -
Cobalto - Manganês - Cobre - Cloro - Fósforo - Enxofre -
Iodo - Zinco - Proteínas - Hidratos de Carbono

SALIABRA é GARANTIA de
SAÚDE e ALTA PRODUÇÃO!



LABORATÓRIO ISA

PRACA CORNELIA, 96 — SÃO PAULO

FONES: 62-4178 - 62-4035

Endereço Telefônico: "IBEPEQUE"

FILIAIS:

RIO DE JANEIRO — Rua Gonçalves, 554

B. HORIZONTE — Rua Herculano, 341

LONDREIRA — Rua Santa Catarina, 142



razina (adipato, citrato, fosfato etc.) novas esperanças surgiram para o combate às verminoses dos animais domésticos.

Dentre eles o mais empregado é o adipato de piperazina, que é um sal em forma de prismas incolores, que não se altera quando exposto ao ar. É pouco solúvel na água, mais ou menos na proporção de 5%. É um produto praticamente atóxico para os animais. É dado junto com o alimento, não necessita jejum e dispensa purgativo. É muito palatável e não tem cheiro. É muito indicado na ascariíose e na esofagomose. A dose recomendada é de 200 a 300 mg. por quilo de peso vivo; assim, por exemplo, um leitão de 10 kg receberá 2 a 3 gramas desse medicamento, misturado na ração ou dissolvido na água bebida.

Deve-se tomar cuidado para não dar mais ração ou mais água sem que o animal tenha consumido toda a que tiver o medicamento.

Normas seguidas e aconselhadas pelos técnicos do P.D.A., para combate às verminoses:

1 — A criação deve ser instalada em lugar seco, de boa topografia, a fim de evitar a formação de charcos.

2 — As construções de abrigos, piquetes, maternidades, etc. devem ser adequadas, obedecendo às normas da técnica moderna.

3 — Limpeza diária dos abrigos, maternidades, bebedouros, e comedouros.

4 — Água limpa corrente em abundância, com bebedouros protegidos, a fim de que os animais não possam urinar nem defecar na água.

5 — Rotações constantes dos piquetes, restaurando os já cansados.

6 — Não permitir a entrada de outros animais na criação, principalmente cães.

7 — Construir privadas com fossa negra ou aséptica para trabalhadores, evitando assim que os suínos tenham contacto com fezes humanas.

8 — Quarto de ração, para que os alimentos possam ficar protegidos do contacto, de secreções e de excreções de outros animais.

9 — Lavar as porcas com água, sabão e escova, dez dias antes da parição e colocá-las em maternidade previamente lavada e desinfetada com água, cal e soda.

10 — Manter piquetes anexos as maternidades, exclusivamente para

os leitões aos quais a porca não tenha acesso.

11 — Deixar os leitões desmamados em baia comum, onde receberão vermífugo (piperazina ou fluoreto) quando atingirem 70 dias de vida. Após cinco dias de tratamento, serão enviados aos respectivos piquetes.

PARASIToses EXTERNAS NÃO DEIXAM O PORCO ENGORDAR

Embora as parasitoses externas dos suínos não sejam tão graves como as parasitoses internas, também causam prejuízos, principalmente no que concerne ao ganho de peso. Os parasitas externos incomodam muito os porcos, prejudicando seu desenvolvimento e engorda, posteriormente enfraquecem os animais, predispondo-os a doenças. Normalmente as partes atacadas devem ser eliminadas da criação, obrigando os compradores a fazer um desconto no preço de aquisição dos animais, o que é prejuízo do criador.

Os principais parasitas externos são o piolho, a sarna e o bicho de pé. O método de combate a esses parasitas é praticamente o mesmo: primeiro, o profilático, evitan-

do que se introduzam no rebanho animais portadores de parasitas; depois, curativo por meio de pulverizações e banhos com os mais variados parasiticidas.

PIOLHOS

O piolho, *Haemophilus suis*, é um parasita externo muito comum no porco. Além de se alimentar de sangue do animal, causa irritação pela coceira produzida pelas picadas. Quando a infestação é grande, os animais ficam enfraquecidos e anêmicos, com crescimento e engorda retardados, predispostos para outras moléstias.

As fêmeas dos piolhos põem grande quantidade de ovos, que ficam aderidos aos pelos, principalmente no pescoço e perineo. Os piolhos novos procuram as partes da pele mais fina, principalmente na orelha, onde se aglomeram em grande quantidade.

O piolho desenvolve-se rapidamente; aos dez dias atinge a maturidade; as fêmeas começam a pôr enormes quantidades de ovos aos doze dias de vida. Normalmente, a duração média do tempo de vida desses parasitas é de 35 dias.

O combate aos parasitas pode ser feito por parasiticida, óleo cru ou óleo queimado.

O parasiticida de D.D.T. pode ser usado em banheiros ou pulverizadores, dependendo, é claro, das posses dos criadores e do número de cabeças de animais existentes na criação.

Tanto o óleo cru como o queimado são eficientes no combate aos piolhos. Quando em banheiro, deve-se colocar sobre a água uma camada de 10 cm de óleo. Os porcos, ao atravessar o banheiro nadando, saem com uma camada de óleo aderida ao corpo, a qual é suficiente para combater os piolhos.

No caso de óleo queimado, devido à sua maior espessura, deve-se adicionar 1/4 de querosene para diluí-lo.

Após o banho com óleo, deve-se tomar o cuidado de não deixar os porcos expostos aos raios solares, para evitar queimaduras.

Quando o criador não dispõe de banheiro, pode aplicar o óleo queimado ou cru, com o auxílio de uma brocha diretamente sobre o lombo do animal. Observa-se que

o óleo assim aplicado escorre pelos lados e se espalha por quase todo o corpo do animal.

Para os leitões pode-se substituir o banheiro por um tambor cortado ao meio.

Os parasiticidas sistêmicos devem ser usados com toda a cautela, devido à grande facilidade que o porcos têm em se intoxicar.

SARNAS

É uma irritação e infestação cutânea, produzida pelo *Sarcoptes scabiei*. As fêmeas desses parasitos se introduzem na pele do animal, formando galerias, onde depositam ovos. Formam pápulas, vesículas, postulas e escaras, que geralmente começam pelas orelhas, ao redor dos olhos e depois se espalham por todo o corpo. Com a evolução da moléstia, há o enfraquecimento do animal, chegando até a morte.

A moléstia é facilmente diagnosticada devido às lesões mencionadas. Logo que se descubra um animal doente, deve ser isolado dos demais e submetido a um tratamento por pulverização ou banhos com os mesmos ingredientes usados para os piolhos ou então pela aplicação direta de solução de enxofre.

Nas criações bem conduzidas onde as medidas profiláticas são observadas, a sarna dificilmente ocorre. O contacto com animais de fora, portadores de sarna e a falta de asseio são os únicos responsáveis pela propagação dessa parasitose.

BICHO DE PÉ

A fêmea do bicho de pé, *Tunga penetrans*, depois de fecundada, penetra na pele do porco, preferencialmente nos pés, nas mamas e no escroto. Uma vez debaixo da pele, põe ovos em grande número. O aumento de seu volume pode chegar ao tamanho de uma ervilha; a coceira é constante, causando irritação e desassossego aos porcos, o que influi na engorda.

Quando atacam as tetas, as porcas deixam de amamentar os leitões, pela dor que sentem.

É um parasita que só se desenvolve em criações onde a limpeza e higiene não são observadas.

Para combater essa praga, devem-se manter as instalações sempre limpas e desinfetadas; evitar acúmulo de fezes e detritos que fazem sombreamento do local, remover as carnes e o esterco constantemente, etc.

A época de maior incidência do bicho de pé é verificada durante a seca, época em que as medidas profiláticas devem ser intensificadas.

Como tratamento, recomenda-se remover os "bichos", isto é, o nódulo formado e desinfetar o local com tintura de iodo.

em toda parte
CITY
"CIDADE E CAMPO"
(TIPO TEXANO) — IMPERMEÁVEL



CHAPÉUS VICENTE **CITY** S. A.
Caixa Postal 231 — Campinas — S.P.

Técnica e prática do manejo de frangas de reposição

Eis o que sugere o autor: nunca misturar frangas com galinhas no mesmo galpão, ainda que seja em gaiolas individuais de postura

HENRIQUE F. RAIMO
Médico Veterinário

Para atender à reposição das frangas poedeiras nos aviários comerciais, a programação deverá ser feita na base da compra de pintos fêmeas, com 20% de acréscimo para as operações de refugagem no período de recria. Portanto, para cada lote de mil poedeiras serão comprados mil e duzentos pintos fêmeas.

Deve-se considerar também a maneira de repor as frangas. O que vêm sendo aconselhado é a reposição total das galinhas de um galpão, pelo seu equivalente em frangas, todas da mesma idade.

Esta programação de criação, de acordo com a renovação total dos galpões de poedeiras, é muito importante para o controle das doenças do aviário. Nunca misturar frangas com galinhas no mesmo galpão, ainda que seja em gaiolas individuais de postura.

SISTEMA DE CRIAÇÃO DE FRANGAS DE REPOSIÇÃO

A raça Legorne Branca e seus híbridos dominam praticamente a produção ovelha comercial. Assim, quando se fala em frangas de reposição, fala-se sempre de um tipo de aves de pouco peso e especificamente criadas para a produção de ovos.

De um modo geral, podemos dividir a criação de frangas de reposição, para atender aos dois principais sistemas de exploração de poedeiras em prática em nosso meio avícola: galinheiros de cama e gaiolas de postura. Nos dois sistemas, os pintos fêmeas vêm sendo criados em confinamento total. São raras as exceções.

A criação para frangas de reposição desenvolve-se em dois períodos: de um dia até 8 semanas — criados em confinamento total. São cria.

CRIAÇÃO PARA GALINHEIROS DE CAMA

Este período de criação desenvolve-se em galpões de piso recoberto de "cama" ou pinteiros, obedecendo à seguinte orientação, para o período de um dia até 8 semanas:

Lotação — 15 pintos por metro quadrado.

Lotas — 500 pintos por aquecedor.

Bebedouros — Um bebedouro de pressão de 3 litros para cada 100 pintos e depois, 1,2 cm lineares por pinto, em bebedouro tipo "calha".

Comedouros — Uma tampa de caixa de pintos (70 x 45 cm) para cada 100 pintos, e depois, comedouros tipo "cocho", na base de 2,5 cm

lineares por pinto até 3 semanas e depois 5 cm por pinto.

Comedouros Tubulares — Depois de 15 a 21 dias, na base de um comedouro para 25 aves.

Guarda-Contorno — Na primeira semana de criação ao redor da campânula, na altura de 40 cm,

Baterias "frias" de madeira, muito em voga da colônia japonesa. Destas baterias as frangas são transferidas aos 60 dias para gaiolas de postura.



ajustada no mínimo 90 cm na beirada do deflector.

Formar a cama — de cavaco de madeira, sabugo triturado ou mista, na altura mínima de 5 cm e tratada com cal apagada (300 gr por m²).

Temperatura inicial — No verão, 33° e, nos meses frios, 35° durante três dias seguidos. Baixar gradualmente até 26° e retirar o calor depois do décimo dia (primeiro durante o dia e depois totalmente), observando os pintos, como a melhor indicação para a dosagem e retirada do aquecimento. Na primeira semana, luz suficiente para iluminar o pintinho e mais dois dias depois da retirada da guarda-contorno.

RECRIA EM CAMA

Terminada a criação até oito semanas, quando a feita em pintinho, muitos avicultores transferem as frangas diretamente para os galpões de postura, protegendo os janelões com cortinas de anilagem, prática muito comum em nosso meio.

A recria passa a ser feita, então, nos próprios galinheiros definitivos. Outros, porém, mantêm as frangas no próprio alojamento inicial até 90 a 120 dias e as transferem depois para os galpões definitivos.

Para este período de recria, devem ser anotadas as seguintes condições técnicas:

Lotação — 7 frangas por metro quadrado.

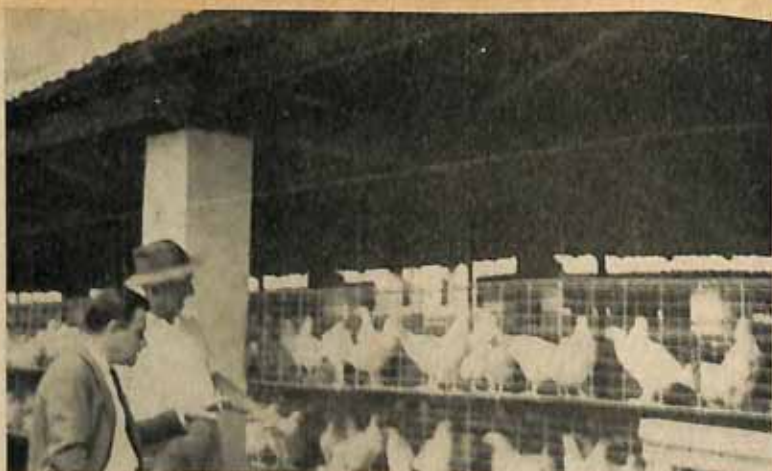
Comedouros — 10 cm lineares por franga ou um comedouro tubular tipo para frango para 3 a 25 frangas.

Bebedouros — 2 cm lineares por franga no bebedouro tipo "calha".

Cama — Manter 7,5 cm de altura do material de cama, tratada com 300 gr de cal apagada por metro quadrado de piso.



Bateria metálica com aquecimento, muito usada na criação de pintos até 15 a 20 dias, para sua posterior transferência para as chamadas baterias "frias" de recria, antes da entrada nas gaiolas de postura.



Frangas de 60 dias, já transferidas para as gaiolas de postura em grupo de 2 a 3 por gaiola.

Ninhos — Para o treinamento das frangas, manter, em pontos iluminados e de fácil acesso, alguns ninhos simples, forrados de cavacos ou maravalha de plaina.

Seleção das Frangas — A última seleção deve ser feita na data mínima de 16 semanas, quando estarão prontas para o período de produção.

CRIAÇÃO DE FRANGAS PARA GAIOLAS DE POSTURA

A reposição de frangas para exploração de poedeiras em gaiolas de postura poderá ser feita no sistema de cama, sendo as frangas transferidas para as gaiolas no período de 80 a 90 dias, depois de feita a seleção por defeitos e vigor. Este sistema é adotado por muitos avicultores, principalmente na programação de lotes industriais. Os da colônia japonesa preferem a criação e a recria em baterias de mais variada fabricação, predominando a madeira.

Em geral, o roteiro para a criação em bateria é o seguinte:

a) de 1 a 30 dias — 50 pintos em bateria de 2 x 1 m em dois ou mais andares, com piso telado e com aquecimento;

b) de 30 a 60 dias — 25 frangas em bateria de 2 x 1 m com piso telado sem aquecimento.

Esta lotação pode estender-se até 90 dias de idade. Os galpões para criação em bateria devem ser fechados e forrados, afim de permitir maior rendimento dos aquecedores, quase sempre elétricos. A recria será feita em ambiente mais arejado.

ROTEIRO PARA REPOSIÇÃO DAS FRANGAS

Em geral, a postura das aves se distribui por dois períodos distintos: no segundo semestre do ano, a produção atinge nível máximo nos meses de agosto, setembro e

outubro; no primeiro semestre, a produção diminui, devido aos fatores climáticos e à muda das poedeiras. Assim sendo, o roteiro para a reposição das frangas pode ser traçado, para os avicultores receberem os pintos: a) encomendar 70% do total para receber de 1.º de agosto a 30 de setembro; b) os 30% restantes — encomendar para receber de 15 de abril a 15 de maio.

As frangas de agosto e setembro iniciam a postura a partir de 15 de janeiro e vão botando por 12 a 14 meses seguidos. A partir de dezembro, começa a declinar a postura, havendo sempre desfalque nos lo-



Os pintos-fêmeas criados em pinteiros com "cama" podem fornecer frangas de reposição, tanto para as gaiolas de postura, como para os galinheiros industriais com o piso recoberto de "cama".

tes, pela refugagem das frangas tardias, consequência de acidentes de postura e da leucose.

A função das frangas de outono é repor os lotes nos níveis programados e sustentar a produção de ovos a partir de dezembro, quando começa a declinar a produção das frangas de agosto e de setembro.

Essa prática tem-se difundido na colônia japonesa, com rendimento econômico.

Portanto, na criação das frangas de reposição, o ponto mais importante é a programação pelo total das substituições dos lotes, em relação ao roteiro das encomendas, de acordo com a época do ano.

Finalmente, o avicultor tem, na pesagem periódica das frangas, uma base para rever seu trato e manejo, inclusive do arraçamento, verminoses e parasitoses. O avicultor pode lançar mão de dois sistemas de controle do peso do corpo: pesar uma franga em cada

grupo de 100, ou pesar 10% das frangas de cada lote.

As frangas escolhidas serão marcadas com tinta azul e a pesagem será feita a cada quatro semanas até completarem vinte semanas de idade.

A tabela apresenta uma escala de pesagem, que poderá servir de guia no caso das poedeiras do tipo Legorne, a saber:

4 semanas	227 gramas
3 semanas	680 gramas
12 semanas	1.100 gramas
16 semanas	1.250 gramas
20 semanas	1.450 gramas

A pesagem pode ser feita coletivamente em engradados comuns.

Finalmente, com cuidado especial, não descuidar da vacinação das frangas contra a Doença de Newcastle, a partir de 60 dias de vida, de preferência aos 90 dias. Convém aplicar a vacina por meio de injeção intra muscular no peito.

TROCANDO EM MÍNDOS

ÚLTIMAS DA CIÊNCIA

LUZ ARTIFICIAL E CRESCIMENTO DE FRANGOS DE CORTE

Existe ainda uma grande variação nas conclusões obtidas de trabalhos experimentais de universidades dos Estados Unidos, com relação ao número de horas de iluminação ou de luz, que melhor atenda ao crescimento dos pintos de corte.

Divulgações da Universidade do Estado de Washington e do Instituto Politécnico de Virgínia, apontam os melhores índices de crescimento quando se forneceram aos "frangueiros" 24 horas de iluminação contínua. No Instituto de Virgínia, os machos e as fêmeas responderam da mesma forma ao tipo de iluminação empregado e em nenhuma prova foi anotado efeito prejudicial do uso da luz contínua sobre o crescimento dos pintos.

Agora, pelos resultados obtidos na Universidade de New Hampshire, sabe-se que um período de 12 horas de iluminação proporcionou um ganho de peso tão bom como o conseguido em frangos que recebiam 24 horas de luz contínua. Em quatro provas os frangos que receberam 24 horas de luz pesaram 1.847 gramas, contra o peso de 1.830 gramas dos frangos que receberam apenas 12 horas de luz. Nestas condições, a pequena diferença observada no ganho de peso não pagava o gasto de luz para estender a iluminação por 24 horas.

Nas nossas condições climáticas e de isolamento, ao que tudo indica, o mais aconselhável é iluminar os "frangueiros" depois da meia noite até reinar a luz do dia.

IDADE DOS PINTOS E INCIDÊNCIA NA CONGESTÃO PULMONAR

O Instituto Biológico de São Paulo, que examina as aves entregues na sua sede de serviço, pôde determinar, em 754 casos de congestão pulmonar, a seguinte incidência da doença, de acordo com a idade das aves:

Pintos de 1 a 10 dias	65,5%
Pintos de 11 a 20 dias	21,4%
Pintos de mais de 20 dias	6,4%
Outras Espécies de Aves	6,7%

Como se vê, há nítida dominância da congestão pulmonar em pintos bem novos, o que mostra a importância dos cuidados que devem ser dispensados aos pintos no seu transporte e nas zonas de aquecimento dos pinteiros.

CUSTO DOS NUTRIENTES PARA POEDEIRAS

Dados compilados por H. R. Bird, na Universidade do Wisconsin (E. U. A.), com base nos preços dos ingredientes usados nas rações

tenha ÁGUA onde e quando quiser

na lavoura



na criação



na sede

COM

CONJUNTO DE ALTA PRESSÃO LORENZETTI

ELÉTRICO OU A GASOLINA



INDICADA PARA:

- lavagem de gado
- limpeza de veículos e estábulos
- pulverizações
- alimentação de caixa d'água, etc.

Utilização de água de poço e de rio, canalizando-a à grande distância e com grande economia.

Maiores informações

INDÚSTRIAS BRASILEIRAS ELETROMETALÚRGICAS S. A.

Caixa Postal 2582 - São Paulo

(Conclui na pág. 121)

TEMOS PARA

ARTIGOS PARA A PRODUÇÃO AGRO-PECUÁRIA



Arame farpado, lisa ou ovalado, Grampo para cerca.



Pás, enxadas, foices, facões, machados e escavadeiras.



Lço, baixeiro, pelego, xerpa de feltro, ber-rantes, estribos.



Seringa automática, argola p. touro, tor-quês p. castrar, ar-tigos cirúrgicos.



Soros, vacinas, ver-mífugos e demais produtos veterinários.



Sal puro ou minera-lizado, antibióticos.



Correntes para con-tenção do gado e peia para ordenha.



Cordos, cabrestos, ca-bio de cabestro.



Borões de alumínio e chapas numeradas p. identificar gado.



Bota e tamanca de borracha: cano curto e longo.



Baldô de metal ou de plástico, graduado para ordenha.



Latão de leite. Res friadores de leite.



Balança de pesar lei-te. Butirômetro.



Tubos plásticos e fa-lhas plásticas para la-vouro.



Lenas, enceradas e sacos para colheita.



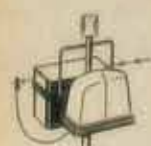
Fermisidas, insetíci-das, fungicidas e imu-nizantes.



Picadeira de cano-elétrica, a gasolina ou a óleo cru.



Adubo granulado ou em pó, ensacado ou a granel.



Cerca elétrica e per-tences, nacional e im-portada.



Aparelho para tes-quila de bovinos, es-covas e raspadeiras.



Desnatadeira, formas para manteiga e queijo.



Batadeira, filtro para leite e coador para queijo.



Vários tipos de ba-lança para gado.



Carrinho de mão de rodas de borracha ou de ferro.



Semeadora e aduba-dora manual e me-cânica.



Carrão trilhão e des-montável p. tração animal e mecânica.



Tratores de peso ou de tração. Pulveriza-dores de vários tipos.



Bombas de motor elé-trico, diesel ou óleo cru.



Desintegradores, mo-endas, debulhadores a motor ou manual.



Motor elétrico e a ga-solina e a gasolina ou a óleo cru.

1 no preço;
2 na qualidade;
3 na forma de pagamento;
4 nos benefícios que a
A.P.C.B. poderá proporcionar-lhe com o produto das vendas

FRONTA ENTREGA:

ARTIGOS PARA O CONFÔRTO E BEM-ESTAR



Japones de lã, ponches e capas de plástico, lona e borracha.



Sapatos e botas de couro para homens, mulheres e crianças.



Livros técnicos e para registro e controle de animais.



Tambor plástico p/ transportar gasolina, diversos tamanhos.



Canecas plásticas graduadas, jarros, garrafas e leiteiras.



Garrafas térmicas e geladeiras portáteis de isopor ou de metal.



Lanternas plásticas de pilha e pilhas avulsas.



Lampiões a gás ou querosene, camisas, pavios e mongas.



Charrete com ou sem pneu.



Passagens aéreas: linhas domésticas e internacionais.



Canivetes, facas, facões e tesouras de podar.



Cadeira de lona de abrir e fechar, leve e de fácil transporte.



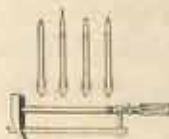
Chapéus finos para campo, de feltro e de palha.



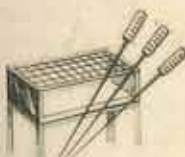
Geladeira portátil de isopor. Ótima para pic-nic e transporte de vacinas.



Caixas de madeira e formas plásticas para transporte de ovos.



Conjunto de emergência, com martelo, serra, chave de fenda, furador e formão.



Churrasqueira e espeto inoxidável para churrasco.



Fogareiro de querosene. Bom para emergência ou caçados, pic-nic, etc.

a A. P. C. B. é

uma entidade de classe fundada em 1927 e presta os seguintes serviços a seus associados:

- assistência técnica agrônômica, zootécnica e veterinária;
- serviço de registro genealógico;
- serviço de controle leiteiro das raças européias e indianas;
- serviço de controle de peso de gado para corte;
- distribui a "Revista" e o "Anuário dos criadores" aos seus associados;
- realiza a Exposição Especializada de Gado Leiteiro do Estado de São Paulo;
- realiza a Feira Nacional de Animais;
- ...e dentro em breve estará oferecendo mais serviços aos associados.

ASSOCIAÇÃO PAULISTA DE CRIADORES DE BOVINOS

Rua Jaguaribe, 834 - Tel. 51-6963 - 51-6380 - 52-6686 - 52-4388
SÃO PAULO — BRASIL



RELATÓRIO N.º 256
SERVIÇO DE CONTROLE LEITEIRO

da
Associação Paulista de Criadores de Bovinos
Com a cooperação do Departamento da Produção Animal de S. Paulo

MARÇO DE 1966

LACTAÇÕES TERMINADAS

Nome do Animal	Grão do sangue	Idade anos meses	Nº SCL	Dias de lactação	Leite kg	Produção Gordura kg %	Proprietário
RAÇA HOLANDESA — variedade preta e branca							
Lactações até 365 dias (II DIVISÃO)							
Três ordenhas (3x)							
CLASSE BS — De 3 1/2 a 4 anos							
Jangada Boa Vista — B13195 LM	PO	3-7	13025	334	5.835	220,8 3,78	Fernando de A. Pinto S.A.
CLASSE D — Adultas, de mais de 5 anos							
Heticia EEPA 1391 — B-12830 LM	PO	5-3	12080	365	7.290	252,5 3,46	Fernando de A. Pinto S.A.
Duas ordenhas (2x)							
CLASSE AJ — Até 2 1/2 anos							
Cast. K. Tetje 20-B15182 — LM	PO	2-3	14547	365	4.176	161,1 3,85	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.
Friso Offringa 46-B15420 — LM	PO	2-1	14513	365	4.089	156,0 3,81	Coop. Agro-Pec. Batavo Ltda.
Millonária — LM	NR	2-5	14012	280	3.797	164,0 4,31	Sylvio Lima Marinho
Cast. K. Lize 43-B15232	PO	1-11	14448	364	3.609	121,6 3,36	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.
Prende Med. II CAB-41489	PC	1-9	14633	365	3.098	119,9 3,86	Colégio Adv. Brasileiro
Cast. Beld Mine 9-B15120	PO	2-3	14088	227	2.589	92,1 3,55	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.
C. st. Lucas Tetje 20-B15142	PO	2-2	13905	188	2.286	86,3 3,77	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.

FAZENDA SANTANA DO RIO ABAIXO S. A.

1962

CRIAÇÃO E SELEÇÃO DE GADO JERSEY, HOLANDES
PRETO E BRANCO E VERMELHO E BRANCO



1958, 59, 61, 62, 63, 64 e 65



Medalha de Ouro ao
Melhor Expositor da
Raça Jersey

O plantel mais premiado da raça Jersey nas Exposições Especializadas de Gado Leiteiro de São Paulo, e o que mais vezes conquistou o prêmio máximo da raça, que é a **MEDALHA DE OURO GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO**, destinada ao expositor mais premiado da raça, nos anos de 1958, 59, 61, 62, 63, 64 e 65. Em 1962, conquistou a **MEDALHA DE OURO BANCO DO ESTADO**, consignada ao expositor mais premiado do certame.

PRODUÇÃO LEITEIRA OFICIALMENTE CONTROLADA
PELA ASSOCIAÇÃO DE CRIADORES

Sua visita, a qualquer momento, será sempre uma satisfação
Fazenda Santana do Rio Abaixo S.A.

Caixa Postal 20 — S. José dos Campos, SP — Em São Paulo:

Rua Boa Vista, 208 — 8.º andar — Telefone: 32-3804

Nome do Animal	Grão do sangue	Idade em meses	Nº de lactação	Dias de leite kg	Produção de leite kg	%	Proprietário
CLASSE AS — De 2 1/2 a 3 anos.							
Cast. D. Augusta 37-B15/5794 LM	PO	2-6	14532	310	4.317	155,3	3,59 Soc. Coop. Castrolândia Ltda.
S. Q. Javari — 42087 — LM	PC	2-10	14552	362	4.263	155,4	3,64 Cia. Agrícola São Quirino
Olson B. Agatha 13-HKA/063334	PO	2-9	14571	364	3.312	125,1	3,79 Luiz H. Mello/T. Jordan
Mococa Carlini — 40637	PC	2-6	14615	345	3.183	125,3	3,93 Ruy Vieira Barreto
Cast. Ado Jetje — 6-B15109	PO	2-9	14535	326	3.066	114,5	3,73 Soc. Coop. Castrolândia Ltda.
batuta da Fortaleza	NR	2-9	14632	352	2.683	85,9	3,20 Francisco F. Pinto Filho
CLASSE BJ — De 3 a 3 1/2 anos.							
Hia. B.M. Zwartkop 2-2168	15/16	3-5	13924	289	4.038	147,1	3,64 Soc. Coop. Castrolândia Ltda.
Cast. M. Dirkje 25-B14059	PO	3-1	14431	333	3.835	136,4	3,50 Soc. Coop. Castrolândia Ltda.
Gerencia — 42657	PC	3-0	14648	364	3.673	141,2	3,84 Lauro Miguel Saker
Cast. Exe. Nijlander 81-B13994	PO	3-5	14450	365	3.518	140,9	4,00 Soc. Coop. Castrolândia Ltda.
Cast. L. Jr. Aaltje 8-B14040	PO	3-4	13252	339	3.478	116,0	3,33 Soc. Coop. Castrolândia Ltda.
Primavera Inga — 514839	PO	3-1	14645	365	3.063	122,5	3,99 Léléo de T. Piza e Almeida
D. G. Florinda Carambel — B15318	PO	3-2	14514	336	2.510	87,5	3,48 Coop. Agro-Pec. Batavo Ltda.
CLASSE BS — De 3 1/2 a 4 anos.							
Cast. M. Siske 4-B13088 — LM	PO	3-10	14544	331	4.413	168,4	3,81 Soc. Coop. Castrolândia Ltda.
S. Harpe S. Adonia — B13735	PO	3-6	14609	328	4.164	154,5	3,71 S.A. Faz. Paraíso Agro-Pec.
K. Bonita 3 Carambel — 2515	31/32	3-10	14509	365	3.968	132,5	3,33 Coop. Agro-Pec. Batavo Ltda.
Cast. C. Trijntje — B13970	PO	3-8	14699	358	3.860	143,7	3,72 Soc. Coop. Castrolândia Ltda.
S. Q. Imponente F. C. Xaura - B13500	PO	3-7	14555	362	3.760	135,7	3,60 Cia. Agrícola São Quirino
S. Hartog S. Hoarne — B13710	PO	3-11	13015	312	3.513	128,4	3,65 S.A. Faz. Paraíso Agro-Pec.
Amaz. G. M. Comadre — B41927	PC	3-9	14035	273	2.050	81,1	3,95 Cia. Agr. F. Sta. Maria Posse
CLASSE CJ — De 4 a 4 1/2 anos.							
Mococa Brigitt — B13807 — LM	PO	4-2	11830	365	7.189	262,9	3,51 Ruy Vieira Barreto
Hia. J. Aaltje 9-2134	15/16	4-2	13384	323	3.205	116,1	3,62 Soc. Coop. Castrolândia Ltda.
Hia. L. Jr. Witte —	NR	4-3	12776	214	2.727	93,5	3,42 Soc. Coop. Castrolândia Ltda.
Hia. L. Jr. Rolletje 7-1850	15/16	4-3	13915	199	2.294	97,7	4,25 Soc. Coop. Castrolândia Ltda.
CLASSE CS — De 4 1/2 a 5 anos.							
Brota Medalist CAB-35866 — LM	PO	4-9	11000	305	6.152	227,8	3,70 Colégio Adv. Brasileiro
C. Friso Bontje 3-B12610	PO	4-8	14794	307	3.012	102,5	3,40 Coop. Agro-Pec. Batavo Ltda.
CLASSE D — Adultas, de mais de 5 anos.							
Regea Medalist CAB-33592 — LM	PC	5-8	10677	365	6.473	228,2	3,52 Colégio Adv. Brasileiro
Pilla 19 B. 1294-F7/3379 — L. M.	PO	8-5	7680	365	6.200	221,8	3,57 Cia. Agrícola São Quirino
Cast. Conde Janet — B19/7857 LM	PO	6-3	9458	310	6.143	200,6	3,41 Soc. Coop. Castrolândia Ltda.
Jardim Rimelita — 4279 — LM	PC	6-9	13349	344	5.847	195,2	3,33 Cia. Baptista Scarpa I. Com.
S. Q. Gineia — 35394 — LM	PC	5-10	10930	365	5.594	193,5	3,45 Cia. Agrícola São Quirino
Hia. Barca Ura 3-1773	15/16	5-9	11656	316	5.428	168,2	3,06 Soc. Coop. Castrolândia Ltda.
Cast. M. Nette 65-B19/7932	PO	5-8	10769	321	4.876	161,2	3,30 Soc. Coop. Castrolândia Ltda.
Sta. C. Graca Pabst - B-15/5934 LM	PO	8-10	9582	361	4.761	187,8	4,15 S.A. Faz. Paraíso Agro-Pec.
Sertão Ema — B18/7400	PO	6-8	9654	365	4.247	145,6	3,42 Antônio L. do Rego Netto
Hia. Fok Pietje 2-3794	15/16	7-4	14083	316	4.057	124,7	3,07 Soc. Coop. Castrolândia Ltda.
Cast. L. Pietje 14-B19/7948	PO	5-3	12318	297	3.992	140,8	3,52 Soc. Coop. Castrolândia Ltda.
Hia. H. Marikje 3-1498	15/16	5-2	14479	365	3.696	154,0	4,16 Coop. Agro-Pec. Batavo Ltda.
Hia. H. Marikje 3-1498	PC	7-0	9209	296	3.639	125,6	3,45 Léléo de T. Piza e Almeida
Dracena — 32353	PO	5-7	11261	243	3.604	122,5	3,39 Soc. Coop. Castrolândia Ltda.
Cast. M. Jitske 12-B19/7886	15/16	8-9	9682	261	3.560	126,3	3,54 Soc. Coop. Castrolândia Ltda.
Hia. Loman Folke 2-1792	PC	6-6	12139	300	3.475	109,3	3,14 Cia. Agrícola São Quirino
S. Quirino P. Adema — B-19/7822	PO	6-1	13034	251	3.231	112,1	3,46 Guido Malzoni
Jacurley — 32352	PC	6-11	10415	322	2.946	103,5	3,51 Léléo de T. Piza e Almeida
Eliza — 32352	PO	6-5	9533	210	2.817	102,8	2,64 Soc. Coop. Castrolândia Ltda.
Cast. M. Hertinga 20-B16/6709	PO	8-5	8783	194	2.686	90,0	3,35 S.A. Faz. Paraíso Agro-Pec.
Sta. C. Rutica Pabst — B15/5950 (1)	PO	6-11	9314	354	2.662	91,9	3,45 Soc. Coop. Castrolândia Ltda.
Cast. S. Exc. Sikkema 90-B16/6634	—	6-3	12310	259	2.617	118,8	4,53 Soc. Coop. Castrolândia Ltda.
Hia. Barca Wieb 5-336	PO	7-8	9718	203	2.611	95,4	3,65 Soc. Coop. Castrolândia Ltda.
Cast. S. G. Foelke — B15/5876	PO	5-1	10252	238	2.595	91,8	3,53 Soc. Coop. Castrolândia Ltda.
Cast. S. Folkertje 50-B19/7974	PO	6-10	9792	218	2.558	92,8	3,62 S.A. Faz. Paraíso Agro-Pec.
Sertão Erudita — B18/7404	PO	8-0	12666	251	2.550	97,8	3,83 Antônio Coelho Guimarães
Quarã Malazja — 30576	15/16	8-3	13871	219	2.525	83,2	3,29 Brasil Agro-Pec. S.A. Agrobrás
Itaquí Torneira — 2797	PC	6-11	10715	234	2.374	97,1	4,08 Léléo de T. Piza e Almeida
Dramática — 32367	PO	9-8	9214	151	2.233	73,7	3,30 S.A. Faz. Paraíso Agro-Pec.
Sta. C. Maloca Pabst - B15/5931 (1)	15/16	6-5	14010	177	2.181	70,0	3,20 Brasil Agro-Pec. S.A. Agrobrás
Itaquí Negrita — 2798	PC	10-11	14133	223	2.040	72,5	3,55 Carlos E. Baptista
Argentina Tereza — 38797	PO	7-7	7890	128	1.886	68,7	3,35 Soc. Coop. Castrolândia Ltda.
Cast. B. A. Marikje 6-B15/5887	PC	8-9	8008	211	1.964	57,5	2,92 Cia. Agrícola São Quirino
S. Q. Desalmada — 29463	PO	8-1	8243	130	1.789	62,1	3,47 Ruy Vieira Barreto
Cast. Mirella's Martha 8-B15/581	PO	6-8	9736	179	1.338	48,6	3,63 Ministério da Agricultura
F. S. M. Izar — B18/7349	PO	8-0	13691	92	1.328	47,9	3,60 Luiz H. de Mello/T. Jordan
N. Lender Susan — B14426	PO	8-0	13691	92	1.328	47,9	3,60

RACA HOLANDESA — variedade vermelha e branca

Lactações até 365 dias (II DIVISÃO)

Duas ordenhas (2x)

CLASSE AJ — Até 2 1/2 anos.

Saakje 24-BB1 425 — LM PO 2-3 14565 365 3.485 134,6 3,85 João de Souza Dantas

CLASSE AS — De 2 1/2 a 3 anos.
Sta. C. Danilde Paul — 43771 PC 2-10 14808 348 3.308 111,8 3,38 Fernando José Santes

CLASSE BJ — De 3 a 3 1/2 anos.

Mar. Nice A. Diamant 39592 — LM PC 3-0 14631 365 4.541 170,8 3,76 Luciano V. de Carvalho

CLASSE BS — De 3 1/2 a 4 anos.

Leboe Laguna II — 40693 PC 3-6 14026 261 2.187 86,7 4,05 Donimar S.A. Adm. de Bens

Nome do Animal	Grav. do sang.	Idade anos meses	Nº SCL	Dias Produção Nova Dias de Leite Gordura Pa. lact. kg kg % riação pre-				Proprietário
CLASSE CJ — De 4 a 4 1/2 anos.								
Anema II — BB-1167 — LM	PO	4-3	12035	327	4.129	182,0	4,40	João de Souza Dantas
Hoiambra Elv IX-BB2/1172	PO	4-5	11295	257	3.412	115,2	3,37	Adrianus Sleutjes
Nhandu Ira — BB2/1226	PO	4-0	12730	343	2.953	108,3	3,66	Pedro Lunardelli
Sta. C. Jangada — BB2/1215	PO	4-5	13028	365	2.884	98,4	3,41	Carlos Whately
CLASSE D — Adultas, de mais de 5 anos.								
Muquem Madrugada — 35159 — LM	PC	9-9	11943	332	4.973	186,0	3,74	José Pires Castanho Filho
Muquem Mineira — 38636 — LM	PC	6-9	11969	333	4.886	184,0	3,78	Donimar S.A. Adm. de Bens
Fragata — 19361 — LM	PC	12-5	14662	341	4.757	169,0	3,55	Antônio Josino Meirelles
Mar. Japoneza Diamantina - BB2/687	PO	5-6	10758	365	4.438	161,5	3,63	Luciano V. de Carvalho
Antena — 32486	PC	6-0	9815	309	3.982	139,1	3,49	Donimar S.A. Adm. de Bens
Sta. C. Curitiba —	NR	—	14738	309	3.960	170,1	4,29	Fernando José Santos
Mar. Inglesa Diaman. BB2/587	PO	6-9	9426	274	3.718	154,4	4,15	Luciano V. de Carvalho
Sta. C. Japoneza	NR	—	13209	333	3.001	116,1	3,86	Fernando José Santos
RACA JERSEY								
Lactações até 365 dias (II DIVISAO)								
Duas ordenhas (2x)								
CLASSE AA — Até 2 anos.								
Neve P. de Sta. Hilda — 5597-C	PO	1-11	14597	365	1.760	93,1	5,28	João Laraya
CLASSE AJ — De 2 a 2 1/2 anos.								
S. A. Corista Castelo — A/5948	PO	2-5	14009	171	1.594	76,3	4,78	Faz. Sant'Ana do R. Abaixo
S. J. Gaia C. Prince — A/6074	PO	2-3	14074	206	1.182	61,2	5,17	Faz. Sant'Ana do R. Abaixo
CLASSE AS — De 2 1/2 a 3 anos.								
S. A. Garbosa Luzitano — A/6195	PO	2-7	14830	326	2.410	123,2	5,11	Faz. Sant'Ana do R. Abaixo
CLASSE CJ — De 4 a 4 1/2 anos.								
S. J. Sarita Oaklands — 4217 — CLM	PO	4-4	11954	337	2.725	150,8	5,53	Faz. Sant'Ana do R. Abaixo
Jazida B. Sta. Hilda — 4180-C	PO	4-5	11675	365	2.358	116,3	4,93	João Laraya
CLASSE CS — De 4 1/2 a 5 anos.								
S. A. Genebra Oceano - 4149 - CLM	PO	4-10	11347	334	3.116	154,9	4,97	Faz. Sant'Ana do R. Abaixo
CLASSE D — Adultas, de mais de 5 anos.								
S. A. Narrativa Zana, - 3445 - CLM	PO	6-0	9709	317	3.229	159,3	4,93	Faz. Sant'Ana do R. Abaixo
S. A. Geraldina 3a Zan. 3273-C	PO	6-7	9529	293	2.823	142,0	5,02	Faz. Sant'Ana do R. Abaixo
S. A. Bacana 2a K. Count - 4006-C	PO	5-1	10889	303	2.752	132,8	4,82	Faz. Sant'Ana do R. Abaixo
Star's D. Jewel — 3156-C	PO	10-0	6930	365	2.683	139,0	5,17	João Laraya
RACA SCHWYZ								
Lactações até 365 dias (II DIVISAO)								
Duas ordenhas (2x)								
CLASSE BJ — De 3 a 3 1/2 anos.								
Ativa do Camandocaia — 3685-C	PO	3-1	13953	130	1.677	63,9	3,81	Faz. Sta. Franc. do Camandocaia
CLASSE BS — De 3 1/2 a 4 anos.								
Janiata do Camandocaia - 2985	PO	3-10	13806	153	1.684	62,4	3,70	Faz. Sta. Franc. do Camandocaia
CLASSE CS — De 4 1/2 a 5 anos.								
Olga de Ponta Grossa — 2925	PO	4-6	14144	297	2.946	109,8	3,72	Ministério da Agricultura
Sapopema de P. Leopoldo — 2965	PO	4-7	14011	290	2.392	90,4	3,77	Ministério da Agricultura
Fabrina do Camandocaia — 2883	PO	4-7	12372	189	1.527	59,3	3,88	Faz. Sta. Franc. Camandocaia
CLASSE D — Adultas, de mais de 5 anos.								
Cabrila — 42887	7/8	6-11	14572	349	3.172	129,7	4,08	Sylvio Lima Marinho
Fatura de Pinheiro — 2249	PO	9-1	8644	365	2.485	92,9	3,73	Ministério da Agricultura
Gamarra de Pinheiro — 2397	PO	8-1	8577	365	2.406	92,3	3,83	Ministério da Agricultura
Gamarra do Camandocaia — 37165	PC	7-6	8308	252	2.367	95,0	4,01	Faz. Sta. Franc. Camandocaia
Dolly do Camandocaia — 2738	PO	5-10	14783	334	2.308	91,4	3,96	Joaquina C. de Camargo
Cuba — 2738								
RACA GIR LEITEIRO								
Lactações até 365 dias (II DIVISAO)								
Duas ordenhas (2x)								
CLASSE BJ — De 3 a 3 1/2 anos.								
Abalada	7/8	3-2	13972	285	2.219	122,3	5,51	São Francisco Soc. Ltda.
Bolinha de Brasília — D.966	RE	3-2	14063	249	1.622	97,5	6,01	Rubens Resende Peres
CLASSE CS — De 4 1/2 a 5 anos.								
Coletinha — D.5703 — LM	RE	4-11	14612	365	3.568	172,6	4,83	Santana Agro-Pastoril S.A.
CLASSE D — Adultas, de mais de 5 anos.								
Descoberta — LM	NR	13-3	14525	358	3.646	182,6	5,00	Santana Agro-Pastoril S.A.
Carnaúba — LM	PO	10-0	14284	293	3.485	166,3	4,77	Santana Agro-Pastoril S.A.
Corpo — 44296 — LM	NR	10-8	14484	365	3.435	165,2	4,81	João Batista F. Costa
Tullipa II (29) — LM	RE	12-8	14614	365	3.106	160,1	5,15	Santana Agro-Pastoril S.A.
Bordado — A/1443 — LM	RE	7-5	14283	304	5.798	153,6	5,49	Santana Agro-Pastoril S.A.
Tigela — 29	NR	—	14613	365	2.693	130,9	4,85	Santana Agro-Pastoril S.A.
Brasília II								

Nome do Animal	Gráu do sangue	Idade anos meses	Nº SCL	Dias de lactação	Leite kg	Produção Gordura kg	%	Proprietário
Palmeira	NR	6-6	12848	365	2.678	135,0	5,04	São Francisco Soc. Ltda.
Pelintira — 43518	3/4	12-4	11024	290	2.630	124,9	4,75	São Francisco Soc. Ltda.
Javaneza de Brasília — 43632	PO	10-10	12613	293	2.545	145,3	5,70	Rubens Resende Peres
Moamba — B1779	PO	10-0	15371	342	2.527	135,0	5,34	Breno Lima Palma
Paciência —	NR	10-0	15374	321	2.514	117,6	4,67	Breno Lima Palma
Babalú de Brasília — 43604	PO	7-10	11853	234	2.278	122,1	5,35	Rubens Resende Peres
Gaucha — 91	NR	13-0	11326	273	2.255	99,9	4,43	São Francisco Soc. Ltda.
Sereia — 43533	3/4	12-4	11323	182	1.430	58,4	4,08	São Francisco Soc. Ltda.
Botija de Brasília — C-774	RE	5-3	14017	140	1.369	74,7	5,45	Rubens Resende Peres
Argúcia — 40	NR	7-0	12577	198	1.358	60,7	4,47	São Francisco Soc. Ltda.
Curitiba de Brasília — 43620	PO	7-10	12431	117	1.274	67,4	5,29	Rubens Resende Peres
Batucada de Brasília —	NR	5-2	14015	129	1.200	56,2	4,68	Rubens Resende Peres

RAÇA GUZERA

Lactações até 365 dias (II DIVISÃO)

Duas ordenhas (2x)

CLASSE D — Adultas, de mais de 5 anos.

Fortaleza J. A. — 8438/SRTM - LM	RE	8-0	14666	354	3.748	237,2	6,32	Allyrio Jordão de Abreu
Saquarema J. A. — 5718/SRTM	RE	10-2	14664	357	2.024	125,0	6,17	Allyrio Jordão de Abreu
Colombina — 8445/SRTM	RE	5-6	11871	123	1.030	49,0	4,75	João Carlos B. de Abreu

RAÇA SINDI

Lactações até 365 dias (II DIVISÃO)

Duas ordenhas (2x)

CLASSE BS — De 3 1/3 a 4 anos.

Boa Sorte — 1952	RE	3-6	12385	225	1.638	86,8	5,30	João Carlos P. de Freitas
------------------	----	-----	-------	-----	-------	------	------	---------------------------

I DIVISÃO - Até 305 dias (COM NOVA PARIÇÃO DENTRO DOS 14 MESES)

Nome do Animal	Gráu do sangue	Idade anos meses	Nº SCL	Dias de lactação	Leite kg	Produção Gordura kg %	Nova Parição (dias)	Dias de lactação prenhe	Proprietário
RAÇA HOLANDESA — variedade preta e branca									
Duas ordenhas (2x)									
CLASSE AJ — Até 2 1/2 anos.									
S. Margriet 5 Carambei — 2859	31/32	2-4	14475	293	3.256	124,6	3,82	352 216	Coop. Agro-Pec. Batavo Ltda.
CLASSE AS — De 2 1/2 a 3 anos.									
Piras. Delicada II — 41516	PC	2-10	14389	305	3.745	133,0	3,55	376 204	Antônio Luiz do R. Netto
CLASSE BJ — De 3 a 3 1/2 anos.									
Geladeira — 42662 — LM	PC	3-0	14530	305	3.848	139,6	3,67	377 203	Lauro Miguel Baker
Cast. K. Mina 46 — B15291	PO	3-0	14446	273	2.248	99,9	4,44	359 189	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.
CLASSE BS — De 3 1/2 a 4 anos.									
S. Helvetia B. Carn. B13699 — LM	PO	3-10	12566	305	5.463	195,0	3,57	390 181	S.A. Faz. Paraíso Agro-Pec.
Cast. Beld Mine 7 — B13940	PO	3-7	14444	293	3.931	139,1	3,53	355 213	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.
CLASSE CJ — De 4 a 4 1/2 anos.									
Cast. B. Koltje 35 — B12666	PO	4-4	11664	283	4.239	155,8	3,67	343 215	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.
Cast. S. Martie 4-B12751	PO	4-2	14539	286	3.637	143,5	3,94	361 200	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.
S. Ghita Glenafion — 39320	PC	4-2	12564	305	3.597	135,1	3,75	414 166	S.A. Faz. Paraíso Agro-Pec.
Cast. Exc. Janke 2 — B12686	PO	4-0	12934	305	2.790	97,4	3,48	395 185	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.
M. C. Desl 1 Carambei — 4380	31/32	4-0	14521	246	2.423	87,6	3,61	343 178	Coop. Agro-Pec. Batavo Ltda.
Cast. J. Maartebloem 10 — B12632	PO	4-3	14085	212	1.820	63,1	3,46	419 68	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.
CLASSE CS — De 4 1/2 a 5 anos.									
Cast. D. Leeuwarder 44 — B12525	PO	4-11	11913	257	3.489	132,0	3,78	374 158	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.
Cast. J. Rika 66 — B12593	PO	4-7	11391	296	2.745	91,5	3,33	397 174	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.
CLASSE D — Adultas, de mais de 5 anos.									
Desha — 30381 — LM	PC	7-5	9387	305	5.041	178,9	3,54	368 212	S.A. Faz. Paraíso Agro-Pec.
S. Genebra V. Pabst — B12069	PO	5-3	11411	296	4.816	183,2	3,38	369 262	S.A. Faz. Paraíso Agro-Pec.
Piras. Granfina — 41562	PC	5-6	13114	305	4.439	163,2	3,45	526 154	Antônio Luiz do R. Netto
Hia. Loman Falxa 3-1787	15/16	5-6	9987	275	4.427	189,4	3,60	404 146	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.
Cast. C. Tine 10 — B19/7960	PO	5-6	10007	276	4.338	158,0	3,64	379 172	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.
Sertão Darien — B15/5954	PO	7-7	9000	305	3.131	114,1	3,64	402 178	S.A. Faz. Paraíso Agro-Pec.
Cast. Vos. Beatrix — B-17/6765	PO	6-5	11671	261	3.117	120,3	3,86	323 213	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.
Cast. Borg Antje 4 — B16/6687	PO	6-10	9184	284	2.951	103,3	3,50	348 216	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.
Cast. L. Lemstra 2 — B-17/6748	PO	6-5	9721	269	2.675	95,7	3,57	337 207	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.
S. Pancy B. Carnation — B12047	PO	5-6	10031	304	2.285	80,1	3,50	369 210	S.A. Faz. Paraíso Agro-Pec.
V. Lena de Carambei — 2708	31/32	5-6	14505	275	2.084	90,0	4,32	361 190	Coop. Agro-Pec. Batavo Ltda.
Guaciosa EEPA 1255 — B19/8765	PO	6-0	12583	168	1.820	54,8	3,60	372 59	João A. Ribas Viana

O que vai pelo Contrôlo Leiteiro

O baixo preço do leite desestimula os produtores

F.A.N.

Ao que parece, durante alguns meses continuaremos a sentir nos relatórios do SCL certos reflexos da perniciosa política de desestímulo à pecuária leiteira, representada pelo baixo preço do leite, durante tanto tempo tabelado, e caracterizando-se por produções médias diminutas.

Esse aspecto, aliás, poderá vir a ser medido quando estiverem completos os estudos que já iniciamos

e dos quais será dada ampla notícia em outro local desta Revista.

O relatório n.º 256, referente às lactações encerradas em Março de 1966, repete uma situação já comentada anteriormente: raras produções destacáveis e média geral pouco satisfatória. Nêles ressaltam apenas dez lactações, das quais seis estão na raça Holandesa, variedade preta e branca, duas na Gir, uma entre as Guzerás e outra entre as Jersey, pertencentes todas a um total de oito criadores.

kg de gordura ou 3,57%. Com esta lactação, esta vaca ingressou na Categoria de Longevidade, somando 884,2 kg de gordura em 24.924 kg de leite. Pilla 19 já conta com 3 LM.

Castrolanda Conde Janet, PO, filha de Paul 2 e Janke 4 em sua 4.ª lactação aos 6.3, 2x, 310 dias registrou 6.143 kg de leite com 209,6 kg de gordura, ou 3,41%, somando assim 22.662 kg de leite e 797,7 kg de gordura, está, portanto, a um passo da categoria de Longevidade.

DOIS NOVOS CRIADORES DA HOLANDESA

Na raça Holandesa preta e branca aparecem boas produções de dois criadores não citados anteriormente: uma da Fernando de A. Pinto S/A, Pindamonhangaba, e outra de Ruy Vieira Barreto, Mococa.

Em Pinda, Helicula EEPA 1391, uma PO, filha de S C. Ray Pabst, e Ericéia EPA 1162, em sua terceira lactação alcançou aos 5.3, em três ordenhas diárias em 365 dias a significativa produção de 7.290 kg

de leite e 252,5 kg de gordura ou 3,46%.

Mococa Brigit, outra PO, filha de Adema 231 vd Woudhoeve e Holambra Griet X, aos 4.2, em duas ordenhas, em 265 dias, registrou 7.189 kg de leite e 252,9 kg de gordura ou 3,51%. Esta vaca havia pintado como boa produtora na primeira lactação, quando registrou, aos 2.1, seus 4.015 kg de leite com 3,75% e fez nova lactação mais fraca, aos 3.0, repetindo agora, aos 4.2, uma lactação notável.

O COLÉGIO ADVENTISTA COM DUAS BOAS PRODUÇÕES

O Colégio Adventista Brasileiro aparece também neste relatório com duas produções destacáveis, alcançadas por Brota Medalist CAB, uma PO filha de C. Flashy Medalist e Brotinha CAB. Em lactação iniciada aos 4.9, 2x, em 365 dias, com 6.473 kg de leite e 238,2 kg de gordura, ou 3,70%, em terceira lactação, depois de registrar 4.092 com 3,77% aos 2.4 e 5.142 kg com 3,83% aos 3.4. Com seus três LM e um LE, esta vaca poderá ir longe. Razon Medalist CAB é a segunda destacável de Março, no Colégio Adventista Brasileiro, por

sua produção aos 5.8, em 2x, 365 dias, com 6.473 kg de leite e 238,2 kg de gordura ou 3,52%. Esta filha de C. Flashy Medalist e Riquessa Madcap CAB, PCOC, está também em terceira lactação, uma série que muito promete aos 3.0 com 4.445 kg e 3,55% e aos 4.2 com 5.568 kg de 3,62%.

Dois outros destaques cabem à raça Holandesa preta e branca, a saber: Pilla 19 B 1294, importada da Argentina, filha do Baradero 1924 Poderosa 5 Burke e Pilla 14 B 1276, produzindo aos 3.5, em 2x, em 365 dias, 6.200 kg de leite e 221,3

A JERSEY DE SANTA HILDA

Na raça Jersey vamos encontrar de novo Elite de Sta. Hilda, por sua produção calculada aos 305 dias, quando aos 9.6, marcou 3.829 kg de leite e 178,0 de gordura, ou 4,64%, em parição verificada aos 388 dias. Esta representante do rebanho do Dr. João Laraya, que é uma RE na Categoria de Longevidade, já soma 29.237 kg de leite e 1.254,3 kg de gordura ou 4,22%.

GIR E GUZERÁ: BOAS PRODUÇÕES

As representantes da raça Gir a destacar neste comentário são duas da Sant'Ana Agro Pastoral S/A: Coleirinha, registrada, filha de Ro. lete e Colera, por sua produção aos 4.11 (1.ª lactação controlada) marcando em 2x, 365 dias, 3.568 kg de leite e 172,6 kg de gordura ou 4,83%, portanto com um LM; Descoberta é sua companheira, NR, com 13.3, em 2x, 358 dias pois produziu 3.646 kg de leite e 182,6 kg de gordura, ou 5,00%. Como Coleirinha, Descoberta foi controlada pela primeira vez, alcançando também o título de LM.

Fortaleza JA é a representante da raça Guzerá a ser destacada em Março de 66, por sua produção aos 8.0, em primeira lactação controlada, quando produziu em 2x, em

354 dias, 3.748 kg de leite e 237,2 kg de gordura ou 6,32%. Esta filha de Farolito e Choupana, pura da raça, é propriedade do sr. Allyrio Jordão de Abreu.

ANIMADORA SITUAÇÃO

Como em outros comentários nos preocupamos com as baixas produções finais e estávamos temerosos de uma situação de retrocesso, resolvemos verificar o que ia com lactações em marcha, o que não é de nosso hábito, pois sabemos que muitas vezes a que mais produz num controle nem sempre é a melhor produtora final. Deparamos então com um quadro animador: várias produções boas em fase inicial e outras bem adiantadas, também interessantes, como seja: Cast. Conde

Tine 10, aos 6-6, em 1.º controle, 30 dias, com 35,430 kg e 1,226,0 de gordura; Muquem Famosa, Hol vb, 7.0, 1.º, com 30 dias, 29,250 e 0,871; Elite de Sta. Hilda, novamente, Jersey, aos 10-7, 1.º controle 20 dias, com 18,700 e 0,830; Alveca, gir, 5-0 1.º controle, 14 dias, 18,000 ou 0,841; Tainha de Brasília com 10,6 3.º controle, 80 dias, 21,700 kg e 1,051 de gordura ou 4,84%. Como se vê, entre outras aparecem já resultados parciais que podem levar a boas lactações.

BOAS VINDAS A NOVOS CRIADORES

Apesar de ter ocorrido um aumento no custo da taxa de controle individual, e bem assim na de publicação de resultado parcial — agora Cr\$ 800 e 300 — há a destacar o início dos controles em várias novas propriedades, onde em breve esperamos observar boas médias e recordes de produção, nesta luta de melhoramento do rebanho brasileiro. Bem-vindos, pois, ao SCL os srs. Jacob Rosier Dutilh, de

Campinas, com suas Holandesas preta e brancas; sr. Rui Pereira Leite, de Botucatu, com suas vermelhas; Sérgio Augusto Simone, de Catanduva, também com suas vermelhas; Niazil Ruben, de Cruzeiro, com suas preto brancas; Nicolau Archilla Golan, de Sorocaba, com suas preto-brancas; sr. Mario Rodrigues, de Catanduva, com suas vermelhas e o Sr. Amâncio Mazzaropi, de Itú, com suas preto brancas

A EXPOSIÇÃO DE SOROCABA TERÁ JUIZ URUGUAIO

A III Exposição-Feira Agro Pecuária de Sorocaba a realizar-se em agosto próximo, será abrilhantada pela presença do juiz de raças leiteiras internacionalmente conhecido sr. Raul Pastorino de nacionalidade uruguaia e um dos proprietários da Cabanha Don Bosco. Criador e téc-

nico de renome é conhecidíssimo no Prata pelas suas atuações como "jurado" em Palermo, Prado e Parque Menino Deus. Congratulamo-nos com essa iniciativa dos criadores de Sorocaba, que somente terão a ganhar com iniciativas assim.

CAFEICULTORES....

(Conclusão da pág. 59)

dizendo: "Nunca se deve esquecer que o milho é uma cultura de sítiantes e colonos e que, em ano de safra pequena de café, tem importância ímpar no poder aquisitivo do meio rural".

O fomento à silvicultura (pinho), a necessidade de uma empresa de economia mista que revenda utilidades aos produtores rurais, o

transporte ferroviário insatisfatório, a ampliação da rede rodoviária asfaltada, o fornecimento de energia elétrica a coletividade, a proteção ao imigrante nacional, a distribuição de boas sementes, a pesquisa e experimentação foram outros assuntos tratados pelo orador, que encareceu ainda a significação da presença do sr. Ney Braga no ministério da Agricultura, de onde os paranaenses gostariam de vê-lo ascender à presidência da República no próximo quadriênio.

SÊMEN BOVINO CONGELADO

Ganhe mais leite ou carne por cabeça, usando um TOURO PROVADO da



Há cinco anos a Cia. Fábio Bastos vem importando dos EEUU sêmen bovino congelado. Analise os resultados, consultando um zootecnista e SEMEIE PARA O PROGRESSO usando um TOURO SUPERIOR PROVADO da ABS.

Distribuidores

Cia. Fábio Bastos

Nome do Animal	Gráu do sangue	Idade anos meses	Nº SCL	Dias de lactação	Leite kg	Produção Gordura kg %	Nova Parição (dias)	Dias de lactação prenh	Proprietário
RACA HOLANDESA — variedade vermelha e branca									
Três ordenhas (3x)									
CLASSE D — Adultas, de mais de 5 anos.									
Manga Verde — 3137		15/16	—	14358	292	5.763	199,0	3,45 363 204	Flávio C. Branco Gutierrez
Duas ordenhas (2x)									
CLASSE AJ — Até 2 1/2 anos.									
Terphuster Petra 7 — BB1.422	PO	2-2	14567	279	2.599	95,4	3,67 364 190	João de Souza Dantas	
Grietje 42 — BB2/1425	PO	2-1	14379	289	2.493	100,2	4,01 379 185	João de Souza Dantas	
CLASS AS — De 2 1/2 a 3 anos.									
America's C. Truman - BB2/1283 LM	PO	2-9	14527	305	4.984	168,1	3,37 383 197	Cia. Adm. Com. e Agr. Sta. Filomena	
CLASSE BJ — De 3 a 3 1/2 anos.									
E. S. Rosa — 40602	PC	3-3	13000	223	2.053	69,7	3,39 349 149	Adib Feres	
CLASSE D — Adultas, de mais de 5 anos.									
Castro Margriet's IV — BB2/599	PO	6-5	9396	295	4.659	145,5	3,12 342 228	Adrianus Sleutjes	
F. S. Azaleia — 34368	7/8	5-6	12163	279	4.205	151,4	3,60 346 208	Fernando José Santos	
Mar. Jezebel Gerente — 33675	PC	5-11	10990	305	4.104	146,7	3,57 406 174	Luciano V. de Carvalho	
Muquem Unica — 38635	PC	6-9	13157	305	3.976	150,2	3,77 364 216	Donimar S. A. Adm. de Bens	
Mar. Jardineira T. Diaman. BB2/680	PO	5-10	11220	296	3.902	153,7	3,93 371 200	Luciano V. de Carvalho	
Mar. Jungada Diamantina — 33671	PC	5-7	10989	305	3.740	146,6	3,92 372 208	Luciano V. de Carvalho	
Lame's Helice — 27760	PC	8-11	10141	305	3.553	135,8	3,82 426 154	Fernando José Santos	
Mar. Leopoldina Heiniana — 37114	PC	5-2	11218	275	3.457	125,0	3,61 351 199	Luciano V. de Carvalho	
Mar. Joana Hainiana — 33667	PC	5-7	9567	305	3.294	130,6	3,96 416 164	Luciano V. de Carvalho	
Mar. Iapoá Telana — BB2/586	PO	7-1	9333	289	2.651	101,8	3,83 375 189	Luciano V. de Carvalho	
Mar. Jaboticaba Heiniana — 33668	PC	5-8	10161	263	2.467	106,8	4,32 379 99	Martin F. Pretel Mendes	
Mar. Jacira Heiniana — BB2/686	PO	5-7	10235	215	2.373	90,5	3,81 361 129	Martin F. Pretel Mendes	
RACA JERSEY									
Duas ordenhas (2x)									
CLASSE BJ — De 3 a 3 1/2 anos.									
S. A. Caçadora Guardiã — 4336-C	PO	3-4	13058	305	1.678	83,1	4,95 383 197	Faz. Sant'Ana do R. Abaixo	
CLASSE BS — De 3 1/2 a 4 anos.									
S. A. Esgrima K. Count — 4165-CPO		3-10	12243	195	1.695	80,5	4,75 386 84	Faz. Sant'Ana do R. Abaixo	
CLASSE CJ — De 4 a 4 1/2 anos.									
Jardineira J. Sta. Hilda — 4178-C	PO	4-5	11494	305	2.410	111,7	5,21 374 206	João Laraya	
CLASSE CS — De 4 1/2 a 5 anos.									
Upa Comary — 3446-C	PO	4-11	10917	294	2.158	116,2	5,38 381 188	Faz. Sant'Ana do R. Abaixo	
CLASSE D — Adultas, de mais de 5 anos.									
Elite de Sta. Hilda — 27714 — LM	PC	9-6	6496	305	3.829	178,0	4,64 388 192	João Laraya	
S. A. Cantina Paxford — 3392-C	PO	7-1	8656	305	2.489	127,1	5,11 412 168	Faz. Sant'Ana do R. Abaixo	
Rita Lila de Canela — 1920-C	PO	8-4	11208	305	2.434	122,2	5,01 397 183	Faz. Sant'Ana do R. Abaixo	
RACA SCHWYZ									
Duas ordenhas (2x)									
CLASSE BS — De 3 1/2 a 4 anos.									
Maringá — 3141	PO	3-6	14909	189	943	29,9	3,16 330 134	Adolfo Schmalz e Jan Rabe	
CLASSE D — Adultas, de mais de 5 anos.									
Distinta — 31782	1/2	6-7	14250	245	3.355	130,4	3,88 406 114	Sylvio Lima Marinho	
Caneta de Brasília — 31781	1/2	6-6	14247	242	3.178	109,8	3,45 409 108	Sylvio Lima Marinho	
Lavadeira — 42936	1/2	5-5	14248	243	3.010	110,0	3,65 412 106	Sylvio Lima Marinho	
Fábula de Pinheiro — 2245	PO	9-0	7663	305	2.815	101,8	3,61 409 171	Ministério da Agricultura	
Araúca de Resaca — 2537	PO	7-1	11231	305	2.805	101,1	3,60 418 162	Faz. Sta. Franc. do Camandocaia	
Invenção de Pinheiro — 2791	PO	5-7	12973	305	2.678	100,2	3,74 357 223	Ministério da Agricultura	
Mucurana de Ponta Grossa	PO	6-4	14316	261	2.453	85,5	3,48 391 145	Ministério da Agricultura	
Grade de Pinheiro — 2493	PO	7-5	10641	262	2.295	84,3	3,67 360 197	Ministério da Agricultura	
Cascata da Mantiqueira — 37757	PC	7-7	10682	305	2.152	82,0	3,80 341 239	Faz. Sta. Franc. do Camandocaia	
Infância de Pinheiro — 2774	PO	5-7	11198	305	2.110	80,3	3,80 425 155	Ministério da Agricultura	
Deserença de Pinheiro — 2087	PO	10-7	6554	264	1.583	57,8	3,09 339 200	Ministério da Agricultura	
RACA GI RIETEIRO									
Duas ordenhas (2x)									
CLASSE D — Adultas, de mais de 5 anos.									
Finesa — 44382	3/4	10-8	14414	235	2.266	110,0	4,87 384 126	São Francisco Soc. Ltda.	
Caneta de Brasília — 43619	PO	11-0	12250	228	2.216	133,3	6,01 376 127	Rubens Resende Peres	
Marcurena — 44388	7/8	6-0	14589	215	2.128	105,1	4,88 335 135	São Francisco Soc. Ltda.	
Galfusa	NR	—	14627	244	1.984	108,0	5,44 344 175	São Francisco Soc. Ltda.	
Encosta — 44384	3/4	6-8	14597	184	1.838	95,6	5,20 330 109	São Francisco Soc. Ltda.	
Bolivia — 250	NR	9-0	14583	192	1.771	84,6	4,77 345 122	São Francisco Soc. Ltda.	

LM — Livro de Mérito
(1) — Morreu

RESULTADOS PARCIAIS DE CONTRÔLE

RACA HOLANDESA — variedade preta e branca

Dr. Ruy Vieira Barreto. Mococa. Est. de São Paulo.

Contrôle em 15-3-966. Regime de pasto com ração suplementar 2 ordenhas.

Nº SCL		Gráu Idade do sangue	Idade dos meses	Dias de Controle de lactação	Leite	Gordura	%
12.383	Amazonas M. Actriz	PCOD	4-7	10 ^o	231	14,100	0,575 4,08
12.633	Amazonas M. Animada	PCOD	5-1	2 ^o	43	20,200	0,652 3,23
12.847	Amazonas M. Amorosa	PCOD	4-11	7 ^o	127	16,750	0,582 3,47
16.650	Mococa Dama	PCOC	2-6	2 ^o	45	14,800	0,435 2,94
16.651	Mococa Delicada	PCOC	2-6	2 ^o	31	13,450	0,439 3,26

Brasil Agropecuária S.A. — Agrobás. Curitiba. Paraná.
Contrôle em 27-3-966. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

12.319	Cast. L. Bonte Andringa 242	PO	4-7	3 ^o	109	15,100	0,516 3,42
13.537	Jucelina	PCOD	—	3 ^o	102	15,500	0,608 3,92
14.072	Itaqui Cascata	31/32	7-4	1 ^o	31	19,900	0,560 2,81
14.497	Itaqui Franja	—	7-4	1 ^o	36	14,200	0,469 3,30

Claudio Paiva. Indaítuba. Est. de São Paulo.
Contrôle em 12-3-966. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

16.683	Dadá	PCOD	6-5	2 ^o	50	15,250	0,412 2,70
16.855	Jardineira	NR	—	1 ^o	28	13,100	0,352 2,69
16.856	Antuerpia	PCOD	5-11	1 ^o	5	13,000	0,337 2,74

Dr. José Pires Castanho Filho. Ibiuna. Est. de São Paulo.
Contrôle em 10-3-966. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

12.562	Lamparina	PCOD	4-3	3 ^o	77	14,900	0,494 3,32
--------	-----------	------	-----	----------------	----	--------	------------

Colégio Adventista Brasileiro. Santo Amaro.
Contrôle em 8-3-966. Regime de semi-estabulação/ 2 ordenhas.

6.196	C.A.B. Florística II Med.	PO	4-0	5 ^o	163	16,200	0,595 3,67
8.116	Rosita Madcap C.A.B.	PCOC	9-5	3 ^o	66	15,340	0,462 3,01
8.911	Mais Bela Madcap C.A.B.	PCOC	8-4	3 ^o	79	15,250	0,540 3,54
8.999	Firmasorte Medalist C.A.B.	PCOC	7-8	2 ^o	34	21,350	0,679 3,18
10.043	Dandi Medalist C.A.B.	PCOC	6-8	3 ^o	93	18,220	0,529 2,90
10.274	Mirabela Medalist C.A.B.	PCOC	6-5	6 ^o	193	16,450	0,667 4,05
11.277	Reliquia Med. II C.A.B.	PCOC	5-2	5 ^o	142	13,950	0,495 3,54
12.338	Laguna Medalist C.A.B.	PCOC	4-11	3 ^o	65	15,350	0,428 2,79
12.339	Lealidade Medalist C.A.B.	PCOC	4-9	3 ^o	74	17,830	0,677 3,80
12.482	C.A.B. Serejada Medalist	PO	4-9	1 ^o	10	16,580	0,603 3,64
13.069	Fantástica Medalist C.A.B.	PCOC	4-10	3 ^o	91	16,200	0,483 2,98
13.167	C.A.B. Flordellis Medalist	PO	4-4	2 ^o	54	15,450	0,518 3,35
13.427	Faina Medalist C.A.B.	PCOC	4-3	3 ^o	98	17,730	0,547 3,95
1 5.564	Festa Medalist C.A.B.	PCOC	2-6	6 ^o	188	14,400	0,496 3,44

Dr. Lélto de Toledo Piza e Almeida. Jarinu. Estado de São Paulo.
Contrôle em 4-3-966. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

8.163	S.M. de Kol 9 L. Michael	PO	10-9	2 ^o	40	24,150	0,765 3,16
8.505	Espiga's Monogram	PO	9-3	1 ^o	12	21,500	0,792 3,68
8.583	Diamantina	PCOC	9-0	3 ^o	60	15,650	0,624 3,99
8.686	S. Capuchina R. Apple Ajax	PO	9-10	8 ^o	219	14,550	0,539 3,70
9.209	Dracena	PCOC	8-3	1 ^o	5	19,000	0,735 3,87
10.718	Gardenia	PCOC	5-7	7 ^o	196	15,000	0,546 3,64
12.555	Elettra	PCOC	7-6	6 ^o	172	15,500	0,513 3,31
13.808	Herolna	PCOC	4-1	5 ^o	119	15,600	0,550 3,53
13.929	Primavera Himalala	PO	4-9	2 ^o	47	15,650	0,595 3,80
13.930	Primavera Hematita	PO	4-4	2 ^o	48	20,950	0,712 3,40
13.931	Primavera Imperatriz	PO	3-9	6 ^o	139	14,350	0,510 3,56
16.291	Jaboti	PCOC	2-8	4	97	13,350	0,513 3,84
16.845	Primavera Indaia	PO	3-3	1 ^o	10	14,850	0,574 3,86

Dr. Luiz Horácio de Mello e Tótila Jórdan. Sorocaba. Est. de São Paulo.
Contrôle em 21-3-966. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

12.126	Orlon's Optimist 36	PO	9-7	4 ^o	91	14,150	0,486 3,43
12.377	Auca Verbena 2 Violeta	PO	7-6	2 ^o	42	22,450	0,653 2,91
12.858	Nogales Cochran Susan	PO	7-1	3 ^o	60	21,750	0,866 3,98
12.861	Supreme Emperor Pabst	PO	6-5	3 ^o	55	14,350	0,472 3,28
14.224	Nogales Supreme Re-Echo	PO	3-5	3 ^o	57	15,500	0,596 3,85
14.570	Sertão Hive Hoarner Pabst	PO	4-7	3 ^o	49	19,700	0,863 4,38
16.329	Nogales S. C. Moncade	PO	3-4	4 ^o	114	18,550	0,694 3,69
16.351	Orlon's Emma Conzelo	PO	3-3	4 ^o	109	14,900	0,611 4,10
16.466	Piracuna Hel. L. Sovereign	PO	2-6	3 ^o	57	17,200	0,708 4,11
16.849	Videssa 542 M.O.T. Glenvie	PO	2-6	1 ^o	28	15,250	0,529 3,47

Lauro Miguel Saker. Sorocaba. Est. de São Paulo.
Contrôle em 20-3-966. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

14.031	Garupa	PCOD	3-11	1 ^o	38	13,550	0,532 3,32
14.530	Geladeira	PCOD	4-1	1 ^o	4	16,900	0,773 4,57
14.762	França	PCOD	3-7	12 ^o	321	13,250	0,490 3,70
14.947	Gazela	PCOD	3-3	11 ^o	201	15,850	0,564 3,55



coalho em pó
HA-LA

De procedência
dinamarquesa
DISTRIBUIDOR EXCLUSIVO



Cia. Fabio Bastos

COLEGIO ADVENTISTA BRASILEIRO

30 ANOS

DE SELEÇÃO DE GADO HOLANDEZ

NOSSAS CRIOLAS



FAROLEZA SENTINEL, campeã pura por cruz da raça na I Exposição-Feira de Gado Leiteiro do Estado de São Paulo. No Serviço de Controle Leiteiro da A.P.C.B., é recordista de classe na categoria de 1 a 5 anos, com a produção de 9.028 kg de leite.

- Longevidade e produção média comprovada.
- Temos várias crioulas inscritas na categoria de Longevidade e Livro de Mérito do Serviço de Controle Leiteiro da A.P.C.B.
- FORTALEZA, crioula e pertencente ao nosso plantel, foi a primeira produtora a atingir a produção de 50 toneladas de leite.
- Vejam nas páginas desta edição, médias das nossas produtoras.



Durante sua estada em São Paulo conheça nosso rebanho. Sua visita será um prazer. Quilômetros da estrada asfaltada de Itapetininga — via Santo Amaro.

COLÉGIO ADVENTISTA BRASILEIRO

Caixa Postal 7255 - Fone 61-2606
SAO PAULO

Nº SCL		Gráu Idade	Dias	Leite	Gordura	%		
		do sangue	anos mêses				Controle de lactação	
14.949	Fabulosa	PCOD	3-3	11*	324	14,950	0,477	3,19
16.059	Glória	PCOD	3-8	5*	129	14,600	0,552	3,78
16.303	Filhinha	PCOD	4-2	4*	114	15,050	0,483	3,21
16.484	Videsa 307 M.O.W. Navigator	PO	4-7	4*	55	14,150	0,469	3,32
16.657	Glória	PCOD	4-0	2*	41	20,500	0,755	3,68
16.862	Auca Artista	PCOD	3-10	1*	31	17,350	0,589	3,39
16.863	Videsa 437 R.M.	—	1*	—	7	17,100	0,667	3,88
16.864	Folia	PCOD	3-5	1*	16	18,650	0,658	3,53
16.869	Garoupa	PCOD	4-0	1*	33	23,530	0,829	3,52

Dr. Milton Pannain, Terezópolis, Est. do Rio de Janeiro, Controle em 12-3-966. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.								
10.376	Cast. Tinas Roeloffe 5	PO	6-6	2*	56	15,750	0,494	3,13
10.810	Cast. Erica Hiltje 76	PO	5-8	4*	94	17,730	0,543	3,06
11.374	Cast. Raul Hendrika 5	PO	5-3	2*	52	14,490	0,472	3,26
11.395	Holandia Erica Clara	15/16	5-11	4*	73	16,510	0,643	3,89
14.269	Cast. Bentum Trintje 58	PO	9-3	1*	13	13,460	0,483	3,58
15.716	Camptia	NR		1*	10	16,740	0,585	3,30
16.370	S. G. Collina	15/16	3-5	4*	109	14,160	0,424	3,00
16.374	Cast. Tina Maalke	PO	4-6	4*	132	16,280	0,651	4,00
16.724	Cast. Exc. Anna 32	PO	3-8	2*	64	14,070	0,450	3,20
16.723	Cast. Loman Romkje 11	PO	3-7	2*	56	14,580	0,487	3,34

S.A. Fazenda Paraíso Agro-Pecuária, São João da Boa Vista, Est. de S. Paulo, Controle em 13-3-966. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.								
3.328	Maple Lane R. Lochinvar	PO	14-9	6*	157	13,050	0,427	3,27
5.944	Maratona's R. A. Cruzader 4	PO	12-10	3*	88	13,530	0,501	3,63
6.472	Guerras Popmaster Lira	PO	10-11	1*	26	19,850	0,616	3,10
6.602	São José Dancarina	PO	10-5	2*	58	23,150	0,715	3,09
7.364	Balinha	PCOD	10-2	2*	62	20,500	0,586	2,85
8.512	Sta. Carolina Lita Hoarne	PO	9-5	1*	32	16,400	0,530	3,23
8.898	Sertão Duna	PO	8-3	8*	204	13,550	0,488	3,62
9.000	Sertão Darien	PO	8-9	1*	31	15,100	0,520	3,44
9.387	Dessa	PCOC	8-5	1*	29	15,750	0,503	3,19
9.503	Diauci	PCOC	8-8	3*	82	18,800	0,603	3,20
9.581	Sertão Elijah	PO	7-5	3*	109	16,750	0,550	3,28
9.712	Sertão Elfa	PO	7-7	2*	61	14,850	0,516	3,47
9.793	Sertão Escoteira	PO	7-8	3*	108	15,750	0,621	3,94
10.031	S. Fancy Benton Carnation	PO	6-7	1*	33	18,000	0,463	2,57
10.248	S. Foresee Pones P. Burke	PO	6-3	4*	105	22,700	0,700	3,08
10.458	S. Flotilha A. M. Exótico	PO	6-9	2*	59	14,300	0,500	3,49
10.459	S. Partura P. Carnation	PO	5-7	9*	221	17,800	0,690	3,87
10.625	S. Flower L. Carnation	PO	5-11	10*	269	13,950	0,515	3,69
10.626	S. Fitness M. Carnation	PO	6-0	7*	163	13,800	0,573	4,15
10.627	S. Guama J. Glenafton	PO	5-9	2*	72	15,750	0,525	3,33
10.643	S. Frabela L. Pabst	PO	5-8	6*	179	14,800	0,473	3,19
10.657	S. Frango H. Carnation	PO	6-0	3*	70	19,600	0,655	3,34
10.997	S. Grecia S. Glenafton	PO	5-11	2*	56	17,800	0,647	3,63
11.232	S. Fada Rag Apple Pabst	PO	6-1	2*	66	16,000	0,536	3,35
11.439	S. Gazela B. Exótico	PO	5-4	4*	116	19,200	0,644	3,35
11.441	S. Florentina de Kol Carn.	PO	6-8	2*	42	16,200	0,576	3,55
11.441	S. Genebra Vrouka Pabst	PO	6-1	1*	27	16,550	0,526	3,18
11.608	S. Gênova Rag. A. Carnation	PO	5-10	3*	88	15,850	0,543	3,42
11.609	S. Gaineville R. Pabst	PO	5-7	3*	82	20,250	0,540	2,66
11.610	S. Gaipe P. 295 Pabst	PO	5-3	9*	247	14,050	0,512	3,64
11.611	S. Galeria Cruz. 109 Pabst	PCOC	6-1	1*	27	27,150	0,926	3,53
11.696	S. Garcia B. Gerard Pabst	PCOC	5-5	1*	21	19,900	0,705	3,54
11.897	S. Glória R. Apple Pabst	PO	5-0	8*	201	17,750	0,589	3,27
11.771	S. Ghana C. 86 Rud Exótico	PCOC	5-9	2*	64	20,500	0,624	2,04
11.773	S. Gary Bessie Markman	PO	5-1	8*	208	13,150	0,497	3,78
11.774	S. Guapira P. 295 Pabst	PO	5-10	1*	35	26,000	0,808	3,13
12.024	S. Holanda M. Hoarne	PO	4-9	6*	154	17,300	0,688	3,97
12.062	S. Grey Pride 5 Pabst	PO	5-5	2*	60	16,300	0,517	3,17
12.106	S. Galeria M. Carnation	PCOC	5-11	2*	59	17,700	0,555	3,13
12.150	S. Gail Pabst Martindale	PO	5-2	1*	25	18,700	0,616	3,29
12.402	S. Graziedla H. Martindale	PO	5-4	1*	29	25,500	0,726	2,84
12.493	S. Guifarra O. Pabst	PO	5-9	1*	41	19,100	0,690	3,61
12.494	S. Happy P. Carnation	PCOC	4-6	3*	73	13,300	0,504	3,79
12.564	S. Ghita Glenafton	PCOC	5-4	1*	33	15,600	0,675	3,87
12.565	S. Harden Rud M. Pabst	PCOC	4-10	2*	35	26,500	0,847	3,19
12.566	S. Helvêta B. Carnation	PO	4-11	1*	14	22,500	0,736	3,14
12.601	S. Gutinha E. Glenafton	PO	5-5	6*	136	15,650	0,465	2,97
13.011	S. Honduras J. R. Carnation	PO	4-10	2*	46	19,550	0,672	3,44
13.402	P. Indica J. G.A.A. Fidalgo	PO	3-11	3*	66	26,650	0,912	3,42
13.522	P. Inah R. A. Pabst	PO	3-11	2*	67	16,850	0,600	3,56
13.701	S. Fare H. Champion	PCOD	6-3	4*	114	15,300	0,625	4,08
13.703	S. Helenista S. Carnation	PO	4-6	3*	73	17,100	0,598	3,51
13.704	S. Galana Pietje Markman	PO	3-6	2*	38	16,600	0,680	4,09
13.705	S. Glasgow Emperor 95 Car.	PO	4-10	7*	161	13,900	0,597	4,00
13.836	S. Havre Markman Garn.	PO	4-6	5*	147	15,900	0,488	3,07
13.839	S. Heras Markedekol Carn.	PO	4-7	3*	77	17,900	0,606	3,49
14.042	P. Iana C. Emulo 201	PO	3-8	4*	114	13,350	0,556	4,15
14.043	S. Havana Perfer Carnation	PO	4-11	3*	74	15,900	0,561	3,53
14.045	Sertão Esterlina	PCOD	7-1	2*	35	22,500	0,673	2,99
14.904	P. Jansina A. Fidalgo	PO	2-4	11*	297	13,300	0,595	4,47
15.031	P. Izua Pabst	PO	3-1	10*	269	15,650	0,517	3,30
15.388	P. Iratua Frabela	PCOD	3-3	9*	250	14,900	0,504	3,99
16.108	P. Jué Dancarina Adonis	PO	2-5	6*	158	15,500	0,601	3,88
16.109	P. Jopetala M. Pabst	PO	3-0	6*	136	19,050	0,674	3,51
16.342	P. Justiceira T. Glinger	PO	2-7	4*	100	15,750	0,633	4,02
16.348	P. Javaleia G. Galante	PO	2-9	4*	108	14,350	0,535	3,73
16.349	S. Javaleira R. A. Champion	PO	6-1	4*	111	15,750	0,686	4,20
16.396	P. Javaleirinha C. Pabst	PO	3-0	3*	96	17,850	0,615	3,48
16.597	P. Javaleia F. Adonis	PO	2-8	3*	88	13,600	0,444	3,26
16.700	P. Jina Flotilha Gollas	PO	2-7	2*	73	13,450	0,492	3,66
16.701	P. Inédita E. Fidalgo	PO	3-2	2*	39	15,600	0,573	3,67
16.827	P. Japonês Estrofa Pabst	PCOC	2-11	1*	26	19,500	0,885	3,00
16.828	P. Jacobina G. Gollas	PO	2-7	1*	15	18,100	0,599	3,31

Nº SCL

Grão Idade
do anos Controle de Leite Gordura %
sangue meses lactação

Cia. Agrícola São Quirino. Campinas. Est. de São Paulo.
Contrôle em 30-3-966. Regime de pasto com ração suplementar, 3 e 2 ordenhas.

3 ordenhas

9.882 S. Q. Formosa C. Xeuca PO 6-8 9º 208 19,950 0,710 3,56

2 ordenhas

2.919 Willy's Rossana M. Alegria PO 13,8 10º 128 19,800 0,686 3,46
8.605 São Quirino Emerina PCOC 9-0 1º 30 15,490 0,464 2,99
8.694 São Quirino Eleita PCOC 8-9 1º 37 16,550 0,588 3,53
8.924 São Quirino Estola PCOC 8-6 1º 15 17,800 0,632 3,66
9.440 S. Q. Eneida Bontje PO 8-1 3º 57 16,550 0,649 3,92
10.528 São Quirino Gabriela 7/8 6-8 3º 60 17,430 0,415 2,38
10.666 S. Q. Gisela D. Bastilha PO 5-6 4º 168 21,500 0,531 2,47
10.855 São Quirino Gabola 7/8 5-11 10º 251 15,000 0,600 4,00
10.935 São Quirino Holanda 7/8 6-0 2º 34 25,650 1,007 3,92
11.306 São Quirino Favinha PCOC 7-2 5º 120 20,100 0,679 3,38
11.623 S. Q. Heloisa D. Bastilha PO 5-6 4º 84 15,500 0,494 3,19
12.139 São Quirino Florida PCOC 7-9 1º 24 15,700 0,502 3,19
12.270 São Quirino Harmonia 7/8 5-5 2º 57 17,920 0,631 3,52
12.273 S. Q. Honesta Delfina PO 5-7 1º 18 22,300 0,778 3,48
12.367 São Quirino Hemelema PCOC 5-9 2º 44 19,370 0,687 3,51
13.186 S. Q. Incredula Effy 7 PO 4-6 6º 152 15,500 0,542 3,50
13.193 S. Q. Incola Ciranda PO 4-7 5º 98 17,870 0,477 2,67
13.423 São Quirino Inventiva 7/8 4-10 3º 50 18,330 0,589 3,21
13.731 São Quirino Inehada PCOC 4-10 2º 57 16,400 0,548 3,34
13.822 São Quirino Intangível PCOC 4-5 1º 38 18,330 0,588 3,21
13.962 M's. S. Reflection Senator PO 4-0 2º 54 20,700 0,680 3,28
13.966 São Quirino Hungria 7/8 5-7 1º 12 15,690 0,508 3,24
16.410 Amazonas G. M. Coca PCOC 4-3 4º 85 18,050 0,554 3,07

Dr. Flávio Castelo Branco Gutierrez. Sete Lagoas. Est. de Minas Gerais.
Contrôle em 22-12-65. Regime de pasto com ração suplementar, 3 ordenhas.

6.271 Jardim Narceja 15/16 — 5º — 24,000 0,797 3,32

Dr. Flávio Castelo Branco Gutierrez. Sete Lagoas. Est. de Minas Gerais.
Contrôle em 26-1-966. Regime de pasto com ração suplementar, 3 ordenhas.

6.271 Jardim Narceja 15/1 — 6º — 20,900 0,707 3,38

Dr. Flávio Castelo Branco Gutierrez. Sete Lagoas. Est. de Minas Gerais.
Contrôle em 20-2-966. Regime de pasto com ração suplementar, 3 ordenhas.

6.271 Jardim Narceja 15/16 — 7º — 17,700 0,574 3,24
12.397 Jardim Robusta PC 6-6 1º 15 25,610 0,779 3,04

Dr. Guido Malzoni. Jundiaí. Est. de São Paulo.
Contrôle em 28-3-966. Regime de pasto com ração suplementar, 3 e 2 ordenhas.

3 ordenhas

7.737 Estrêla PCOD 10-4 8º 243 31,630 1,102 3,48
12.838 Alerta PCOD 7-3 5º 158 29,750 1,145 3,86
13.638 Copacabana PCOD 5-4 6º 190 27,750 0,972 3,50

2 ordenhas

8.660 Saratoga PCOD 11-1 5º 151 15,150 0,494 3,26
9.412 Canilana PCOD 11-2 4º 135 16,300 0,561 3,44
9.680 G. M. Bacana PCOD 9-2 1º 1 22,100 0,773 3,50
11.223 Espanhola PCOD 11-0 5º 205 14,200 0,534 3,76
12.561 Bagunça PCOD 6-0 2º 49 19,300 0,735 3,91
13.724 Moderna PCOD 5-9 2º 57 17,200 0,611 3,55
15.624 Amazonas II R. das Pedras PCOC 4-3 7º 214 14,900 0,593 3,98
16.654 Hortência II — — 2º 61 18,500 0,613 3,31

Irmãos Bevilacqua. Queluz. Est. de São Paulo.
Contrôle em 14-3-966. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

15.820 Loteria NR 2-11 6º 170 13,650 0,424 3,10
16.485 Norma 3/4 — 3º — 17,300 0,836 4,66

Empresa Bandeirantes de Administração S.A. São Bernardo do Campo. Est. de São Paulo.

Contrôle em 24-3-966. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

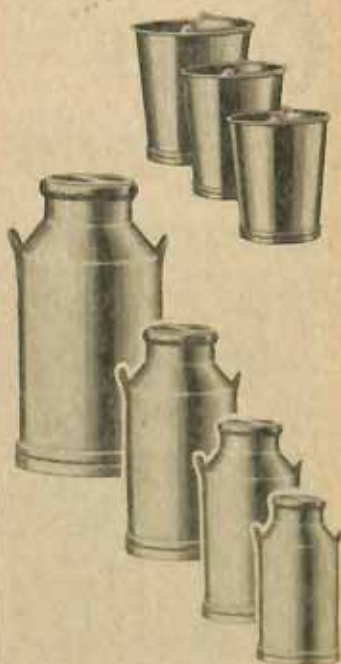
11.302 Boa Vista PCOC 7-6 3º 83 14,150 0,478 3,37

João de Souza Dantas. Indaiatuba. Est. de S. Paulo.
Contrôle em 11-3-966. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

12.246 Amazonas M. Artista PCOD 4-7 7º 192 13,950 0,517 3,71



LATÕES DE LEITE E BALDES ESTANHADOS



Apresentamos os novos Latões de Leite (Série Progresso): mais beleza, mais resistência e Baldes estanhados de alta qualidade. Vários tamanhos com capacidade de 3 até 50 litros, tampas em rosca ou pressão. Sob encomenda fabricamos qualquer artefato estanhado. Estanhagem 100% pura, garantida por uma experiência de 50 anos!



INDÚSTRIA E COMÉRCIO S.A.
Av. S. João, 473 - 4.º - Tel. 37-8181
Caixa Postal, 4951 - SÃO PAULO



Fazenda Campo Lindo

365 d 14.305 kg de leite 460,1 kg
- 3,21% 3x

Recordista Brasileira de produ-
ção de leite e gordura com

JARDINEIRA II J.B.



JARDINEIRINHA JB. — Nascida em 13-7-51. É a maior produtora entre as filhas de Jardineira II, de que parece ter herdado grande capacidade de produção. Já somou 44.549 kg de leite e 1.555,3 kg de gordura. Tem 6 lactações em LM e 2 em L. Escol. A produção máxima alcançou-a aos 3 anos, em duas ordenhas diárias, em 365 dias: 3.329 kg de leite com 265,2 kg de gordura de 3,42%.



Conquistamos:
o "Baião" e a
"Batedeira de
Ouro" com Jar-
dineira II J.B.

150 anos de seleção
URBANO JUNQUEIRA

Criação de gado Holandês, preto bran-
co e vermelho e branco.

FAZENDA CAMPO LINDO
CRUZILIA — MINAS GERAIS

Variedades

Grau Idade Dias
do anos Controle de Leite Gordura %
sangue meses lactação

Lair Antônio de Souza, Araras, Est. de São Paulo.
Controle em 22-3-66. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

Variedade	Grau	Idade	Dias	Leite	Gordura	%
	do	anos	Controle de			
	sangue	meses	lactação			
16.391 Rainha Tatui	7/8	4-8	4*	108	13,120	0,626 4,77

Antônio Coelho Guimarães, Guaratinguetá, Est. de São Paulo.
Controle em 18-3-966. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

5.952 Guarã Manada	PCOD	9-5	2*	76	16,830	0,554 3,29
7.736 Guarã Melindrosa	PCOC	10-11	7*	186	15,200	0,481 3,16
8.070 Guarã Manolita	PCOC	9-0	8*	201	14,070	0,745 3,37
9.513 Guarã Aristocrática	PO	7-6	6*	169	15,950	0,587 3,68
10.057 Guarã Abastada	PCOC	7-0	7*	189	13,700	0,486 3,55
10.497 Guarã Alhambra	PCOC	7-6	2*	79	14,600	0,494 3,38
12.265 Guarã Absoluta	PCOC	8-4	2*	63	15,250	0,463 3,03
12.642 Guarã Canastra	PCOC	6-1	1*	14	19,570	0,648 3,31
13.289 Guarã Katia	—	—	3*	94	15,970	0,483 3,02
13.512 Guarã Geretriz	—	—	1*	43	15,510	0,476 3,07
13.570 Guarã Bilontra	PCOC	6-8	5*	146	13,400	0,512 3,82

Cia. Agrícola Fazenda Sta. Maria da Posse, Itapeva, Est. de S. Paulo.
Controle em 17-3-966. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

13.546 Marilisa da Prata	PCOD	3-7	6*	154	15,190	0,602 3,96
13.547 Amazonas Mr. Campanha	PCOC	4-2	4*	101	15,710	0,501 3,19
13.550 Amazonas G. M. Chinesa	PCOC	4-0	5*	116	16,330	0,647 3,96
13.552 Amazonas G. M. Caledônia	PCOC	4-4	2*	54	17,550	0,630 3,59
13.555 Amazonas G. M. Cita	PCOC	3-9	9*	246	16,670	0,633 3,80
13.630 Macielisa da Prata	PCOD	3-9	5*	122	15,780	0,546 3,46
13.631 Amazonas Mr. Castelhana	PCOC	4-7	3*	80	17,120	0,678 3,96
13.632 Amazonas Mr. Campeona	PCOC	4-2	5*	127	14,380	0,525 3,65
13.692 Macambira da Prata	PCOD	4-0	3*	71	16,290	0,635 3,89
13.693 Marietela da Prata	PCOD	3-7	5*	110	16,430	0,644 3,92
14.455 Amazonas G. M. Cella	PCOC	3-8	14*	364	13,240	0,523 3,95
16.662 Regina da Prata	PCOD	9-7	2*	39	24,760	0,745 3,01
16.663 Amazonas Mr. Caselira	PCOC	4-8	2*	53	15,860	0,547 3,45

Dr. Antônio Luiz do Rego Netto, Pirassununga, Est. de São Paulo.
Controle em 15-3-966. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

9.420 Sertão Ética	PO	8-0	1**	11	15,740	0,604 3,84
9.653 Artista	PCOD	7-11	8*	299	14,650	0,668 4,53
13.114 Pirassununga Granfina	PCOD	6-8	1*	3	23,460	0,588 2,51
13.300 Pirassununga Vila Nova	PCOD	5-10	1*	22	15,980	0,498 3,11
14.889 Pirassununga Delicada II	PCOD	3-11	1*	12	14,660	0,427 2,91
16.669 Pirassununga Dracena	PCOD	6-9	2*	41	18,100	0,728 4,02

Artur Carlos Ayres Dlanda, Amparo, Est. de S. Paulo.
Controle em 8-3-966. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

16.311 Argélia	PCOD	5-6	4*	111	14,850	0,529 3,56
16.312 Argentina	PCOD	7-9	4*	166	16,350	0,522 3,19

José Miguel Saker Filho, Sorocaba, Est. de S. Paulo.
Controle em 18-3-966. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

11.905 Diferença E.E.P.A. 1965	PO	9-8	5*	130	14,750	0,600 4,07
--------------------------------	----	-----	----	-----	--------	------------

Nelson Elias, Mogi das Cruzes, Est. de São Paulo.
Controle em 4-3-966. Regime de pasto com ração suplementar, 3 e 2 ordenhas.

3 ordenhas

13.418 Greide	PCOD	6-8	6*	185	14,200	0,526 3,73
---------------	------	-----	----	-----	--------	------------

2 ordenhas

15.248 Pieter	PCOD	9-5	7*	232	13,400	0,617 4,60
---------------	------	-----	----	-----	--------	------------

Joaquim Moreira Filho, Capela do Alto, Est. de São Paulo.
Controle em 17-3-966. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

16.313 El Falzen Granada	PCOD	3-7	4*	114	16,050	0,601 3,61
16.314 Auca Alivia	PCOD	3-8	4*	114	15,450	0,515 3,25
16.667 Auca Amorosa	PCOD	3-11	22*	37	17,150	0,541 3,15

João Arthur Ribas Vianes, Cotia, Est. de São Paulo.
Controle em 23-3-966. Regime de pasto com ração suplementar, 3 e 2 ordenhas.

3 ordenhas

10.619 Extrala do Mar Visser X	PO	6-0	8*	193	20,400	0,560 2,74
11.577 Holambra Backle XCV	PO	4-10	5*	134	18,750	0,560 2,84
12.583 Graciosa EEP.A. 1255	PO	6-0	1*	27	19,950	0,475 2,38
13.442 Ch. Pr. Helvetia Fred Pab	PO	3-11	7*	204	21,550	0,669 3,10
15.301 Sylvia Carolina M. Burke	PO	8-9	9*	276	19,850	0,489 2,31
15.393 Sylvia 2838 Monacera	PCOC	6-0	8*	229	17,050	0,457 2,68
15.540 Sylvia 2270 Irapuá	PCOC	8-4	7*	193	20,400	0,560 2,74

2 ordenhas

14.027 Cafetal Orange Geberete	PO	5-6	1*	31	14,700	0,493 2,77
16.465 Granja V. Amazonas Burke	PO	2-1	3*	63	13,450	0,471 2,53

João Arthur Ribas Vianna, Cotia, Est. de São Paulo.
Controle em 29-3-966. Regime de pasto com ração suplementar, 3 e 2 ordenhas.

CONTROLE DE INSPEÇÃO

3 ordenhas

10.619	Estrêla do Mar Visser X	PO	6-0	9*	261	15,060	0,424	2,81
11.577	Holambra Baukje XCV	PO	4-10	6*	172	17,300	0,525	3,03
125.83	Graciosa EEPA 1255	PO	6-0	2*	64	19,730	0,431	2,18
13.442	Ch. P. Helvetia Fred Pabst	PO	3-11	8*	241	19,820	0,533	2,69
15.392	Sylvia 2838 Moacara	PCOC	6-0	9*	266	15,950	0,329	2,06
15.549	Sylvia 2270 Irapuã	PCOC	8-4	8*	23	18,750	0,487	2,59

2 ordenhas

14.027	Cafezal Orange Gebergte	PO	5-6	2*	68	14,320	0,431	3,01
16.463	Granja V. Amazonas Burke	PO	2-1	4*	100	13,050	0,394	3,02

Jotamar Administração e Comércio S.A. Campinas, Est. de São Paulo.
Controle em 21-3-966. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

10.279	Guarapiranga Garrincha	PO	7-6	4*	83	15,500	0,495	3,19
13.295	Carina Med. de Guarapir.	PCOC	4-3	2*	40	13,600	0,469	3,44
14.022	Amazonas Mr. Birba	PCOC	4-10	3*	76	16,000	0,444	2,78
16.882	M. D. Lira E. Madcap 4	PO	2-11	1*	10	17,800	0,661	3,71

Fernando de Alencar Pinto S.A. Pindamonhangaba, Est. de S. Paulo.
Controle em 28-3-966. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

9.444	Holambra Vera VI	PO	7-1	2*	52	16,800	0,704	4,19
11.358	Capela E.E.P.A. 1044	PO	—	3*	—	14,850	0,585	3,94
11.907	Existência E.E.P.A. 1135	PO	8-2	10*	281	14,150	0,613	4,33
12.080	Hellcula E.E.P.A. 1391	PO	5-3	13*	370	13,900	0,550	3,95
12.184	Garatua E.E.P.A. 1322	PO	5-9	7*	209	14,500	0,630	4,53
12.669	Gramma E.E.P.A. 1267	PO	6-9	3*	90	14,400	0,582	4,04
14.107	M's Bond H. S. Reflect. 12	PO	3-6	3*	126	15,700	0,579	3,66
14.108	M's Lochivar Alpha 5	PO	3-9	2*	96	19,650	0,803	4,08
14.360	M's Nel Rag Appel 21	PO	3-10	2*	58	17,600	0,712	4,04
15.907	Jangada Divina	PO	2-5	6*	161	13,450	0,519	3,87
16.556	M's Duke Front Row 3	PO	2-0	3*	94	13,400	0,532	3,97
16.706	Jangada Diana	PO	3-0	2*	53	13,450	0,510	3,79
16.709	M's Rag Apple Alpha 39	PO	3-4	3*	46	15,400	0,607	3,94
16.913	Jangada Dinamarca	PO	2-10	1*	14	13,850	0,525	3,79
16.914	Jangada Caruaba	—	—	1*	—	14,200	0,530	3,73

Amacio Mazzaropi. Taubaté, Est. de São Paulo.
Controle em 19-3-966. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

16.911	Auca Fragata	PCOC	3-10	1*	67	19,100	0,693	3,62
16.912	Galocha	PCOC	3-11	1*	41	21,850	0,685	3,13

Cla. Administradora Técnica e Agrícola «ATAGRI», Pindamonhangaba, Est. de São Paulo.

Controle em 27-3-966. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

10.173	Cahoeira de Sta. Helena	PCOC	8-9	2*	62	13,350	0,456	3,42
10.174	Letrada de Sta. Helena	PCOC	8-10	2*	62	16,250	0,659	4,05
10.176	Guanabara de Sta. Helena	PCOC	8-11	2*	51	18,700	0,661	3,53
10.711	Bianca de Sta. Helena	PCOC	8-2	3*	72	20,550	0,688	3,31
11.298	Limelra	PCOC	9-0	4*	109	18,800	0,691	3,67
11.567	Soneca de Sta. Helena	PCOC	8-9	4*	94	13,850	0,485	3,47
11.499	Margarete de Sta. Helena	PCOC	—	1*	—	17,950	0,600	3,34
16.658	Beta de Sta. Helena	PCOC	4-5	7*	217	16,100	0,593	3,96
15.659	Barata	PCOC	5-4	5*	186	14,250	0,459	3,67
15.660	Broca	PCOC	5-3	7*	190	16,600	0,535	3,22
15.662	Corrente	PCOC	5-4	7*	198	14,600	0,474	3,24
15.658	Beta de Sta. Helena	PCOC	5-5	6*	166	15,600	0,543	3,46
15.901	Brasília	PCOC	8-9	6*	174	15,150	0,499	3,29
15.902	Carola	PCOC	4-1	6*	174	15,200	0,501	3,29
16.209	Gabiruba de Sta. Helena	PCOC	8-10	5*	122	18,700	0,632	3,21
16.210	Aleluia	PCOC	5-0	5*	122	18,100	0,510	2,81
16.297	Aria	PCOC	6-0	4*	99	15,050	0,505	3,35
16.298	Jussara	PCOC	5-8	4*	107	17,650	0,573	3,25
16.299	S. H. Marique's Rumba	PO	4-0	4*	101	14,500	0,485	3,34
16.300	Cascata	PCOC	4-3	4*	105	16,900	0,509	3,01
16.301	Sta. Helena Turmalina	PO	2-10	4*	106	13,200	0,510	3,86
16.302	Urca	PCOC	5-7	4*	94	18,600	0,516	2,77
16.618	Clrce	PCOC	5-9	3*	89	18,800	0,610	3,24
16.619	Briza	PCOC	5-8	3*	88	17,400	0,568	3,26
16.620	Castanha	PCOC	5-9	3*	79	21,650	0,722	3,33
16.621	Divisa	PCOC	5-8	3*	82	18,000	0,565	3,14
16.622	Suissa	PCOC	5-7	3*	85	21,300	0,704	3,30
16.704	Milonga de Sta. Helena	PCOC	8-8	2*	61	19,100	0,646	3,38
16.705	Balsa de Sta. Helena	PCOC	9-1	2*	62	20,450	0,603	2,95
16.916	Camininha Marie 38	PO	7-0	1*	12	17,400	0,611	3,51

Carlos Eduardo Baptista, Tremembé, Est. de São Paulo.

Controle em 22-3-966. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

14.021	V.B. Elva Senado	PCOC	7-9	*	129	14,150	0,529	3,73
13.175	Harpa de M. D'Este	PCOC	5-6	8*	230	13,350	0,478	3,58
16.020	E.E.P.A. Entidade 1170	PO	8-5	1*	11	16,350	0,498	3,04

FAZENDA SÃO VICENTE de Viúva João Zancaner e Cintra

**Térmas de Ibirá — Estado
de São Paulo**

Tem à disposição dos criadores do País touros e bezerras da raça Nelore MOCHO, filhos de Damasco, o Grande Campeão Nacional

Com um reprodutor São Vicente, o seu rebanho será mais carne, mais raça, mais econômico!



PAU D'ALHO — Reprodutor Nelore MOCHO, responsável pela formação do atual plantel. Conta 11 anos de idade. A foto demonstra perfeitamente a sua notável rusticidade e caracterização racional. Observe-se a total ausência de chifres.



O raçador Nelore MOCHO Pau D'Alho com três vacas da variedade Nelore MOCHO formando admirável conjunto.

4 grandes reprodutores! 40 fêmeas em idade de reprodução! Isto é o Nelore MOCHO da

FAZENDA SÃO VICENTE

Outros endereços:

Em Catanduva: Caixa Postal 91
Tel.: 76

Em São Paulo: Rua Jacaré-zinho, 166 — Tel.: 8-3777

**SUA VISITA SERÁ
UM PRAZER**



Dê
a seu rebanho
de corte o que
lhe falta:
velocidade de
ganho de peso
EMPREGANDO UM
CHAROLÊS

D A
PRIMAVERA



**Touro Charolês significa mais
carne em menos tempo**

Para maiores informações
dirija-se à

AGRO-PECUARIA

PRIMAVERA

S. A.

JARINU — Estado de São Paulo

Em São Paulo:

Rua João Bricola, 39 — 2.º andar

Nº SCL	Grav do anos	Idade Controle de sangue meses	Dias de lactação	Leite	Gordura	%
Olimpio Garcia Dias, Mococa, Est. de São Paulo. Controle em 28-3-966. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.						
15.816	Amazonas Marmaut Deved.	PCOC	3-0	6º	305	16,700 0,630 3,77
15.817	Suzana do Cervo	PCOC	3-10	6º	213	15,050 0,605 3,65
15.818	Amazonas Marbaut Dandan	PCOC	2-10	6º	210	18,150 0,605 3,33
15.819	Amizade do Cervo	PCOC	3-4	6º	167	17,450 0,648 3,71
16.032	Barraca do Cervo	PCOC	3-5	5º	151	16,500 0,561 3,40
16.550	Calçara do Cervo	PCOC	6-2	3º	135	19,800 0,641 3,24
16.653	Amazonas Marmaut Daida	PCOC	3-3	2º	79	20,200 0,648 3,20

Ministério da Agricultura, Fazenda Experimental de Criação de Juparanã, Marquês de Valença, Est. do Rio de Janeiro.
Controle em 16-3-966. Regime de semi-estabulação, 2 ordenhas.

11.196	F. S. M. Jane	PO	6-10	1º	23	15,900 0,474 2,98
--------	---------------	----	------	----	----	-------------------

Dr. Manoel Alves de Castro, Passa Quatro, Est. de Minas Gerais.
Controle em 27-3-966. Regime de pasto com ração suplementar, 3 ordenhas.

3.077	Clara Sylvia III	PO	15-3	4º	135	17,310 0,629 3,63
10.648	Arlene Vitória 59	PO	6-0	12º	349	13,140 0,413 3,14

Cla. Baptista Scarpa Indústria e Comércio, Itanhandu, Est. de Minas Gerais.
Controle em 25-3-966. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

10.059	Jardim Olipa	PO	7-4	2º	83	15,590 0,521 3,34
10.888	Jardim Angela	NR	6-3	5º	105	19,270 0,789 4,09
12.389	Jardim Radona	PO	5-3	1º	32	14,150 0,431 3,04
12.400	Jardim Robeina	31/32	5-9	2º	71	17,000 0,522 3,24
12.464	Jardim Sylvia	PCOC	4-8	4º	98	19,260 0,606 3,14
12.661	Jardim Reisa	PO	5-10	2º	52	18,770 0,515 2,74
13.708	Jardim Rumena	PCOC	5-9	2º	52	20,460 0,613 2,89
13.710	Jardim Renilka	PO	5-7	3º	84	18,810 0,611 3,25
16.799	Jardim Avenia	31/32	6-4	2º	30	16,980 0,586 3,45

Sociedade Cooperativa «CASTROLANDA» LTDA, Castro, Est. do Paraná.
Controle em Fevereiro de 1966. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

14.267	Hia. Barca Inge I	15/16	5-9	2º	44	22,140 0,578 2,61
6.638	E. Ilse Lanzetta Iris	PO	10-10	2º	56	19,930 0,970 4,86
12.678	Cast. A. B. Ilse 2	PO	5-7	2º	47	19,340 0,986 5,10
16.740	Hia. Barca Pietje	15/16	5-10	2º	34	20,090 1,257 6,26
16.923	Holandia Ado Antje 2	7/8	3-8	1º	1	19,130 0,649 3,89
7.355	Cast. Vox Trijntje 60	PO	9-6	1º	9	23,590 0,636 2,70
11.913	Cast. D. Leuwarder 44	PO	5-11	1º	18	25,140 0,890 3,88
13.916	Cast. Heid Martha 88	PO	4-6	3º	73	18,560 0,742 4,00
9.987	Hia. Loman Folsa 3	15/16	6-7	1º	25	20,760 0,754 3,63
10.383	Hia. Loman Rollentje	15/16	7-9	3º	70	18,980 0,599 3,15
12.318	Cast. Loman Pijtsje 14	PO	6-7	1º	14	18,720 0,646 3,45
16.930	Hia. S.A. Katrientje 46	31/32	7-5	1º	21	23,650 0,651 2,75
10.362	Cast. Bur. Uilkie 69	PO	6-1	1º	3	21,660 0,810 3,74
12.446	Cast. Bur. Aaltje 101	PO	4-9	1º	7	28,510 0,822 2,88
12.701	Hia. Bur. Aaltje 96	31/32	5-8	1º	14	22,900 1,011 4,41
15.758	Hia. Bar Hinke 1	15/16	4-11	6º	173	19,180 0,637 3,32
12.706	Hia. Cassis Hertha 24	15/16	4-0	9º	240	18,620 0,715 3,84
9.716	Cast. S. Bontje 9	PO	6-7	1º	22	24,550 0,810 3,30
14.278	Cast. S. Akke 25	PO	4-4	2º	39	21,750 0,785 3,61
16.931	Cast. Marujo Dora	PO	3-2	1º	11	20,530 0,766 3,73
11.661	Cast. Pot Sjoelma 65	PO	5-9	3º	85	18,470 0,593 3,21
13.390	Cast. K. Mina 42	PO	5-10	2º	34	25,170 0,898 3,57
16.147	Hia. Kiers Sara 4	15/16	4-1	4º	168	25,830 0,774 3,00
12.066	Cast. Cassis Tine 21	PO	5-9	1º	24	20,950 0,709 3,38
12.229	Hia. Cassis Hertha 10	NR	5-5	4º	89	19,580 0,800 4,09
12.674	Cast. Auke Alje 14	PO	4-5	3º	64	20,090 0,674 3,35
16.933	Hia. Deet Wuppje 3	15/16	5-11	1º	12	20,170 0,744 3,69
11.177	Cast. Fini Heringa 33	PO	4-10	7º	173	19,310 0,676 3,50
9.285	Cast. Conde Sita	PO	7-10	3º	78	18,370 0,617 3,35
9.392	Cast. Conde Dina 6	PO	7-3	2º	42	18,650 0,791 4,24
10.007	Cast. Conde Tine 10	PO	6-6	1º	30	35,430 1,226 3,46
10.388	Cast. Conde Pietje 100	PO	7-11	1º	31	22,400 0,706 3,15
12.531	Cast. Conde Paula	PO	7-4	2º	38	23,950 0,765 3,19
15.907	Cast. Conde Sipkje 2	PO	3-5	2º	38	18,230 0,619 3,40
14.086	Cast. E. Annie Reinouw 4	PO	4-2	2º	38	21,810 0,675 3,09
16.935	Cast. Conde Sina 12	PO	3-0	1º	19	21,430 0,619 2,89
10.775	Cast. Vos Nanke 3	PO	4-4	5º	161	21,130 0,717 3,39
16.939	Cast. Exc. Sammetje 30	PO	5-11	1º	27	18,150 0,611 3,36
10.817	Hia. Exc. Bontje 3	15/16	8-4	1º	33	19,900 0,678 3,51
10.375	Cast. Harm Maartje	PO	6-0	2º	42	19,150 0,741 3,87
10.817	Cast. Raul Sipkje 5 (1)	PO	5-7	2º	59	19,900 0,794 3,99
12.799	Cast. Raul Gretha	PO	4-4	1º	27	20,750 0,665 3,20
13.912	Cast. Juliana Hiltje 51	PO	4-7	2º	57	18,660 0,530 3,00
11.524	Cast. Tinus Geerthe 22	PO	5-8	3º	79	18,900 0,577 3,05
16.748	Hia. Drentina Pietje 2	NR	—	2º	31	21,600 0,673 3,11

Reynaldo Foresti, Varginha, Est. de Minas Gerais.
Controle em 15-3-966. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

16.038	Cules	7/8	6-0	5º	154	14,670 0,626 4,27
16.334	Planeta	31/32	9-0	4º	105	18,440 0,826 3,20
16.953	Marita	31/32	4-6	1º	2	15,470 0,483 3,07
16.956	Traviata	NR	4-0	1º	2	19,910 0,626 3,14

Nº SCL		Gráu Idade do sangue	Idade anos mês	Dias Controle de lactação	Leite Gordura	%
Reynaldo Foresti, Varginha, Est. de Minas Gerais. Contrôle em 18-3-966. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.						
CONTRÔLE DE INSPEÇÃO						
15.793	S. Gabriel Senhorita	31/32	5-10	7º	203	14.000 0,4431 3,08
15.785	Zelinda	NR	—	7º	210	13.520 0,473 3,50
16.038	Culca	7/8	6-0	6º	154	14.700 0,554 3,76
16.334	Planeta	31/32	9-0	5º	105	19.050 0,744 3,90
16.955	Marita	31/32	4-6	2º	5	16.100 0,419 2,60
16.956	Traviata	NR	4-0	2º	5	20.650 0,634 3,07

RAÇA HOLANDESA — variedade vermelha e branca

Dr. José Pires Casanho Filho, Ibiuna, Est. de São Paulo.
Contrôle em 10-3-966. Regime de pasto com ração suplementar, 3 e 2 ordenhas

3 ordenhas

11.942	Muquem Sevilha	PCOC	8-3	1º	13	19.700 0,659 3,34
16.852	Cristal Gazeta	PCOC	2-6	1º	22	19.100 0,844 4,41

2 ordenhas

11.574	Lobos Malaguenha	PCOD	7-7	3º	52	15.600 0,696 4,46
12.639	Muquem Alba	PCOC	8-2	8º	191	16.850 0,565 3,35
12.492	Muquem Lapidada	PCOC	7-9	7º	161	15.600 0,549 3,52
12.493	Muquem Gazeta	PCOC	8-3	5º	125	15.700 0,522 3,32
12.738	Muquem aJrdineira II	PCOC	9-0	3º	51	19.650 0,701 3,56

Dr. Carlos Whately, Bernardino de Campos, Est. de São Paulo.
Contrôle em 21-3-966. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

8.468	Gaby	PCOC	8-9	4º	120	13.100 0,498 3,80
10.324	Geltosa	PCOC	—	1º	—	14.530 0,467 3,21
10.805	Galta	PCOC	8-5	6º	171	14.030 0,456 3,26

Martin Francisco Pretel Mendes, Itapetininga, Est. de São Paulo.
Contrôle em 16-3-966. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

6.640	Mar. Jellie II Heiniana	PO	6-7	1º	24	13.210 0,415 3,14
6.689	Mar. Gertrudes Diamantina	PO	8-3	3º	31	13.600 0,561 4,12
10.161	Mar. Jaboticaiba Heiniana	PCOC	6-8	1º	22	13.050 0,481 3,68

Adib Feres, Socorro, Est. de S. Paulo.
Contrôle em 6-3-966. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

13.000	E. S. Rosa	PCOD	4-2	1º	15	15.900 0,641 4,03
--------	------------	------	-----	----	----	-------------------

Donimar S.A. Administração de Bens, Itd., Est. de São Paulo.
Contrôle em 11-3-966. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

11.429	Muquem Manga Verde II	PCOC	5-4	8º	205	14.300 0,476 3,33
11.970	Muquem Patrulha	PCOC	6-4	7º	177	13.950 0,480 3,44
12.064	Muquem Otima II	PCOC	7-4	7º	175	13.500 0,354 2,62
12.145	Muquem Fanfara	PCOD	7-0	1º	30	20.250 0,871 2,98
13.072	Muquem Elite	PCOC	6-5	4º	122	15.300 0,568 3,71
13.074	Sta. Lúcia Carina	PCOD	5-2	2º	51	16.600 0,545 3,28
13.075	Sta. Lúcia Jussara	PCOD	6-7	3º	74	13.400 0,411 3,07
13.157	Muquem Unica	PCOC	7-9	1º	25	18.800 0,759 4,04
13.228	Muquem Rendeira	PCOC	8-5	7º	174	15.050 0,533 3,55
13.932	MuquemBelonave III	PCOC	8-9	3º	92	18.650 0,657 3,52
14.038	Sta. Lúcia Dalila	PCOD	5-8	4º	133	15.900 0,535 3,36
14.223	Muquem Paris	PCOD	6-0	2º	63	16.500 0,555 3,36
16.866	Alegria de Jurumirim	PCOC	2-4	1º	13	15.250 0,476 3,12

Dr. Paulo Machado de Camos, Bragança, Est. de São Paulo.
Contrôle em 5-3-966. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

16.924	Mar. Máscara Diam. Jóquei	PCOC	4-0	4º	112	14.800 0,677 4,57
16.850	Mar. Melodia D. Jóquei	PCOC	4-0	1º	8	23.600 1,083 4,59

Pedro Lunardelli, Bragança, Est. de São Paulo.
Contrôle em 5-3-966. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

12.823	Belinha de Virelha	PCOC	5-5	7º	156	13.000 0,598 4,60
12.818	Virelha Carmen	PO	4-5	2º	50	14.250 0,456 3,20
12.819	Calcara	PCOC	4-8	3º	35	19.250 0,810 4,31
12.820	E. S. Vermelha	PCOD	4-2	5º	104	15.700 0,562 3,59
12.816	Leme's Odessa	PO	3-11	2º	50	18.600 0,678 3,53
14.377	E. S. Rabi	PCOD	3-2	2º	49	16.000 0,678 4,01
14.623	E. S. Caviuna	PCOD	2-11	1º	9	20.350 0,675 3,31
16.079	E. S. Brigitte	PCOD	3-0	5º	125	13.150 0,436 3,31

Dr. Pedro Cande, Itd., Est. de São Paulo.
Contrôle em 14-3-966. Regime de pasto com ração suplementar, 3 e 2 ordenhas.

3 ordenhas

11.550	Daniela	PCOD	7-0	2º	41	20.100 0,610 3,03
--------	---------	------	-----	----	----	-------------------

2 ordenhas

12.605	Palmeira	PCOD	6-10	6º	162	16.300 0,665 4,08
--------	----------	------	------	----	-----	-------------------

NELORE DE SÃO BENTO:

VELOCIDADE DE GANHO
DE PÊSO, CONFORMAÇÃO
E PUREZA RACIAL



EGÍPCIO — por Tirano e Sedução. Com 1066 quilos de peso, chefiava um plantel de 200 fêmeas registradas. Transmite aos filhos sua precocidade, conformação e pureza. Crioulo do sr. Rubens de Andrade Carvalho.



A FAZENDA SÃO BENTO
ADQUIRIU TODO O PLAN-
TEL DO SR. GUILHERME
DE CAMPOS SALLES



FAZENDA SÃO BENTO

Dr. José Carlos Vilela
de Andrade e Irmãos

DRACENA — Est. de S. Paulo

São Francisco Sociedade Ltda.

M O C O C A

ESTADO DE SÃO PAULO

★

Seleção de
Gir Leiteiro

★

CONTROLE LEITEIRO
REALIZADO PELA
A.P.C.B.



PIRACICABA — Produção:
3.694,400 kg de leite e 128,640 kg
de gordura em 320 dias de lac-
tação.

São Francisco Sociedade Ltda.

MOCOCA

ESTADO DE SÃO PAULO

Nº SCL	Gráu Idade do sangue mês	Controle de lactação	Dias de lactação	Leite	Gordura	%
13.652 Dora	PCOD	4-8	2º	56	18,100	0,694 3,83
13.655 Somosa	PCOD	5-5	1º	25	19,650	0,738 3,75
14.458 Batuta das Américas	PCOC	5-5	2º	37	16,400	0,448 2,73
14.646 Juliana	PCOD	7-0	2º	49	16,100	0,568 3,52
15.605 Dançarina	PCOD	7-9	7º	203	15,650	0,590 3,77
16.076 Meigulice	PCOD	4-0	5º	144	13,950	0,514 3,68
16.652 Dama	PCOD	8-1	2º	60	20,400	0,709 3,47

João de Souza Dantas, Indaiatuba, Est. de São Paulo.
Contrôle em 11-3-966. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

12.039 Holambra Anna IV	PO	4-11	6º	142	13,900	0,515 3,70
14.379 Grietje 42	PO	3-2	1º	6	13,020	0,298 3,6

Dr. Flávio Castelo Branco Gutierrez, Sete Lagoas, Est. de Minas Gerais.
Contrôle em 22-12-65. Regime de pasto com ração suplementar, 3 ordenhas.

14.358 Manga Verde	15/16	—	1º	6	22,100	0,657 2,97
16.006 Sta. Helena Frisia	31/32	—	4º	67	23,700	0,710 2,99

Dr. Flávio Castelo Branco Gutierrez, Sete Lagoas, Est. de Minas Gerais.
Contrôle em 21-1-966. Regime de pasto com ração suplementar, 3 ordenhas.

14.358 Manga Verde	15/16	—	2º	41	21,600	0,635 2,94
16.006 Sta. Helena Frisia	31/32	—	5º	102	22,700	0,669 2,91

Dr. Flávio Castelo Branco Gutierrez, Sete Lagoas, Est. de Minas Gerais.
Contrôle em 22-2-966. Regime de pasto com ração suplementar, 3 ordenhas.

14.358 Manga Verde	15/16	—	3º	63	20,020	0,588 2,94
16.006 Sta. Helena Frisia	31/32	—	6º	124	22,510	0,672 2,98

Antônio Carlos Rachou Vaz de Almeida, São Manuel, Est. de São Paulo.
Contrôle em 22-3-966. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

14.638 S. M. Paraizo Cuica	PCOC	3-3	2º	41	15,870	0,471 2,96
----------------------------	------	-----	----	----	--------	------------

Antônio Josino Meirelles, Batatais, Est. de São Paulo.
Contrôle em 4-3-966. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

10.797 Diva	PCOD	10-1	5º	129	16,500	0,573 3,47
10.800 Mineira	PCOD	9-11	10º	316	13,500	0,584 4,32
11.572 Rossana	PCOD	5-6	3º	63	22,600	0,833 3,68
13.654 Bandeira	PCOC	-5-	7º	203	15,150	0,544 3,59
14.774 Willy's Juliana II	PCOD	2-7	11º	3-7	13,350	0,494 3,70
15.337 Siriema	NR	3-6	8º	216	13,800	0,487 3,53
15.338 Bela Cruz	7/8	12-6	8º	223	15,000	0,669 4,46
15.339 Mangueira	PCOD	6-0	8º	241	16,250	0,640 3,54
15.908 Risada	PCOD	3-8	6º	189	15,680	0,608 3,87
16.546 Espanhola Maurits 4	PCOD	2-11	3º	85	14,700	0,545 3,71
16.710 Viciosa II	PCOD	2-10	3º	33	13,200	0,456 3,45
16.712 Portenha	PCOD	3-1	2º	28	20,150	0,710 3,52
16.714 Dina	PCOC	3-0	2º	30	19,5-0	0,729 3,73
16.715 Tainha Maurits III	PCOC	2-7	2º	27	13,800	0,558 4,04

Antônio Josino Meirelles, Batatais, Est. de São Paulo.
Contrôle em 26-3-966. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.
Contrôle de Inspeção

11.572 Rossana	PCOD	5-6	4º	113	14,530	0,470 3,24
16.712 Portenha	PCOD	3-1	3º	78	14,300	0,513 3,58
16.714 Dina	PCOC	3-0	3º	80	13,100	0,293 3,06

Dr. José Procópio do Amaral, São João da Boa Vista, Est. de São Paulo.
Contrôle em 23-3-966. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

10.148 Favela de São Geraldo	PCOC	10-0	3º	58	16,500	0,546 3,31
12.637 Itana de São Geraldo	PCOC	7-1	4º	103	14,150	0,509 3,60
12.641 Gondola de São Geraldo	PCOC	9-0	3º	58	13,950	0,461 3,31
12.825 Gavea de São Geraldo	PCOC	8-2	2º	26	15,850	0,543 3,42
10.671 Amaral Legenda	PO	6-1	2º	41	17,100	0,625 3,65

Dr. Fernando José Santos, Santa Cruz do Rio Pardo, Est. de São Paulo.
Contrôle em 27-3-966. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

9.541 Leme's Estera	PCOC	12-3	3º	58	13,250	0,489 3,69
10.138 Leme's Judia	PCOC	7-5	3º	68	13,000	0,458 3,52
14.141 Leme's Hélice	PCOC	10-1	1º	12	13,060	0,494 3,78
10.740 Balalaika	PCOD	8-11	4º	96	16,030	0,263 2,27
10.850 F. S. Altoneira	PCOD	10-3	2º	39	13,950	0,349 2,50
11.453 S. FR Formosa	PCOD	7-5	1º	12	16,700	0,505 3,02
12.163 F. S. Azalea	7/8	6-5	1º	3	15,730	0,493 3,13
12.279 Muquem Bandeira II	PCOC	10-0	3º	59	14,100	0,286 2,74
12.300 Sta. Cruz Catita	PCOD	6-4	7º	185	16,950	0,756 4,46
12.685 Sta. Cruz Amora	PCOD	8-7	7º	167	13,040	0,521 3,99
13.324 Recreio Jardineira	PCOD	4-5	1º	13	17,760	0,582 3,27
13.947 Sta. Cruz Deusa	PCOD	4-5	1º	26	17,000	0,346 2,63
13.231 Sta. Cruz Catalina	PCOD	4-8	2º	41	13,080	0,653 4,99
26.608 F. S. Belina	7/8	5-0	3º	113	13,270	0,477 3,60
16.610 Sta. C. Esmeralda Paul	PCOC	2-8	3º	71	13,750	0,514 3,74
16.611 Aurea Recreio	PCOC	3-3	3º	61	14,550	0,513 3,52
16.870 Sta. Cruz Darling	PCOC	3-5	1º	27	15,180	0,408 3,10
16.872 Recreio Vitória	PCOC	3-8	1º	11	13,260	0,471 3,55
16.873 F. S. Canaã Leme's Leme	PCOC	4-8	1º	6	16,610	0,532 3,32
16.874 Sta. Cruz Elizabeth	PCOC	2-10	1º	3	14,210	0,436 3,07

Nº SCL		Grão Idade do sangue	Idade anos mês	Controle de lactação	Dias de lactação	Leite Gordura	%
Dr. Luciano Vasconcellos de Carvalho, Vinhedo, Est. de São Paulo. Contrôle em 27-3-966. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.							
6.816	Mar. Eneida Alex Telana	PCOC	10-2	2º	47	14,970	0,598 4,00
7.414	Mar. Fantasia Alex Telana	PCOC	12-6	6º	149	14,300	0,616 4,30
7.892	Mar. Filadelfia Telana	PO	9-5	5º	113	13,700	0,587 4,28
8.204	Mar. Fortuna Alex Telana	PCOC	9-5	4º	119	18,150	0,726 4,00
8.299	Mar. Garcia Telana	PO	8-11	5º	95	16,700	0,668 4,00
9.483	Mar. Indala Diamantina	PCOC	8-9	3º	71	14,600	0,602 4,12
9.781	Mar. Gilda Teio Colorado	PCOC	8-10	5º	116	14,770	0,516 3,50
9.784	Mar. Jacutinga Heiniana	PCOC	7-0	2º	44	16,150	0,565 3,50
10.162	Mar. Ilda Alex Diamantina	PCOC	7-7	2º	54	15,730	0,583 3,71
10.903	Mar. Jussara Heiniana	PO	6-11	2º	60	13,640	0,533 3,90
10.904	Mar. Julietta Teio Heiniana	PO	6-6	2º	42	15,980	0,620 3,88
10.960	Mar. Jezebel Gerente	PCOC	7-1	1º	23	21,290	0,726 3,41
11.220	Mar. Jardineira Diamantina	PO	6-10	1º	29	15,520	0,524 3,38
11.628	Mar. Laila A. Diamantina	PCOC	5-10	2º	47	14,200	0,498 3,50
11.674	Marambaia Luzitana	PCOD	5-9	2º	56	16,550	0,561 3,39
12.155	Mar. Lotis Alex Gerente	PCOC	6-0	1º	24	15,530	0,543 3,50
12.801	Mar. Madame Teio Diamant.	PO	5-0	2º	60	14,900	0,670 4,50
13.179	Mar. Mariza Teio Jóquei	PO	4-11	5º	108	17,450	0,579 3,32
13.525	Mar. Miss D. Jóquei	PCOC	4-5	8º	228	13,200	0,489 3,68
13.526	Mar. Mussa D. Jóquei	PO	4-2	7º	191	14,450	0,578 4,00
14.021	Mar. Maravilha T. Diamant.	PCOC	4-3	2º	59	20,200	0,427 3,60
16.702	Mar. Noiva T. Diamantina	PO	3-10	2º	54	14,700	0,588 4,00

Cia. Administradora Técnica e Agrícola «ATAGRI», Pindamonhangaba, Est. de São Paulo.
Contrôle em 27-3-966. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

15.324	Coba 34	PO	-4	8º	243	15,200	0,519 3,41
--------	---------	----	----	----	-----	--------	------------

Cia. Administradora Comercial e Agrícola Sta. Flomina, Pinhal, Est. de S. Paulo.
Contrôle em 21-3-966. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

9.548	Alvorada	PCOD	6-3	9º	211	13,060	0,390 2,99
13.411	Muquem Laica	PCOC	-	8º	-	13,630	0,524 3,85

Dr. Luciano Vasconcellos de Carvalho, Vinhedo, Est. de São Paulo.
Contrôle em 30-3-966. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

9.426	Mar. Ingleza Diamantina	PO	7-11	3º	72	15,600	0,624 4,00
9.567	Mar. Joana Heiniana	PCOC	6-9	1º	28	16,500	0,618 3,74
9.633	Mar. Iara Teio Diamantina	PCOC	7-7	7º	186	13,300	0,542 4,07

Adrianus Sleutjes, Castro, Est. do Paraná.
Contrôle em 10-2-966. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

5.672	Castro Aafje III	PO	12-0	6º	172	17,980	0,549 3,05
9.396	Castro Margriet's IV	PO	7-4	1º	25	18,650	0,561 3,00
9.840	Castro Paula XIII	PO	6-1	8º	231	15,230	0,416 2,73
10.493	Castro Lena VII	PO	5-11	7º	186	20,020	0,667 3,33
11.285	Holambra Els IX	PO	5-8	1º	25	19,850	0,564 2,88
13.040	Castro Toosje II	PO	4-2	2º	35	18,950	0,663 3,50
15.778	Castro Kooze	PO	7-1	6º	190	21,420	0,614 2,86
15.779	Castro Aafje 23	PO	2-3	6º	182	13,450	0,476 3,54
16.004	S. C. Ipiranga	PO	6-7	5º	172	15,890	0,530 3,23

RACA JERSEY

Dr. João Laryna, Jacareí, Est. de São Paulo.
Contrôle em 12-3-966. Regime de pasto com ração suplementar, 3 e 2 ordenhas.

3 ordenhas

11.341	Jaboticaba B. de Canela	PO	5-10	3º	78	12,800	0,667 5,21
--------	-------------------------	----	------	----	----	--------	------------

2 ordenhas

6.496	Elite de Sta. Hilda	PCOD	10-7	1º	20	18,700	0,830 4,43
6.595	Espanja B. de Sta. Hilda	PO	10-0	6º	155	10,100	0,554 5,49
6.596	Dora 19	PO	10-5	2º	30	11,100	0,580 5,22
7.193	Sissi	PO	10-3	2º	48	11,050	0,495 4,48
7.858	Faisca B. de Sta. Hilda	PO	9-1	6º	161	12,050	0,569 4,72
8.137	Eufória do Banharão	PO	8-6	8º	230	10,100	0,540 5,35
7.798	Imaculada B. de Canela	PO	6-8	3º	32	18,100	0,782 4,32
10.146	Imissão B. de Sta. Hilda	PCOC	6-8	2º	28	11,750	0,519 4,41
10.884	Jacará J. de Sta. Hilda	PO	5-10	1º	58	11,800	0,512 4,34
11.494	Jardineira J. de Sta. Hilda	PO	5-5	1º	23	11,600	0,690 5,95

Dr. José de Moraes Altenfelder Silva, São José dos Campos, Est. de São Paulo.
Contrôle em 7-3-966. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

11.010	Jaca Fanfara Xenofonte	PO	-	4º	-	12,350	0,565 4,50
11.615	Sulita Comary	PO	7-7	2º	59	10,900	0,565 5,35
12.751	Jaca Cacamba Gata	PO	3-6	3º	76	11,600	0,594 5,12
13.052	Pipeta Comary	PO	10-6	4º	100	12,400	0,661 5,33
13.575	Jaca Faceira Esmond	PO	3-1	5º	122	16,250	0,850 5,23

SINDI

LEITE EM ZEBU

Registro genealógico
pela SRTM



Contrôle leiteiro pela
Associação Paulista de
Criadores de Bovinos



SITARI — filha de Símbolo e Braúna. Iniciou lactação aos 2 anos e 8 meses, sendo fiel seguidora de sua mãe Braúna.

FAZENDA FORTALEZA

JOÃO CARLOS
PEDREIRA DE FREITAS

ARCEBURGO — MG

B

FAZENDA CAMPO ALEGRE

ESPÓLIO

DR. JOÃO BATISTA DE FIGUEIREDO COSTA



a mais antiga seleção de Gir leiteiro no Brasil



CONTROLE LEITEIRO PELA ASSOCIAÇÃO PAULISTA DE CRIADORES DE BOVINOS



CAMPO ALEGRE TOSCANA — Reg. A-6494. Mãe de Curvelo, um dos atuais reprodutores do plantel Campo Alegre. Pureza racial e peso aliados a produção leiteira superior a 18 quilos diários.

FAZENDA CAMPO ALEGRE

Casa Branca — Estado de São Paulo

Nº SCL	Grau do sangue	Idade do animal em meses	Dias de controle de lactação	Leite	Gordura	%		
Alain Boud'hors. Jundiaí, Est. de S. Paulo. Contrôle em 16-3-966. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.								
9.464	Grace do Empyreio	PO	9-7	3 ^o	82	14,980	0,676	4,51
9.623	Iemanjá W. Jubilant	PO	6-2	8 ^o	239	10,110	0,460	4,55

Fazenda Sant'Ana do Rio Abaixo.		São José dos Campos.		Est. de S. Paulo.				
Contrôle em 15-3-966.		Regime de pasto com ração suplementar,		2 ordenhas.				
2.624	Maria Brasil de Canela	PO	14-1	4 ^o	98	12,300	0,510	4,14
2.625	Sant'Ana Ita Patton	PO	14-5	2 ^o	46	10,300	0,513	4,98
5.896	S. A. Cecilia Boihayes	PO	10-10	3 ^o	72	13,400	0,671	5,01
6.928	S. A. Niagara Patrician	PO	4-9	7 ^o	194	10,050	0,477	4,74
7.704	S. A. Nora 2.a Zanalua	PO	8-7	5 ^o	124	11,700	0,572	4,89
7.709	Itaevaté Ima Sumac Royal	PO	9-2	4 ^o	102	11,550	0,586	5,07
7.842	S. A. Mineira Patrician	PO	9-1	2 ^o	52	15,700	0,742	4,72
8.152	S. A. Xelvia 2.a Zanalua	PO	8-7	1 ^o	23	17,600	0,720	4,09
8.406	S. A. Noemia Midshipman	PO	8-4	2 ^o	453	15,500	0,740	4,77
8.656	S. A. Cantina Paxford	PO	8-3	1 ^o	3	11,900	0,479	4,02
8.715	Rendeira Comary	PO	8-7	4 ^o	160	11,350	0,533	4,69
8.823	S. A. Catilá 2.a Zanalua	PO	7-10	3 ^o	80	11,800	0,622	5,27
8.824	S. A. Esperança 3.a Zanalua	PO	7-5	7 ^o	188	10,800	0,615	5,70
8.864	S. A. Lanterna Paxford	PO	7-10	3 ^o	75	10,150	0,506	4,99
9.014	S. A. Xmas 2.a Zanalua	PO	7-5	5 ^o	129	11,350	0,615	5,42
9.078	S. A. Heroica Zanalua	PO	7-2	7 ^o	186	11,600	0,657	5,66
9.360	S. A. Nora 3.a Kahoka's C.	PO	6-8	4 ^o	111	12,400	0,666	5,37
9.361	S. A. Grinalda 4.a Records	PO	6-10	6 ^o	154	12,000	0,773	6,44
9.366	Jaty Comary	PO	15-4	1 ^o	10	14,750	0,609	4,13
9.405	S. A. Camélia Records	PO	7-0	2 ^o	54	11,100	0,498	4,49
9.529	S. A. Geraldina 3.a Zanalua	PO	7-11	1 ^o	18	16,600	0,785	4,73
9.804	S. A. Conquista Zanalua	PO	7-1	4 ^o	101	12,750	0,631	4,95
10.053	S. A. Xmas 3.a Kahoka's C.	PO	6-2	7 ^o	204	11,300	0,546	4,83
10.220	Toada Comary	PO	6-1	2 ^o	41	14,050	0,694	4,94
10.917	Upa Comary	PO	6-0	1 ^o	13	11,650	0,500	4,29
11.012	S. J. Alvorada Records	PO	6-5	7 ^o	193	10,050	0,445	4,43
11.096	S. A. Vitamina	PO	6-1	2 ^o	31	12,650	0,622	4,91
11.209	S. A. Guanabara Zanalua	PO	5-9	3 ^o	71	10,200	0,521	5,11
11.814	S. A. Herdade Zanalua	PO	5-5	7 ^o	185	10,500	0,572	5,44
11.890	S. A. S. A. Noiva Oceano	PO	4-9	10 ^o	252	10,550	0,524	4,97
11.892	S. A. Atlântica K. Count	PO	5-5	7 ^o	214	10,700	0,636	5,94
11.893	S. A. Estrelinha Zanalua	PO	5-2	7 ^o	191	10,400	0,528	5,07
12.029	S. A. Ramagem Oceano	PO	4-11	6 ^o	179	10,350	0,549	5,31
12.030	S. A. Fortuna K. Count	PO	5-8	7 ^o	183	12,850	0,641	4,99
12.123	S. A. Idolatria Oceano	PO	4-9	9 ^o	201	11,350	0,611	5,38
12.147	S. A. Galera Oceano	PO	5-0	5 ^o	131	11,100	0,537	4,84
12.343	S. A. Martinica Zanalua	PO	5-3	5 ^o	124	10,100	0,524	5,19
12.471	S. A. Maristela Zanalua	PO	5-5	3 ^o	81	10,950	0,554	5,06
12.732	S. A. Grinalda Colombo	PO	4-9	2 ^o	40	12,250	0,583	4,76
12.808	S. J. Ira Cute Prince	PO	4-10	1 ^o	4	17,000	0,672	3,95
13.058	S. A. Caçadora Guardião	PO	4-5	1 ^o	24	12,450	0,482	3,87
13.159	S. A. Homenagem Zanalua	PO	5-0	1 ^o	3	12,200	0,542	4,44
13.160	S. A. Borboleta K. Count	PO	4-7	2 ^o	55	10,900	0,539	4,94
13.758	S. A. Odila Zanalua	PO	3-5	3 ^o	95	12,300	0,503	4,09
13.845	S. A. Edda Sylbil	PO	3-6	5 ^o	162	10,400	0,522	5,02
14.006	S. A. Companhia Oasis	PO	3-8	2 ^o	41	12,950	0,612	4,73
14.098	S. A. Cantiga Hiplas	PO	3-7	2 ^o	29	14,700	0,732	4,98
14.075	S. A. Cadense Lilac	PO	3-7	4 ^o	88	10,100	0,515	5,09
15.244	S. A. Ninon Oasis	PO	2-4	8 ^o	219	10,230	0,502	4,92
15.839	S. A. Oradora Lilac	PO	2-4	5 ^o	184	10,250	0,614	5,99
16.088	S. A. Helem Kahoka's Count	PO	2-6	2 ^o	40	10,450	0,571	5,46
16.900	S. A. Pauletrina Castelo	PO	2-11	1 ^o	21	11,150	0,543	4,96
16.901	S. A. Elba Cortes	PO	2-9	1 ^o	1	10,450	0,600	5,74
16.904	S. A. Gilda K. Count	PO	2-6	1 ^o	7	10,400	0,420	4,04
16.905	S. A. Campeira Oasis	PO	2-4	1 ^o	4	10,200	0,425	4,17
16.906	S. A. Marilyn Oasis	PO	2-8	1 ^o	9	10,500	0,438	4,17

RACA SCHWYZ

Dr. Sylvio Lima Marinho, Andradina, Est. de São Paulo.								
Contrôle em 4-3-966. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.								
14.247	Renância	1/2	7-8	1 ^o	1	15,500	0,567	3,65
14.250	Distinta	1/2	7-8	1 ^o	6	14,500	0,556	3,83
16.848	Marengo	1/2	7-3	1 ^o	1	17,500	1,033	5,90

Sylvio Lara Campos, Sorocaba, Est. de São Paulo.								
Contrôle em 18-3-966. Regime de pasto com ração alimentar, 2 ordenhas.								
10.969	Anfora da Cachoeira	PCOC	7-6	3 ^o	88	13,600	0,587	4,31
11.765	Alteza	PCOC	10-0	8 ^o	213	13,750	0,610	4,43
11.767	Aleluia	PCOC	9-11	7 ^o	199	13,100	0,485	3,70
11.769	Doninha	PCOC	7-2	3 ^o	81	15,200	0,741	4,88
12.601	Fruça	PO	6-1	3 ^o	50	14,650	0,488	3,33
14.373	Baviara	PCOD	8-10	3 ^o	61	17,000	0,657	3,86
16.043	Neve	PCOD	7-11	5 ^o	159	13,600	0,467	3,43

Adalpra S.A. Agrícola e Comercial, Campinas, Est. de São Paulo.								
Contrôle em 12-3-966. Regime de pasto com ração suplementar. 2 ordenhas.								
12.357	Cinderela	PCOD	4-8	3 ^o	52	13800	0,696	5,04
12.389	Jardim Gracinha	PO	13-8	3 ^o	55	14.200	0,454	3,20
12.392	Elizabeth do Oriente	PO	6-2	6 ^o	131	13.500	0,513	3,80
13.826	Brejo Roseira	PCOC	3-8	4 ^o	68	14.100	0,549	3,89

Fazenda Sta. Francisca do Camandocaia, Jaguariuna, Est. de São Paulo.								
Contrôle em 18-2-966. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.								
9.908	Berisa do Camandocaia	PO	6-10	5 ^o	147	13270	0,483	3,64
10.987	Atrévada de Rosara	PO	9-1	1 ^o	27	20220	0,730	3,61

Nº SCL	Gráu Idade do sangue	Idade anos mês	Dias Controle de lactação	Leite	Gordura	%
Fazenda Sta. Francisca do Camandocaia, Jagariuna Est. de São Paulo. Contrôle em 29-3-966. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.						
10.987	Atrevida de Ressaca	PO	9-1	2º	66	16,430 0,622 3,78
11.231	Araúta de Ressaca	PO	8-3	1º	16	16,570 0,544 3,28
16.949	Gloriosa	PCOD	10-5	1º	24	14,000 0,488 3,48

Adalpra S. A. Agrícola e Comercial, Campinas, Est. de São Paulo. Contrôle em 15-3-966. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.						
12.382	Elizabeth do Oriente	PO	6-2	7º	162	13,280 0,574 4,32
13.826	Brejo Roseira	PCOC	3-8	5º	99	14,130 0,543 3,84

RACA GIR LEITEIRO

São Francisco Sociedade Ltda. Mococa, Est. de São Paulo.
Contrôle em 6-3-966. Regime de pasto com ração suplementar, 3 e 2 ordenhas.

3 ordenhas						
11.024	Pelindra	3/4	13-7	6º	1	16,940 0,647 3,83
13.869	Alveca	PO	5-0	1º	14	18,000 0,691 3,84

2 ordenhas						
11.041	Nabora	PCOD	10-7	2º	30	11,150 0,585 5,25
11.042	Jarrinha	3/4	10-6	3º	72	10,500 0,450 4,28
11.322	Borboleta	7/8	10-6	3º	75	10,100 0,443 4,38
11.325	Grandeza	7/8	8-7	2º	30	15,100 0,547 3,62
11.333	Anistia	3/4	9-6	2º	37	11,800 0,480 4,06
11.450	Salmoura	3/4	7-8	2º	30	10,300 0,397 3,85
13.970	Boa Sorte	NR	9-0	2º	51	11,000 0,355 3,22
14.583	Bolívia	NR	9-7	1º	22	10,000 0,377 3,77
14.587	Cocada	NR	10-0	1º	9	11,450 0,422 3,69
16.838	Acucena	NR	10-8	1º	1	13,700 0,584 4,26
16.692	Faminta	NR	6-6	2º	54	10,500 0,506 5,03
16.696	Ramona	NR	7-7	2º	38	10,550 0,543 5,15

Rubens Resende Peres, São Pedro dos Ferros, Est. de Minas Gerais.
Contrôle em 2-3-966. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

11.854	Tainha de Brasília	PO	10-6	3º	80	21,700 1,051 4,84
11.855	Brasília de Brasília	PO	7-1	8º	178	11,400 0,525 4,60
11.862	Vinagreira de Brasília	PO	12-5	4º	102	12,000 0,506 4,21
11.977	Alegria de Brasília	PO	11-7	10º	213	13,900 0,748 5,38
12.250	Canela de Brasília	PO	12-1	1º	22	15,300 0,791 5,17
12.251	Noronha de Brasília	PO	11-10	4º	103	11,550 0,574 4,97
12.427	Salomé B. de Brasília	PO	11-0	3º	55	19,800 0,838 4,23
12.430	Japonesa B. de Brasília	PO	13-9	4º	140	10,400 0,637 6,12
12.506	Maconha T. de Brasília	PO	11-6	10º	241	10,250 0,509 4,96
12.727	Granja T. de Brasília	PO	14-0	2º	39	17,100 0,794 4,64
13.119	Urtiga de Brasília	PO	8-0	2º	32	16,650 0,914 5,49
13.415	Frisa de Brasília	PO	8-8	8º	181	11,400 0,615 5,40
13.556	Bandeira T. de Brasília	PO	10-9	6º	148	10,300 0,606 5,88
13.685	Sota B. de Brasília	PO	6-8	7º	160	19,150 1,049 5,48
13.688	Veneza de Brasília	PO	8-8	7º	156	10,850 0,501 5,44
14.014	Sapucaia de Brasília	RE	12-0	4º	102	14,900 0,747 5,01
14.016	Pintura de Brasília	RE	4-0	4º	92	11,000 0,734 6,67
14.062	Bizarras de Brasília	RE	4-1	3º	86	10,500 0,525 5,00
14.064	Novidade de Brasília	RE	—	4º	94	10,000 0,509 5,09
14.088	Grinalda de Brasília	RE	—	3º	70	18,050 0,973 5,20
15.365	Calibrosa de Brasília	PO	8-0	10º	201	10,900 0,547 5,02
15.629	Orvalhada de Brasília	PO	15-1	8º	182	10,200 0,477 4,67
15.935	Varsóvia de Brasília	RE	4-8	6º	128	11,250 0,495 4,40
16.203	Cocaina de Brasília	RE	7-0	4º	119	12,000 0,612 5,10
16.551	Pratinha de Brasília	RE	6-8	3º	74	16,650 0,688 4,13
16.582	Diratora II de Brasília	NR	—	3º	70	13,000 0,771 5,92
16.534	Dançarina de Brasília	RE	4-3	3º	53	16,900 0,895 5,29

Dr. João Batista Figueiredo Costa, Casa Branca, Est. de São Paulo.
Contrôle em 1-3-966. Regime de pasto com ração suplementar, 3 e 2 ordenhas.

3 ordenhas						
13.354	C. A. Tamba	7/8	8-4	2º	26	18,350 0,860 4,60
16.813	Lavoura	—	—	1º	7	14,000 0,639 4,56

2 ordenhas						
13.355C	A. Gema	7/8	10-2	4º	96	11,450 0,554 4,84
13.359	Jacandinha	NR	12-7	3º	62	10,300 0,483 4,50
13.360C	A. Rosinha	7/8	8-6	3º	57	10,800 0,788 3,98
13.368	C. A. Barca	3/4	8-2	8º	232	10,000 0,468 4,68
13.369	C. A. Alliança	3/4	8-4	4º	100	13,800 0,831 3,99
13.539	Biscainha	RE	5-0	2º	28	11,300 0,425 3,76
13.681	Bahia	NR	7-7	6º	163	11,500 0,533 4,62
13.696	C. A. Iara	PCOC	12-1	5º	130	12,400 0,573 4,62
13.700	C. A. Barqueira	PCOD	12-10	3º	57	15,800 0,625 3,95
13.319	C. A. Toscana	PO	3-2	8º	223	13,000 0,629 4,84
15.570	Platêia	NR	11-2	7º	177	10,500 0,516 4,91
15.892	Pioneira	NR	3-7	6º	175	10,100 0,562 5,56
16.029	Branca	NR	5-4	5º	135	10,350 0,498 4,81
16.283	Rússia	NR	11-1	4º	116	10,450 0,428 4,16
16.287	Lugana	RE	9-5	4º	91	11,000 0,420 3,82
16.548	Pimpinela	NR	12-10	3º	80	11,300 0,503 5,05
16.549	Itália	NR	8-10	3º	80	11,300 0,461 4,08
16.672	Castanhola	NR	4-8	2º	30	12,400 0,464 3,74

FAZENDA MACACU

José Geraldo Arêas

CAVALOS CAMPOLINA E
MANGALARGA



XUA — visto pelo lado direito.
Com 30 meses. Preto e branco.
Reprodutor Mangalarga adquirido na Exposição Nacional de 1965.



XUA — visto pelo lado esquerdo.
O mesmo do clichê acima. Notem a regularidade das malhas. É idêntico em ambos os lados. Animal de cores e formas maravilhosas.



FAZENDA MACACU

ITABORAÍ — RJ

Escritório: Avenida Franklin

Roosevelt, 23 - 15º andar - Fones:

42-8665 e 42-7214

Rio de Janeiro — GB

FAZENDA BOA VISTA

de

**Roberto Diniz
Junqueira**

**ORLANDIA — C.M.
MARCA RJ**



WHISKY — por Sheik e Batêia, reprodutor da Fazenda Boa Vista. Pai de Bandeirantes, 1.º prêmio na Exposição de São Paulo em 1963 e de Fragaia, Campeã de Barretos em 1963.

Plantel registrado na ACCRM, descendentes de Astuto, Sheik, Absinto e Burité.



Lote formado pelas éguas Estimada, Calabria, Anhuma, Eliqueta e Litorina.

Fazenda Boa Vista

Roberto Diniz Junqueira

ORLANDIA — C.M.

**NOSSOS PRODUTOS
ACHAM-SE ESPALHADOS
POR VÁRIOS ESTADOS
DO BRASIL.**

Nº SCL

Grân Idade
do anos Controle de Leite Gordura %
sangue meses lactação

Dr. José Carlos de Andrade Villela e Irmãos, Tambaú, Est. de São Paulo.
Contrôle em 3-3-966. Regime de pasto com ração suplementar, 3 e 2 ordenhas.

3 ordenhas

16.832	Cubana	—	—	1º	4	15,950	0,757	4,75
--------	--------	---	---	----	---	--------	-------	------

2 ordenhas

16.534	Gema	RE	9-5	3º	65	10,000	0,436	4,36
16.535	Pilintira	NR	13-0	3º	54	11,300	0,437	3,87
16.536	Una	RE	6-2	3º	60	14,450	0,662	4,58
16.679	Cobicaça	RE	—	2º	50	10,700	0,513	4,79

Dr. Lello de Toledo Piza e Almeida, Jarinú, Est. de São Paulo.
Contrôle em 4-3-966. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

11.975	Pinta Roxa de Brasília	RE	—	6º	152	10,250	0,433	4,22
16.292	Avenida	—	—	4º	101	11,400	0,564	4,94

José Fernandes de Carvalho, Jacaré, Est. de São Paulo.
Contrôle em 26-3-966. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

16.878	Antilha	NR	—	1º	34	11,600	0,557	4,80
--------	---------	----	---	----	----	--------	-------	------

Santana Agro-Pastoril S.A., Fazenda Par-west, Calciolândia, Est. de Minas Gerais.
Contrôle em 1-3-966. Regime de pasto com ração suplementar, 3 e 2 ordenhas.

3 ordenhas

14.182	Roselira	PO	12-9	2º	33	14,300	0,714	4,99
14.199	Bilonga	3/4	8-6	2º	33	15,900	0,846	5,32
14.279	Fortuna	PCOD	11-10	2º	33	16,200	0,785	4,84
14.283	Tigela	RE	8-8	1º	5	15,200	0,588	3,87
16.726	Jamaica	RE	10-6	2º	33	17,200	0,797	4,63
16.727	Montana	RE	4-10	2º	33	13,100	0,642	4,90
16.730	Garça II	RE	7-7	2º	33	11,700	0,502	4,29
16.839	Casquinha	NR	—	1º	4	12,900	0,439	3,40
16.883	Eliqueta	RE	—	1º	5	11,300	0,416	3,68
16.884	Baleia	NR	—	1º	5	12,900	0,576	4,46

2 ordenhas

14.174	Roxona	PO	10-5	10º	233	10,050	0,556	5,53
14.195	Guaira	15/16	7-6	5º	124	11,350	0,563	4,96
14.208	Arauna	7/8	8-3	1º	5	13,700	0,622	4,54
15.308	Agata	RE	3-10	9º	216	12,230	0,725	5,93
16.202	Andorinha	RE	12-4	5º	116	10,100	0,517	5,12
16.323	Formiga	RE	—	4º	113	12,150	0,649	5,34
16.599	Omega II	RE	6-6	3º	103	10,400	0,482	4,64
16.728	Italiana	—	6-7	2º	51	11,950	0,593	4,96
16.885	Torneira	RE	—	1º	44	12,150	0,611	5,03
16.889	Campista	NR	—	1º	26	12,150	0,771	6,34
16.892	Gebara	RE	—	1º	18	11,300	0,646	5,72
16.893	Araguarita	NR	—	1º	12	11,450	0,498	4,35

Santana Agro-Pastoril S.A., Granja Calciolândia, Calciolândia, Est. de Minas Gerais.
Contrôle em 5-3-966. Regime de pasto com ração suplementar, 3 e 2 ordenhas.

3 ordenhas

16.810	Gaivota	RE	—	1º	5	17,000	0,617	3,63
--------	---------	----	---	----	---	--------	-------	------

2 ordenhas

14.150	Medalha	PCOC	6-11	8º	201	10,400	0,682	6,56
14.187	Duonessa	3/4	9-0	5º	114	11,400	0,682	6,56
14.189	Normalista	PO	7-1	2º	34	12,000	0,677	5,64
14.276	Delicia	PO	14-5	5º	119	10,900	0,676	6,20
15.147	Bela Vista	RE	9-0	10º	223	13,400	0,894	6,67
15.701	Simpática	RE	8-9	8º	178	10,750	0,700	4,05
15.894	Carteira I	RE	7-6	7	182	11,100	0,666	6,00
15.895	Pastorinha	RE	8-3	7º	160	10,000	0,572	5,72
16.243	Boneca	RE	—	5º	131	11,500	0,534	4,64
16.247	Ineláterra	RE	7-10	5º	125	11,250	0,526	4,68
16.251	Collina	RE	8-4	5º	114	11,700	0,684	5,84
16.271	Brasília	RE	8-10	4º	96	11,200	0,560	5,00
16.275	Duonessa II	RE	10-5	4º	104	11,350	0,666	5,87
16.273	Lavanda II	RE	6-6	3º	71	10,550	0,583	5,53
16.307	Chifinha	RE	6-0	2º	53	10,650	0,623	5,85
16.806	Baiana	RE	7-7	2º	31	10,000	0,503	5,09

Dr. Gabriel Donato de Andrade, Calciolândia, Est. de Minas Gerais.
Contrôle em 5-3-966. Regime de pasto com ração suplementar, 3 e 2 ordenhas.

3 ordenhas

16.725	Marmitta	RE	10-0	2º	21	14,600	0,634	4,34
--------	----------	----	------	----	----	--------	-------	------

2 ordenhas

15.899	Bonita	RE	7-3	5º	134	10,700	0,498	4,66
16.244	Casa Branca	RE	6-4	5º	114	10,500	0,616	5,86

Nº SCL	Grão Idade do anos sangue meses	Controle de lactação	Dias	Leite	Gordura	%
16.246 Alegria	RE	—	5*	109	11.200	0,555 4,96
16.250 Bastilha	RE	—	5*	101	10.900	0,511 4,69
16.252 Varsóvia	RE	7-11	5*	101	11.350	0,640 5,63
16.253 Ginga	RE	13-1	5*	101	12.000	0,800 6,66
16.270 Bagoda	RE	4-0	4*	109	10.150	0,522 5,15
16.272 Cadeia	RE	10-5	4*	96	14.800	0,484 3,27
16.276 Simpatia	RE	10-0	3*	103	11.100	0,578 5,21
16.570 Rochana	RE	9-5	3*	75	10.100	0,607 6,01
16.574 Azaléia	RE	7-6	3*	47	11.100	0,635 5,72
16.800 Aririnha	RE	8-0	2*	41	10.900	0,613 4,10
16.801 Lady	RE	4-0	2*	34	10.500	0,521 4,96
16.804 Mancha	RE	10-0	2*	23	11.600	0,576 4,96
16.805 Defesa	RE	6-0	2*	22	11.500	0,558 4,85
16.806 Acácia	RE	7-0	2*	32	12.300	0,619 5,03

Dr. Breno Lima Palma, Franca, Est. de São Paulo.
Controle em 21-3-966. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

15.687 Genuína	RE	7-9	7*	198	15.100	0,830 5,49
16.954 Mocinha	NR	—	1*	8	13.500	0,785 5,82

Roberto Antônio Jacintho, Franca, Est. de São Paulo.
Controle em 18-3-966. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

15.913 Baderna	RE	3-3	6*	177	10.200	0,561 5,50
16.385 Aresta	RE	4-9	4*	111	11.750	0,580 4,93
16.957 Colina	RE	3-0	1*	25	10.050	0,516 5,14
15.958 Francana	RE	10-2	1*	15	10.400	0,405 3,89

RACA GUZERA

Allyrio Jordão de Abreu, Boa Sorte, Est. do Rio de Janeiro.
Controle em 2-3-966. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

15.806 Pompéia J. A.	PO	10-7	6*	146	10.850	0,623 5,74
16.127 Calçara J. A.	PO	7-9	5*	136	11.650	0,655 5,62

SINDI

João Carlos Pedreira de Freitas, Arceburgo, Est. de Minas Gerais.
Controle em 22-3-966. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

11.351 Brauna	RE	6-1	2*	27	17.150	0,736 4,52
12.385 Boa Sorte	RE	4-10	1*	1	12.250	0,561 4,58
14.070 Mallr	RE	4-0	2*	36	11.700	0,646 5,52

OBSERVAÇÕES: Hol. — Holandêsa; pb — preta e branca; vb — vermelha e branca; NR — não registrada; PCOC — puro por cruz de origem conhecida; PCOD — puro por cruz de origem desconhecida; PO — puro de origem; RP — registro provisório; RE — registrada.

São Paulo, Março de 1966
Dr. Hugo Prata
Gerente-Técnico

ÚLTIMAS...

(Conclusão da pág. 99)

para poedeiras, em 1964 foi o seguinte o custo dos nutrientes para poedeiras:

Energia	60%
Proteína	33%
Minerais	4%
Vitaminas	3%

Assim, uma ração de menor preço somente será obtida com alimentos fornecedores de energia e de proteína de preço mais baixo.

O barateamento do preço do milho será sempre, para nós, um fator de melhoramento das rações, quer pelo preço, quer pelo valor nutritivo.

XXIV EXPOSIÇÃO AGRO-PECUÁRIA E INDUSTRIAL DE CORDEIRO

Estado do Rio de Janeiro

10 a 14 de julho

PALADINO...

(Conclusão da pág. 83)

nhacia). De sua vida e atividades, falou menos, modesto. Não se cansou porém de elogiar Paladino, que nasceu para ser campeão a vida inteira.

— Paladino para mim é um desenho. Gosto dele e gosto de montar nele. É um cavalo sem par. Bom e bonito. Grande compra fez o "sêo" Carlito Tourinho. Paladino está sendo o cavalo mais premiado no Brasil. Mereceu e merece todos os prêmios que conquistou. Paladino é um desenho mesmo.

E.T. — Sr. José Oswaldo Junqueira, procurei traduzir o bate-papo de Mamão com canina fidelidade. Nas palavras. No sentido. Na ordem conversada. Apesar de os tradutores terem fama de *traditori*, boa intenção já entupiu o inferno. Se traditei, J. O. e Mamão, me desculpem.



DE 6 A 12 DE
OUTUBRO
NO PARQUE DA
ÁGUA BRANCA, EM
SÃO PAULO
PROMOÇÃO DA
A. P. C. B.

Os criadores devem ter em dia suas fichas cadastrais nos bancos abaixo relacionados, os quais prestigiam a

FEIRA NACIONAL DE ANIMAIS:

- Banco Mercantil de São Paulo S.A.
- Banco Brasileiro de Descontos S.A.
- Banco Comercial do Estado de S. Paulo S.A.
- Banco Novo Mundo S.A.
- Banco Comércio e Indústria de S. Paulo S.A.
- Banco Federal Itaú S.A.
- Banco do Brasil S.A.
- Banco do Estado de São Paulo S.A.

O bêrço da marca F

106 anos

de criação e seleção das
raças Campolina, Mangalarga
Machador e jumento Pêga

A marca F significa AGI-
LIDADE, COMODIDADE
BELEZA E RESISTÊNCIA



QUALIDADE DE PASSA TEMPO
— grande reprodutora da raça
Mangalarga Marchador, por Rio
Verde e América de Passa Tempo



ZINABRE DE PASSA TEMPO —
filho de Segundo Rio Verde de
Passa Tempo e Aliança de Passa
Tempo. Com 30 meses. Traba-
lhando o Mangalarga Marchador.

Seleção e venda de reprodutores equi-
nos, asininos, búfalos Jafarabadi, por-
cos Piau e bovinos das raças Holan-
desa e Guzerá.

**Fazenda Campo
Grande**
Bolivar de Andrade e Filhos

PASSA TEMPO — MINAS

SERVIÇO DE CONTRÔLE DE DESENVOLVIMENTO PONDERAL

4, março de 1966

RACA CHAROLESA

Fazenda Primavera
Agro-Pecuária Primavera S.A.
Jarind — S. Paulo

Nome	Nº	IDADE	PÊSO
MACHOS			
Rômulo	23	15- 6-63	Vendido
Creso	10	5- 7-64	466
Chalenger	20	1- 8-64	439
Cepto	16	18- 8-64	490
Caput	19	13- 9-64	485
Cecil	15	15- 9-64	474
Chagal	26	22-10-64	359
Colony	22	26-10-64	402
Armande	28	4- 1-65	390
André	27	5- 1-65	347
Alexandre	29	13- 1-65	377
Aristóteles	30	18- 1-65	396
Arquimedes	31	21- 1-65	347
Comet Euridice Rajá-2	32	8- 3-65	359
Camenbert Java San-Cy Fidalgo	34	20- 3-65	318
Cabron Circe San-Cy Fidalgo	35	14- 4-65	334
Comus 36 Mogiana Caracol	36	3- 5-65	321
Calisto 39 Ibs S. C. Fidalgo	39	31- 5-65	334
Calais 37 Dubarry Bebedouro	37	15- 5-65	336
Calvus 38 Brasília Bebedouro	38	29- 5-65	315
Cambridge Venus Caracol	40	6- 7-65	294
P. Caracala 41 Dailia S. C. Fidalgo	41	28- 9-65	207
P. Cameron 42 Maratona Bebedouro	42	16-11-65	158
P. Cantú 44 Pipoca Bebedouro	44	29-11-65	127
P. Conqueror 45 Arleira Caracol	45	20-12-65	108
P. Darwin 46 Peroroca Bebedouro	46	13- 1-66	96
P. Danúbio 47 Euridice Fidalgo	47	28- 2-66	51

FÊMEAS

Catalini Majorca S. C. Fidalgo	119	1- 4-65	302
Catânia 120 Astória Bebedouro	120	8- 5-65	287
Carina 121 Cecília Bebedouro	121	8- 6-65	244
Celta Corvette 122 Bebedouro	122	23- 6-65	254
Celica 123 Tanagra S. C. Fidalgo	123	16- 7-65	232
Primav. Chabat 124 Atris Caracol	124	1- 9-65	193
Chagrin 125 Sága Caracol	125	6- 9-65	155
Chamonix 126 Magnolia Bebedouro	126	14- 9-65	191
Chablais 127 Zália Caracol	127	2-10-65	178
Chaperone 128 Fartura Caracol	128	26-10-65	130
Caan-Si 129 Pindaiba Bebedouro	129	30-10-65	158
Caribe 130 Canária Caracol	130	9-11-65	147
Cimarosa 131 Minerva Bebedouro	131	23-11-65	146
Circe 132 Diana S. C. Fidalgo	132	13-12-65	126
Clio 133 Tippy Bebedouro	133	22-12-65	102
Cotette 134 Alfiva Fidalgo	134	27-12-65	74
Denise 135 Cavinha Bebedouro	135	3- 1-66	89
Diretora 136 Olimpia Caracol	136	1- 2-66	56
Dengosa 137 Theba Caracol	137	23- 2-66	50
Dileta 138 Crespa Caracol	138	24- 2-66	42

1, março de 1966

RACA GIR LEITEIRO

Fazenda Perdizes
Dr. Gabriel Donato de Andrade
Caiçolândia — Minas Gerais

Nome	Nº	PÊSO
MACHOS		
Batuta Sudhano	2	220
Balanco Sudhano	4	235
Balho Sudhano	5	194
Bonachão Sudhano	7	194
Bromado Sudhano	12	158
Bacharel Sudhano	13	162
Bolet Sudhano	28	97
Budista Cachimir	29	103
Birimbau Sudhano	33	85
FÊMEAS		
Bagdad Krishna	8	165
Batalha Sudhano	17	157
Batalha Krishna	11	177
Bitoia Sudhano	21	120
Bazuca Sudhano	23	108
Bright Sudhano	32	70
Baiana Sudhano	37	88
Berlinda Sudhano	41	69
Bengala Sudhano	—	54

Dr. Hugo Prata
Gerente-Técnico

Anúncios Classificados

CALENDARIO DE EXPOSIÇÕES

ESTADO DE SÃO PAULO

JULHO

11 a 17 — III Exposição Estadual de Animais e Produtos Derivados, em São João da Boa Vista.

AGOSTO

8 a 15 — IX Exposição de Animais e Produtos Derivados, em Bauru.

SETEMBRO

4 a 15 — IX Exposição-Feira de Gado Zebu e outras raças de corte, suínos, ovinos e aves e IX Exposição de Cavalos de Esporte, Trabalho e Fins Militares, Capital de São Paulo.

OUTUBRO

6 a 11 — V Feira Nacional de Animais, Capital de São Paulo.

24 a 30 — VI Exposição de Animais e Produtos Derivados, em São José do Rio Preto.

NOVEMBRO

21 a 27 — VIII Exposição de Animais e Produtos Derivados, em Araçatuba.

CARBOLINEUM

Protege e imuniza toda a classe de madeira contra a podridão e cupim, principalmente as madeiras brancas de pequena resistência.

OTTO BAUMGART

Indústria e Comércio S/A

AV. PRESTES MAIA, 356

Caixa Postal, 3492 — São Paulo

ANÚNCIOS CLASSIFICADOS

COLUNAS DE 4 cm

Cada cm por coluna comporta no máximo 10 palavras, inclusive nome e endereço.

Cr\$ 4.000 por centímetro e por publicidade

Ótima oportunidade para os srs. fazendeiros, criadores, comerciantes, etc., fazerem suas ofertas. Todo pedido de publicação deverá vir acompanhado da respectiva importância líquida e em nome da

REVISTA DOS CRIADORES

RUA CANUTO DO VAL, 216

SÃO PAULO

PROTEÇÃO TOTAL CONTRA DOENÇAS



para os quais é indicado, eis o que Benzocreol oferece aos animais. Por isso, siga os Criadores experimentados e use Benzocreol, esse maravilhoso remédio veterinário consagrado por uma preferência absoluta de mais de 50 ANOS. Peça grátis: "O GUIA DO CRIADOR", remetendo este anúncio à Cx. Pt. 1002 - São Paulo.

BENZOCREOL

CICATRIZANTE - GERMICIDA - FORTIFICANTE

um produto de Industrias J. B. Duarte S/A.



EBERLE São Paulo S. A.

Comércio, Indústria, Importação e Exportação
FABRICAÇÃO PRÓPRIA

Selas — Arreios e artigos para montaria — Arreios para carroças e charretes — Cabrestos para gado — Coleiras e guias para cães — Capas de lona — Capas de retreiros.

Metalúrgica: Esporas — Estribos — Frelós — Ferragens para montaria — Artigos para presentes — Cutelaria.

Revendedores: Capas Rener — Palas — Pelegos — Pastas — Malas.

MATRIZ — Rua Paula Souza, 146/164 — Fones: 34-5791 — 34-0584 e 34-8432

LOJA 2 — Av. Casper Líbero, 598 — Fones: 37-2042

LOJA 3 — Av. Adolfo Pinheiro, 256 — Fone: 61-2408. Caixas Postal 1282 e 2049 —

SÃO PAULO

FORMULARIO INDUSTRIAL AGRICOLA

com SUPLEMENTO DE
QUÍMICA INDUSTRIAL E
FARMACÊUTICA.

O maior LIVRO da atualida-
de, contendo em um só vo-
lume 1.000 Indústrias —
5.000 FORMULAS DIFE-
RENTES.

INSTITUTO CIENTIFICO
DE QUÍMICA

CAIXA POSTAL 6-ZC-00

RIO DE JANEIRO — GB

Solicito enviar-me por Reemból-
so Postal exemplar (es)
do "FORMULARIO INDUS-
TRIAL" — (Cr\$ 13.000)

Nome

Rua

Cidade Estado

CERCAS ELETRICAS BALLERUP

SEGURANÇA



ECONOMIA DE **75%**
PASTAGENS EM RODIZIO

SOC. ALFA LTDA

RUA BELGICA, 152 FONE: 80-6766

SÃO PAULO

EXPOSIÇÃO

IX. Exposição-Feira de Gado
Zebu e outras raças de corte
PARQUE DA ÁGUA BRANCA
São Paulo

4 a 15 de Setembro

ALBERTO ALVES SANTIAGO

ZEBU E CRUZAMENTOS

PRODUÇÃO DE
CARNE E LEITE
NOS TRÓPICOS



Temos à venda alguns exem-
plares deste livro.

Preço: Cr\$ 20.000
(porte incluído)

Os valores devem vir por vale
postal ou cheque.

Pedidos à

REVISTA DOS CRIADORES

Rua Canuto do Val, 216
SÃO PAULO



ARAME FARPADO SUBMARINO

AO, COM LIGA ALUMÍNIO, MESMO SUBMERSO NA ÁGUA
NÃO ENFERRUJA E RESISTE MUITOS ANOS, PRÓPRIO
PARA PANTANAL OU LITORAL

O PREGUIÇOSO, ALEM DE ROTINEIRO,
NÃO PROGRIDE, E TEIMOSO...

O BOI NÃO TEIMA, SABE QUE NÃO PASSA...

Economize madeira, tempo e dinheiro — Arame de aço
"CATLELAND WIRE" - (nossa exclusividade) extra resistente

Regula Cr\$ 30 o metro

USADO PARA CERCAR CRIAÇÃO HÁ MAIS DE 50 ANOS...

PREFERIDO PELOS PECUARISTAS TRADICIONAIS. CADA 10 METROS UMA LASCA FINCADA, E CADA
2 METROS UM BALANCIM DO PRÓPRIO ARAME FIXO COM PRESILHA "CARRAPATO". NOVO ENDE-
REÇO: SOC. COM. S. PAULO-MATO GROSSO - São Paulo: Rua Quintino Bocaiuva, 231, 3º andar, fone:
33-4053 e 33-1548 - PECUARISTA D'ESTE - Aracatuba: Rua O. Cruz, 179, fone: 33-30 - Presidente Prudente:
Av. Brasil, 657, fone: 2-005 - SOC. MATO GROSSO - Campo Grande, Rua 14 de Julho, 668, fone: 21-33.
Aquidauana: Mel. A. P. Barros, 160 - Firma de Fazendeiros para Fazendeiros — DIRETAMENTE AO
CONSUMIDOR — Preços especiais. Cooperativa Agro-Pecuária Triângulo Mineiro — Uberaba.

CALENDÁRIO DAS EXPOSIÇÕES DO ESTADO DE MINAS GERAIS

O Calendário organizado, sujeito a ligeiras modificações, é o seguinte:

MES DE JUNHO

3 a 5 — PEDRA AZUL
22 a 26 — ALMENARA
25 a 30 — LEOPOLDINA

MES DE JULHO

2 a 6 — MONTES CLAROS
5 a 10 — PEDRO LEOPOLDO
24 a 29 — ARAGUARI
16 a 23 — CARANGOLA
17 a 24 — HELIODORA

24 a 31 — PONTE NOVA
27 a 31 — GUAXUPE

MES DE AGOSTO

20 a 24 — LAVRAS

MES DE SETEMBRO

4 a 12 — CAXAMBU
13 a 18 — AIMORÉS
22 a 25 — PARAOPÉBA

MES DE OUTUBRO

2 a 8 — VARGINHA
15 a 20 — ALFENAS

VI EXPOSIÇÃO AGRO-PECUÁRIA E INDUSTRIAL DE ARAGUARI

24 a 29 de julho

ARAGUARI — Minas Gerais



**PROTEJA SUA
CRIAÇÃO!**

Uma criação forte e sadia
depende exclusivamente
dos cuidados recebidos.
Faça da

INGLASIL

o seu fornecedor per-
manente de produtos
veterinários e agri-
colas. 20 anos de
tradição e bons
serviços. Peça
folhetos e in-
formações.



INGLASIL VETERINÁRIA E AGRÍCOLA LTDA.

Rua Teófilo Ottoni, 145 (próximo à Rua Uruguaiana) — Caixa
Postal 2295 ZC-00 — Tel. 23-4780 — Rio — Estado da Guanabara

quando você
quiser o melhor,
compre

MOHERDAUI

**GARANTIA
DE
MAIOR PRODUÇÃO
E ECONOMIA!**



CONJUGADA-MM 4

Trabalha simultaneamente com
secos e verdes. Secos — milho
integral e milho debulhado;
ossos autoclavados e outros.
Verdes — cana com folhagem,
capim, mandioca, abóbora etc.

Fôrça motor: elétrica, 7,5 HP; óleo 8,5
HP; e gasolina, 9 HP. Produção/hora:
secos, 400 kg; verdes, 5.000 kg.



IRMÃOS MOHERDAUI
RUA JOSÉ BONIFÁCIO, 1238
CAJURU
ESTADO DE SÃO PAULO
C. M.

êles precisam de SAL



Sal isento de impurezas, procedente das melhores salinas do nordeste brasileiro.

O sal imuniza os animais contra muitas doenças comuns nos rebanhos.



Dê aos seus animais, sal de boa qualidade, tradicionalmente usado pelos maiores criadores do país.

Produtos da

CIA. COMÉRCIO E NAVEGAÇÃO

R. Dr. Almeida Lima, 1890 - Tel. 93-2896

Cx. Postal, 15.188 - End. Tio "NAVISAL"
SÃO PAULO

PORCO CARUNHO

A raça de porco **CARUNCHO** selecionada por mim há mais de 40 anos, única no Brasil, é própria para gordura, sendo a sua carne muito saborosa.

Pedidos de reprodutores a

Aurino Villela de Andrade

SÃO JOSÉ DO RIO PARDO

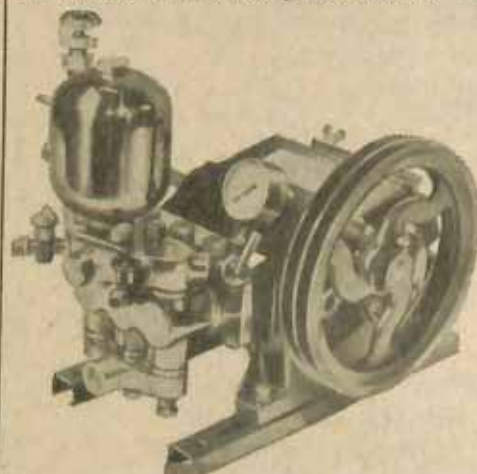
CAIXA POSTAL 181 — E. F. MOGIANA

ESTADO DE SÃO PAULO



10 MIL RAZÕES PARA V. EXIGIR O PULVERIZADOR HATSUTA-SU

Existem mais de 10 mil pulverizadores motorizados **HATSUTA** trabalhando nos mais diversos pontos do País. E trabalhando bem. Tanto



que resolvemos fabricá-lo no Brasil. Com a mesma perfeição técnica dos modelos japoneses: revestido de latão nas partes que têm contacto com os inseticidas, pressão máxima de 500 libras, adaptável ao trator, de fácil manejo e econômico.

HATSUTA - modelo **SU** é o pulverizador recomendado para qualquer tipo de tamanho de cultura. Garantia de ótimas colheitas.

FABRICAMOS TAMBÉM:

PULVERIZADOR MANUAL FUJI (que equivale a 5 aparelhos costais)
POLVILHADEIRA MANUAL HATSUTA (com processo especial de misturador e alimentador. Permite o uso de todos os tipos de inseticida em pó, mesmo com umidade).

Hatsumec IND. E COM. S.A.

VENDAS: Rua Barão de Duprat, 191 — São Paulo

FABRICA: Rua Endres, 840/910 — Guarulhos - SP

Orientação técnica da **HATSUTA INDUSTRIAL Co. Ltd.** — Japão

Solicite-nos maiores informações:

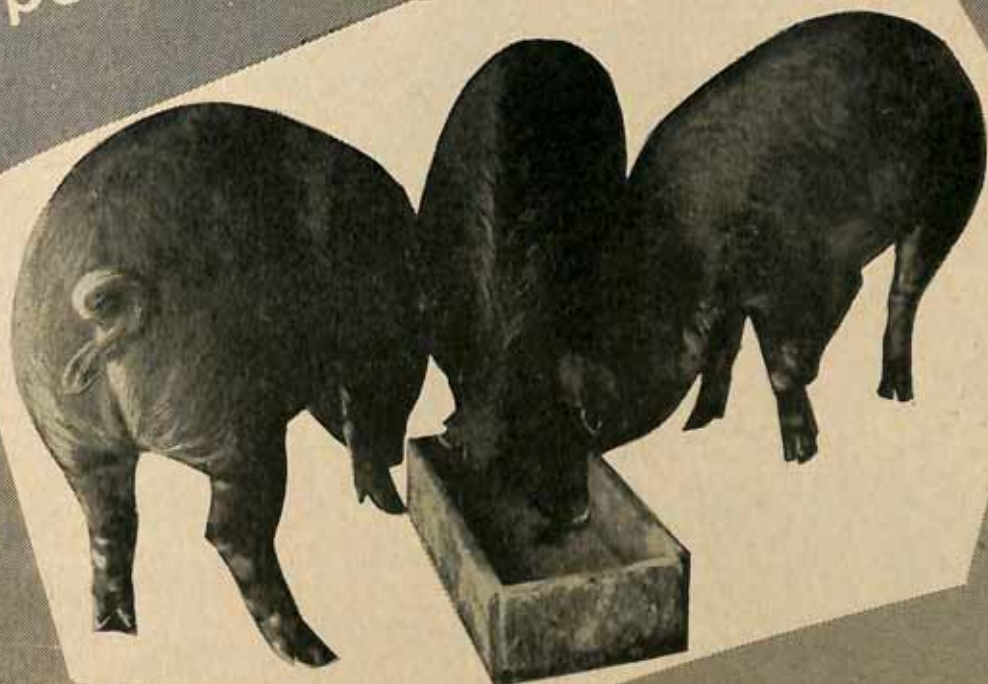
Nome:

Distribuidor: sim: não:

Endereço:

Cidade: Estado:

a porcada "limpa" o côcho...



Quando a ração é boa e uniforme, a PORCADA LIMPA O CÔCHO. Mas, como preparar uma ração boa e sempre uniforme, aproveitando ao máximo o milho produzido na fazenda? É fácil. Basta misturar de 10 a 20% de SUPERSUIGOLD[®], ao fubá ou ao milho previamente pôsto de mólho. Está assim preparada uma ótima ração e assegurado mais lucro ao criador, pois:

- A ração é perfeitamente balanceada, contendo as proteínas, vitaminas e mineis indispensáveis.
- Garante maior aumento de peso, com menor consumo de alimento.
- Permite o aproveitamento máximo do milho e de outros produtos da fazenda, mandioca, "verdes" etc.
- Com um só concentrado, o SUPERSUIGOLD[®], usado em diferentes proporções, se farão rações para as diversas idades e tipos de explorações.

SUPERSUIGOLD KI

Concentrado proteico-vitaminico-mineral

MATRIZ: AVENIDA JOÃO DIAS, 1356
CAIXA POSTAL 12635 - SANTO AMARO
FONES 61-1712 - 61-1856 - SÃO PAULO



FILIAL: AVENIDA FARRAPOS, 2953
C. P. 3.084 - END. TELEGR. "TORTUGA"
PORTO ALEGRE - RIO GRANDE DO SUL

Distribuidores exclusivos dos produtos veterinários CARLO ERBA, para todo o Brasil

Revista dos Criadores

ORGÃO OFICIOSO DA ASSOCIAÇÃO
PAULISTA DE CRIADORES DE BOVINOS

Redação: Rua Canuto do Val, 216 — São Paulo — Brasil

Telefones: 51-9234 e 52-3429

End. Telegráfico: «Criadores»

CORRESPONDENTES

SÃO PAULO

Piracicaba
Octavio de Almeida Penna
Rua Prudente de Moraes, 679

GUANABARA

Rio de Janeiro
Armando de Almeida
Av. Churchill, 94 — s/ 1110

BRASILIA — D. F.

José Luiz Cerqueira L. Ro-
cha

MINAS GERAIS

Uberlândia
Lauro Coelho de Oliveira
Caixa Postal, 116

RIO GRANDE DO SUL

Livramento
Achyllus Alves
Pôrto Alegre
Geraldo Veloso Nunes Vieira
Parque Menino Deus

AMAZONAS

Manaus
Denilo du Silvan
Rua Mandacaru, 109

PARANA

Curitiba
Mario Marcondes Loureiro
Al. Cabral, 510
Caixa Postal 1506

PERNAMBUCO

Recife
Dr. Leandro Estima

GOIAS

Goiânia
Romildo de Carvalho Coutinho
Rua 83, nº 472 - Setor Sul
Fone: 21-16
Caixa Postal 1506

BAHIA

Salvador
Othello Tormim
Rua Silva Jardim, 9 — s/317

ARGENTINA

Buenos Aires
Eng. Agr. Pedro Luis Bibé
Cangallo 4315

AFRICA

Mocambique
José Antônio Cardoso Vilhena

REPRESENTANTES

BRASILIA — D. F.

José Luiz Cerqueira L. Rocha
GUANABARA

Rio de Janeiro
Sogeco — Soc. Geral de Co-
mércio de Livros e Revistas
Ltda.
Av. Rio Branco, 9 — s/278

MINAS GERAIS

Belo Horizonte
Levy Alves de Almeida
Rua Frutal, 276
Santa Iligênia
Juiz de Fora
Francisco Carlos Martins
Rua Mármora, 132
Fone: 4025

RIO GRANDE DO SUL

Pôrto Alegre
Dr. Geraldo Veloso Nunes
Vieira
Parque Menino Deus

GOIAS

Goiânia
Sotave Ltda.
Fone: 27-10
Rua 6, 17

PARANA

Curitiba
Dr. Mário Marcondes Loureiro
Rua dr. Cândido Xavier, 225

BAHIA

Salvador
Representações O. Tormim
Rua Silva Jardim, 9 — s/317
Representações
End. Telegr.: «XARMAN»

ESTADOS UNIDOS

New York
Halpern Associates
108 West 43rd Street
New York, 36, N. Y. — USA

REPÚBLICA ARGENTINA

Buenos Aires
Asociacion Argentina de Cria-
dores de Cebú
Bartolomé Mitre, 754 — 2º P.

VENDA AVULSA E

ASSINATURA

GUANABARA
Rio de Janeiro
Sogeco — Soc. Geral de Co-
mércio de Livros e Revistas
Ltda.
Av. Rio Branco, 9 — s/278

SÃO PAULO

Capital
Pedro Lazarini
Livraria da Estação da Luz
Livraria do Aeroporto
Aeroporto de Congonhas

Interior

São José do Rio Preto
Agência Comercial
Baurú
Salomão Gantus
Piracicaba
Lelino A. Hufenbaecker
Taubaté
Judith Mazella Moura

MINAS GERAIS

Juiz de Fora
Agência Campos
Uberlândia
Agência Lopes
Montes Claros
Agência Thais
Distribuidora de Revistas
Souza
Elói Mendes
Astolfo C. Teixeira Filho
Cambuquira
Benedito Ferrela
Itajubá
Casa Lucy
Três Pontas
Conceição A. R. Marques
Barbacena
José Francisco de Assis
São Gonçalo do Sapucaí
José Siqueira Noronha
Lavras
Papellaria Pádua
Belo Horizonte
Soc. Distr. de Jornais e Re-
vistas
Araxá
Wantrín Batista Costa

BAHIA

Salvador
Afonso C. Queiróz

GOIAS

Goiânia
Distribuidora Jardim
Rua 6, esq. com Rua 17
Caixa Postal, 45

RIO GRANDE DO SUL

Rio Grande
Ernani R. Lages
Pôrto Alegre
Ernesto Soveral
Octavio Sagebin S/A
Santa Vitória do Palmar
Flor Amaral
Lagôa Vermelha
Gráfica Lagoense
Santa Maria
Livraria do Globo
Santana do Livramento

Lojas Brisolla
Júlio de Castilhos
Malvina Walhrich

ESPIRITO SANTO

Vitória
Alfredo Copollo
Alegre
Emílio dos Santos Abreu
Mimoso do Sul
Zildo Corrêa

CEARA

Fortaleza
J. Felinto & Cia.

RIO GRANDE DO SUL

Natal
Luiz Romão

PERNAMBUCO

Recife
Agência de Revistas Mauricéa
Recife Distribuidora de
Revistas
Rua do Hospício, 340
Caixa Postal, 1.300

SANTA CATARINA

Agência Distribuidora de
Revistas
Florianópolis
Pôrto União
Livraria Iguaçu

MARANHAO

São Luiz
Livraria H. C.
Rua Tarquinio Lopes, 292

PARANA

Curitiba
Haroldo Maciel Camargo
Ponta Grossa
Livraria Montes

PIAUÍ

Terezina
José Alves Martins

SERGIPE

Aracaju
Winston Corrêa Dantas
Rua Siriri, 969

URUGUAI

Montevideo
Livraria Monteiro Lobato

AFRICA O. PORTUGUESA

Lourenço Marques
J. A. Carvalho & Cia. Ltda.



Marca
Registrada

TRITURADOR:

• martelos oscilantes

• com ciclone

• carcaça de 1 cm de espessura



TRITURADOR MOTORIZADO.
COM CICLONE

Integramente de ferro e aço.
Fabricado em 4 tamanhos.
De utilidade para rolar ou seja milho com
palha e sem palha, fubá grosso para por-
cos, quicera, palha de arroz e fubá fino
para comer etc., tudo isso com simples
troca de peneiras.

PAGAMENTOS COM FACILIDADES
Peça catálogos e informações sem compro-
missos à

METALÚRGICA STA. LUZIA

Fundição e Mecânica

FABRICANTE DE MÁQUINAS
AGRO-PECUÁRIAS

JAYME ESTEVAM BENEDETTI
& CIA. LTDA.

Praça Vicente F. Guimarães, 36-39-64
Fones: 2462, 2464 — Res.: 2633
Caixa Postal 25

Endereço Telegráfico: BENEDETTI
PINHAL — ESTADO DE SÃO PAULO



COMPRE AGORA O SEU REPRODUTOR

Vá a São Paulo... Os melhores reprodutores de todas as espécies e raças estarão reunidos na 5ª FEIRA NACIONAL DE ANIMAIS. Compre comparando. O preço é mais vantajoso. V. trata direto com os proprietários e está isento de impostos. Vários bancos e os próprios criadores oferecem crédito na hora para facilitar sua compra. O embarque do animal é imediato...

Tão cedo não aparecerá oportunidade igual para V. melhorar seus rebanhos!

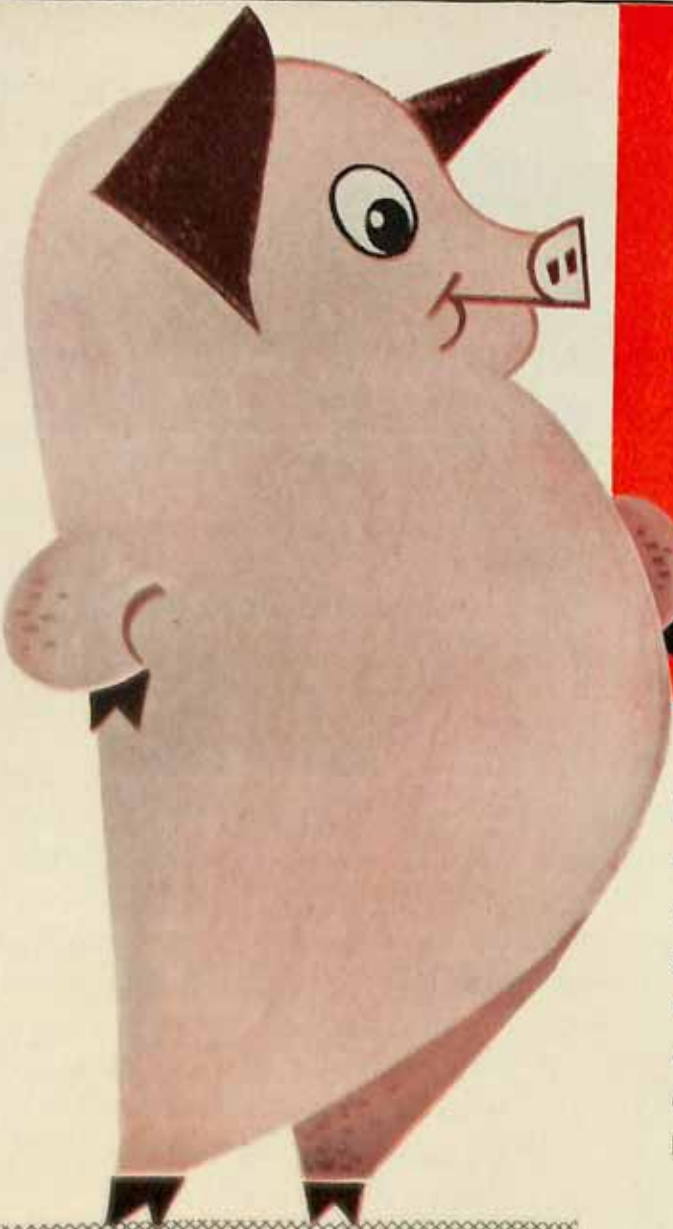


NA 5ª FEIRA NACIONAL DE ANIMAIS

SÃO PAULO, 6 A 12 DE OUTUBRO DE 1966

Negócios diretos com os proprietários—Crédito na hora

REALIZAÇÃO DA ASSOCIAÇÃO PAULISTA DE CRIADORES DE BOVINOS



TENHO
6 meses
E JÁ PESO

100
QUILOS!

O alimento representa 75 a 80% do custo na criação de porcos. Os outros gastos por cabeça - instalações, empregados, remédios - não variam. Porque obter 100 quilos em 12 meses quando, com alimentação adequada, se obterá o mesmo peso em 6 meses?
E consumindo a metade em ração!

As proteínas são básicas para a produção de carne. Com os **CONCENTRADOS PROTÉICOS DA SOCIL*** seus lucros poderão duplicar.

SOCIL PRÓ-PECUARIA S.A.

S. Paulo - R. Campos Vergueiro, 85 - Tels.: 5-0298 e 5-0050 - C.P. 5013
P. Alegre - Av. Plínio Brasil Milano, 2593 - Tel.: 2-1204 - C.P. 1966
Curitiba - R. Mal. Floriano Peixoto, 7024 - Tel.: 4-8163 - C.P. 503

*Colaboramos com a Campanha Nacional do PORCO CARNE, fornecendo plantas de instalações e assistência técnica.

